
Love speaks louder than words
Twice Shy
A NOVEL
SARAH HOGLE
Author of YOU DESERVE EACH OTHER



SARAH HOGLE

G. P. Putnam's Sons
New York

BOOKS & SCONES



Tabela de Conteúdos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

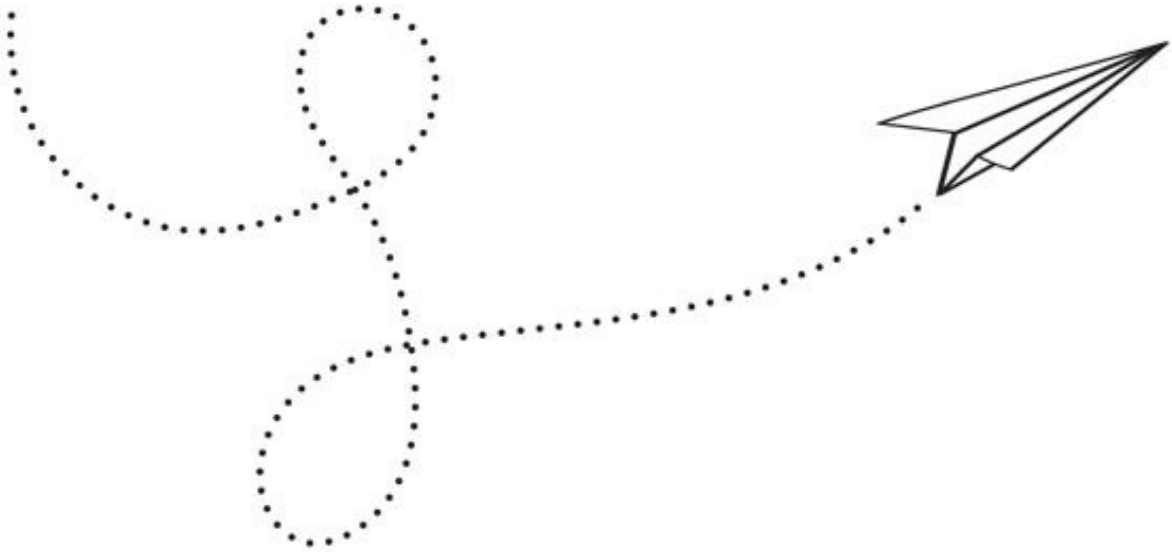
Capítulo 21

Agradecimentos

Perguntas sobre o livro

Eu dedico esse livro para mim.

Capítulo 1



Eu estou nas nuvens agora, tamborilando minhas unhas em uma bancada. Do lado de fora da janela, em uma névoa sempre rodopiante, há um letreiro de néon rosa que gira em uma inclinação constante, onde se lê: MAYBELL'S COFFEE SHOP AU. Abaixo, com uma das letras piscando: *Aberto 24 horas*.

Meu café AU (universo alternativo) levou anos para ser construído, sendo os últimos três meses sua temporada mais movimentada até o momento. Eu coloquei luzes de fada e azulejos azul aqua, plantas caseiras flexíveis e cabines de vinil vermelho. Uma jukebox ganha vida sempre que eu olho em sua direção, tocando espontaneamente uma de minhas músicas favoritas. Maybell's Coffee Shop AU é o lugar mais lindo que consigo imaginar, e já imaginei muitos lugares.

A névoa se desfaz bem na hora. Eu olho para cima, em alerta máximo, sabendo o que acontece a seguir porque já aconteceu antes uma centena de vezes. Uma história com um início planejado e possibilidades ilimitadas de como pode terminar.

O homem que abre a porta é alto, ombros largos, mandíbula forte, em um terno muito preto. O cabelo loiro escuro cai em ondas molhadas e desgrenhadas que me fazem pensar em um anjo caído que quase se afogou, expulso do mar por Poseidon e trazido de volta a vida por um raio. Se ele fosse colorido, seus olhos seriam de topázio – um copo de root beer erguido contra a luz.

Ele é todo contornos e sombras, preto e branco. Gotas de chuva caindo da vidraça atrás dele projetam-se na metade direita de seu rosto como um rolo de filme monocromático, e seu olhar varre o café antes de se fixar em mim. Eu respiro fundo, segurando o balcão para ficar de pé. Este é o momento que esperei por toda a minha vida.

— Estive procurando por você em todos os lugares — ele me diz. — Por que você não retornou minhas ligações?

Ter visto tudo isso antes não faz nada para entorpecer a alegria de ver

novamente. A alegria explode em meu peito, sem espaço para ar.

— Jack! E se alguém te vir aqui?

— Eu não me importo mais. — Ele salta sobre o balcão para me envolver em um abraço apaixonado. — Eu não vou nos esconder. Sim, você é dona de uma cafeteria e eu sou o príncipe de Effluvia. Do que isso importa? Eu te amo. Isso é tudo o que eu sei.

— Você me ama?

Essa é minha parte favorita, a declaração de amor. Eu retrocedo para poder ouvir novamente e faço alguns pequenos ajustes para um toque dramático.

— Sim, você é dona de uma cafeteria e eu sou o príncipe de Effluvia — ele repete, um buquê de lírios stargazer se materializando em sua mão esquerda. E à sua direita, um anel de noivado reluzente. Eu silenciosamente murmuro o resto de suas falas junto com ele. — Do que isso importa? Eu te amo. Isso é tudo o que eu sei.

— Mas.... a monarquia — eu sussurro contra seu ombro. — Eles não querem que fiquemos juntos.

— Eles não podem nos parar. Nosso amor é uma força muito poderosa para ser desafiada.

— Maybell — eu ouço uma voz distante cantar. Eu reorganizo o som para se tornar um ruído de fundo, as letras se transformando em folhas farfalhantes.

Jack se abaixa sobre um joelho. Os lírios stargazer triplicam de tamanho. Um quarteto de cordas aparece.

— Minha amada… luz da minha vida… — Jack limpa a garganta, mas meu olhar voa inquieto para os reflexos que não pertencem aqui. Eles mexem no dispensador de guardanapos de prata, na cafeteira, no backsplash brilhante, como se fossem espelhos bidirecionais. Um pequeno botão no telefone fixo rotativo vintage, quadrado e bege, acende em vermelho meio segundo antes de o toque metálico do telefone interromper o pedido de Jack.

— Você é a pessoa mais especial que já conheci — Jack começa, totalmente alheio, com lágrimas nos olhos. — Inteligente. Bela. Capaz. Inigualável. Não existe ninguém como Maybell Parrish. — De acordo com minha programação, vamos nos beijar em treze segundos. O beijo apaixonado que segue a declaração de amor é outra parte muito favorita. É o ingrediente essencial para todo romance que garante que ele seja feito corretamente.

A luz vermelha é impossível de ignorar agora. Um pedaço de fita adesiva na base do botão brilha a cada flash, trazendo minha caligrafia para um foco nítido. *VIDA REAL Ligando.*

Eu aceno impacientemente para Jack acelerar, mas antes que possamos chegar ao *Você vai se casar comigo* e o inevitável *Sim, mil vezes, sim*, injetar serotonina diretamente no meu cérebro para me ajudar nas próximas duas horas do meu turno, uma mão que não pertence ali toca meu ombro.

O pedido de casamento entra em pausa. Eu sorrio melancolicamente para esse homem perfeito e sua expressão perfeitamente apaixonada e veneradora. Ele moveria montanhas por mim. Ele andaria na terra por mim. Ele iria me vingar e me proteger e voltar dos mortos por mim. Na verdade, a única coisa ruim sobre Jack McBride é que ele não existe.

Um vento de luz branca sopra através do café, quebrando janelas. Meus

ouvidos estão zumbindo, minha visão irregular enquanto se ajusta. Eu caio das nuvens do meu lugar feliz em dissolução e volto para o aqui e agora, que é o último lugar que eu quero estar. E de pé diante de mim, com sua mão indesejada em meu ombro, está a última pessoa que quero ver.

Gemma Peterson não percebe isso, é claro. Ela pensa que somos melhores amigas.

— Olá! Terra para Maybell! — Ela estala os dedos na frente do meu rosto. — Alguém vomitou na máquina de gelo do segundo andar. Muito vômito.

Eu gemo. O *aqui e agora* é o Around the Mountain Resort & Spa, um hotel com o charme do sul e um parque aquático coberto em Pigeon Forge, Tennessee. Todo o apelo de um chalé de madeira antiquado, mas com lojas de souvenirs, HBO e um rio lento.

Quando não estou mergulhando em mundos imaginários, estou planejando atividades divertidas como a coordenadora de eventos recém-promovida e, em seguida, tendo minhas ideias derrubadas por minha co-coordenadora, Christine. Até o dia de ano novo, trabalhei aqui como empregada doméstica, então ser chamada com relatos de vômito em máquinas de gelo era normal. Infelizmente, agora é primeiro de abril e as pessoas ainda estão correndo para mim com esses problemas. É como se a promoção nunca tivesse acontecido.

— Isso é para as empregadas domésticas — lembro Gemma.

— Oh, você está certa! Só estou tão acostumada… — Ela dá um enorme sorriso para mim, enlaçando seu braço no meu enquanto eu acelero meu passo pelo corredor. Eu verifico a hora no meu telefone e me desespero internamente. Meu desvio para o café nas nuvens durou apenas dez minutos? Eu só quero ir para casa, jogar todas as memórias deste lugar em um incinerador e dormir de bruços no sofá por doze horas.

— Quer matar tempo no fliperama? — Gemma pergunta — A máquina de garras está realmente dando prêmios hoje.

— Teremos problemas com Paul.

Paul é o Chefão, e embora seja verdade que eu provavelmente seria criticado por perder para o Skee-Ball manipulado no relógio, Gemma é filha dele e pode fazer o que quiser. Ela recebe cinco dólares por hora a mais do que eu para ficar no saguão usando uma fantasia bonitinha de condutor de trem, informando aos hóspedes em um sotaque exagerado que *RainForest Adventures Zoo fica a apenas cinco milhas adiante, visite o balcão de atendimento ao cliente para cupons!* Em seguida, ela desaparece na piscina pelo resto da tarde.

É difícil odiar Gemma – ela é divertida e alegre. O que há para não gostar? Depois que ela foi demitida de uma série de empregos, Paul se livrou de Dennis, um veterano de 74 anos, para abrir espaço para ela em Around the Mountain. Ela se agarrou a mim no primeiro dia. Gemma me traz amostras de pão de banana e nozes da barra de café da manhã do nosso resort, Sunrise in the Smokies, e fica entusiasmada com tudo que eu digo, mesmo que seja apenas para conversar sobre a necessidade de comprar mantimentos. Sempre que eu uso joias novas, ela me ataca com um elogio que infla meu ego. A única coisa ruim em Gemma está enroscada na única coisa ruim sobre Jack McBride.

Por um período de dois meses maravilhosos, pensei que ele era real. Olho para Gemma agora, radiante de simpatia, e quero adorá-la demais. Mas eu não

consigo.

— Eu te disse que Eric e eu vamos morar juntos? — ela pergunta, me guiando para longe da direção em que eu estava indo. Viramos à esquerda no final de um corredor, diminuindo o loop constante de "Bem-vindo ao Around the Mountain Resort and Spa!" que ecoa de uma tela grande no saguão, um filhote de urso de desenho animado com um chapéu de palha apontando para um mapa de opções de entretenimento.

— Não tenho tempo para o fliperama agora. — Eu me esforço para me apresentar como agradável, inofensiva, não ameaçadora, embora eu desejasse ser direta e assertiva. Escorregar por um momento sequer e esquecer que Gemma tem as orelhas de Paul é perigoso. — Eu tenho que falar com Christine.

Gemma faz uma careta.

— Christine é a pior. Você não quer falar com ela.

— Não *quero*, mas tenho algumas novas ideias sobre...

— Querida. — Ela ri. — Eu te amo, mas você sabe que isso nunca vai acontecer. Christine é obcecada demais por casamentos. Eu a ouvi discutindo a sua ideia do teatro para o jantar de Halloween com papai e basicamente ela acha que esse tipo de coisa degrada o resort e o torna menos atraente como local de encontro. Recebemos muito dinheiro para casamentos, você sabe, então isso tem prioridade.

— Quando ela disse isso? Ela me disse que estava considerando...

— De qualquer forma — ela interrompe — Eric e eu vamos morar juntos na próxima semana! Você acredita nisso? Vamos dar uma grande festa de inauguração. Você está no topo da lista, então é melhor você vir, sem desculpas. E traga seus incríveis donuts torcidos de canela! Todo mundo vai amá-los.

Ainda estou chateada por Christine ignorar minhas contribuições mais uma vez, mas uma nova irritação me afasta. Meus donuts *são* incríveis, mas quando Gemma os elogia, eu tenho dúvidas se é verdade, porque ela mente o tempo todo sem motivo. Talvez ela esteja mentindo sobre o quanto ela ama os torcidos de canela também.

— Precisamos arranjar um homem para você, Maybell — ela diz agora, me arrastando para o Acerte a Marmota. Ela bate em seu martelo com um grau assustador de violência para alguém tão pequeno. — Então podemos ter encontros duplos! Vai ser *tão* divertido ter minhas duas pessoas favoritas comigo. — Ela bate nos roedores de plástico enquanto fala, o cabelo castanho sedoso caindo de seu rabo de cavalo.

Gemma tem tanta coragem que me faz questionar minha própria sanidade. Eu sei que não imaginei os últimos meses porque Gemma se desculpa por eles incessantemente, trazendo o assunto pelo menos uma vez por semana. Suas desculpas são mistérios deformadores da realidade que de alguma forma terminam comigo confortando *ela*, e tranquilizando *ela*, sobre tudo o que aconteceu. "Tudo o que aconteceu" é como Gemma, Paul e meus outros colegas de trabalho expressaram o que ela fez: uma espessa camada de açúcar espalhada sobre uma das experiências mais deprimentes da minha vida adulta.

— Sua vez. — Ela me entrega o taco, o que significa que sou eu que fico mal quando Christine passa por ali. Fantástico.

— Você está de folga? — Christine grita comigo. Não para Gemma,

naturalmente. Gemma poderia estar segurando uma serra elétrica pendurada nas entranhas humanas e Christine encontraria uma maneira de elogiá-la por isso.

— Eu a roubei por um segundo — responde Gemma, dando um sorriso angelical. — Me culpe, não Maybell.

Christine segura meu olhar.

— Se você tem tempo a perder, você tem tempo para trabalhar. Há vômito na máquina de gelo e em todas as paredes do segundo andar.

Também está nas paredes? Bom Deus.

— Mas...

Quando ela se vira, eu reúno coragem para gritar:

— Você terminou de ler minha proposta para a caça ao tesouro?

— Tentamos uma caça ao tesouro em 2018 — diz ela sem se virar. — Ninguém gostou.

— Acho que o tema de pirata seria divertido para as crianças.

Ela bate palmas três vezes.

— Vá! Trabalhar!

Gemma espera até que ela esteja fora do alcance de voz e dá um tapinha no meu ombro.

— Ugh, eu também a odeio. Acho que ela está tendo um caso com meu pai.

— Eu não a odeio — digo rapidamente, ao mesmo tempo imaginando empurrar Christine para o rio lento. Gemma provavelmente espera até que eu esteja fora do alcance de voz para sussurrar: *Ugh, eu também a odeio* sobre mim para outras pessoas. Pelo menos agora tenho uma desculpa para ir embora.

— Tenho que ir limpar, eu acho. — Duas horas. Mais duas horas e então posso ir para casa.

Ela desliza para um jogo chamado Ticket Jackpot.

— Me deseje sorte!

Caminhando pelo corredor verde escuro, repito as palavras de Christine e estou fortemente tentada a arrancar meu crachá de “Coordenadora de Eventos”. Depois de trocar sacos de lixo, fazer as camas e clarear jacuzzis desde que fiz dezoito anos, deixei de ser empregada pouco antes de chegar aos trinta e fui para uma área onde poderia finalmente desenvolver minhas habilidades criativas. Agora me dizem que os eventos que desejo produzir são muito grandes, muito específicos ou demais. Não importa o que eu faça, estou perpetuamente terminando sozinha em um quarto com um rolo de toalhas de papel debaixo do braço e material de limpeza para cuidar da bagunça de outra pessoa.

— Vou me demitir — resmungo. É o meu hino pessoal, que canto todos os dias. — O trabalho está só no título. Isso é estúpido. É estupido!

Caleb Ramirez acena em saudação enquanto passa, provavelmente a caminho do Sunrise in the Smokies, onde trabalha. Vê-lo é como ser apunhalada por um alfinete muito pequeno, porque ele foi o catalisador involuntário do “Tudo o que aconteceu”. Infelizmente, porque Caleb é um cara tão legal. A única coisa ruim sobre ele é que uma vez, vários meses atrás, nós compartilhamos um saco de pipoca juntos na sala de descanso e ele mencionou que gostou dos meus tênis. Sou péssima em receber elogios, sempre retribuindo com um elogio para apagar o que me foi dado, e disse que gostava do carro dele. Ele sorriu. *Eu vou te levar para um passeio algum dia.*

Gemma, que se apaixona cerca de uma dúzia de vezes por ano e se apaixona *fortemente*, tinha uma grande paixão por Caleb. Como descobri, em uma noite de quarta-feira enganosamente comum, dois meses depois, com Gemma roncando por toda a minha camisa enquanto ela passava os braços em volta de mim e não me deixava me contorcer, ela simplesmente fez o que achou que devia ser feito. Ela estava *arrependida.* Ela estava insegura e desesperadamente apaixonada. Pessoas que estão apaixonadas não conseguem pensar direito, não agem normalmente. *Por favor, não me odeie. Eu não conseguia mais esconder, meu cabelo está começando a cair e estou perdendo o sono.*

Gemma tinha me enganado com um perfil falso do Tinder.

Estou nutrindo alguns sentimentos conflitantes sobre isso porque não fui vítima de uma vingança pessoal; fui um dano colateral na busca de Gemma para manter o objeto de seu afeto solteiro e disponível. Agora que acabou, estou menos surpresa – alguns meses antes de acontecer, um cara vagando pelo saguão me perguntou onde ficava o caixa eletrônico. Enquanto o conduzia até lá, começamos a conversar um pouco, apenas um bate-papo inocente, que culminou com ele pedindo meu número. Eu estava fazendo meu trabalho. Sendo amigável. Eu *não* flertei com ele.

Mas definitivamente parecia flertar para Gemma, que, pelo que constava, o estava namorando casualmente na época. Ele alegou que ela tinha ouvido mal, que quando ele pediu meu número, ele quis dizer "que número do mês era, tipo, em um calendário." Eu disse a ela que nunca dei a ele nenhuma das minhas informações de contato, e ela disse que acreditava em mim, mas se Caleb me oferecer uma carona foi o suficiente para fazê-la pegar algumas fotos de um cara gostoso aleatório da Internet e me enganar em um relacionamento de longa distância, talvez ela ainda tivesse alguns problemas de confiança.

Em defesa de Gemma (literalmente, ela usou isso como uma defesa), ela tentou muito ser um namorado falso atencioso. Jack “simplesmente sabia” quando eu estava tendo um dia ruim e poderia me beneficiar com uma entrega surpresa da minha loja de comida favorita. Ele tocava ukulele, o que eu achei que era muito fofo, e ele era lindo. Pra. Caramba. Um gigante que provavelmente poderia esmagar pedras entre os dedos se quisesse, mas ele tinha o sorriso mais doce e a expressão mais suave. Minha foto favorita que “Jack” enviou era uma em preto e branco dele em trajes formais, e quando eu imagino meu ex-namorado imaginário eu ainda o vejo sem cor às vezes, como se ele pertencesse a uma época diferente.

Quanto mais nosso relacionamento durava, mais eu queria de Jack e mais difícil se tornava para Gemma manter a enganação. Eu queria conhecê-lo pessoalmente. Eu queria mais selfies dele. Eu queria planos concretos. Depois de um tempo, não importava o quão lindo ou sobrenaturalmente perspicaz ele era (a vantagem de Gemma de me conhecer tão bem era uma terrível, adorável, faca de dois gumes); não gostei que ele não estivesse se esforçando tanto quanto eu. Ele não queria me conhecer também?

Então Gemma conheceu outra pessoa, perdeu todo o interesse por Caleb e estava cansada de gastar energia com isso. Ela tinha que confessar. *Eu me sinto mal. Eu sou a pior pessoa de todas. Você pode me perdoar? Me desculpe por ter feito isso, mas de certa forma não foi tão ruim porque você estava feliz, não é?*

Você tem estado tão feliz nos últimos meses! Se você pensar bem, eu te dei um presente.

Ela me implorou para não contar a seu pai, mas outra empregada ouviu toda a confissão e disse a um atendente de piscina, que disse a todos, e antes que eu percebesse, eu estava apertando a mão de Paul e aceitando uma promoção. Estava codificado nas felicitações otimistas de Paul de que a promoção dependia de eu não causar nenhum escândalo. Eu manteria só para mim, e ficaria triste em particular, e isso significava não limpar mais manchas de vinho dos tapetes. O que estava bem. Maybell Parrish não faz escândalo. Ela nem mesmo faz ondulações.

Enquanto limpo a máquina de gelo, ouço o toque distante de uma porta se abrindo nas nuvens. *Qual é o especial do dia?* um patrono pergunta. Mentalmente, sigo o som.

Uma Maybell diferente sorri de volta para seu cliente por trás de uma vitrine de doces em exibição. Como eu, ela tem óculos redondos com armação rosa-ouro e cabelo castanho-mel crescendo em um estilo da era *Rumours* de Stevie Nicks. Ela ostenta a mesma constelação de sardas no braço que eu, e nós duas usamos um anel em forma de coração no dedo indicador direito que nossa mãe nos deu no nosso aniversário de dezesseis anos.

Mas essa Maybell é tranquila e confiante. Ela tem um namorado dedicado, Jack, e uma melhor amiga honesta e autêntica chamada Gemma. Sem marcas em seu lábio inferior de mordidas nervosas; as unhas dela são bem cuidadas, não do tipo que você esconde no bolso. Seus donuts recém-saídos do forno são famosos em cinco condados. *Esta* Maybell Parrish sabe como se defender e consegue o que quer na primeira tentativa, seu pequeno canto do universo protegido por magia. Ela controla o tempo, a conversa, o clima emocional, quem fica no café e quem vai. Aqui, ela é *alguém.*

Escapar para a versão fantasiosa da minha vida às vezes é uma decisão consciente. Mas, frequentemente, não percebo que estou sonhado acordada até que um barulho alto me abala, e quando eu verifico o relógio, descubro que perdi uma hora. Uma hora inteira, passou. Quanto mais ansiosa, estressada ou solitária estou na realidade, menos tempo estou inclinado a passar nela.

Exige esforço resistir a ir embora para minha cafeteria. Decidi focar em um tópico que me manterá com os pés no chão: Gemma. Já se passou tempo suficiente para que ela não se envergonhe mais do catfish. Agora ela acha que é uma boa anedota, espalhando-a, adicionando enfeites à medida que avança. Eu a ouvi dizer a Javier que Jack e eu até ficamos noivos, o que não é verdade.

Eu pisco e me concentro, a máquina de gelo voltando ao foco. Passei por ela e agora estou espalhando círculos de Clorox na máquina de refrigerante. A toalha de papel em minha mão está empapada.

— Com licença?

Eu me viro cansada, sabendo no meu íntimo que estou a segundos de ser convidada a pescar uma aliança de casamento no ralo do banheiro. Acontece uma vez por mês.

É uma mulher com um casaco de tweed rosa. Ela olha meu crachá e seu rosto se ilumina.

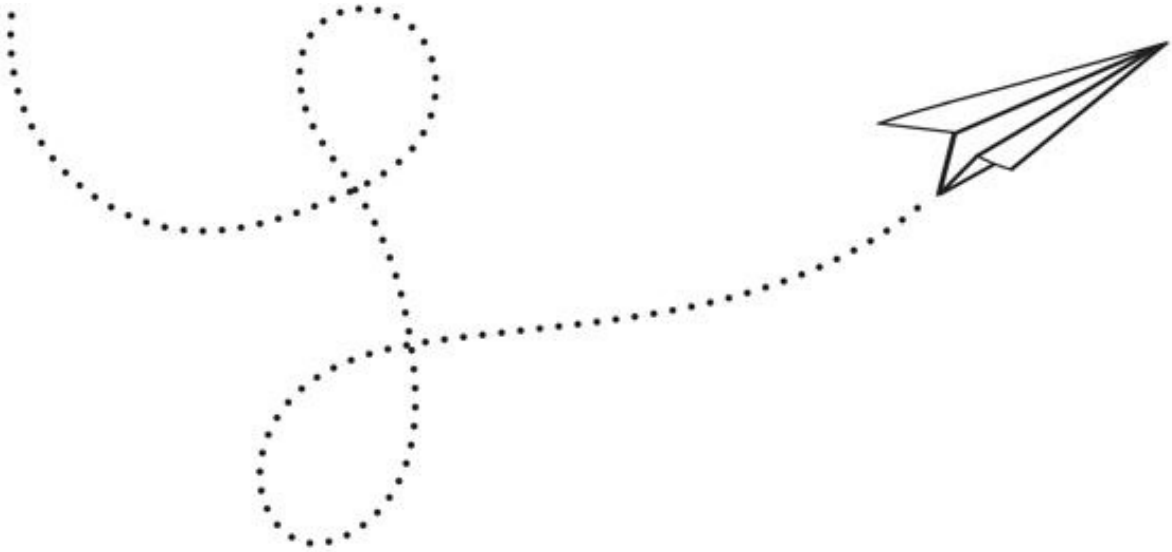
— Bem, olá!

Ofereço a ela o maior sorriso de atendimento ao cliente que posso reunir. *Por favor, por favor, não me diga que alguém fez algo indescritível no elevador novamente.* O banheiro fica *bem em* frente a ele, pelo amor de Deus. Eu vou me demitir. Eu vou me demitir legitimamente, nesse momento.

— Oi. Posso pegar alguma coisa para você?

— Na verdade, estou aqui para dar a *você* uma coisa — ela responde, dando um passo à frente. Uma pasta grossa está enfiada debaixo do braço. — Eu odeio ser a portadora de más notícias, mas sua tia-avó Violet está morta.

Capítulo 2



— Contatar os parentes de Violet não foi fácil. Muitos de vocês não estão em bons termos uns com os outros! — A mulher ri desconfortavelmente. — Tentei um número listado como de Julie Parrish, mas está fora de serviço.

— Sim, ela tem um novo... — Minha garganta está seca de repente. Não sei por que sinto que vou desabar – não vejo minha tia-avó Violet desde que tinha dez anos. Eu engulo. — Um novo número. Vou passar a notícia adiante.

Não que mamãe vá se importar com a morte de Violet. Ela estava com raiva de Violet enquanto ela estava viva, e ela vai ficar com raiva dela agora que ela está morta.

— Talvez devêssemos nos sentar — ela sugere.

Eu lidero o caminho para uma mesa situada fora de um Tim Hortons no primeiro andar. Os assentos estão crivados de poças de água da piscina. Ninguém nunca presta atenção à placa na saída do parque aquático para se secar antes de sair.

A mulher está provavelmente no final dos cinquenta anos, afro-latina, com fios de prata em seu cabelo preto encaracolado, que está preso em um coque.

— Meu nome é Ruth Campos. Fui assistente de saúde domiciliar de sua tia durante quatro anos e ela me deu uma procuração há dez meses. No momento estou aqui como a executora de sua propriedade.

Ruth Campos. Já ouvi esse nome antes. Tenho certeza de que ela discutiu com minha mãe pelo telefone uma vez, não muito tempo atrás, quando mamãe tentou se passar por quem tinha a procuração de Violet na esperança de conseguir algum dinheiro. Não foi muito bem.

Ruth expõe os detalhes de maneira gentil e prática: Violet faleceu durante o sono na manhã de domingo. Ela tinha noventa anos. Ela permaneceu afiada até o fim, e embora sua mobilidade tenha diminuído, ela investiu muito na divulgação local em relação à preservação das florestas. Por sua vontade, não houve cerimônia, sem alarido público. Seus restos mortais cremados foram espalhados

por toda a sua terra, para estar com as cinzas de seu marido Victor. Ele morreu logo depois que eu fiz onze anos. Fiquei sabendo disso, mas não pude comparecer ao funeral.

O branco de seus olhos está um pouco rosado, o rímel borrando enquanto ela pisca rapidamente.

— Vou sentir falta daquela senhora.

— Eu não consigo acreditar que ela se foi. — Não consigo imaginá-la não estando mais naquela casa grande, regando seu lindo jardim, cantarolando enquanto limpa o fuso em volta da porta da sala de estar. Todo esse tempo, embora eu certamente tenha sido uma partícula borrada em seu passado, ela tem sido uma presença brilhante e estabilizadora no fundo da minha mente, e minhas emoções estão sendo esmagadas sob uma pedra enquanto ela rola para longe.

Não a vejo há vinte anos. Meu verão em Falling Stars, a propriedade de Violet Hannobar do final de 1800, situada em duzentos e noventa e quatro acres de terra uma hora a sudoeste daqui, é minha lembrança mais feliz. Para uma menina que foi passada de parente para parente e depois expulsa quando Julie Parrish queimou as pontes, a simpática casa rosa de Violet era quase tão grande quanto um castelo e puro conto de fadas. Eu nunca quis ir embora.

E de acordo com Ruth, agora é tudo meu.

Ela me mostra alguns papéis do envelope, mas minha mente está girando e não consigo entender nada. O barulho de um toboágua e crianças gritando pressionam meus ouvidos; um kazoo explode no alto-falante sempre que crianças atiram canhões de água na Rocky Top Tree House e minha concentração se quebra, a vida como eu a conhecia essa manhã e o que ela pode se tornar batem uma na outra como trens se aproximando.

Meu olhar vagueia pelo saguão que funcionava como minha segunda casa desde que fiz dezoito anos e me juntei a Mamãe como empregada. Não éramos o tipo de família que podia pagar as férias, então trabalhar em um hotel de parque aquático era a segunda melhor coisa. Lembro-me de andar sob a estátua gigante de um urso dedilhando um banjo no estacionamento, que você pode ver de Dollywood, e se sentir muito *adulta*.

É como estar de férias todos os dias, disse minha mãe. *Vivendo o sonho.* Agora ela está em Atlanta, vivendo um novo sonho. Eu estou presa aqui, não me sentindo nem remotamente como se todos os dias fossem férias.

— Ela disse que ia deixar tudo para mim — murmurei — mas isso foi há muito tempo. Eu era uma criança.

— Ela te amava.

— Ela não amou ninguém melhor do que eu nos vinte anos desde que nos vimos?

— Esses vinte anos não te impediram de ser sobrinha dela. — Ruth coloca sua mão sobre a minha. — Ela entendeu porque você não voltou. O tempo longe pode tornar o retorno estranho. E sua mãe guardava um rancor feroz. — Ela recua, endireitando o conteúdo do envelope. — Você era a única maçã da árvore genealógica de que ela gostava, se não se importe que eu diga. Quem melhor para herdar a propriedade?

Estou lutando para processar essa informação, mas não consigo assimilar. Se isso significa o que eu acho que significa, posso deixar minha situação de vida:

um minúsculo apartamento do qual estou sendo excluída agora que o namorado da minha colega de quarto se mudou e os amigos dele estão sempre passando a noite. Não sei o que vou fazer quanto a um emprego, mas com uma casa já paga, não é um risco tão grande deixar Pigeon Forge.

Posso sair do Around the Mountain Resort & Spa. Posso deixar Gemma.

— Posso me mudar agora? — Eu pergunto de repente. Eu quase salto sobre ela, eu me inclino para frente tão rápido. — Tipo, *hoje* ?

Ruth acena com a cabeça, os olhos cortando para uma manada de pessoas em trajes de banho, indo para o parque aquático. As portas se abrem e o rugido e o borbulhar dos passeios de água saem antes que as portas o abafem novamente.

— Tudo pronto para ir. Há alguns desejos finais de Violet pra você, mas os pequenos detalhes podem esperar até depois de sua chegada.

Uma névoa azul varre capôs e baús no estacionamento, girando em ventos caprichosos de primavera. Meu coração se eleva com novas esperanças, novos planos tomando forma, bombeando ferozmente.

— A propriedade é minha — eu digo baixinho. Minha voz soa estranha, não parecida comigo.

— A propriedade é sua — afirma Ruth. Minutos se passam enquanto eu classifico essa realidade, mas Ruth não mostra sinais de impaciência. Ela apenas pede licença para comprar um café e um croissant, depois volta e come em um silêncio amistoso.

— Qual é o truque? — Eu pergunto. — Tem que haver uma pegadinha.

Ela engasga com o croissant e bebe o café, estremecendo.

— Desceu pelo lugar errado. Não se preocupe, está tudo em ordem. Sem dívidas, sem hipoteca. Violet pensava em *tudo.*

Eu coloco minhas mãos sobre a mesa. Isso é tudo que há para fazer, então.

— Ok. — *Respire fundo, Maybell.* — Eu acho que isso significa que... Eu me demito. — Parece uma pergunta. *Eu me demito? Posso fazer isso? Isso está realmente acontecendo?*

Christine está no caixa, repreendendo uma estagiária por estacionar em seu lugar. Eu poderia caminhar até ela agora e fazer uma grande cena dramática. Um satisfatório "Eu me demito!" para se tornar história para todas as épocas.

Eu poderia jogar meu crachá na piscina.

Expor com confiança todas as minhas queixas e como ela vai se arrepender quando eu for embora. Quantas horas dediquei a esta empresa, apenas para que me coloquem uma apólice de seguro saúde crivada de buracos, sem horas extras pagas e nenhum dos bônus que fui levada a acreditar que receberia. Eu poderia apontar para os bancos molhados e dizer *Limpe. Isso.* Pontuando cada palavra com um aplauso desagradável de minhas mãos.

Manchas escuras salpicam as bordas da minha visão enquanto eu encaro Christine, que sente que está sendo observada e se vira para me dar uma cara de *Por que você está sentada no horário de trabalho?* Deus, como seria gratificante pronunciar as palavras mágicas.

Mas, quando Christine bate no relógio e franze a testa, os velhos hábitos dificilmente morrem. Sou uma ratinha mansa, levantando-me como se fosse voltar direto para a mesa-dormitório atrás de uma parede dobrável que deveria ser meu escritório, onde nunca estou porque eles sempre me fazem limpar

chiclete do carpete.

Ninguém está por perto para testemunhar quando deixo cuidadosamente meu crachá, cartão-chave e cordão na sala de descanso. Ninguém olha duas vezes quando pego minha bolsa no armário. Quase levo meu estoque de Ingressos de Mountaineer comigo, minhas recompensas por bom comportamento. Estive economizando para comprar uma slushie de limonada grande. Eles são inúteis no mundo real, então eu os coloco no armário da estagiária. É surreal estar partindo, e mais surrealista partir tão silenciosamente. Depois de mais de uma década sonhando, poderia ser o tipo de pessoa que sai com tudo, não estou nem mesmo dando um chiado.

Minha mão está na porta da frente, pronta para empurrar, quando Gemma grita meu nome de cima da cadeira de balanço gigante que as famílias gostam de sentar e posar para uma única foto que lhes custa 29,99 dólares. Ela está tirando uma selfie. Eu me demito com ainda mais força.

— Ei, Maybell! Você vai fazer uma pausa?

É isso.

Você é astronomicamente péssima e é de você que vou sentir menos falta. Você mexeu com a minha cabeça, abusou da minha confiança e teve a ousadia de ser tão boazinha que sempre irá me confundir. Você é uma pedra no meu sapato. Uma cabine de banheiro fora de serviço. Um engarrafamento. Um punhado de chicletes em um balde de doce ou travessura.

Qualquer outra pessoa diria isso – e pior. Mas infelizmente sou eu, um capacho passivo que provavelmente *sentirá* falta dela, então aceno de volta com um sorriso tenso.

— Sim. Te vejo daqui a pouco.

E então estou fora da porta, minhas costas viradas para ela. Minhas últimas palavras para Gemma Peterson não foram corajosas, mas tira um peso dos meus ombros saber que são as últimas. Um novo sorriso, pequeno, mas *real*, puxa meus lábios. A última vez que eu estava com um sorriso verdadeiro... já faz tempo que não consigo me lembrar.

Há uma superstição sobre sorte e é assim: uma corrida de azar é seguida por uma corrida de boa sorte. Este é o lado bom, os contornos suaves. Passei minha adolescência em motéis sujos ou em sofás que pertenciam a quem minha mãe estava namorando na época, carregada atrás dela por todo o Tennessee, perdendo parte da escola. Eu escolhi todos os namorados errados, traidores e deveria ter acumulado uma casca dura de problemas de confiança, mas meu coração é muito covarde e ainda corre pulando nos braços de quem quer que se abra para ele. Esfreguei banheiros e fui rebaixada, ignorada e promovida como prêmio de consolação, apenas para ser colocada de lado mais uma vez. Minha melhor amiga não é minha amiga de forma alguma. O amor da minha vida não existe.

Meu coração foi humilhado. Pulverizado. E aqui, direto do céu, cai minha corrida de boa sorte.

Estou começando de novo em Falling Stars.

• • • • • • •

TOP OF THE WORLD é uma pequena comunidade não constituída no condado de Blount, com uma população muito escassa para justificar uma escola ou um correio. Enquanto crescia, pensei que provavelmente não *se* chamava Top

of the World – provavelmente, era apenas um apelido local –, mas então a encontrei em uma lista telefônica. E eu pensei que era simplesmente a coisa mais encantadora de todas.

A última vez que estive aqui, estava presa no banco do passageiro de um Toyota Camry azul 91, com dez anos de idade e chorando muito. Mamãe não conseguia se concentrar, ela estava tão brava, cambaleando horrivelmente em uma fuga frenética do tipo para-vai-para-vai da cidade, olhando pelo retrovisor como um ladrão foragido para ter certeza de que nenhum parente estava atrás de nós. Parte de mim nunca se recuperou da minha decepção por não termos sido seguidas.

Agora estou no banco do motorista desse mesmo carro, e tudo parece tão irreal através dos olhos adultos da Maybell no fundo do poço. Ao mesmo tempo diferente e igual, como se a imagem tivesse sido invertida e eu estivesse vendo a cena do lado oposto. Um saco de armazenamento, três caixas e uma bolsa de academia espremidos no porta-malas e no banco traseiro contendo todas as minhas posses mundanas. Você não acumula muitos bens materiais quando trabalha por um salário mínimo e passa a maior parte de sua vida com alguém que se serviu de tudo o que você tinha.

Meu GPS me leva através do crepúsculo cintilante de volta à terra de lugar nenhum, árvores quebrando de vez em quando para revelar uma vista deslumbrante das montanhas. Faróis respingam através de um beco sem saída fluorescente avisando que alguém repintou para se ler *Hannobar Lane*, e meu sangue zumbe com conhecimento. *Conhecemos este lugar, conhecemos este lugar*, os meus instintos cantam, nostalgia muito grande para caber direito no breve tempo que a gerou, que não deve ter durado mais de quatro meses. Um marco familiar dá início à lembrança de outro, e então outro, e mesmo que as memórias dos meus arredores estavam obscurecidas por um filme granulado quinze minutos atrás, este terreno se tornou a palma da minha mão em um piscar de olhos. O fumódromo da era da Guerra Civil que se inclina a quarenta e cinco graus e o cemitério com lápides suavizadas pelo tempo são velhos amigos. Sei onde estará o gradil amassado antes de ele entrar em meu campo de visão e sei quem o amassou.

Depois de uma última curva, os raios de uma lua crescente descem como estalactites e eu automaticamente desacelero, apertando os olhos para distinguir uma sucessão de placas ameaçadoras. NÃO ULTRAPASSE. PROPRIEDADE PRIVADA. CUIDADO COM O CACHORRO. CUIDADO COM OS URSOS. VOCÊ ESTÁ SOB VIGILÂNCIA. Meu coração bate na minha garganta. Lágrimas brotam dos meus olhos, mas não caem.

Você deveria ter voltado muito antes de agora, eu penso. *Ela pode ter precisado de você. Agora é tarde demais.*

E então eu prendo minha respiração, porque:

Falling Stars se estende grandiosamente diante de mim. A mansão de alvenaria rosa é da cor do crepúsculo no mar de hortênsias, quatro chaminés projetando-se contra um céu frio e negro esculpido nas encostas das montanhas. Cada árvore e flor, cada folha de grama e trampolim são precisas. Intencional. Cercas-vivas curtas e bem cuidadas cercam um gramado obsessivamente manicurado.

Os anos de um a nove da minha vida foram um borrão de "Não toque nisso" e "Você pode ficar com o sofá esta noite, mas amanhã você tem que encontrar outro lugar para ir." Eu era o fardo em quartos de hóspedes, nos beliches de cima e nas mesas da cozinha, a criança sem cinto de segurança porque o carro já estava lotado de primos que tínhamos que enfiar na parte de trás de um sedã. Dos onze aos dezessete anos, mamãe e eu não podíamos mais depender da família, tendo alienado todos eles ao pedir ajuda tantas vezes, então fui rude com minha mãe e cresci rápido. Quando penso nas dezenas de telhados que já tive sobre minha cabeça, há um acima de todos eles, com o qual comparei todos os outros telhados. Nada pode se equivaler a isso.

Por um verão glorioso, fui bem-vinda e desejada. Estabelecemos nossos próprios rituais familiares originais no mesmo instante: observação de pássaros pela manhã, histórias antes de dormir. Ajudei a regar as violetas que explodem ao longo dos percursos, sentindo-me como a garotinha do *Jardim Secreto*, aprendendo os nomes de todos tipos de plantas que já esqueci. Eu não estava apenas sendo cuidada, estava construindo uma vida.

A razão pela qual minha imaginação é tão descontrolada é porque não importa o que tenha acontecido e para onde eu tenha ido desde então, no fundo da minha mente sempre soube que um lugar como este teve permissão de existir. Bem conservado e eterno, um mundo fechado dentro de um globo de neve.

Exceto que ele não é.

O que costumavam ser colinas onduladas com uma orla de bosques agora são invadidas por eles, aquela floresta outrora distante está tão próxima que agora corre o risco de devorar a casa também. As videiras cobrem a mansão. Elas rastejam pelas paredes, lascando a alvenaria. Meus faróis entram pelas janelas do andar térreo, quebradas, as lâminas piscando como dentes de tubarão.

Tiras de gesso com manchas pretas pendem do teto. As paredes descascam. Formas estranhas e escuras sobem até os lustres. Falling Stars foi consumido por doenças, mais como o castelo da Bela Adormecida depois que a maldição tomou conta. A casa não é mais rosa: é prata de teia de aranha.

Eu exalo uma negação afiada. “*Não.*” Violet tinha um cuidado incrível com sua casa – tirando o pó, aspirando, esfregando diariamente. Nunca uma lâmpada queimada era deixada parada em uma luminária, nunca um livro era colocado torto na biblioteca. As camas eram feitas assim que você acordava, os pratos eram lavados logo depois que você comia neles e você dobrava as roupas quando ainda estavam quentes da secadora. Esta propriedade era seu orgulho e alegria. Ela a comandava como uma rainha.

Minha atenção é atraída para dois quadrados de luz aninhados nas árvores próximas. Janelas. E anexada a elas, uma cabana triangular. Costumava ser o galpão de trabalho do tio Victor, mas quando fui explorar quando criança tudo o que encontrei dentro foi uma confusão quente e escura de equipamentos agrícolas enferrujados e teias de aranha. Agora as luzes estão acesas e a caminhonete de alguém está estacionada do lado de fora.

Eu faço meu caminho com cautela, o caminho áspero e irregular onde as raízes das árvores rasgaram o asfalto, a natureza reivindicando seu território. Eu mentalmente folheio tudo que sei sobre os direitos do ocupante conforme me aproximo, as chaves do carro saindo do meu punho fechado como as garras de

Wolverine. A picape não é a única companhia inesperada aqui: do outro lado está um fusca amarelo, igual àquele em que Ruth Campos entrou quando nos despedimos.

A mesma Ruth que está abrindo a porta da frente para me cumprimentar.

— Maybell! Maravilhoso, você chegou na hora certa.

— Hora certa para quê?

Ela responde minha pergunta com uma pergunta.

— Como foi a viagem?

Sou eu ou ela parece nervosa?

— Acabei de ver a casa. Está ruim. Muito ruim. Não esperava ver você aqui...

Eu olho ao redor dela, pegando um vislumbre de uma sala rosada e mal iluminada que não contém nenhum equipamento de fazenda enferrujado ou teias de aranha. Em vez disso, encontro um sofá xadrez e um abajur com cavalos selvagens galopando ao redor da cortina. Paredes de madeira divididas. A luz azulada pisca em intervalos aleatórios, uma televisão brilhando em algum lugar lá dentro.

— Quem está aí? — uma voz diferente e mais profunda pergunta. Eu me endireito.

Um homem preenche abruptamente o quadro, bloqueando minha visão. Eu tropeço e sua mão dispara por reflexo, como se quisesse me ajudar, mas já estou recuando.

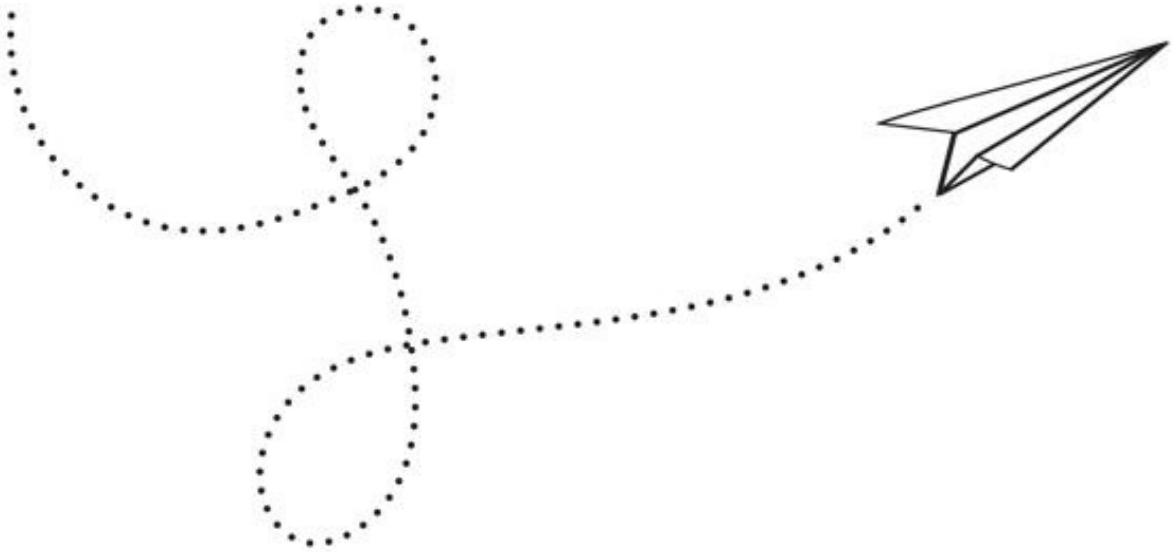
Um homem, e não qualquer homem. *O* homem. Em meus sonhos mais profundos e sombrios, o *único* homem.

Ele é alto, tem ombros largos e mandíbula forte. O cabelo loiro escuro cai em ondas curtas e desgrenhadas que me fazem pensar em um anjo caído que quase se afogou, expulso do mar por Poseidon e trazido de volta a vida por um raio. Seus olhos são de topázio castanho, um copo de root beer erguido contra a luz, alargando-se enquanto ele se fixa em meu rosto. Cada pensamento que já passou pela minha cabeça nos trinta anos em que vivi foi embora. Há poeira na minha garganta, meus olhos, meus ouvidos.

A tempestade de vento dentro de mim grita, puxa e balança a cabeça negativamente. *Impossível.*

As impossibilidades estão se tornando realidade hoje. É Jack McBride.

Capítulo 3



— Quem é essa?

O impossível Jack McBride fica irritado com minha presença repentina enquanto Ruth me chama para dentro e, na minha névoa, eu realmente obedeço. Não, o impossível Jack McBride está *zangado* com a minha presença. Eu também não estou exatamente equilibrada também. Eu não consigo parar de olhar boquiaberta para ele. Se eu não desmaiar aos pés dele, será um milagre.

— Você existe — eu resmungo, baixo demais para ser ouvida. Ou, pelo menos, acho que sim – meu domínio do volume está rolando colina abaixo junto com minha visão, bom senso, autocontrole, tudo que eu pensava que sabia sobre a vida, etc., etc.

— Esta é Maybell Parrish, a sobrinha-neta de Violet — Ruth diz a ele. — A filha de Julie. — Sua voz é doce, como se eu fosse um carro usado que ela está tentando vender. — E ela é um amor, então *seja legal*. — Ela pega minha mão mole, acenando um alô para ele. — E este é Wesley Koehler, o zelador de Violet.

Wesley Koehler.

Wesley Koehler, Wesley Koehler, Wesley Koehler. É uma língua estrangeira. É inconcebível. Ele não se parece com um Wesley Koehler – ele se parece com um Jack McBride: profundamente romântico, musicalmente inclinado, com um grande interesse por imóveis. Carismático, charmoso. Viajante ávido, surfista e ativista ambiental. Tem jeito com as garotas.

Não existe um Jack McBride, eu me lembro.

Mas!

Abro a boca, uma bolsa de vento soprando dentro dela para deixar sair um *Eeeeeeeeeeeeehhh* murcho. Ele franze a testa, o que não posso culpá-lo. A expressão no meu rosto agora deve ser uma viagem. Quero fazer uma coisa que as pessoas só fazem nos filmes: limpar os óculos na minha camisa e colocá-los de volta para ver estou vendo uma ilusão.

— Meu Deus, você está chocada — comenta Ruth. — Eu sei que você não

estava esperando ninguém. Sinto muito por jogar isso em vocês dois.

Jack – não, Wesley – vira bruscamente para encará-la.

— Jogar o quê?

Ruth vasculha a sala em busca de algo para distraí-la. Ela centraliza uma xícara de chá em uma montanha-russa com uma precisão de vida ou morte.

— Hm?

— Jogar o *quê?* — Ele repete, agora com uma vantagem. Ele é ainda mais alto do que eu imaginava, tão sólido e intimidante. Fico impressionada com a sombra que ele joga na parede, que vai do chão ao teto, queixo duro em um perfil preto. Fico impressionada com as suaves modificações na imagem que aparece na minha cabeça sempre que puxo seu nome: seu cabelo está alguns centímetros mais comprido do que nas fotos, e mais bagunçado. Existem quatro pequenas cicatrizes de acne espalhadas ao longo do lado direito de seu rosto, e a luz da lamparina traça suas feições de uma maneira que muda o formato de sua boca, a linha de seu nariz. Está *errado*. E adorável. E estranho. Há uma sarda um centímetro à esquerda de seu pomo de Adão. O fato de que agora estou a par dessas coisas, de que ele é um homem de verdade e eu estou em uma sala com ele e sei de uma sarda que não poderia ter percebido anteriormente...

Meu cérebro fica tão abalado com esses desvios daquela imagem memorizada que fico desligando a cada dois segundos. Não é ele, mas é ele, mas não é, e ainda é. A imagem está se desintegrando, sendo substituída por observações em tempo real. A Matrix falha, fios verticais de código verde chovendo de cada lado dele. Estou morrendo, talvez?

— Ruth.

Eu recuo. A voz dele está mais baixa, um estrondo de cascalho esmagando sob uma bota pesada, arrepiando todos os fios microscópicos do meu ouvido interno. Estou morrendo, definitivamente.

Ruth pressiona os lábios. Brinca com seu relógio até exibir o horário padrão do Pacífico.

— O que está acontecendo? — Eu finalmente grito. — Como você está *aqui?* — Estou pirando. Aquele *rosto*. Meu Deus, aquele rosto, eu o visualizei mil vezes. A certa altura, pensei que talvez estivesse me apaixonando por aquele rosto. Agora tenho uma voz que combina com ele. Ao longo de nosso breve relacionamento, nunca nos falamos por telefone. Nós trocamos mensagens em um aplicativo de namoro até que eu sugeri que estava pronto para excluí-lo e dar o próximo passo com ele, momento em que começamos a enviar e-mails. O serviço de telefone era irregular na Costa Rica, onde ele supostamente se ofereceu para ajudar na reconstrução após um furacão. Ele disse que as ligações eram impossíveis naquele momento, mas que mal podia esperar para voltar aos Estados Unidos e me conhecer pessoalmente.

Eu engoli tudo. Achei os e-mails tão românticos, como cartas de amor antiquadas com um toque moderno, mas depois fiquei frustrada porque os e-mails não eram longos o suficiente, frequentes o suficiente. Em geral, não o suficiente. Eu queria ouvir a voz dele. Eu queria toque físico. Todas as noites, quando subo na cama, agradeço aos deuses que meu relacionamento falso com Jack nunca avançou para um estágio sexual. Sempre que eu chegava perto de contornar tópicos sugestivos, Jack se esquivou, o que na época me deixou

preocupada com a falta de química. Em retrospecto, fico feliz que Gemma não conseguiu cruzar essa linha. Não sei como teria sobrevivido se, sem saber, tivesse enviado nudes para minha colega.

Eu sou uma idiota. Nunca me ocorreu antes que, embora a persona que Gemma criou fosse ficção, as fotos que ela pesquisou para Jack eram reais, e era lógico que, em algum lugar lá fora, uma cópia do meu falso ex-namorado estaria andando na terra, até este momento alheio à minha existência. Agora ele sabe que eu existo, mas não *me* conhece. Ele não me conhece como "Jack" conhecia, e ele está me observando de uma forma fria e severa que me faz estremecer até os ossos. Não havia afeto, nenhum reconhecimento naquele olhar.

— O que você quer dizer com como estou aqui? — ele responde em breve. — Eu moro aqui.

— O que diabos *você* quer dizer? — Eu retruco. — *Eu* moro aqui. — Isso é muito. — De onde você veio?

Ele está confuso.

— Desculpe?

A mão de Ruth toca meu ombro, mas eu mal registro. Ela pergunta se estou bem (obviamente, não estou) ao mesmo tempo que Wesley joga as mãos para cima e anuncia que não sabe do que estamos falando. A única coisa que posso pensar em fazer é pegar meu telefone. Duas mensagens de Gemma aparecem na minha tela: *Ei, você está atrasada*, seguido algumas horas depois por: *Você está bem?* Uma de Christine: *Você não bateu o ponto antes de sair e não recebeu permissão para sair mais cedo. Pode esperar por uma advertência.* Uma chamada perdida e uma mensagem de voz de Paul, meu chefe, que eu nunca vou ouvir.

Enquanto procuro as fotos que Gemma enviou do e-mail falso de Jack (eu costumava ter as fotos salvas no meu telefone, mas as apaguei meses atrás), considero que talvez esteja errada. Eu ouvi sobre esse tipo de coisa acontecendo: você fica hiper focada em uma pessoa e começa a vê-la em todos os lugares. Wesley pode não se parecer em nada com Jack, mas meu cérebro sobrecarregado foi espremido como uma esponja após o longo dia que tive, então agora estou alucinando para que ele exista. As linhas de energia entre meus olhos e as vias neurais foram cortadas ao meio por guaxinins selvagens do sótão.

Ou não.

— Aha! — Eu empurrei meu telefone para eles, triunfante. Lá está ele, em preto e branco, minha foto favorita de Jack McBride. É ele. É *ele*. Ele tem barba por fazer agora e não está usando um smoking preto como na foto, mas estou certa. Oh, meu Deus absoluto.

O olhar de Wesley se levanta lentamente para me fixar, o monocromático corando para um rico Tecnicolor. Observo os pensamentos perturbados passando por seus lindos olhos castanhos como se eu estivesse folheando um livro de imagens. Seus olhos não têm comparação, de verdade. Eles são como pedras no leito de um rio. São moedas de bronze. Eles são o diário de couro de um empata triste e sensível que escreve poesia sobre amantes perdidos–

— Por que — ele profere baixinho, cortando meus pensamentos errantes — você tem uma foto minha no casamento do meu irmão?

— Isso é… uma boa pergunta.

Faço uma pausa, como se fosse ele quem deveria atender.

— Eu não entendo isso. Ninguém deveria estar aqui. Além disso, a casa está uma bagunça! O que aconteceu com a casa? E você é um *jardineiro?* O terreno também está uma bagunça! — Ele abre a boca, o sulco entre os olhos se aprofunda, mas eu continuo tagarelando: — Quero saber quem você é, agora. Você é amigo de Gemma Peterson? Você estava envolvido naquilo?

— Em *quê?* — Ele também está aumentando a voz. — Quem é Gemma?

— Gemma Peterson! — Eu *cansei* disso. Eu estou farta de pessoas mexendo comigo. Toco meu telefone furiosamente até encontrar o Instagram de Gemma e mostro a ele.

— Eu deveria conhecer uma Gemma? — Ruth diz em confusão. Wesley dá de ombros, mas então ocorre uma transformação. Eu vejo um clique quando ele reconhece a foto de Gemma.

—Essa é a mulher do campo de golfe.

Ruth e eu dizemos: — *O quê?*

— O campo de golfe. Em Pigeon Forge. — Seu olhar dispara de mim para Ruth. — Eu fiz paisagismo para eles há um tempo, o Professor Hacker's Lost Treasure Golf, e *essa* mulher — ele aponta para minha tela — trabalhou lá, mais de um ano atrás. Ela ficava trazendo seus amigos depois do expediente para jogar golfe de graça, bagunçando meu trabalho, dando um chute no chão novo. Eles a despediram por isso.

Gemma sorri para mim do meu telefone. Posso absolutamente imaginá-la fazendo isso e a linha do tempo faz sentido. Ela provavelmente veio para Around the Mountain Resort & Spa logo após perder seu emprego no Professor Hacker's Lost Treasure Golf. Eu entendi perfeitamente porque ela rastreou Wesley na internet e o usou como isca para me manter longe de Caleb. Quem *não* ficaria atraída por isso? Ele é maravilhoso. Ela tomou algumas liberdades ao desenvolver a personalidade de Jack, o que, novamente, faz todo o sentido. Jack McBride era meu tipo: incrivelmente extrovertido, sociável, pronto e esperando para dizer a coisa certa. Não conheço Wesley, mas até agora ele não parece muito amigável.

Meus lábios e dedos estão dormentes.

— O que essa mulher tem a ver com você tendo minha foto? — Wesley pergunta.

De jeito nenhum vou contar a verdade. É muito mortificante.

— Deixa pra lá. Achei que você fosse outra pessoa.

— Mas isso não...

Talvez se eu continuar interrompendo ele esqueça.

— Você disse que mora aqui, então? — Minha voz está entorpecida, também. Eu quero me colocar em uma mala. Eu quero me transportar para a lua. Eu quero estar em qualquer lugar menos aqui, desenrolando-me na frente dele.

— Eu moro aqui há alguns anos — ele responde de má vontade, falando para um ponto de nada por cima do meu ombro em vez de olhar para mim. — Esta cabana é para o jardineiro da propriedade. Que, como estabelecemos, sou eu.

Solto uma risada fraca e involuntária.

— Sim. Que é você.

E pensar que no Natal passado, quando enviei um cartão de Natal para Violet

– como faço todos os anos – e quando ela leu as palavras *Esperando que minha vida amorosa mude para melhor em 2021*, como em, esperançosamente, Jack e eu ficaríamos sérios e iríamos levar nosso relacionamento para além do e-mails, o homem que usa o rosto de Jack podia estar bem ao lado dela. O universo é simplesmente mesquinho às vezes.

Minha voz é um chiado.

— Mundo pequeno.

— Creio que sim? — Wesley passa uma mão irritada pelo cabelo, os olhos rastreando a parede. Ele é o ser humano mais lindo que já vi, e não acho que ele goste de mim. — Escute, eu não sei o que está acontecendo. Você é sobrinha da Violet? Você está aqui por algo dela, então? — Não perdi a cara que ele fez quando Ruth me apresentou como *a filha de Julie*. Se ele conheceu Violet, então teria ouvido falar sobre minha mãe. Ele presume que vim implorando por esmolas.

— Estou aqui pela casa. — Minha fala é quase coerente. É um momento de orgulho para mim.

— Você está aqui pela… — Suas sobrancelhas se fecham. Ele se vira para Ruth, cujo sorriso vacila.

— Sabe, estive me preparando para isso e até agora não foi nada como eu pratiquei — ela nos diz com falsa alegria. Ela se joga no sofá xadrez e dá um tapinha na almofada vazia à sua direita, depois na almofada à sua esquerda. — Eu posso explicar. Deixem-me primeiro explicar que eu não tinha *permissão* para explicar.

Eu me sento à sua esquerda.

— Você já está me confundindo.

Wesley não se senta. Ele se inclina contra a porta da frente, olhos estreitos, braços cruzados protetoramente sobre o peito. Eu não consigo superar a visão dele; é uma experiência fora do corpo. É tão estranho ter que sentar aqui e fingir que não estou enlouquecendo.

— Não atirem na mensageira — Ruth começa — mas eu, ah, fui instruída a falsificar as especificações do testamento até que *você*, Maybell, chegasse ao Falling Stars. — Ela se vira para Wesley. — Razão pela qual eu fui até você. Ela disse que viria hoje e eu precisava estar aqui quando ela chegasse.

Wesley parece como seus molares superiores e inferiores estão tentando se esmagar. Além de um pequeno grunhido, ele não diz nada.

Ruth decide que sou a pessoa mais fácil de se focar.

— Violet pensava em você todos os dias. Ela gostaria de ter feito mais quando você estava crescendo, mas ela estava envelhecendo e achava que não conseguiria ganhar a custódia.

É estranho ouvir que alguém, sem meu conhecimento, se preocupou com meu bem-estar. É estranho pensar que alguém de fora se importou o suficiente para se lembrar de mim, para pensar em mim quando eu não estava fisicamente na frente deles.

— Wesley — Ruth continua — Violet estava tão grata por você. Você realmente fez tudo para cuidar dela, e eu sei no meu coração que ela não teria durado tanto se você não tivesse vindo para Falling Stars.

Ela limpa a garganta.

— Ela amava vocês dois, e queria que vocês dois tivessem a casa. Ela não podia escolher. A propriedade pertence a vocês dois.

Um silêncio espesso se expande. Wesley me avalia com nova nitidez, como se antes dessa declaração eu fosse irrelevante, mas agora preciso de um olhar mais atento.

— Nós dois — eu repito rigidamente.

— Recebi ordens de dizer a cada um de vocês separadamente que herdaram a casa, a terra, a cabana, tudo isso. E então, assim que estivéssemos todos juntos, seria quando eu poderia confessar que vocês eram herdeiros iguais. — Ela endireita os ombros, esperando ser atacada, talvez. — Estou cumprindo fielmente *as* instruções *de Violet*, então, por favor, não usem isso muito contra mim.

Wesley olha além de nós duas e para uma dimensão diferente.

Estou preso em um loop

— *De nós dois*.

Ruth concorda.

— O patrimônio está totalmente pago, mas infelizmente não resta muito da herança financeira. Ela deixou sua coleção de discos de vinil e dez mil dólares para mim, dois mil dólares para cada um dos meus três filhos e cinco mil dólares mais o carro para a enfermeira. Ah, e ela deixou alguns títulos de capitalização para seu carteiro. Após os custos de cremação e doações muito, muito generosas para instituições de caridade que foram estipuladas no testamento, Violet tem... — Ela aperta os olhos, lembrando-se. — Trinta e um dólares e uns trocados em sua conta bancária.

Victor Hannobar começou com uma loja local (para carteiras e bolsas, principalmente) que se expandiu para várias lojas em todo o Tennessee e gradualmente construiu para si um império de produtos de luxo (a essa altura, Hannobar era mais conhecido por seus relógios), que ele vendeu mais tarde na vida por *toneladas* de dinheiro. O suficiente para manter as próximas gerações confortáveis, se eles tivessem filhos, que eles não tiveram.

— O que aconteceu?

Ruth respira fundo antes de responder, mas eu tenho muitas perguntas enchendo minha cabeça e tenho que interromper.

— Como funciona sermos herdeiros iguais? Não é como se pudéssemos — eu lanço um olhar para Wesley — *ambos* morar na casa. Podemos ver os documentos? Talvez ela tenha escrito como dividir os ativos, tipo... Eu fico com a mansão e Ja- uh - Wesley fica com a cabana.

Com isso, a alma de Wesley retorna ao seu recipiente humano.

— Diga novamente?

— Vocês terão que decidir por si mesmo como desejam dividir os ativos — responde Ruth. — Violet não ditou como. — Ela pega os papéis de sua bolsa enorme e nos mostra. No final de cada página, em minúsculas notas de rodapé em fontes de oito, minha tia fez de tudo para tornar essa herança o mais espinhosa e inconveniente possível.

— Eu direi — Ruth diz para seu público atordoado — que vocês não tem dívidas existentes, mas de agora em diante vocês são responsável por segurar a propriedade e pagar os impostos sobre ela.

Meu queixo cai. Nunca tive minha própria casa antes, então isso nem me ocorreu.

— Quanto isso vai custar?

— Tudo depende. Se vocês venderem a propriedade...

— Não — Wesley e eu dizemos ao mesmo tempo. Então estreitamos nossos olhos um para o outro.

— Vocês vão ter altos custos com impostos. É assim que funciona com casas herdadas. É mais barato para os beneficiários mantê-las do que vendê-las. — Ela me confunde quando começa a falar sobre imposto de ganhos de capital, mas entro na conversa novamente quando ouço: — Fazer de Falling Stars sua residência principal é a melhor decisão em termos de impostos. Mas eu nem sonharia em lhe dizer o que fazer. Agora, Violet, por outro lado… — Ela desdobra uma folha de papel de carta lilás e vai até a parede. Enquanto ela arranca alguns pedaços de fita adesiva e remexe o papel, Wesley se vira e me explode com seus poderes de intimidação até que tudo o que resta de mim é meu fantasma.

— Eu vou comprar sua parte. — Brusco. Factual.

— O que? De jeito nenhum.

— Ruth me disse que eu era o único herdeiro, então já fiz planos. Há tanta coisa que quero fazer com este lugar, melhorias que sempre quis fazer, mas Violet não quis ouvir minhas sugestões. Deixe-me tirar isso de suas mãos. Vou consertar a propriedade, fazer uma avaliação depois que as reformas forem concluídas, e você pode ficar com metade de tudo o que a casa vale. — Ele está pensando rapidamente, mas não é perito em persuasão. Em vez de persuasão suave e cuidadosa, suas palavras disparam de uma metralhadora. — Vamos fazer um contrato para um plano de pagamento.

Ele está fora de si?

— Eu não estou desistindo da propriedade — eu gaguejo. — Essa é propriedade da minha tia, então acho que deveria ficar na família.

Sua cabeça cai para trás uma fração, sem querer me distraindo com a coluna de sua garganta, o pomo de Adão pronunciado.

— Sua definição de *família* é um pouco estranha. Moro aqui há quatro anos e meio, mas *nunca* te vi antes. Que tipo de sobrinha visita sua tia só depois que ela morreu apenas porque está recebendo presentes?

Meu rosto esquenta.

— Você não sabe do que está falando.

— Façam o que quiser com isso — Ruth anuncia cansada no fundo. Na minha visão periférica, noto que ela colou o papel de carta lilás na parede. — Vocês não são legalmente obrigados a honrá-lo. Mas falando como amiga de Violet e não como executora de seu patrimônio, acredito que seria errado não o fazer.

Estou prestes a pedir esclarecimentos quando Wesley dá um passo para mais perto de mim e as palavras na minha garganta evaporam. Ele tem pelo menos 1,90m ou 1,93m, mas aquele comportamento sombrio e ardente acrescenta três centímetros extras. Quanto mais tempo nossos olhares se mantêm, mais baixo o teto fica, as paredes se encolhendo para nos encaixotar.

— A mansão está em condições horríveis — diz ele com uma intensidade

tranquila, mas feroz. — Um perigo de incêndio. Você não pode nem ligar o aquecimento até que ele seja submetido a uma inspeção pelo corpo de bombeiros. Você não quer essa montanha de problemas, eu prometo a você. Dê-me alguns meses. Após a avaliação...

— Eu não posso esperar alguns meses — eu rebato. — Eu não tenho mais nada. Já disse para minha colega de quarto que estava me mudando. Todas as minhas coisas estão lá fora, no meu carro. Eu literalmente… isso é tudo que tenho! Achei que fosse tudo meu.

— Então, como você sugere que procedamos?

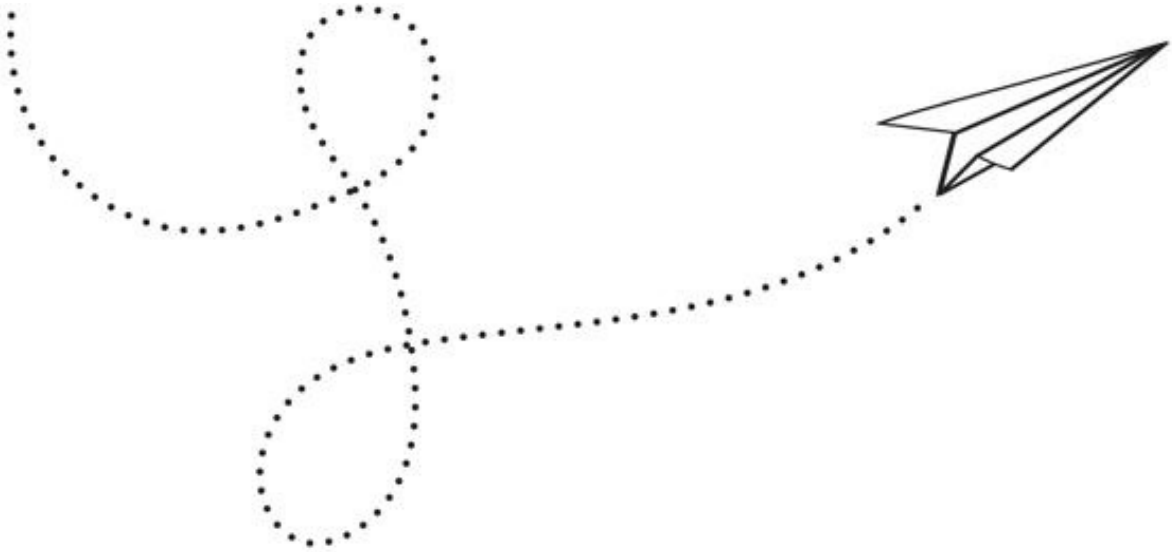
— Não sei. — Eu esfrego meus olhos, uma enxaqueca começando a florescer atrás deles. — Não sei! Estou cansada. Tem sido um longo dia. — Eu olho para Ruth, esperando que talvez ela tenha uma solução cristalina, mas não a vejo em lugar nenhum. A bolsa dela também não está no sofá.

Ela escapou de nós.

Com ela fora, agora estou sozinha nesta cabana que eu meio que possuo, mas claramente não sou bem-vinda, que fica em uma propriedade que tenho que compartilhar com um homem em chamas sombrias que se parece *assim.* A mansão está inabitável e, no entanto, parece que terei de morar nela.

Minha boa sorte já terminou.

Capítulo 4



As opções são escassas. Há algum motel por aqui? Na verdade, a resposta para isso não importa: não posso perder minhas economias em uma estadia de meses em um hotel, que é o tempo que estou pensando enquanto de alguma forma coloco a propriedade em ordem. Eu poderia ter que dormir no meu carro, mas não seria a primeira vez.

Saí da cabana e voltei para o carro. Isso é… Eu resisto até mesmo em pensar no sentimento, porque a voz de minha mãe se filtra em minha consciência. *A vida não é justa. Acostume-se*.

Tento me endurecer. Está muito frio para chafurdar.

Muito frio, agora que estou parada e meus nervos estão desaparecendo. A tela inicial do meu celular me diz que faz três graus, e eu não posso manter o aquecedor ou a bateria do meu carro vai morrer.

Eu deixei minha testa bater no volante. *Tudo bem, Maybell. Você pode chafurdar só um pouco.* A essa altura, pensei que estaria descansando no sofá da sala de Violet, com o fogo aceso, o noticiário noturno em som baixo para diminuir o silêncio, utilizando sua despensa enorme de ingredientes de panificação para preparar algo doce.

Não me lembro de ter tomado a decisão de sair do carro. Eu vou *poof* e reapareço na escadaria da mansão, girando a maçaneta. A chave que Ruth me deu hoje cedo é desnecessária, porque enquanto a maçaneta está trancada, a porta fica solta na moldura e cede ao mais leve toque.

A função de lanterna do meu celular ilumina o saguão, uma grande escadaria curvada é bloqueada por sacos de lixo abarrotados, alguns deles abertos. Espero ser saudada por um banco de vime familiar com uma almofada floral azul. Os abajures dos anos oitenta de Southwest rosa e cor de areia – fora de moda mesmo naquela época, mas para o meu eu de dez anos, o ideal incontestável. Era como viver no set de um sitcom do início dos anos 90, mas seja lá qual for a escala de tamanho que você esteja pensando – pense maior. E com mais portas

secretas.

Há tanta coisa embalada aqui que o som dos meus passos é absorvido instantaneamente, nenhum traço de eco. Tia Violet encomendou todos os produtos de *As Seen on TV!* que estiveram nas programações da manhã, paredes inteiras deles, torres e ameias deles, pesando tanto que curva as tábuas do assoalho. Meus olhos perplexos vagam sobre as compras que parecem nunca ter sido tiradas de suas caixas: máquinas de waffles, um set de aldeia natalina em miniatura, máquinas de cone de neve. Uma pilha até a cintura de livros de colorir para crianças. Estoque suficiente da Hasbro para jogar um jogo de tabuleiro diferente todos os dias do ano. Perucas, caixas de equipamento, chapéus de cowgirl com lantejoulas, aventais. Centenas de livros e DVDs. Minha mandíbula está desequilibrada e meus olhos queimam de tanto encarar, e por causa da poeira, e algo mais que nunca vai me deixar em paz agora.

É sua culpa, sussurra.

Dois caminhos estreitos se bifurcam, à esquerda e direita, ignorando a escada por completo, pois é impossível de acessar. Os caminhos mal são largos o suficiente para permitir que uma mulher idosa passe por eles. Eu inclino meu celular para cima para ver o quão alto tudo vai, a poeira brilhando nos raios de luz pendurados tão densamente que eu quase poderia me enganar e acreditar que está nevando aqui.

Três graus desceu para abaixo de zero. O frio se infiltra por toda a minha pele, em meus lobos temporais, movendo velhas memórias entorpecidas pelo encanamento para uma repetição forçada. Não acredito que a mesma Violet Hannobar que não deixava ninguém andar pela casa calçado se tornou a Violet que morava nesta bagunça.

Eu tomo a decisão questionável de continuar, porque certamente não pode ser assim em todos os lugares. A cozinha era o seu cômodo preferido da casa: sofisticada e brilhante, decorada com os melhores eletrodomésticos e fornos duplos (*"para sobremesas em dobro"*). Eu manobro por cima e por baixo de uma panela embalada como se estivesse em um jogo de Jenga em tamanho real, rebatendo teias de aranha, o pé delicadamente esmagando os pequenos ossos de algo morto.

Uma forma escura voa para mim do nada e eu grito, me abaixando, desalojando a parede. Um forno Easy-Bake cai em um pacote embrulhado em papel de aniversário que gira e acende. Uma voz grita: *"Bop!"* no rosnado possuído pelo demônio que só poderia ser produzido por baterias descarregadas, e eu grito de volta.

Quando o caminho finalmente se alarga, estou na sala de estar.

O que significa que contornei completamente a cozinha. A menina brilhante dos olhos de tia Violet, com fornos duplos extravagantes para dobrar as sobremesas, foi vítima do monstro da bagunça.

Encontro meu reflexo em estado de choque na televisão vazia e suja e, se eu fechar os olhos, tudo estará como antes. Eu ouço o zumbido suave da máquina de oxigênio do tio Victor na sala ao lado. Violet e eu estamos no sofá cor de vinho – estou insistindo que sou madura o suficiente para assistir a *Unsolved Mysteries*, mas Violet não gosta. Digo a ela que já vi coisas piores na casa do meu primo – ele costumava assistir filmes de terror para maiores enquanto eu

dormia (ou tentava) na poltrona. Violet franze os lábios. *Parece que vou ligar para o Brandon, então*.

Eu me sinto como uma estrela de cinema glamorosa com meu lip balm colorido e esmalte brilhante, cheirando a perfume Love's Baby Soft. Violet usa diamantes brancos de Elizabeth Taylor e rolos no cabelo, vermelho flamejante com raízes claras. Seus brincos foram presentes de Marlon Brando quando ela era mais jovem, *mas não diga isso ao tio Victor.* Seis dedos estão adornados com joias pesadas que, ela me diz, do canto da boca como se não quisesse que ninguém ouvisse, seus irmãos a matariam de bom grado para colocar as mãos.

Eu solto uma respiração longa e instável. A garotinha no sofá cor de vinho cresceu, mas ser adulta não é nada do que ela pensava que seria. Ela está tão perdida agora que é assustador. A única pessoa que cuidou dela se foi.

A Violet em minha mente pisca conspiratoriamente para o meu eu de infância e então se dissolve. Ninguém está cuidando dela também. Aos meus pés, há um cobertor encardido e uma xícara com uma escova de dente mofada. Um fogareiro elétrico está desligado, mas ainda na tomada, tigela de cerâmica em cima, macarrão instantâneo colado na borda. A cauda de um rato morto espia debaixo de um travesseiro.

A casa da minha tia tem mil metros quadrados no total: elegante e cintilante, com uma adega, uma despensa de mordomo e um excedente de belos extras desnecessários. Ela tem quartos de hóspedes maiores do que as casas de algumas pessoas que, no meu tempo aqui, eram usadas apenas um dia por ano, com as portas fechadas trezentos e sessenta e quatro dias. No entanto, no final de sua vida, ela foi confinada a um ninho que mede cerca de um metro por quadrado.

— Eu a convenci a se mudar para a cabana pouco depois de ser contratado.

Ao som de outra voz, emito um grito tão forte que provavelmente poderia carregar um avião de papel em sua onda. Eu pulo e viro de uma vez, torcendo o tornozelo, caindo direto sobre o rato morto, que acaba por ser um gambá vivo. O que arranca outro grito terrível de mim.

Wesley não oferece uma mão amiga, observando com uma expressão fechada.

Meus joelhos batem juntos enquanto me levanto, o coração batendo em algo terrível. É como se eu tivesse engolido uma bomba.

— Jesus Cristo! De onde você veio?

Ele aponta sem palavras para trás.

— Bem, sim, sem brincadeira. Mas como você entrou tão silenciosamente? — Ele é enorme. Eu deveria tê-lo ouvido invadindo esta selva muito antes de vê-lo. Talvez ele tenha usado uma entrada secreta. Tento invocar um projeto mental para esta casa, mas todo o meu conhecimento de Falling Stars foi virado de cabeça para baixo e abalado por moedas perdidas. Do jeito que está agora, nem consigo me lembrar em que direção ficava meu antigo quarto. Em algum lugar lá em cima. Isso é tudo que eu sei.

Ele me examina como se eu fosse a suspeita.

— O que você está fazendo? Não é seguro aqui.

— Procurando um lugar para dormir. — Eu me curvo para desligar o fogareiro elétrico, paranóica de que vai ligar mesmo que a eletricidade esteja desligada. Este lugar iria explodir como os fogos de artifício de Quatro de Julho.

— Um lugar para dormir — ele repete categoricamente.

— Sim. Eu me mudei do meu apartamento porque tinha a impressão de que tinha uma casa nova com uma bela cama quentinha esperando por mim. Vivendo como a realeza. — Eu coloco minhas mãos em meus quadris, examinando nossos arredores menos que impressionantes. — Eu não tinha 'bagunça colossal' na minha cartela de bingo.

— Não há camas boas aqui.

— Eu cuido disso, obrigada. Estou improvisando. Vi uma paleta inteira de Nintendo 64s lá atrás; talvez eu construa uma cama com eles.

Wesley não sorri da minha piada. Ele está carrancudo para mim novamente. Acho que ele tem uma opinião negativa sobre minha competência mental.

— Você não pode ficar aqui, é perigoso.

Ele está absolutamente certo.

— Eu sou uma garota crescida. Eu posso cuidar de mim mesma.

Wesley hesita. A linha de preocupação em sua testa se quebra em uma trincheira completa, e ele fica em silêncio por tanto tempo que começo a pensar que ele é um robô que se desliga espontaneamente, mas então ele abre a boca. Lentamente, ele força as palavras:

— Você pode vir e ficar na cabana. — É o convite feito com mais relutância na história. — Eu acho. — Outra eternidade passa. — Por enquanto.

Simplesmente de jeito nenhum.

— Por que não?

Parece que eu disse isso em voz alta.

Obviamente, não vou dizer a Wesley que ele é meu ex mais recente e não sabe disso, então digo:

— Não há espaço suficiente. A cabana só tem um quarto, pelo que vi, que você já está ocupando. Se eu ficar no seu sofá, estarei no seu caminho. — E não serei um fardo para ninguém. — Está tudo bem. Vou ficar em outra sala aqui que tenha menos gambás. — Tento me inclinar casualmente, mas acidentalmente chuto o copo de escovas de dentes. As baratas se espalham. — Deixa pra lá, vou dormir no meu carro. A propósito, você é bom em consertar baterias gastas?

A carranca de desaprovação se aprofunda, envolvendo sua boca. Ele maneja o silêncio como uma arma, deixando-o pairar sobre nós por vários momentos, antes de responder:

— A cabana tem dois quartos. Meu quarto está em cima. Você pode pegar o antigo quarto de Violet lá embaixo.

Isso me anima.

— Mesmo? Tem certeza? — Normalmente, eu gostaria de examinar minuciosamente um cara antes de concordar em ficar em sua casa por qualquer período de tempo, mas está tão frio que posso ver minha respiração, sopros prateados perturbando as nuvens de poeira. Além disso, tia Violet gostava dele o suficiente para lhe dar metade de Falling Stars. Se ele é bom para os termos dela, ele está bem nos meus. Terei que encontrar uma maneira de limpar meu cérebro de todas as associações com Jack McBride e o fato de que ele é uma pessoa atraente e fria, é claro, mas isso é pouca coisa. Já se passaram cinco segundos desde que comecei a considerar seriamente sua oferta, e nesses cinco segundos avistei aproximadamente três morcegos e quatro olhos brilhantes no canto do

teto.

Ele vira de costas.

— Vou trocar seus cobertores e travesseiros.

Lembro-me de Ruth dizendo que Violet morreu durante o sono, o corpo todo estremecendo de arrepios ao pensar que estarei deitado em sua cama.

— Você poderia virar o colchão também? — Eu chamo suas costas recuando.

Wesley não responde. Ele desliza para o lado na passagem e desaparece.

— Não se preocupe em esperar nem nada — eu resmungo, seguindo seu caminho depois. — Não que você se importe se eu morrer. — Significa apenas que ele receberá 100 por cento da propriedade, em vez de cinquenta. Talvez eu devesse ser mais desconfiada.

Eu faço um progresso lento. Vários conjuntos de Play-Doh e kits de pulseira de contas balançam no meu caminho, olhando ameaçadoramente para o meu crânio desprotegido. Eu odiaria morrer por uma lousa mágica.

Quando eu consigo sair da casa, Wesley já se foi. Quando abro a porta da frente da cabana, há um lampejo de movimento de uma fração de segundo quando uma escada suspensa dobra para cima no teto. Passos soam acima, seguidos por um silêncio absoluto.

O quarto de Violet tem poucos pertences, provavelmente porque ela mantinha sua bagunça na mansão e não queria contaminação cruzada. Ou não queria tornar a vida de Wesley um desafio carregando o vício para o seu espaço.

É simples, mas aconchegante. Uma confortável cama queen size, uma escrivaninha de cerejeira escura, um abajur, uma estante de livros. Há um ar de negócios inacabados na sala, no entanto. Tem o sabor de quem vai dormir nela uma noite, sem saber que no dia seguinte partiria. Minha imaginação está fugindo de mim novamente.

Tiro minha bagagem do carro, cansada demais para desempacotar adequadamente. Estou com fome e precisando desesperadamente de um banho, mas, primeiro, a curiosidade me incomoda. Eu flutuo até o papel de carta lilás que Ruth colou na parede, e o que encontro lá me faz levantar ambas as sobrancelhas.

ÚLTIMOS DESEJOS DE VIOLET

IGNORE POR SUA PRÓPRIA CONTA E RISCO

(EU VOU ASSOMBRAR VOCÊ, TE DAR MALDIÇÕES DE 1.000 ANOS SOBRE SUAS FUTURAS GERAÇÕES, ETC.)

Desejo 1. Tome um cuidado extraordinário (extraordinário!) Para vasculhar *cada item* da casa antes de decidir doar/descartar/manter.

Desejo 2. Victor pensou que havia um tesouro enterrado aqui, mas eu nunca encontrei nenhum. Para o explorador intrépido, as regras do “achado não é roubado” se aplicam.

Desejo 3. Maybell, querida, ficaria emocionada se você pintasse um mural no salão de baile.

Desejo 4. Noite de cinema com um amigo é uma lei sagrada, não se esqueça. Wesley, adoraria que você fizesse meus donuts favoritos com canela e açúcar para a ocasião.

• • • • • • •

Eu valso para dentro de minha cafeteria das nuvens e *ele* já está lá, limpando

o balcão com um pano úmido. Tudo fica suave e fora de foco, preto e branco como um filme antigo. Uma vinheta escura esmaece todas as pessoas na sala, exceto uma, que parece brilhar nas bordas. Ele olha para mim, exibindo um sorriso radiante que nunca compartilha com ninguém.

Hoje, Jack não é um príncipe. Ele é um barista. Nós desfrutamos de uma dinâmica eles-vão, eles-não-vão por muito tempo, mas alcançamos minha parte favorita da história de amor: a tensão sexual está no auge e não temos para onde ir, a não ser além do limite em uma declaração de amor sensual, tour de force[1]. Já nos conhecemos de dentro para fora. Confiamos um no outro e aceitamos as falhas um do outro. Eu sei que ele nunca vai me machucar, porque no Coffee Shop AU da Maybell, me machucar é impossível sem eu dizer isso.

— Maybell — diz ele sem fôlego, se apressando. — Eu não aguento mais. Os últimos meses foram uma tortura indescritível, e se eu não te contar como realmente me sinto, vou cair morto aqui e agora.

— Jack! — Eu exclamo. — Qual é o problema?

Ele segura minhas mãos.

— Quando eu olho para você, não consigo pensar direito. Quem é Afrodite? *Você* é a deusa da beleza. Sua mente é um esplendor. É impressionante como você pode fazer qualquer cálculo dentro da sua cabeça, como se eu perguntasse quanto é quatorze mil duzentos e oitenta e sete vezes vinte mil quinhentos e quarenta e um, você saberia a resposta assim. — Ele estala os dedos.

— A resposta é [redigida] — respondo humildemente. — Mas não gosto de me considerar inteligente. Eu sou apenas uma garota normal.

— Não há nada normal em você, Maybell — ele continua, o olhar ansioso. Ele me levanta do chão, me segurando como uma princesa em seus braços. — Você é compassiva, genuína e popular, todos os olhos ficam em você toda vez que você entra em uma sala. E *seus* olhos! Incomparável. Eles são do azul mais bonito, como a água nos comerciais do Sandals Resorts. Espero não estar exagerando muito. Mas meu coração não aguenta mais, eu tenho que saber o que você sente por mim.

— Isso é tudo tão. . . inesperado. — Estou positivamente fraca. E pensar que estive tão consumida com meu café lotado e bem-sucedido – o café mais bem-sucedido em toda essa área vaga, na verdade – que mal percebi o que estava se formando entre nós, bem debaixo do meu nariz. Ou talvez eu esteja secretamente sofrendo. Ainda não finalizei a ideia.

— Eu te amo, Jack McBride — eu respondo solenemente. — E estou pronta para ter seus filhos.

Todo mundo bate palmas. Percebo meus pais em uma das cabines, muito orgulhosos. Eles usam jaquetas de couro brancas que dizem turnê mundial nas costas em strass, e minha mãe (que também é minha melhor amiga) está radiante de felicidade. Ela tem tudo o que sempre quis; ela sempre quis a mesma felicidade para mim.

A cor volta à cena e, pela primeira vez, percebo que estamos parados com pétalas de rosa vermelha que tomam a forma de um coração. A luz das velas deslumbra em todas as superfícies. Jack atingiu um nível de gostosura tão forte que tenho que proteger meus olhos, já que seu cabelo está molhado por algum

motivo e ele está usando uma camisa de algodão branca solta com botões que vão ficando cada vez mais abertos a cada vez que eu desvio o olhar. Ele sorri sedutoramente.

— Bem, o que estamos esperando...

BEEEEEEEEEEP. BEEEEEEEEEEP. BEEEEEEEEEP. BEEEEEEEEP.

O café se desintegra. Eu salto para fora da minha cama no mundo real tão rápido que meu pé fica preso na colcha e bato o cotovelo na mesa de cabeceira.

— Que diabos!

O barulho de um bipe desagradável está vindo de fora da cabana, parando quando eu abro a porta da frente. Um bando de homens atrapalhou minha visão das lindas Smoky Mountains com dois contêineres monstruosamente grandes, com cerca de quarenta metros cada um, as laterais estampadas com WALLAND ALUGUEL DE LIXEIRAS E SERVIÇOS DE LIXO. São oito da manhã. Estive deitada na cama acordada e sonhando acordada desde às sete e quinze, então ainda estou de pijama, descalça no quintal e encharcada de chuva.

Wesley Koehler, imagem espelhada do barista de olhos brilhantes que infelizmente fui forçada a abandonar, sai trotando de casa com um armário quebrado nos ombros. Eu o vejo equilibrar o armário com um braço para que ele possa liberar o outro, apertar a mão dos caras e jogá-lo em um dos caminhões tão facilmente como se fosse um pão. A madeira se estilhaça com o impacto. Uma pequena nuvem de poeira em forma de cogumelo sobe na atmosfera.

— Ei!

Os caras das locadoras de lixo acenam para mim e entram em seus veículos, que parecem a parte da frente dos caminhões, mas sem os reboques, e partem.

Wesley não acena. Ele olha para mim com desdém, em seguida, volta direto para a casa. Ele emerge com um dos sacos de lixo da grande escadaria, jogando-o sem cuidado. Eu ouço vidro quebrando.

— Ei! — Eu rujo de novo. — Agora espere apenas um minuto! — Corro para a cabana para procurar meus sapatos, descobrindo um na sala e o outro embaixo da minha cama. Sem tempo para meias.

— Espere! — Eu sinalizo para Wesley, mas ele não para pra ouvir. Continua carregando coisas para fora da casa de Violet e jogando no lixo. — Você olhou dentro disso primeiro? — Eu pergunto enquanto ele joga outro saco de lixo.

Ele olha para mim como se eu tivesse aberto o zíper da minha pele e mostrado meu esqueleto.

— Se eu coloquei minhas mãos no lixo da Violet? Não. Por que eu deveria?

— Você não sabe se aquilo era lixo!

— Certamente cheirava como lixo.

— Os últimos desejos de Violet — eu pressiono com urgência, seguindo-o para dentro de casa. — Você não leu? Ela queria que inspecionássemos tudo com muito, muito cuidado antes de jogar fora ou doar ou o que for. *Extraordinariamente* cuidadosos.

— Violet — ele responde com os dentes cerrados, pegando uma churrasqueira Weber enferrujada — gostava de ser difícil. — A grelha fica em pedacinhos.

— Ok, mas...

Ele vai embora. Com as narinas dilatadas, apresso-me para alcançá-lo

novamente.

— Acho que devemos honrar seus desejos e garantir que não haja nada de valioso nessas sacolas antes de jogá-las fora.

Ele aponta para a lixeira.

— Fique à vontade.

Quando ele vem e vai de novo, desta vez com uma braçada de roupas, encontro minha voz. A que eu não costumo usar porque ninguém nunca escuta, e se ouvem, riem de mim.

— Quero dar uma olhada nisso — declaro com firmeza. — Você pode parar um minuto? Precisamos discutir o que estamos fazendo. — Não posso deixar de insistir com um *por favor.* É por isso que nunca vou progredir na vida: eu me enfraqueci com muitos *por favor* e linguagem corporal submissa, meu irritantemente tímido *Ok, eu entendo, esqueça que eu disse qualquer coisa, deixe-me saber como posso ajudar* me deixou com raiva de mim mesma mais tarde.

— O que *estou* fazendo é limpar esta casa — ele me informa. A esta altura, já vi mais as costas de Wesley do que a frente e, apesar da bela vista, estou ficando muito cansada disso.

Ele tenta jogar um estojo de guitarra na lixeira, mas eu a puxo para fora de suas mãos. Ele aproveita meu momento de distração e se desfaz das roupas comidas por traças que acabei de tentar salvar.

— Você só tem pensado em planos imobiliários desde, o quê, ontem à tarde? Estou planejando isso há um ano, desde que Violet me disse pela primeira vez que eu herdaria tudo depois que ela morresse. Vou consertar, arrasar cinco acres de terra e transformar tudo em um santuário para velhos animais de fazenda.

— Em um o *quê*?

Wesley me lança um olhar duro. Não estou preparada para isso, para a horrível sensação de ter alguém que se *parece* com alguém que eu pensei que conhecia, alguém que era caloroso e gentil, direcionando essa frieza para mim.

— O que há de errado com um santuário animal?

— O que há de errado é que você decidiu tudo sozinho. — Além disso, não estou morando perto de literalmente um chiqueiro.

— Por que não deveria? Violet era minha amiga. Eu cuidei dela todos os dias. — Ele puxa o estojo da guitarra de mim, abrindo-o para revelar as dobradiças quebradas e o forro de veludo manchado. *Viu?* sua expressão fica presunçosa. — Você, por outro lado? Você é uma estranha. Você apareceu do nada. Sem querer ofender, mas não acredito que o DNA lhe dê prioridade sobre mim.

Ele está me chamando de oportunista. A filha de Julie Parrish, por completo.

— Eu sei quais melhorias são melhores para Falling Stars — Wesley conclui pragmaticamente. — Venho sugerindo-as desde que fui contratado.

— Se Violet gostasse de suas sugestões, ela as teria implementado — retruco. — Eu herdei metade deste lugar. Então me ajude, se você jogar fora mais um pedaço de minha propriedade legítima sem minha aprovação, eu vou entrar com uma ação legal. — *Por favor, não pegue meu blefe. Não posso pagar um advogado.*

Isso o faz parar em seu caminho.

— Estou limpando o lixo. Apenas lixo, nada que possa ser aproveitado. Não

é esse o próximo passo óbvio?

Ele tem razão. Eu odeio que ele tenha razão.

— E os desejos de Violet? Cada pequeno item, ela disse. Cuidado *extraordinário,* ela disse.

Ele exala pelo nariz, irritado. A irritação é contagiosa.

— Isso não era sério. Noite de filme? Fazer cupcakes? Isso não são desejos, são intromissões da vida após a morte.

— Donuts — eu digo, corrigindo-o. — Há uma maldição de mil anos pendurada na balança. Parece muito sério para mim.

— Isso é porque você não a conhecia.

Wesley não se incomoda com meus braços cruzados ou carranca formidável. Ele joga uma caixa de papelão cheia de livros sem as capas e me ignora.

— Esses podem ser reciclados.

— Estou pagando a mais para que a empresa de lixo faça a triagem dos materiais recicláveis. Parte do pacote de serviços premium.

Isso soa inventado. E possivelmente sarcástico. Ele está dizendo tudo o que pensa que me fará parar de falar com ele.

É um alívio que não preciso mais me sentir mal sobre me intrometer aqui, vivendo em sua cabana. Ele esteve esperando minha tia morrer para que pudesse fazer o que quisesse com a casa dela.

Eu me ocupo verificando a qualidade dos enfeites de feriados no gramado. Isso é o que estou fazendo oficialmente, de qualquer maneira. Extraoficialmente, estou olhando de lado os músculos dos braços de Wesley que se movem e se movem quando ele levanta caixas pesadas, a camisa verde-caçador esticando seus ombros largos e costas. Sua pele é bronzeada e sardenta por causa de uma ocupação que o coloca no centro das atenções sob a luz do sol, então, quando o suor brota ao longo de sua testa e na ponta do nariz, ele brilha como pó de ouro. Sempre que estou com calor e suada, meu cabelo fica frisado do rabo de cavalo *e* grudado no rosto, que fica vermelho como um sinal de pare. Quando coro ou fico superaquecida, não fico com dois salpicos bonitos de rosa em minhas bochechas. Meu rosto incita alarme. Eu culpo o fato de eu ter nascido ruiva, que é um assunto sempre que alguém menciona as mechas de morango no meu cabelo castanho claro.

Eu me pergunto preguiçosamente se Wesley nasceu com cabelo loiro escuro ou se ele é um daqueles loiros que tinham cabelo branco como a neve quando criança. A ideia de ele ter sido criança é ridícula. Parece que ele nasceu com uma sombra de cinco horas e algumas palavras duras para as enfermeiras. Aposto que ele se recusou a usar macacões porque os considerou degradantes.

Eu me ressinto de minha familiaridade íntima com sua aparência, que está em desacordo com a aspereza sob sua superfície. Eu conheço cada centímetro daquele rosto, graças ao meu eu idiota e iludido por não ter procurado as fotos de Jack em uma busca reversa de imagens no Google.

Fisicamente, falo fluentemente Wesley Koehler. Espiritualmente, ele é um desconhecido misterioso. Um enigma. Esse tipo de rosto deve vir carregado com um sorriso arrogante e olhos que brilham com humor provocador. No jogo de Quem Usou Melhor?, Jack vence, e ele nem existe.

Wesley enfia os dedos pelo cabelo, bagunçando as ondas em todas as

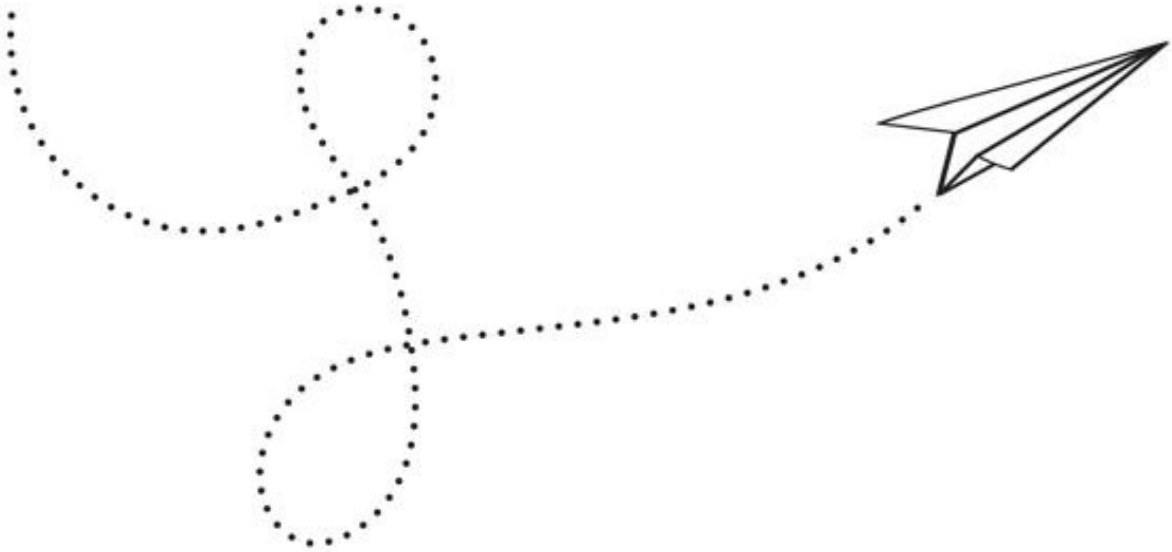
direções, lançando um olhar peculiar em minha direção, e então para longe novamente. Eu o observo mais um pouco enquanto tento ser discreta sobre isso, mas agora sua atenção permanece firmemente fixa em sua tarefa. Sem *bom dia,* sem *como você dormiu,* sem curiosidade sobre mim como pessoa e de onde eu vim, sem conversa fiada entre colegas de quarto. Nenhum *saúde* quando eu espirro. É a grosseria do maior nível.

É um sentimento muito familiar estar enganada. Eu sou indesejada em minha casa.

— Zero pontos pela originalidade, universo — murmuro. —Você me deu esse enredo várias vezes e ainda estou aqui. — Os Maybell Parrishes do mundo são uma raça crédula, muitas vezes sem sorte, com determinação que excede nosso talento, mas no fim do mundo, seremos os últimos cambaleando por aquele campo de zumbis. Resmungando, sacudindo os punhos para o céu, teimosos demais para saber quando desistir, com corações moles e estúpidos que não se cansam. Estar delirando é nossa ruína, mas também nossa graça salvadora: estamos iludidos o suficiente para não ver por que o amanhã não deveria ser melhor, mesmo que os últimos mil dias consecutivos tenham sido ruins.

Ser herdeiros iguais da propriedade de minha tia vai ser um circo, já posso dizer. Mas se um de nós vai desistir, sei que não serei eu.

Capítulo 5



Poucas horas se passaram desde que comecei a empatar a missão de Wesley de entrar em conflito com os desejos de morte da tia-avó Violet, estou formando um palpite em torno de como ele justifica esse comportamento.

Ele e Violet eram próximos, eu acho, sendo as únicas duas pessoas por todo o caminho até aqui, coabitando nos aposentos muito próximos da cabana do zelador. Quando você mora com alguém por tempo suficiente, você coleta núcleos de informação um sobre o outro, que o leva a antecipar o que a outra pessoa pode dizer ou fazer, como ela pode reagir em qualquer situação. Você aprende seus hábitos, estabelece rituais. Você fica confortável. Isso gera um relacionamento fácil.

Eu não tinha um relacionamento fácil com Violet, ou pelo menos não o tinha há muito tempo. Nosso relacionamento era um abismo, basicamente. Eu enviava um cartão de feriado todos os anos, porque os cartões de feriados eram fáceis. *Pensando em você!* Curto e doce, com as fatias mais finas de informações pessoais. *Procurando apartamento novamente. Vi um suéter com sinos e pensei em você. Temos certeza de que estamos tendo um mês chuvoso.* Ela respondeu com cheques de vinte dólares e algumas bugigangas: um marcador de livros com gatinhos; um artigo de jornal sobre *My May Belle*, o histórico barco do rio Knoxville pelo qual eu fui nomeada.

Para aniversários, natais e ações de graças, eu não conseguia me fazer pegar o telefone. Muito tempo havia se passado, o que deixou as coisas constrangedoras e a adiar tudo ainda mais – e você vê onde quero chegar com isso.

O que eu diria? E se ela não se importasse mais comigo? Não se lembrasse de mim? Não quisesse ouvir de mim? A possibilidade de eu ser acusada de ser uma sobrinha negligente – ou pior, de que ela confessasse a decepção que eu acabei sendo... minha culpa crescia constantemente, mas eu não conseguia enfrentá-la, então tranquei-a em uma gaveta. Agora nunca terei a chance de acertar as coisas

com Violet.

Wesley não carrega essa culpa. Talvez ele sinta que a herança é merecida depois de cuidar de Violet. Ele deve ter estado ocupado como zelador, porque certamente não estava cuidando do terreno. A paisagem parece o desenho de um um tornado feito por uma criança.

Talvez nenhum de nós mereça a propriedade. Mas é aqui que posso compensar a tia Violet. Posso honrar sua lista. Eu devo muito a ela, pelo menos.

As coisas estão indo assim:

Wesley carrega um monte de coisas para fora de casa, e eu o faço colocá-las na Estação de Inspeção (é o local perto de um arbusto que tem a forma de um flamingo). Eu classifico tudo que pode ser aproveitado em pilhas de Manter e Doar. Um livro de adesivos que salvei da bagunça encontrou um novo uso para designar o que fazer com tudo isso.

Wesley entrega mais três caixas à Estação de Inspeção e se prepara para interação com uma inspiração profunda.

— O adesivo amarelo significa 'doar'?

— Significa 'manter'.

— Eu tinha medo disso.

— Seja razoável. Você não pode esperar que eu separe *tudo*.

— *Eu* ser razoável? — Ele aponta para si mesmo. — Eu?— Wesley se inclina sobre mim de repente, fazendo-me recuar, e tira um moletom da pilha. É mais velho do que eu, um crime estampado contra a moda em marrom, laranja e amarelo mostarda. — O que você vai fazer com isso?

— Não que seja da sua conta, mas vou usá-lo. — Ainda estou me recuperando de quase ter sido tocada por ele, mesmo que tenha sido acidental e não significasse nada. E também não aconteceu.

— Sério — ele fala sem rodeios.

— É vintage.

— Tem, sem exagero, centenas de roupas vintage em casa. Você tem que restringir. Seja um pouco mais criteriosa.

— Quem disse? — Ele não é meu chefe. Nunca vi tanta *coisa* na minha vida e não posso acreditar que é tudo meu. A maioria das minhas camisetas tem o logotipo Around the Mountain Resort & Spa, já que ganhei um desconto na loja de presentes, e as roupas da loja de presentes eram uma alternativa mais moderna e aprovada pela gerência para o uniforme do pessoal (chapéu e macacão listrado azul, que a gerência enfatizou a importância de usar enquanto se esquiva do código de vestimenta).

Pego uma saia de veludo da caixa que ele acabou de colocar. Tem alguns buracos, mas eu poderia consertá-los facilmente com uma das máquinas de costura (doze e contando) de Violet.

— Oooh, eu quero isso também. — Pego uma camisa da Sonny & Cher com um zíper (quebrado) que sobe e desce na gola alta e Wesley aperta a ponte do nariz.

Que antipático. Se alguém está fazendo isso da maneira errada, é ele, que ignora o desejo #1. Violet guardou seus pertences por muito tempo, então não consigo imaginá-la entusiasmada com o fato de estarmos jogando fora *tanta* coisa. Se eu puder encontrar um uso para algo, então o farei. Wesley vai embora

balançando a cabeça, e mesmo que não nos conheçamos e sua opinião não deva me afetar, não posso deixar de sentir que estou falhando em um teste de idade adulta.

Eu tinha quinze anos quando minha mãe tinha trinta, então esse número parecia muito mais velho para mim, praticamente meia-idade. Assistir às tomadas de decisões de Julie foi uma lição sobre o que não fazer. Achei que certamente estaria casada com minha alma gêmea aos trinta, não necessariamente com uma filha adolescente a reboque, mas definitivamente uma série de animais de estimação, vivendo felizes para sempre em um beco sem saída bonito em Cape Cod. Eu teria um closet com saias lápis sofisticadas e lenços de chiffon. Uma melhor amiga confiável que sempre estaria lá para mim, no melhor ou no pior – uma empresária independente e impetuosa que traria à tona meu lado atrevido (eu esperava desenvolver esse lado um dia). Beberíamos vinho e riríamos. Lamentaríamos. Ela e o marido dela teriam encontros duplos comigo e com o meu, um quarteto perfeito. Talvez ela merecesse, talvez não, mas julguei minha mãe naquela época porque comparei nossas vidas a esses marcadores arbitrários de sucesso e me perguntei como ela podia ser tão descuidada. Como se ela pudesse ter tudo, se ela quisesse o suficiente.

Estou agora com a idade que minha mãe tinha quando eu pensei que ela era uma decepção e é assustador *ainda* estar neste estágio, confusa, adivinhando o meu caminho pela vida com pernas trêmulas de filhote de cervo. Sem marido alma gêmea, sem melhor amiga para todas as horas. Muitas falhas para falar. Muito da vida é lutar em vez de desfrutar. E onde está a utopia que eu pensei que a sociedade teria nivelado agora? Alguém me vendeu uma mentira.

Para provar que sou capaz de me desfazer de bens materiais se eu *quiser*, certifico-me de que Wesley me observe jogar fora duas sacolas inteiras. Na verdade, as sacolas estão cheias de outras sacolas, mas ele não precisa saber disso. Quando eu pego seu olhar, sinto aquela pontada de novo. Aquele *oof* direto para o peito, quando, por uma fração de segundo, antes das carrancas e as respostas curtas, Jack McBride poderia ser real. Sinto falta de saber que alguém lá fora se importaria se eu não mandasse mensagens por alguns dias. Meu mundo de devaneios flutua nas proximidades como um bote salva-vidas, pronto e esperando que eu vá embora, mas hoje sou masoquista. Eu quero aquela pontada de novo. Eu quero segurar seu olhar por um pouco mais de tempo e fingir que ele é alguém que se importa. Eu sou uma senhora triste e lamentável.

— Quando ela pintou a casa de cinza? — Eu pergunto.

Wesley franze a testa (é sua expressão padrão, mas ele tem o padrão carranca *Eu odeio tudo* e a carranca deliberada *Eu odeio você de forma pessoal* que vai e volta).

— O que você quer dizer? — Olhou para a casa. — Sempre foi cinza.

Ele se vira, já indo além da conversa. Como ele pode não ser tão solitário quanto eu? Como ele pode não ter fome de atenção humana?

— Era rosa quando eu era criança — insisto, sem vontade de deixá-lo ir.

A carranca permanente não diminui, mas há uma mudança sutil, agitação transformando-se em confusão.

— Como isso é possível? Eu vi fotos de dez, vinte, trinta, quarenta anos atrás – é cinza em todas elas.

— Era definitivamente rosa quando eu tinha dez anos.

Os cantos de sua boca viram para baixo, endurecendo no lugar. Ele não acredita em mim. Ele acha que estou maluca.

— Aquilo não é tão ruim — diz ele, os olhos cortando para a poça de tecido de lantejoulas vermelhas em minhas mãos. Não percebi que o tirei da caixa. Eu olho para baixo, e quando eu olho para cima ele está desaparecendo dentro de casa.

— Ele não quer conversar — eu digo baixinho para o vestido, inclinando suas lantejoulas para um lado e para o outro para pegar a luz. — Tudo bem. Não precisamos nos dar bem. — Emerge soando como uma pergunta, um tema comum para mim, então digo novamente com confiança. — Não precisamos nos dar bem.

Odeio essa sensação torturante de que estou mais sozinha do que nunca. Este é o primeiro dia completo do Novo Começo da Maybell, então você poderia achar que eu estaria no topo do meu jogo. Eu herdei uma mansão (dilapidada) e duzentos e noventa e quatro acres de terra (completamente selvagens) com vista para as montanhas, mas não sinto nada. Também não chorei direito por causa da morte da tia Violet, o que significa que deve haver algo errado comigo.

Minha ausência do trabalho hoje foi notada por Christine, que envia mensagens cada vez mais ameaçadoras*: É melhor você estar no hospital*. Gemma também, que quer saber se estou doente, e me lembra que, se estiver, já estou ficando sem licença médica, o que não é uma informação que ela saberia. Paul definitivamente escreveu essa mensagem. Estou a uma hora de distância daquele lugar, para nunca mais voltar, então estou livre para dar a eles um emoji do dedo médio e bloquear todos os seus números do meu telefone. Não sei por que não consigo. Eu digito várias respostas, mas excluo todas. Deixar todas as mensagens ignoradas é provavelmente a escolha mais caótica – em breve receberei "avisos oficiais" enviados ao e-mail da empresa que não vou verificar.

Em seguida, faço o que sempre faço, mas sempre me arrependo de fazer sempre que estou girando em círculos solitários.

Ela atende o telefone depois de seis toques.

— Ei, você.

— Ei, mãe. — Eu coloco o meu sorriso alegre, de que está tudo bem, embora ela não possa me ver.

— Você deve ser vidente, porque eu estava prestes a ligar. Acabei de ouvir seu correio de voz. — Seu tom é um toque superior. — Que ruim.

— Sim, é tão triste. — Percebo que estou segurando uma caixa de perfume White Diamonds, e isso é um erro. Minha visão fica embaçada. Estou na cozinha com tia Violet, peneirando açúcar de confeiteiro sobre donuts de brownie com calda de chocolate, fazendo uma bagunça terrível, enquanto ela me garante e me tranquiliza como estou indo bem. Talvez eu finalmente chore, e seja purificativo, e eu seja capaz de apreciar Falling Stars. Talvez tudo seja absorvido.

— Bem. — O frio desapego de mamãe me traz de volta à terra. — Ela *era* velha.

Eu engulo.

— Ainda assim, triste.

— Então você já se mudou, hein? Você já encontrou um emprego?

Lembro-me abruptamente de por que não ligo para mamãe com frequência.

— Não.

— Oh, querida, isso não é bom.

— Eu acabei de chegar aqui. Vou encontrar algo em breve. — Esperançosamente. Não quero pensar em inscrições agora, não quando meu histórico de empregos me qualifica para ser arrumadeira e basicamente nada mais. — Como você esteve?

— É uma espécie de insulto que Violet te deu a casa, você não acha?

A questão do campo esquerdo me pega de surpresa.

— Como assim?

— O fato de que está destruída. Que! *Hah!* — Mamãe bufa alto. — Ela pensava *que* éramos lixo. Você e eu. — Ela está falando mais rápido; posso imaginá-la no terraço, meio ao sol, um dos joelhos balançando. — Se eu fosse você, teria ido embora. Não somos o tipo de pessoa que aceita presentes de pena. Não foi assim que eu criei você.

Eu não sei o que dizer.

— Você não poderia me pagar para morar naquele mausoléu — ela continua com altivez. — Sem ofensa. Estou feliz por *você*, se *você* gostar, mas isso nunca poderia ser eu. Nunca. E todo o trabalho que ela acabou de despejar no seu prato? Inconsiderado. Que velha horrível.

— Ela não era horrível.

— Ela quase matou você.

— Eu estava bem.

Ela sopra fumaça de cigarro no alto-falante.

— Aquele telefonema ainda me dá pesadelos.

Eu também, porque significava ser levada embora. Tia Violet sentiu que era seu dever avisar a mamãe sobre o pequeno acidente de carro – não foi culpa dela, as estradas por aqui são mais sinuosas do que um Slinky e nenhuma de nós viu o outro carro chegando. O mais ínfimo dos desvios. O mais básico dos solavancos do guarda-corpo. Nós estávamos bem! O outro carro estava bem! O carro confiável e desajeitado de Violet absorveu o impacto e estávamos bem, embora um pouco agitadas. Alguns hematomas leves de nossos cintos de segurança e algumas lágrimas, mas essas foram lágrimas por um triz. Lágrimas de felizmente-estávamos-bem.

Mamãe correu direto para a Falling Stars, usou a situação para tentar extorquir dinheiro de Violet e tudo foi para o inferno. Cada uma delas disse que a outra não era adequada para ser minha responsável, mas mamãe era quem tinha direitos legais.

— Tão malditamente irresponsável, dirigir quando sua visão estava piorando. E ela realmente achou que você ficaria melhor sob a custódia dela! Imagine só.

Eu estava. Vividamente.

— Você teria acabado uma bagunça. — Eu ouço um clique de isqueiro. — Então. Totalmente destruído, né.

— Sim. Não consigo estender os braços de cada lado do corpo sem bater nas coisas.

Uma pausa peculiar.

— Que tipo de coisas?

Eu fico com aquela consciência de má-fé, aquela que me domina toda vez que conversamos e faz meu estômago revirar – aquela da qual eu esqueço depois que desligamos porque meu cérebro está em modo de reparo perpétuo e quer desesperadamente acreditar no melhor das pessoas.

— Videiras, quero dizer. Apenas um monte de videiras. Elas destruíram as janelas e pisos.

— Oh?

Eu posso ver suas rodas girando. Ela está pensando em dirigir até aqui.

— O molde é de parede a parede. E há cerca de mil ratos.

— Eca. Deus. — Imagino a cara que minha mãe com fobia de rato está fazendo e não consigo evitar um leve sorriso. — Você é a única nomeada no testamento, então?

Meu sorriso desaparece.

— Ahh... — A parte da minha consciência que registra Wesley e grita *OH MEU DEUS, É JACK* não consegue parar de catalogar seus movimentos, e meu olhar segue irresistivelmente para onde suas botas Wellington verde-exército estão trilhando o caminho pelo quintal. Ele vai e volta da casa até a lixeira, da casa até lixeira, lançando braçadas de talvez, talvez-não lixo. Nem mesmo discriminando. Pode estar jogando fora botões antigos que valem centenas de milhares de dólares, mas por que ele se importaria? — Grande parte — eu respondo longamente. Não vou entrar na confusão de dois herdeiros – ela vai sugerir que eu o leve ao tribunal, o que Violet não teria desejado.

— Presumo que não recebi nada, hein? — Ela tenta mascarar sua esperança com irreverência, mas crescemos juntas. Posso ler Julie melhor do que ninguém.

— Não. Sinto muito.

— Sente muito? Ha! Não se desculpe por *mim.* Abençoe seu coração. — A voz dela ganha velocidade, mais impaciente. — Sempre foi um lixão, de qualquer maneira. Se Violet tivesse *me* deixado a casa, eu não ia querer nada com ela. Não, obrigada.

Há muito que quero dizer em resposta a isso. Se era um lixo, então por que ela me deixou lá por um verão? Além disso, definitivamente não era um depósito de lixo. Eu sei que não inventei o quão bonita e limpa ela já foi. *Além disso,* não esqueci que mamãe implorou para morar lá também, quando eu tinha dez anos e ela me deixou. Violet não a deixava entrar em casa porque mamãe costumava encher seus bolsos sempre que ela a visitava quando era pré-adolescente.

— Sem ofensa, mas a cidade é melhor — mamãe está dizendo. — Não há nada lá em... qual é o nome daquela cidade suja? Você *precisa* vir morar aqui. Posso ajudá-la a encontrar um apartamento! Vamos procurar um apartamento e fazer compras até cair, no Mastercard de Alessandro, é claro. — Ela rola o R em *Alessandro*.

— Talvez eu visite.

Os dez segundos de silêncio que se seguem são a confirmação de que essa ligação é como qualquer outra ligação, na qual ela jorra sobre o quanto quer me ver, mas não consegue concretizar planos reais.

— Eu tenho que ir — ela sussurra. — Alessandro está em casa.

Há gritos ao fundo e ela encerra a ligação sem ouvir um *adeus*.

Nunca conheci Alessandro pessoalmente. Ela geralmente não atende minhas

ligações se ele está em casa porque *ele não gosta de filhos, mesmo os adultos*. É por isso que, por meses, ela escondeu o fato de que tinha uma filha – eu sou uma relíquia de sua antiga vida, que ela trabalhou tanto para se livrar, e mesmo que ela me ame, ela tem sido, desde o início, decidida a superar seu papel materno o mais rápido possível.

Não é que nunca tivemos bons momentos, é que os bons momentos, em retrospecto, são meio tristes. A adolescente Maybell segurou firme em momentos triviais e evanescentes de mãe e filha que a faziam sentir-se calorosa, dando às suas memórias um brilho amoroso enquanto qualquer outra pessoa as teria achado deprimentes. É difícil quando você tem uma natureza que implora para evitar sofrimento a todo custo, mas também faz você usar seu coração na manga.

O tilintar de gavetas explodindo na lixeira me chama a atenção e me fixo em Wesley. Dividir a casa com um estranho que não gosta de mim é um soco no estômago: ou coopero com ele ou acabo sem teto. Novamente. Pelo menos não estou me envergonhando de bajulá-lo, já que o desastre de Jack deixou um gosto ruim em minha boca que, quer Wesley mereça ou não, se estende a qualquer pessoa parecida com Jack. Eu não olho para ele e ouço anjos tocando cordas de harpa. Eu não sinto uma onda de calor, nada parecido com amor – eu olho para ele e quero socá-lo na garganta. É uma boa surpresa em termos de crescimento pessoal.

— Como vamos viver juntos? — Eu pergunto.

Wesley estremece.

— O que?

— Como é que isso funciona? — Eu dou outra tentativa para Maybell autoritária e coloco minhas mãos em meus quadris. — Eu fico com o primeiro andar, você fica com o segundo?

Não estou falando sério, ou pelo menos acho que não, mas ele dá de ombros.

— Certo.

— Quem fica com o terceiro andar? — É mais um sótão e em grande parte inacabado, mas ainda assim um imóvel valioso para reivindicar.

Outro encolher de ombros.

— Os fantasmas?

E lá vai ele de novo. Eu não posso prendê-lo em um lugar nem por minha vida. Tudo bem! Isto está bem. Posso fazer a bola rolar na minha nova vida sem ele – não é como se eu precisasse de sua opinião ou ajuda. Nunca tive muito de nada, mas tenho resiliência e tenho *isso*. Tenho memórias de Falling Stars sendo linda. Posso torná-la linda novamente.

Ocorreu-me que esqueci de agradecer a Wesley por me deixar ficar com ele na cabana. Ou talvez eu tenha todo o direito de ficar com ele, já que possuo metade de tudo. *Essa é uma atitude correta a se ter*, advirto a mim mesma.

Quando abro a boca para expressar minha gratidão, ele diz, espontaneamente:

— A casa sempre foi cinza.

Minha boca se fecha. Droga. Eu desapareço de sua atenção mais uma vez, não mais interessante do que uma peça de mobília esperando para ser classificada como *guardar, doar* ou *jogar fora*.

Passando por ele, eu bufo,

— Eu não inventei que era rosa. Eu não imaginei isso. — Eu sigo direto para o foyer, onde o caminho foi gradualmente alargado (principalmente graças a ele, admito, já que estou preocupada em expandir meu guarda-roupa no gramado), pego um micro-ondas quebrado em meus braços e sigo de volta para fora.

Wesley balança a cabeça. Murmura alguma coisa.

Eu o ignoro, e isso é fortalecedor. *Não precisamos ser amigos. Só vamos morar juntos, não que isso signifique alguma coisa. Não precisamos ser amigos.*

O murmúrio de Wesley fica alto o suficiente para formar uma palavra distinguível.

— Pare.

Eu paro, mas só porque ele me pegou de surpresa.

— O que?

Ele me encara. Empurrando um. . . capacete? Para mim?

— Uhhh... — Eu olho para ele, e ele desvia o olhar, como se não pudesse suportar fazer contato visual comigo. Do ponto de vista dele, sou a usurpadora de um sonho tornado realidade, um inconveniente maior do que todos os danos causados pela água, janelas quebradas e tábuas do piso combinadas. — Eu não tenho uma bicicleta. — Talvez haja uma em casa. Sabe, não estou dando crédito suficiente a Violet aqui. Deve haver pelo menos dez bicicletas naquela casa.

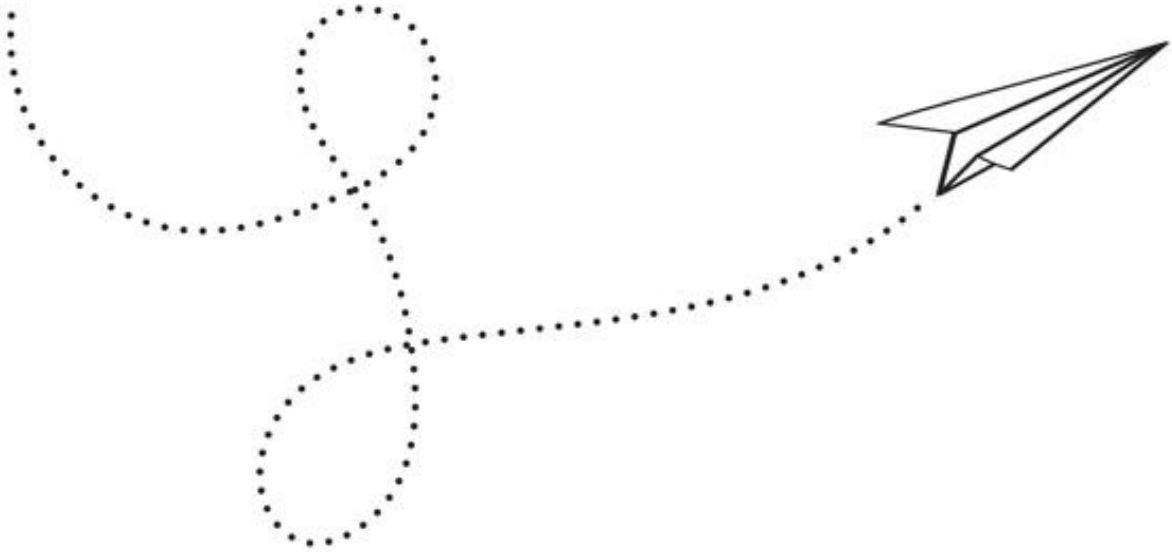
— Se você vai entrar lá. — ele aponta para a casa, sobrancelhas franzidas, mandíbula rígida — você precisa de proteção. É perigoso.

— *Você* não *está* usando capacete.

Ele encara mais um pouco. Joga um espelho vanity estilhaçado na lixeira com força desnecessária, o que pode não ter a intenção de ser uma ameaça, mas com certeza está sendo interpretado como uma.

— Tá, tá. — Eu levanto minhas mãos. Coloco o capacete. E eu penso: é realmente uma pena não precisarmos ser amigos.

Capítulo 6



Para alguém que odeia me ter por perto, Wesley com certeza adora ficar no meu caminho.

É seis de abril e estou exausta, as fibras do coração esticadas até que eu perdi toda a elasticidade emocional dos altos e baixos da descoberta e da perda enquanto eu limpo Falling Stars. Sou um amontoado faiscante e fumegante de fios brutos.

Mas ainda não chorei.

Por que não chorei? Não vou achar que mereço este presente da minha tia até que eu tenha sofrido como um ente querido deveria sofrer.

Então é assim que acontece: eu sentada de pernas cruzadas em um círculo de lembranças Hannobar, imergindo na tia Violet, implorando ao meu coração para pegar qualquer estação que não seja o distanciamento entorpecido em que estive sintonizada.

Os passos de Wesley estão ficando mais pesados. Eu posso dizer que ele quer dizer *Você tem que se sentar logo AÍ*, mas ele engole as palavras. Ele pressiona os lábios para evitar que caiam enquanto ele grunhe e suspira de levantar peso, desmontando a mobília da sala ao meu redor.

Eu *não* tenho que sentar aqui, na verdade. Esta é a parte da casa onde me sinto mais próxima de Violet. Minhas horas favoritas do mundo eram todas passadas nesta sala de estar, lado a lado com ela, conversando sobre tudo e qualquer coisa. Violet era única. Ela não me rebatia, mas também não me tratava como se eu fosse uma adulta. Mamãe ia e voltava entre os extremos: em um minuto, ela gritava que eu precisava fazer tudo o que ela dissesse porque eu era uma criança que não sabia de nada; no minuto seguinte ela me contaria muitos detalhes sobre um de seus encontros e se eu fizesse uma careta, ouviria *Oh, cresça.*

— Oh, Violet — eu digo tristemente, já que talvez uma performance teatral trará lágrimas. — Eu gostaria de ter sido capaz de dizer adeus.

Eu não posso deixar de olhar para Wesley, cuja expressão é incrédula até que ele percebe que estou olhando para ele. Em seguida, tudo suaviza, impassível. Ele está me julgando.

— Eu queria ligar — eu fungo. — É complicado.

Ele não diz nada. Ele desiste de tentar remover um guarda-roupa imóvivel que vai do chão ao teto que teimosamente decidiu se fundir à parede. É uma antiguidade, branco com um longo espelho oval na frente. Ele lança um olhar fulminante para o móvel volumoso e eu tenho que admirar sua tenacidade para vencer essa batalha.

Wesley se agacha na frente de uma mesa, começando a fazer algo nela com uma chave de fenda. Eu ajudaria, mas 1) Não acho que ele queira, e 2) minhas costas, pernas e braços estão exaustos de levantar e carregar tanto lixo nos últimos dias. Estou acostumada a trabalhar duro, mas limpar uma casa tão grande como essa é uma fera impiedosa. E nós limpamos apenas cerca de três porcento. Estou tão assustada com tudo que ainda resta para fazer que eu não me importaria de gritar em um travesseiro decorativo se eles não fossem todos tão mofados. No entanto, eu sou uma Maybell Parrish, e Maybell Parrishes não desistem.

Estou separando papéis, que são uma toca de coelho da história de Victor e Violet Hannobar. Ações e documentos, papéis judiciais e cartas. Muitas cartas.

Minha boca se curva em um sorriso quando eu seleciono uma, deslizando a linha superior. É tão antigo que o papel é quase transparente. Quando eu o seguro, posso ver a escrita na parte de trás sangrar pela frente, tornando tudo ilegível.

— Ela te contou sobre como ela e Victor ficaram juntos? — Eu pergunto casualmente.

Sem resposta.

Eu olho para cima para ter certeza de que ele não saiu da sala, o que ele não fez. Eu franzo a testa, baixando o papel.

— Você vai me ignorar para sempre?

O suor escorre do couro cabeludo e desce pela testa. Seu olhar se levanta brevemente para o meu, impaciente e penetrante, antes que ele continue a se concentrar em sua tarefa.

Já faz muito tempo que não sou ouvida por ninguém e quero falar com alguém sobre Violet. Ninguém mais compartilha minhas memórias de Falling Stars e minha incrível tia-avó. Acho que cerca de metade das pessoas ainda vivas que se importavam com ela (ou, no mínimo, ele pode ter se importado com ela) estão nesta sala.

— Eles namoraram quando eram adolescentes, mas foram para escolas diferentes — digo a ele. — No último ano, ele terminou com ela e ela lhe enviou um cartão de *sinto muito por sua perda*. — Pode estar nesta pilha de cartas que estou folheando enquanto falo, na verdade. Ela salvou centenas delas, pilhas amarradas com fita xadrez de Natal. — Quando eles se reconectaram alguns anos depois, ele enviou a ela um cartão de *Por favor, me perdoe*.

Puxo a ponta de uma fita, uma nova pilha espalhando-se pelo chão. Que sorte.

— No início de seus vinte anos, Violet e Victor eram oficialmente apenas

amigos, mas obviamente ela ainda guardava rancor por ele a ter abandonado, porque ela sabia que ele era sua alma gêmea. Ela sabia desde o primeiro dia que Victor era o homem para ela, mas o Victor adolescente era um pouco espertinho e queria conhecer o terreno. Além disso, ele não viu dando certo porque, você sabe, ele era negro e ela era branca. Os relacionamentos inter-raciais não eram exatamente bem-vistos, embora suas famílias gostassem uma da outra.

Wesley, eu noto, tem afrouxado o mesmo parafuso por dois minutos agora. Ele não quer parecer que está ouvindo, mas sei que tenho público.

— Suas cartas eram de uma genialidade mesquinha. *Olá, Victor. Você seria um amigo querido e perguntaria a Henry se ele é solteiro? Estou morrendo de vontade de finalmente ser beijada por alguém que saiba o que está fazendo.*

Eu leio algumas em voz alta, mas tenho que continuar parando para rir. Violet atormentou Victor com recapitulações de todos os encontros que ela estava tendo com basicamente todos os outros garotos, exceto ele, e suas assinaturas eram um tumulto: *A Poderosa e Majestosa Violet Amelia Parrish, Conhecedora de Seu Valor, Você gostaria de ter isto, finalista Miss Bonitona 1953.*

Victor escreveu de volta com desespero febril, uma caligrafia atroz para transmitir sua paixão, confessando o quão ciumento ela o deixara.

— Victor estava trabalhando na loja de sua família em… Acho Cookeville. — Eu aperto os olhos. — Sim. Cookeville. Uma vez por semana, Violet se vestia com esmero e passava rapidamente por sua loja, toda despreocupada e deslumbrante, jogando na cara dele. Ela mandava fotos dela também, dela posando no capô dos carros de outros caras. — Eu gargalhei. — Ela realmente o fez pagar.

Eu verifico Wesley, cujo olhar se desvia. Ele remove lentamente a perna de uma mesa e começa a fazer o mesmo com a outra.

— Victor implorou para ela sair com ele novamente. Ela o deixou no gancho por um mês, mas é claro que cedeu e, eventualmente, eles se casaram na montanha Starr no meio de uma tempestade – secretamente, já que não eram legalmente permitidos. A noiva usava um vestido vermelho rubi para combinar com seu cabelo. — É a razão pela qual idolatro vestidos de noiva não tradicionais e por que, se um dia eu me casar, também quero usar uma cor brilhante. — Ninguém alugava uma casa para eles, mesmo que eles se candidatassem aos proprietários separadamente, porque todos sabiam que estavam juntos. O pai dela tentou comprar uma casa para eles, mas o banco também não lhe deu um empréstimo, então Victor e Violet tiveram que morar com os pais dela durante anos. Violet não me deu muitos detalhes negativos. Ela deu um acabamento brilhante à história, mas, pelo relato de Victor, eles foram muito assediados quando moravam em Cookeville. Quando seu negócio lhe rendeu dinheiro suficiente, eles compraram a casa mais remota que puderam encontrar e uma matilha de cães para protegê-los. Eles obtiveram uma licença de casamento de verdade em 1967, mas sempre mantiveram a simbólica lá em cima. — Eu aponto para a lareira. — Era mais importante para eles, já que eles mesmos a digitaram.

Eu procuro em mais cartas.

— Querida, Poderosa e Majestosa Violet Amelia Parrish, Anjo Entre os Mortais, Única Mulher para Mim: Estou implorando por outra chance. Uma vez

você me chamou de o homem dos seus sonhos. Tente se lembrar disso!

Wesley está parecendo mais severo do que nunca. Esta deve ser a cara que ele faz quando está firmemente decidido a não sentir qualquer coisa adjacente ao humor.

Tento outra carta. Vou fazer com que ele desista.

— Violet, por quanto tempo você vai me fazer sofrer? Eu não consigo dormir. Eu não consigo comer. Sua avó acha que você lançou um feitiço em mim e eu não me importo se você o fez, eu só preciso que você retire o feitiço ou se case comigo. Com amor, seu futuro marido (eu espero).

Ele morde o lábio.

— Minha querida Violet, eu vi você no rinque de patinação com James e meu espírito se transformou em quase nada. Lembre-se de que ser bom no tênis não significa ser superior em outras atividades no mundo real e eu serei milionário algum dia. Com os melhores cumprimentos, Victor.

Eu paro paralisada com o barulho curioso que pontua o apelo de Victor.

— Isso foi uma risada?

As sobrancelhas de Wesley se juntam. Ele não responde.

— Oh, vamos lá — eu provoco. — Você é tão *sério.* — Isso foi definitivamente uma risada. Ou um rato.

Eu não acho que ele vai responder. Pelo menos um minuto passa em silêncio. Mas então ele se aventura, quase com relutância:

— O que a fez dizer sim a se casar com ele?

— Ele quebrou o tornozelo em uma viagem para esquiar, mas Violet ouviu das mães conspiradoras que ele estava morrendo. Ela fez com que outro garoto com quem estava namorando a levasse para dizer seu último adeus. Ela deu uma olhada em Victor em sua cama de hospital, como a chuva, exceto pelo tornozelo quebrado, e disse: 'Você pode pedir agora.' Ele tentou se ajoelhar, com o gesso. Tia Violet nunca conseguia terminar de contar a história porque ela estaria rindo muito. — Eu sorrio. — Era sua história favorita para contar. Tio Victor adorava ouvir. — Acho que ele adorava ouvir porque fazia sua esposa rir. Ele sempre foi tão *apaixonado* por ela.

Pego outra pilha, mas afasto minha mão. Meu coração bate rápido.

Os artigos de papelaria de Lisa Frank. A letra cursiva diligente com corações pontuando os i's.

De: Maybell Parrish
309 Ownby Street
Gatlinburg, TN 37738

São doze cartas com doze endereços de remetente diferentes, o que, em retrospecto, explica por que nunca recebi uma carta de volta. Não acredito que mamãe as colocou no correio. Ela disse que sim, mas eu não acreditei nela. Não quando ela odiava Violet tanto e odiava como eu me apeguei a ela em um período de tempo tão curto. Ela não me deixou ligar ou visitar.

Começo a abrir um dos envelopes, mas não consigo concluir o processo. Eu fico olhando para a faixa amarelada na aba interna que uma jovem Maybell lambeu e selou, a viscosidade há muito desaparecida. Estou chocada por ela receber minhas cartas. Quando enviei a última? Na minha mente, eu as escrevi durante toda a minha adolescência, mas só vejo doze aqui e são todas do set de

Lisa Frank. Eu vasculho minha memória tentando me lembrar de quando parei de escrever. Tudo o que posso lembrar é que parei de pensar que isso importasse, que ela provavelmente nunca recebeu nenhuma. Tive o cuidado de não dizer nada negativo sobre mamãe ou nada negativo sobre minha vida em geral, já que mamãe tinha tendência a bisbilhotar e eu teria problemas com o que ela descobrisse caso ela não gostasse.

Enquanto recolho as cartas para colocá-las de volta na caixa, o canto afiado de uma Polaroid arranha minha palma. É uma foto da mansão, com uma menina na frente. Ela está com um macacão curto de veludo cotelê e um chapéu de balde, o rosto rosado de sol, os dentes da frente um pouco grandes. Eu quero chegar na foto e dar um abraço naquela menina, porque eu sei por que ela está sorrindo tanto. Ela pensa que está lá para ficar. Ela quer que sua tia maravilhosa a adote, então ela nunca terá que ir embora.

A casa atrás dela é cinza.

— Eu não entendo — murmuro, virando-a para o outro lado. Há uma inscrição cursiva, mas o lápis macio está gasto, exceto a letra M. — Era rosa. Por que eu me lembro de ser rosa?

Wesley não está olhando para a foto. Sua atenção está fixada em outro pedaço de papel que caiu da pilha: um velho recorte do *Daily Times*, datado de 1934.

Apaixone-se pelo Hotel Falling Stars!
Por Elizabeth Robin
THE DAILY TIME

NÓS AQUI DO *Daily Times* cobrimos a construção da pensão Falling Stars em 1884, quando o jornal tinha apenas um ano de idade. É apropriado que, no aniversário de cinquenta anos daquele artigo, estejamos de volta com a primeira olhada na renovação da mansão como um hotel de luxo. Adeus, latrinas e castiçais, olá, século vinte! O novo proprietário deixou moderno com um elevador e tudo elétrico

O recorte é cortado depois disso. À direita, não maior que cinco centímetros, está uma mancha em preto e branco de uma casa que eu conheceria em qualquer lugar. Uma mulher glamourosa, acenando e de batom escuro torce a mão em um alô sob uma arcada de ferro forjado escrita HOTEL FALLING STARS.

— Eu não sabia que nem sempre era apenas uma casa — digo a Wesley, estupefata.

— Eu não sabia que havia um elevador. Quando foi retirado?

— Não faço ideia. — É tão fascinante imaginar – um elevador aqui, na minha *casa*. — Eu me pergunto se ainda era um hotel quando Victor e Violet o compraram. Acho que eles têm este lugar desde os anos setenta. — Eu continuo falando no tempo presente. — Ou eles *tinham*.

Ele não acha isso tão fascinante quanto eu, evidentemente.

— Localização estranha para um hotel. Quem gostaria de vir até aqui?

— Nós viemos.

Ele olha para mim brevemente, então coça o queixo e alinha suas chaves de fenda em uma linha organizada.

— É bonito aqui — eu aponto. — Muitas trilhas para caminhadas. Montanhas para explorar. Eu não verifiquei todas as cidades próximas ainda, já

que estou tão ocupada. Algum bom restaurante ou shopping center em um raio de trinta milhas?

— Eu odeio restaurantes e shoppings — ele resmunga.

Caramba.

— Do que você *gosta*?

Se sua carranca é qualquer dica, Wesley não gosta dessa pergunta. Ele leva dois segundos para desmontar o resto da mesa e, depois de puxá-la para fora, não retorna.

• • • • • • •

Ao anoitecer, não aguento mais ficar em casa sozinha. Eu tenho que sair. Um nó dolorido que está subindo pela minha garganta desde que encontrei minhas antigas cartas para Violet se intensifica quando tento buscar refúgio na cabana – sua memória permanece lá também. Aonde quer que eu vá, uma nova onda de confusão ou culpa ou dor no coração se segue, ou uma lembrança engraçada que me deixa fora de forma, porque como posso rir quando é tudo tão terrivelmente *triste*, então decido colocar toda a minha atenção em seus desejos de morte.

Desejo 2. Victor pensou que havia um tesouro enterrado aqui, mas eu nunca encontrei nenhum. Para o explorador intrépido, as regras do "achado não é roubado se aplicam".

— Eu vou cavar — eu grito para Wesley, que está sentado na parte de trás de sua caminhonete com uma tigela de macarrão com queijo. Só posso supor que o motivo pelo qual ele não está comendo na cozinha da cabana é porque eu simplesmente estou lá. Ele tem me evitado a semana toda. Sempre que entro em uma sala, ele encontra um motivo para sair dessa sala. Quando tento bater papo, fico com os grilos.

Ele fica rígido com o garfo a meio caminho da boca.

— Cavar o quê?

Eu o ignoro. Provar o seu próprio remédio é saudável, de vez em quando. Para o galpão do jardim eu vou! Estou surpresa que a poeira não atire em todas as direções quando abro a porta, já que o zelador por aqui obviamente não está podando muito. Imagina ser um jardineiro profissional e ser pago para fazer o quintal de alguém parecer pior. Mas já adentro, estou surpresa ao encontrar um espaço arrumado. A porta não emperra. Alguém tem andado por aqui recentemente.

Wesley investiu uma fortuna em inseticida, admito. Ao longo das paredes sujas de madeira compensada estão pás apoiadas, um milhão de variedades de sementes, tesouras que ele não usa, um herbicida que ele não usa e um carrinho de mão cheio de caixas. Caixas de sapatos, caixas da Amazon, uma caixa de chapéu redonda. Estou prestes a levantar a tampa de um quando uma sombra desliza pelas minhas mãos e é arrastada para longe, sobre a minha cabeça. Um grande corpo se eleva atrás de mim.

Eu me abaixo, deixando escapar um "Aghh!"

Um rosto ilegível me examina, mas não diz nada.

Eu coloco a mão sobre meu coração.

— Como você continua se aproximando de mim desse jeito? Por favor, anuncie-se!

Wesley coloca a caixa de sapatos em uma prateleira fora de alcance, seguido

pelas outras caixas. Seu rosto está tenso enquanto seus olhos varrem os meus, avaliando se colocar as caixas fora de alcance vai me impedir. Vai. Estou curiosa sobre elas agora que sei que estão fora dos limites, mas subir em uma banqueta parece muito trabalhoso. A vida é curta, assim como eu.

— Calma, eu só estou aqui para pegar uma pá — eu explico, mal conseguindo pegar uma antes de Wesley me empurrar silenciosamente para fora do galpão sem me tocar, empurrando um ancinho como uma vara de shuffleboard em meus sapatos.

Assim que saímos, ele fecha o cadeado da porta e gira o botão.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Sério?

Seus olhos se desviam, como se ele estivesse entediado, e ele se vira para sair.

— Com uma atitude como essa, eu não vou compartilhar nenhum tesouro — eu digo para suas costas recuando. — A menos que você queira ajudar? Por acaso você tem um...

Desisto. Ele está voltando rapidamente para a cabana, onde espero que seu macarrão com queijo esteja frio. Algumas batidas se passam. Minhas mãos são bolinhas frustradas ao meu lado, e é como ser atormentada por valentões da escola novamente.

— Eu gostava muito mais de você quando você não era você! — Eu grito quando ele está a uma boa distância. Se ele ouve, não dá nenhuma indicação.

Frustrada, eu examino a floresta coberta de vegetação e mordo meu lábio. Tudo bem. Sempre acabo fazendo a maior parte do trabalho em projetos de grupo, de qualquer maneira.

Se eu fosse uma pessoa ridiculamente rica enterrando um tesouro (e você teria que ser ridiculamente rico para colocar parte dele em um esconderijo), eu o enterraria ao pé de uma árvore. Eu sigo uma trilha na floresta, mal tendo começado, mas já tentada a descartar isso como uma causa perdida. Quase trezentos hectares de possíveis esconderijos, e nem sei o que estou procurando. Eu cavo buracos aleatórios, suando, a pele dos meus dedos com raiva de segurar a maçaneta. Estou fazendo isso de maneira não econômica. Mas se não estou me dedicando ativamente ao que Violet queria que eu fizesse, como posso justificar a aceitação da casa? Eu não a mereço. Não escrevi, não visitei, não chorei. Também não tenho o direito de ficar triste, já que era muito esquisita quando ela ainda estava viva. Eu perdi a hora.

Uso a pá para fazer um corte raso na terra, depois subo e pulo com toda a minha força. Afundamos cerca de dez centímetros. Cada vez que bato na raiz de uma árvore, acho que vou descobrir um baú de tesouro.

Deixo a pá arrastar o solo enquanto vagueio, em busca de um grande X vermelho que marca o local. Isso seria muito fácil, é claro, e se o tesouro fosse fácil de encontrar, Violet e Victor o teriam encontrado sozinhos. Eu sei quando chego à parte da floresta que sempre esteve aqui quando uma velha, velha árvore irrompe no meio de onde dois caminhos se bifurcam. É lisa, descascada, coberta de musgo. Em um olho liso e espiralado, um coração foi esculpido. Dentro do coração, iniciais.

Eu sigo a gravação com o polegar: *V* + *V*. Tão comovente que eu poderia

derreter, a evidência duradoura do amor que sobreviveu a ambos. Como seria conhecer um amor assim? Para gravar meu nome no coração de outra pessoa? O meu foi derrubado e quebrado muitas vezes, sustentado por um otimismo puro e idiota, algumas costelas e talvez magia.

A vegetação ao meu redor muda, as árvores diminuindo até se transformarem em plantas domésticas em vasos coloridos. A bétula amarela e as amoras se achatam, tornando-se padrões unidimensionais no papel de parede. As cigarras mudam de tom, agora uma melodia baixa saindo da jukebox, e minhas mãos não estão em carne viva e com bolhas por causa de uma pá, mas por causa do óleo de uma fritadeira. Entre um passo e outro, eu desapareço da floresta e me rematerializo em meu próprio mundinho.

— Não é sua culpa — Jack me diz, saltando para o meu lado.

Minha mente sempre, sempre perde o equilíbrio e pousa em Jack, a menos que eu esteja cuidadosamente, conscientemente, escolhendo meus passos.

Eu suspiro, alisando minhas mãos sobre a bancada familiar em meu café, as cabines de vinil vermelho, a janela fria eternamente manchada pela chuva. O mar agitado da minha pressão sanguínea se acalma, estabelecendo-se em um lago parado e sem ondas.

— Sua tia esteve aqui mais cedo — ele me diz suavemente. — Ela teve que ir, mas ela queria que eu lhe dissesse como ela estava feliz por te ver ontem. O quanto ela aprecia suas visitas.

Um sino musical enquanto a porta se abre, que a outra dimensão pode filtrar como o som de folhas sendo esmagadas sob os pés enquanto uma mulher caminha pela floresta. Quem gostaria de ser ela, quando posso ser essa Maybell em vez disso? Quando aqui estou equipada com onisciência para matar o desconhecido em seu berço, e sou a arquiteta de cada coração e da intenção de cada coração?

Eu sorrio agradecida para Jack, que sempre vai me ouvir, sempre me colocar em primeiro lugar, nunca me rejeitar ou me trair.

— Obrigada, eu precisava ouvir isso.

Sirvo donuts para clientes amigáveis e converso com a inventora do Check Your References, um aplicativo que permite que você avalie a precisão dos perfis de namoro online de seus ex-namorados. Ela se apresenta como Gemma e me diz que mal pode esperar para voltar amanhã para mais uma das minhas maravilhosas torções de canela. Posso dizer que seremos grandes amigas.

Tropeço em um ladrilho quebrado, que se transforma em um galho quando o examino de perto e, tão rapidamente quanto sopro para dentro do café, caio dele, caindo com força na terra molhada e folhas de louro.

No escuro.

— Caramba. De novo não.

Eu cavo meu bolso em busca do meu celular para verificar quanto tempo esse lapso de tempo durou, mas não o encontro. Meu celular está na cabana. E a cabana está...

Eu me viro em um círculo delirante, o pulso disparado. Está escuro e a floresta está muito, muito barulhenta de repente. Apenas alguns momentos atrás, a única coisa que eu podia ouvir era a introdução de uma música chamada “Everywhere”, que soa como sinos de vento e dá a sensação de abrir um

romance de fantasia épica bem gasto. Agora estou sendo engolida pelos pios de corujas barradas e passos pequenos e peludos. Asas de morcego. Um exército de mineiros de tesouros mortos-vivos procurando eternamente o tesouro, possivelmente.

— Está tudo bem — digo a mim mesma com firmeza, soltando um suspiro baixo que acidentalmente se transforma em um assobio. — Você não pode estar muito longe. Você ainda está na trilha, então...

Estou parada onde a trilha diverge em duas. Se eu escutar com atenção, acho que posso ouvir o universo rindo. Junto com mais galhos quebrando.

É quando me lembro da densa população de ursos negros nesta parte do Tennessee.

Meus joelhos se liquefazem.

Estou imaginando o baque de patas pesadas, tento me convencer, me arrependendo de ter deixado cair minha pá em algum lugar e não poder usá-la como arma. Com certeza estou imaginando como o som se aproxima. Eu aperto meus olhos com força, como se isso fosse reorganizar a realidade para ser mais do meu agrado. Tirar um dos meus sentidos torna tudo pior, minha audição se aguça para compensar. Não estou imaginando os passos se aproximando.

Mais perto, mais perto.

Eu quero correr, mas meus braços e pernas travam em vez disso; que maneira terrível de descobrir que meus instintos, na pior das hipóteses, estão todos errados. Estou congelada no lugar. Eu vou ser atacada por um urso e vou ficar aqui e deixar isso acontecer, sem fazer sequer um grito. Até o urso ficará confuso.

E aí está ele.

Ele olha para mim, a luz da lua polvilhando as curvas de suas feições. Os ursos não têm cabelos louros ondulados nem camisetas de algodão. Estou tão feliz em ver Wesley Koehler que choraria e pularia sobre ele, se ao menos pudesse tirar meus pés do chão.

Ele espera. Observa. Ainda não consigo falar e ele opta por não falar.

Finalmente, minha voz começa a funcionar novamente.

— Eu criei raízes — eu digo fracamente. Ele deve pensar que sou uma bebê enorme. Não posso negar que ele está certo. Esta noite vou dormir com todas as luzes acesas.

Lentamente, ele estende a mão com a palma para cima. Eu examino as pontas dos dedos pálidos a uma pequena distância, como se isso pudesse não ser real, mas seu gesto tem um efeito estranho em meus músculos, libertando-os. Estou me movendo antes que eu perceba.

Eu coloco minha mão sobre a dele, que ele puxa levemente, me puxando. Uma vez que estou segura ao seu lado, ele deixa sua mão cair, então faz um gesto para que eu prossiga por uma das trilhas.

Seu ritmo é medido para que eu possa acompanhá-lo, a trilha é larga o suficiente para acomodar nós dois caminhando lado a lado. Está totalmente escuro agora. Espero sinceramente não estar alucinando com esse resgate, que parece algo que eu faria se fosse comida viva por um urso e decidisse que preferia não estar presente no momento. Com o canto do olho, olho para Wesley, que está olhando para frente. Eu não acho que minha imaginação poderia pintar

a tensão que ele irradia, apesar de sua consciência de mim, mas a recusa em olhar na minha direção. Irritado por ter que parar o que quer que estivesse fazendo e vir me salvar de ser morta por alces ou pedras caindo ou um rio que eu não esperava.

Não acho que minha imaginação teria banda larga, enquanto eu jorro sangue como uma fonte, para gerar detalhes realistas como o pequeno rasgo em sua manga, a mancha de sujeira em seu braço, o corte em seu queixo por causa da barba. Quando meu braço acidentalmente encosta no dele, eu não acho que imagino como sua mão aperta. Se eu estivesse inventando isso, o mínimo que eu poderia fazer como um presente para mim mesma seria projetar um Wesley que sorrisse para mim. E carregasse uma lanterna de nível militar.

Ainda não nos falamos quando emergimos da floresta, a maré de árvores nos empurrando para fora e nos jogando bem na varanda da cabana. A televisão está ligada, vozes abafadas batendo contra a porta. Ele abre. Há um prato na mesinha de centro com uma refeição apenas meio comida, a ponta do garfo deitada no molho como se tivesse caído com pressa.

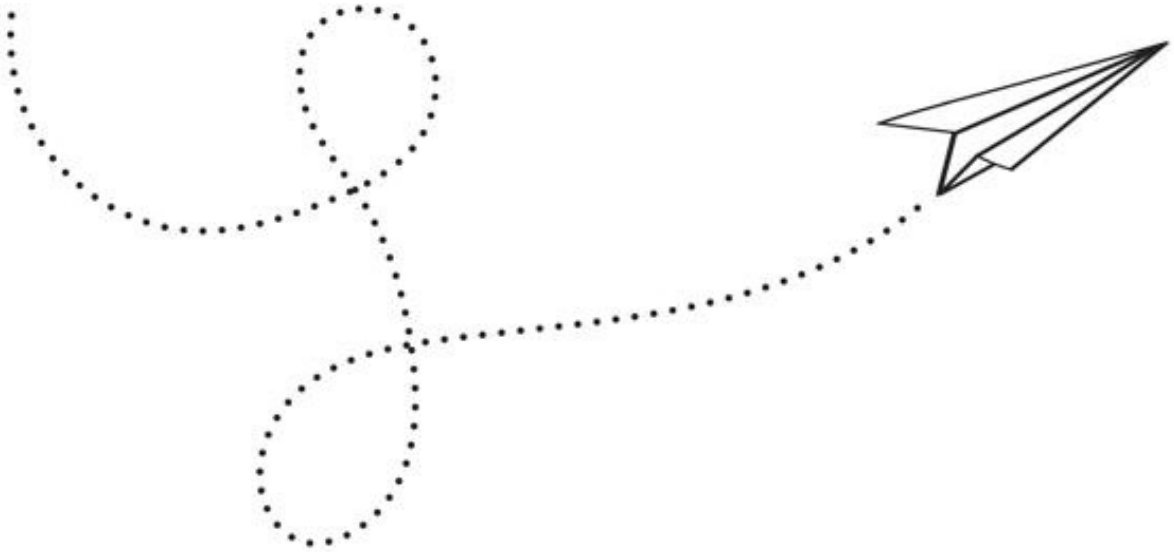
Abro minha boca para dizer *Obrigada por me encontrar, por me guiar de volta*, mas Wesley não me concede a oportunidade. Ele puxa a corda da escada suspensa e sobe para o quarto. Só quando estou diretamente atrás dele é que noto as costas de sua camisa, onde se lê PAISAGISMO KOEHLER, tecido mais escuro de saturação. Sua nuca brilha. Está frio o suficiente do lado de fora, já que a ponta do meu nariz está dormente e meus dentes estão batendo, mas Wesley, nem mesmo usando uma jaqueta, está encharcado de suor.

• • • • • • •

Naquela noite eu sonhei em preto e branco. Abro a porta da frente da cabana para descobrir que todas as árvores se foram, apenas colinas suavemente inclinadas e flores de fumaça de pradaria em todos os lugares, em todos os lugares, até onde os olhos podem ver. Elas se inclinam para cima e para baixo uma da outra na brisa, cada tufo monocromático um aceno de olá feliz. A mansão eleva-se maior do que a vida, atada com rosas trepadeiras em vez de trepadeiras estranhas. Há um arco de ferro forjado na frente – HOTEL FALLING STARS - e abaixo, em cores vivas, Wesley espera por mim com uma expressão ilegível, a mão estendida.

Eu me sento na cama.

Capítulo 7



— Eu sei o que devemos fazer com Falling Stars.

— Santuário animal — Wesley responde mecanicamente, tomando seu café. Eu o ataquei furtivamente na cozinha às sete da manhã, uma hora antes de normalmente sair da cama. Não quero pensar que ele se levanta intencionalmente uma hora antes para evitar esbarrar em mim, mas meu lado cético está desconfiado.

Ele observa os donuts com curiosidade, que eu assei em meio a um frenesi de planejamento às quatro da manhã, especificamente com o propósito de suavizá-lo. Ele pega o prato.

Abro a boca e uma única palavra surge na minha língua como uma bolha.

— Hotel.

Ele retrai a mão. Observo sua guarda se elevar como defesas em torno de um castelo. Sou cheia de metáforas quando não durmo muito.

— Sabe? — Eu já estou estragando isso. — Quero fazer da casa um hotel de novo, como estava naquele jornal que você encontrou.

— Não encontrei aquele jornal, você encontrou.

Estou tentando fazer disso uma ideia dele, para que ele seja mais receptivo a ela. Requer ginástica lógica. Eu coloco meus dedos juntos na mesa como minha melhor amiga executiva imaginária.

— Falling Stars Hotel, dois pontos zero. É a ideia perfeita.

— Um hotel — ele repete.

— Sim.

Nossos olhares se fixam, e é perturbador o quanto sua atenção pesa quando ele decide me prender com ela em vez de olhar direto para além de mim como geralmente faz. Ele tem cílios longos, castanhos na raiz e claros nas pontas. As sardas em suas bochechas, as mechas douradas de cabelo ondulando em todas as direções acima das sobrancelhas grossas e severas – os efeitos de cada detalhe se transformam em um retrato extremamente perturbador que irá me descarrilhar se

eu não lutar muito contra a corrente.

— Não — ele diz, desprovido de emoção. Wesley não precisa, nem se importa, em ser querido de forma alguma; duvido que minha opinião pudesse tocá-lo. Aqueles que se importam menos sempre têm a vantagem.

Sempre quis ser amada e sempre quis ser adorada por absolutamente todas as pessoas com quem tenho contato, mesmo que temporária e inconsequentemente. É minha força motriz mais dominante e ao mesmo tempo mais enfraquecedora, o que me leva a atenuar vários desejos e necessidades a fim de me tornar digerível, fácil de conviver. A essência de Maybell Parrish é dolorosamente sensível e, se você tocá-la, ela se retrai e tenta se render. Para o melhor ou pior (e certamente tentei ser qualquer um menos eu mesma), sou uma bandeira branca vacilante.

Não. Simples assim.

Minha reação natural é dizer "ok" e me fazer boa e pequena e fora do caminho, muito discreta para incomodar novamente. Mas mesmo que minha ideia tenha apenas algumas horas, ela está queimando em mim como um demônio do fogo. Eu *quero* isso. Ninguém pode fazer isso acontecer por mim, a não ser eu mesma.

Eu me inclino para frente, combinando com sua determinação. Isso surpreende a nós dois.

— Sim.

— Você está sugerindo que, em vez de morar na casa, eu deixe um bando de estranhos dormir nela. Não há como você me convencer a concordar com isso.

— Me deixe tentar.

Ele dá boas-vindas ao desafio, gesticulando para que eu vá em frente. Estou repentinamente nervosa – ele não percebe quanta voltagem levou para eu me erguer e estou estalando agora com um excesso de energia elétrica que meu corpo não está acostumado a fornecer; eu tenho que agarrar o assento da minha cadeira para não pular dela. Eu posso ir com calma.

O discurso de vendas que passei ensaiando a manhã é como poeira no vento. Minha mente é um grande vazio branco.

— Eu realmente, realmente, realmente quero isso — eu imploro, com a garganta áspera.

Eu vejo meu fluxo de energia redirecionar no ar. Wesley se inclina para trás em sua cadeira, cruzando seus impressionantes braços bronzeados, retirando-os em um sifão. Meu cérebro pisca. *Antebraços.*

Shh, eu me repreendo. *Agora não.*

—Você sabe que tipo de empreendimento isso seria? — ele pergunta placidamente.

Eu me encontrei em uma entrevista de emprego sem nenhum aviso. A entrevista mais importante da minha vida. Estou vestindo uma camisa de Sonny & Cher com o zíper quebrado e há uma mecha de farinha no meu cabelo. Eu deveria ter um retroprojetor transmitindo gráficos de pizza na parede e mais de cinco horas de sono no deck.

— Na verdade, sim. Tenho experiência na indústria de hospitalidade.

Um pouco do meu poder muda de mãos, voltando para mim.

— Fui coordenadora de eventos em um hotel. Um dos maiores hotéis em Pigeon Forge, Around the Mountain Resort and Spa. — Ele não pode negar que

eu definitivamente trabalhei lá. Ninguém vivo tem mais produtos do Around the Mountain Resort & Spa do que eu. É tudo o que tenho para mostrar durante uma década de trabalho árduo, junto com uma mensagem de texto de Paul que chegou há meia hora: *Você está demitida*. Eu estava esperando por isso. Estou surpresa que ele demorou tanto para brandir o machado, na verdade. Mas sou certinha até o âmago, orgulhosa de minha forte ética de trabalho, e ler essa mensagem me deixou suando frio. Ainda estou tensa com isso, o estômago jogando badminton com meu café da manhã.

Wesley adquire um olhar calculista, esfregando o queixo.

— Que tipo de eventos você coordenou?

Ahhhhhhhh. Uma boa pergunta. Estou bem com esta boa pergunta.

Eu lanço um sorriso cativante para esconder o quanto eu preciso que ele diga sim.

— Todo tipo. Planejei um festival de outono coberto em setembro. Muito grande. — É tecnicamente verdade. Eu planejei um festival de outono, com os trabalhos: Espantalhos, máquinas de névoa, chocolate quente e cidra. Uma barraca onde você podia pegar maçãs e depois decorá-las com chocolate, caramelo e doces. Passeios de charretes. Concursos de fantasias de Halloween e esculturas de abóboras. Atividades aconchegantes e voltadas para a família que agradam a todas as faixas etárias. Me levou duas semanas sem sono para analisar os números do orçamento, entrar em contato com fornecedores locais que poderiam contribuir com suprimentos e elaborar uma proposta perfeita. Pechinchei por descontos, barganhei, a exaustão me derrubando sobre o teclado, descobrindo que era mais provável persuadir contatos por e-mail do que por telefone, especialmente se eu mudasse minha assinatura para o ambíguo M. Parrish.

O projeto não superou o primeiro obstáculo, que foi conseguir a aprovação de Christine, minha co-coordenadora. Chorei no carro durante o intervalo do almoço e me odiei por isso. Christine Malvada provavelmente nunca chorou quando alguém lhe disse não. Ela provavelmente apenas enfiou um prego no pneu deles e se sentiu melhor.

Com meu próprio hotel, posso dar luz verde a qualquer projeto que eu quiser. Nenhum gerenciamento indireto para me dizer que minhas ideias são muito grandes ou pouco práticas, que estou sendo idealista ou não vendo o quadro todo... Eu tiro aquela trilha escura de pensamento, as vozes internas condescendentes que borbulham.

— Ok, então você tem alguma experiência — Wesley admite a contragosto.

— Mm-hmm! — Mentir não é fácil para mim, nem cai bem na minha consciência, então espero parecer inocente.

Eu empurro o prato de donuts mais perto de Wesley, minha determinação férrea. Ele será mais amigável com o estômago cheio, e ninguém pode ficar mal-humorado quando está comendo donuts recheados de geleia. É biologia.

Ele pega um. Termina em três mordidas.

— Isso é bom.

Tem que ser, com todo o sangue, suor e lágrimas que coloquei para dominar a receita.

— Assar donuts é um hobby meu. Eles são quase tão deliciosos quanto os de

Violet, eu acho. — Sinto que estou começando a brilhar de orgulho e abaixar um nível. As pessoas chamam de *desagradáveis as* mulheres que se gabam de suas realizações. — Os dela eram lendários.

— Violet costumava cozinhar?

O olhar dele desliza para a folha de papel roxa colada na parede da sala de estar, depois de volta para mim. Há um brilho estranho em seus olhos.

— Ela adorava cozinhar. — Não acredito que ele não sabia. — Ela nunca fazia donuts quando você morava com ela?

Ele balança a cabeça. Dá um tapinha nas costas da mão.

— Artrite fazia difícil para ela fazer qualquer coisa na cozinha. Eu cozinhava tudo, exceto quando estava fora em um trabalho, e então Ruth ajudava.

— Oh. — Uma pequena lasca do meu coração se parte.

— Ela gostava de assistir programas de culinária na TV, no entanto — ele acrescenta pensativo. — Os de feriados do Food Network eram os favoritos dela.

Eu percebo que ele me desviou do meu lance de hotel e direcionou para ele de outro ângulo. Sou uma coordenadora de eventos confiante e capaz. Eu mereço esta promoção de gerente de hotel depois de todo o trabalho duro que não pude fazer.

— O hotel será uma fonte confiável de renda — indico. — Lembre-se de que Violet não está mais aqui para pagar seu salário.

— Eu ganho uma remuneração decente fazendo paisagismo para empresas. Violet não me paga há meio ano, graças ao QVC, Home Shopping Network e aos catálogos que eles sempre enviam. Não tenho muitos inimigos, mas se um dia eu conhecer Lori Greiner… — Seu rosto fica turvo.

Oof.

— Bem. Pense em todo o dinheiro que você economizará em gasolina se não tiver que fazer todos aqueles trabalhos de paisagismo. De agora em diante, são apenas ruas fáceis para você. Nenhum esforço, nenhum envolvimento necessário com o hotel. Simplesmente viva sua vida e ganhe uma porcentagem dos lucros. — Estou oferecendo a ele um reino aqui e ele nem mesmo aprecia isso.

— Eu gosto desses trabalhos. Como aquele campo de golfe? — Ele toma um gole casual de café. — Com aquela mulher, Gemma, quem é a razão de você ter uma foto minha no casamento do meu irmão no seu celular. O *porquê* você ainda não compartilhou.

Eu coro, rezando para todos os deuses nórdicos e alguns gregos para bloquearem ele de ler minha mente.

— Não me esqueci disso — termina ele, impassível.

Eu faço uma representação perfeita de Wesley, optando por ignorar o que ele disse.

— A propósito, eu queria agradecer por me encontrar ontem à noite — Ofereço a ele meu melhor sorriso de donzela em perigo. — Me salvou de ser comida pelo Pé Grande.

— O Pé Grande habita o noroeste do Pacífico e segue uma dieta vegetariana — ele responde suavemente. — Como eu.

Eu.

O que.

— *O que?*

— Sou vegetariano — responde ele na voz de uma paciente professora de jardim de infância. E então este homem se serve de outro donut. Ele está me trollando? Acho que estou sendo enganada, mas não consigo dizer. Meu tipo de personalidade Myers-Briggs é INFP. Damos a muitas pessoas o benefício da dúvida.

— De qualquer forma — ele continua — de nada. Mas, por favor, não torne isso um hábito. Não quero atrair ursos para a casa tendo comida circulando por aí.

— Eu sou comida?

— Você vai virar se continuar se perdendo na floresta. Lá fora é a casa deles, não a nossa.

Como ele continua redirecionando essa conversa?

— É uma casa grande. Há muito espaço de vida para nós, juntamente com os hóspedes.

— Eu nunca vou concordar com isso.

— Eu nunca vou concordar com o santuário de animais de fazenda, então.

Xeque-mate. Ele arqueia uma sobrancelha, a mandíbula tensa.

— Eu sei que você não considerou minha opinião em seus planos — eu continuo, assistindo em tempo real enquanto ele avalia minha influência inevitável sobre seus objetivos de vida, — mas eu sou co-herdeira, amigo. Seu remake pessoal *de A Menina e o Porquinho* não está acontecendo sem o meu consentimento.

— Esses… — Ele soa sufocado. — Isso não é comparável. — Wesley e eu estamos ambos inclinados para frente agora, quase nariz com nariz. Um guardanapo amassado aparece em seu punho. — Você quer um hotel, o que significa *pessoas* no meu *espaço de vida.* — Ele não esconde a pura repulsa que tal cenário inspira. — Um santuário animal não afetará você de forma alguma. Eles vão viver do lado de fora.

— Vou ter que sentir o cheiro.

Ele lança um olhar fulminante para o teto, moendo seus molares.

Talvez eu esteja jogando sujo, mas não é justo que ele tome todas as decisões.

— Tudo bem. O hotel também não afetará você. Há espaço suficiente no primeiro andar para muitos quartos de hóspedes, que concordamos ser o *meu* andar. Você terá que manter o segundo andar para você e odiar as pessoas como quiser.

Ele se inclina para trás novamente, a boca descendo nos cantos. Ele está tentando descobrir como argumentar sobre isso, mas também não quer que eu interfira em seu sonho de encher nosso quintal de cabras geriátricas. Deve ser assim que parecem as negociações obscuras de chantagem em escritórios de colarinho branco.

— Então você estaria transformando o solário em um quarto — diz ele astutamente.

— Não sei. Provavelmente.

A carranca se intensifica, como se ele estivesse tentando resolver uma equação matemática complicada. Eu riria se não houvesse tanto em jogo.

— Eu quero o solário.

— Por que?

— Porque eu quero.

Barganha! Eu amo barganha.

— Vou te dar o solário pela cabana.

Wesley recua.

— Por que?

Eu poderia fazer toneladas de coisas com esta cabana. Se eu contratar outro gerente, ele poderia viver nela. Ou eu poderia usá-la para uma suíte nupcial, já que Falling Stars seria um local incrível para casamentos. Mas se eu disser a Wesley que quero fazer casamentos na casa dele, ele pode virar a mesa.

— Porque eu quero — eu respondo da mesma forma. Seus lábios se apertam. Eu o imito, sentindo que estou perto de uma resolução aqui, perto de vencer.

Ele tenta fazer um tratamento silencioso para que eu desista. Quase funciona, mas meu desconforto com longos silêncios me faz reagir de forma estranha e me afasto dando uma piscadela para ele.

Ele me encara com os olhos arregalados, como se eu tivesse crescido outra cabeça.

— Que raio foi aquilo?

— Uma piscadela?

— Piscadela é estranho.

— Você é estranho.

— Isso é uma coisa bizarra de se fazer, fechar o olho para alguém.

Eu encolho os ombros.

— Pode ser meio sexy, eu acho.

Wesley está visivelmente desconfortável, mas a piscadela é eficaz.

— Tudo bem, você tem um acordo. Eu fico com o santuário animal, você fica com o seu hotel. O que é uma ideia terrível, aliás. — Ele já está se levantando e indo embora.

— Não é! — Eu canto em suas costas recuando, contando os donuts restantes. Ele comeu três. Estou vendo isso como mais uma vitória.

• • • • • • •

Foram três dias depois de termos fechado um acordo e não concordamos em nada desde então. Além disso, a mansão está tentando me matar. Tudo que eu quero fazer é amá-la, e ela responde jogando gesso em mim e movendo a vassoura e a pá de lixo para onde eu não as coloquei pela última vez. Cada vez que abro uma janela para me livrar da nuvem densa de poeira e lustra-móveis que fica pendurada na altura do nariz, ouço uma vibração e olho para ver a janela caindo novamente. Dois pares de luvas de borracha se desintegraram em mim de alguma forma, mas felizmente a bagunça se recompõe e mais pares de luvas reaparecem na lareira da sala de estar. Junto com um frasco de pomada, que ajudou a curar as bolhas que aquela pá idiota deixou em meus dedos.

Wesley está indo de quarto em quarto no andar de cima e se livrando primeiro de coisas quebradas, ou coisas que estão enferrujadas, vencidas, arruinadas por danos causados pela água, etc. Depois que o lixo óbvio é tratado, ele classifica o que sobrou. Eu, no entanto, escolho atacar a bagunça de uma vez, o que resulta em um milhão de pilhas cujos propósitos são difíceis de manter em linha reta. Continuamos batendo um no outro na porta da frente e no quintal, os braços muito ocupados, cada um se recusando a oferecer ajuda ao outro se um

item cair. Eu verifico o que quer que ele jogue na lixeira, mas se eu olhar na sua metade da casa além da minha, essa limpeza vai levar anos.

Sempre que passo por Wesley, a imagem dele sob o arco de ferro em meu sonho pisca para a vida, aqueles olhos sondando os meus como se eu pudesse oferecer a resposta a uma pergunta de longa data, ou eu me lembro dele na floresta escura ao meu lado, um protetor sólido, e é irritante. Não quero associar sentimentos doces a essa pessoa que fica carrancuda o dia todo.

— Para que você quer o solário? — Não consigo resistir a perguntar em um ponto, quando estamos passando um pelo outro no foyer.

— Por que minha foto está no seu telefone? — ele atira de volta tão rápido, ele já devia estar pensando nisso.

Eu resmungo enquanto me afasto e ele sobe as escadas. Eu estou incrivelmente feliz por ter dito que queria ficar com o primeiro andar, porque não consigo imaginar o que subir e descer a grande escadaria está fazendo com suas panturrilhas.

Na verdade...

Tento dar uma olhada, mas ele é rápido demais para mim.

A próxima vez que nos encontramos, é porque ele está com um armário quebrado que não consegue passar pela porta. Eu poderia ajudar, mas ele não *me* ajudou quando eu estava tentando enrolar um tapete e ele me viu lutar contra ele. Então eu me inclino contra a parede e cruzo os tornozelos, observando.

— Hmm. Está tendo algum problema aí, parceiro?

Ele grunhe, empurrando com mais força.

— Por favor, tome cuidado para não arranhar a moldura da porta.

Ele revira os olhos.

— Por que não? Precisamos de uma nova moldura de porta, de qualquer maneira.

— Ok, bem. Se você riscar, será responsável por colocar a nova. — Não sei por que estou me sentindo particularmente argumentativa hoje.

— Tente se preocupar com você mesma — ele sugere. — Você está fazendo isso de forma tão ineficiente que dói.

— Estou sendo *minuciosa.* O que Violet diria se visse você tratando os pertences dela assim? Tão insensível.

Achei que a lembrança de Violet iria alfinetá-lo onde dói, mas ele não se importa.

— Eu mesmo informei a ela exatamente o que faria com seus pertences. Eu disse a ela várias vezes, depois que ela me disse que eu herdaria tudo. De qualquer forma, não a vejo aqui. Ela não tem que lidar com essa bagunça. Nós temos. — Percebo como ele olha furtivamente para o teto, como se o fantasma de Violet Hannobar pudesse estar boiando por lá, de olho em nós. Talvez tenha sido ela quem o fez tropeçar nas escadas antes quando eu gritei que tinha descoberto seu segredinho (eram os restos de um sanduíche de bacon, ao qual ele cuspiu, com o rosto vermelho, que era bacon vegetariano; eu dei uma mordida e cuspi de volta, confirmando que ele estava contando a verdade).

Ele está demorando uma eternidade com o armário. Ele tem que parar para uma pausa em intervalos, o suor escorrendo por sua pele corada, salpicando sua camisa.

— Precisa de alguma ajuda? —Eu pergunto. Eu sou um anjo.

— Não.

Deus, ele é teimoso.

— Eu não ia ajudar, de qualquer maneira.

— Eu sei. Mal posso esperar para ver você tentar arrastar a mesa de sinuca sozinha para fora da sala de bilhar.

Eu aponto meu nariz mais alto no ar. Já estava no ar para começar, porque eu tenho que puxar minha cabeça todo o caminho para trás para olhar nos olhos dele (é rude que ele pelo menos não se curve), mas eu tenho que me tornar a maior que eu puder. Uma voz igual.

— Estou mantendo a mesa de sinuca.

— É? Junto com todos os bichinhos que você tem morando nela?

— Que bichinhos… — Eu torço meu nariz quando a compreensão aparece, e ele quase sorri, eu posso ver um sorriso se formando, mas ele o reprime.

A porta do armário se abre, o lixo deslizando para fora.

— Oh! — Exclamo, me curvando para pegar uma caixa. — Ei, eu vi isso em comerciais! — Pego um massageador de cabeça de sua embalagem e inspeciono a coisa. Parece um batedor quebrado, mas se eu encaixar as pontas no couro cabeludo, é… — *Ooooh,* isso é bom. — Wesley observa confuso enquanto meu cabelo se transforma em uma erva daninha.

— Isso é do segundo andar — ele me diz — o que o coloca sob minha jurisdição. Você não pode ficar com meu lixo.

Meu guaxinim interior fica amuado.

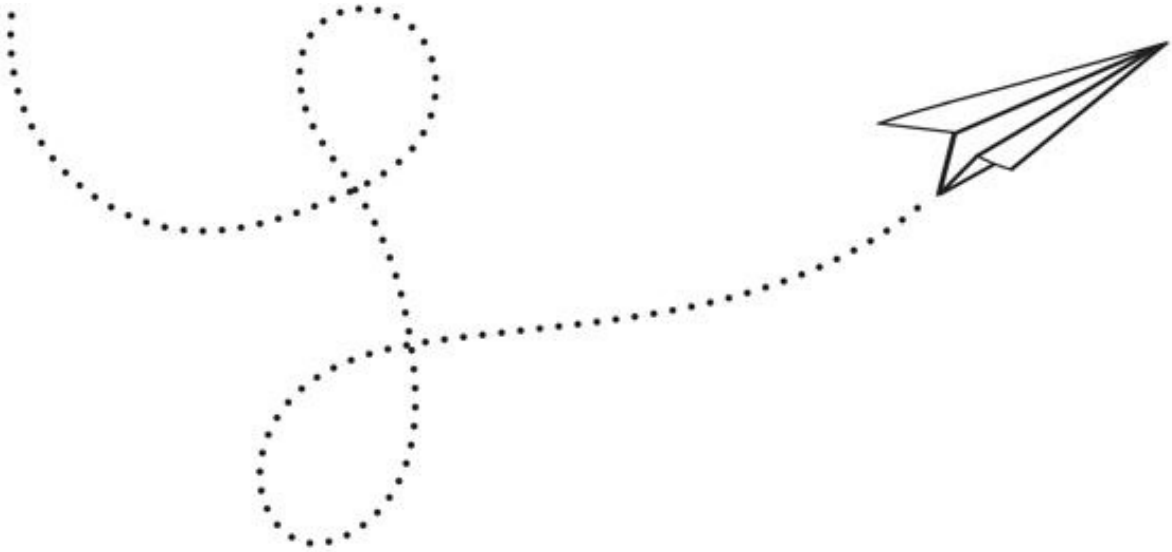
— Você não pode usar minha cozinha, então.

— Há uma cozinha no andar de cima. Está em melhores condições que a sua, na verdade.

Eu pressiono o armário para torná-lo mais pesado. Ele se afasta de mim, e é o ângulo certo para finalmente empurrar os dois para fora da porta.

— Obrigado! — ele gorjeia. Eu faço uma cara realmente feia para ele, e acontece de novo: aquele quase sorriso. Ele luta contra ele e vence. Eu acho que ele está sob uma maldição – se ele rir, ele vai morrer. Esta é uma explicação sensata para mim. Não é que eu não seja uma alegria de estar por perto, é que ele vai literalmente morrer.

Capítulo 8



Maybell’s Coffee Shop AU tem um cheiro de mofo e alguns sacos de lixo se acumulam ao longo da parede.

— O que está acontecendo aqui? — Jack pergunta, valsando.

— Estou renovando.

Ele acena com a cabeça, passando os olhos pelo café.

— Parece maior.

— Eu soltei as costuras das paredes para nos dar alguns metros extras. Estou pensando em adicionar um hotel ao café. O que você acha?

— Acho que é a melhor ideia que já ouvi em toda a minha vida. — Ele tira uma mecha de cabelo do meu rosto. — Mas eu não estou surpreso. Suas ideias sempre me impressionam. — Sua voz cai uma oitava. — Então, quando você vai me deixar levá-la a Veneza no meu jato particular, sua linda gênia?

Eu suspiro. Por alguma razão, Jack simplesmente não está funcionando pra mim hoje. Estou achando sua presença irritante.

— Próxima vez? — Eu proponho, e seu sorriso esperançoso desmorona. Ele está arrasado, é claro. Jack está me perseguindo há meses.

A luz vermelha no telefone rotativo pisca: *VIDA REAL Ligando.*

— De qualquer forma, a vida está muito agitada agora — digo a ele, virando-me para verificar a quantidade de bolinhos de maçã no forno. — Vamos tentar mais uma… — Oh, aquela luz vermelha estúpida não para de piscar.

Eu envio a chamada para o correio de voz.

— Maybell! — uma voz agravada ressoa nos alto-falantes.

— Raghh, eu estava prestes a sair, de qualquer maneira! Me dê um minuto para encerrar isso – droga! — Queimei meus bolinhos de maçã. Aqui! No meu café mágico onde nada queima! Eu giro novamente e limpo o café com um movimento de minha mão. Wesley está batendo na porta do meu quarto.

— Você está aí? — ele pergunta. Rude.

Eu pulo para fora da cama, rápido demais, gerando uma estática cerebral

confusa. Cada vez que sou interrompida no meio do sonho, é um lembrete embaraçoso de que perdi o contato com a realidade mais uma vez. Eu fico irritada.

— O que? — Eu grito de volta.

— Desculpe incomodá-la. — Seu tom é *irritado*. Se eu precisar de um graveto bem grande, saberei exatamente onde encontrar um. — Os caras da lixeira estarão aqui em trinta minutos para pegar seus contêineres, então temos que ter certeza de que esvaziamos a casa o máximo possível.

— Eu tenho a minha metade limpa.

— Tem certeza? Parece que ainda há muito lixo.

Eu abro a porta. Wesley dá dois passos para trás.

— Isso não é lixo — eu respondo educadamente. — É tudo que posso manter ou doar.

— Aquele sofá roxo-avermelhado já viu dias melhores. Quer dizer, tem molas saindo e… — Ele para de falar quando seu olhar se concentra no meu peito. Talvez não meu peito, mas meu colar. Meu sangue não pode dizer a diferença e sobe à superfície, manchando a área em questão.

Estou usando o pingente de Violet que encontrei embaixo da minha cama junto com um coelhinho de poeira e um lápis colorido. Está carimbado com o número *51* para comemorar o quinquagésimo primeiro aniversário de Violet ou seu quinquagésimo primeiro aniversário de casamento, e eu remexi uma corrente para conseguir manter algo precioso de Violet perto do meu coração.

Eu vejo os músculos do rosto de Wesley relaxarem, a dor crua que ele expõe por apenas um segundo antes de enviá-la de volta para o esconderijo.

— De qualquer maneira. — Ele limpa a garganta. — Trinta minutos. — Seus olhos arrastam para baixo minha roupa. — Não é tarde demais para adicionar mais à lixeira.

Mensagem recebida e ignorada. Estou usando joias da minha bagunça: botas de cowboy, uma gravata turquesa, um top camponês de strass e culotes de ouro. Não consigo imaginar desperdiçar todas essas peças marcantes e interessantes. Tudo que eu já ouvi sobre o senso de moda está errado. Menos não é mais; mais é mais.

— O que? — Eu digo docemente, adicionando um chapéu de sol com cerejas e um véu ao meu conjunto. — Eu *disse* que essas roupas ainda eram úteis. E você disse que ninguém jamais as usaria. Pah!

Ele estremece.

— Dói olhar para você.

— Você me fez queimar meus bolinhos de maçã, então estamos quites.

— Quando eu fiz isso? —Ele se anima, farejando o ar. — Você fez bolinhos de maçã?

—Aqui. — Eu entrego a ele o chapéu. Ele olha como se eu estivesse oferecendo um gambá morto, sem tirá-lo das minhas mãos. Tento colocar na cabeça dele, mas ele é muito alto. Eu jogo uma partida de ferraduras, que um de nós acha muito divertido.

Ele cai em sua cabeça após sete tentativas.

— Preciso tirar uma foto disso. — Eu procuro meu telefone.

— Outra para a coleção? — Ele não está sendo mau, eu acho, mas ele tira o

chapéu e empurra meu telefone. — Não gosto de tirar fotos.

— Por que não?

— Só não faça isso.

— Você está no programa de proteção à testemunhas?

Ele balança a cabeça, indo embora. Já se passaram menos de três minutos e ele já está cheio de mim.

— Por que é aí que sua cabeça vai?

Eu o sigo para a casa, tentando alcançá-lo, mas nunca consigo acompanhar seu ritmo. É como se ele estivesse tentando escapar ou algo assim. Mais evidências de que ele está sob a proteção de testemunhas.

Eu pulo sobre ele na cozinha, que está começando a se parecer com uma cozinha novamente. Wesley está apenas meio escondido por caixas e potes de armazenamento, oitenta porcento das quais estão cheias de conchas de plástico e espátulas. Não tenho coragem de me livrar de boas conchas e espátulas. Ou os panos de prato de salmão, que estão um pouco comidos pelas traças, mas ainda podem ser úteis se eu precisar limpar a graxa do fundo do meu carro. E algumas xícaras quebradas, às quais posso dar uma segunda vida com algum tipo de projeto artesanal. Entrarei no mundo da fabricação de mosaicos.

— O que é isso? — Eu cutuco sua garrafa térmica de chá doce.

— Veneno — ele murmura. — Portanto, não beba.

— Eu não vou beber o seu chá. Imagine só: eu colocando minha boca na garrafa térmica de outra pessoa. — Eu olho para a tampa e imagino. — Se acalma.

— Se você sabia que era chá, por que perguntou? — Ele se vira para se encostar no balcão. A janela acima da pia fica bem atrás dele, transformando o que quer que esteja escrito em seu rosto em uma silhueta indecifrável.

— Não há mais ninguém por aqui com quem conversar. Não sei como você pode ficar tão quieto o tempo todo, a menos que esteja brigando. Você é o colega de quarto mais argumentativo e menos falador de todos os tempos.

Ele não responde, o rosto se inclinando para cima. Acho que ele está enfatizando meu ponto. E me examinando, parece. Minha pele fica quente e coçando.

Não gosto de silêncios carregados. Quando alguém está quieto, tendo a supor que ele está pensando coisas desagradáveis sobre mim, então tenho que conter esse fluxo distraindo-o com uma conversa. A conversa prova que sou uma ótima pessoa e um material de amizade definitivo.

— Eu não sei nada sobre você, realmente — eu divago. — O que é estranho, você não acha? Se vamos viver juntos por… — Não considerei por quanto tempo viveremos juntos. Se nenhum de nós quiser desistir de Falling Stars, poderíamos estar vagando pela propriedade juntos como velhinhos. Ele já é mal-humorado quando jovem – não consigo imaginar o tipo de luz do sol que seus noventa anos reservaram para nós.

Ainda sem resposta.

— Tratamento de silêncio de novo? — Eu mudo para uma postura defensiva, os braços cruzados. — Muito maduro. — Acho que ele sabe que ficar parado em frente à janela transforma seu rosto em sombra, toda a luz me atingindo e me iluminando. Vulnerabilidade e incerteza se instalam.

— Você deveria ver como seu rosto parece — ele pondera após um tempo. Sua voz soa diferente. Mais rouca. O volume não mudou, mas as palavras são registradas em meus ouvidos como vindas à queima-roupa; não estamos nem um pouco próximos e ainda assim poderíamos estar em um armário apertado, sua boca bem acima da minha orelha. Um arrepio desce pela minha espinha. Eu odeio pensar como meu rosto está *agora.*

Eu não tenho resposta para isso, então eu saio pisando duro. Eu posso estar errada, mas tenho certeza que ouço uma risada sombria ondulando atrás de mim.

• • • • • • •

Estou com fome de atenção humana e Wesley é o oposto de um amigo caloroso, então ligo para minha mãe. Quando ela não responde, encontro o número de telefone de Ruth no calendário de Violet, que ainda está preso à geladeira da cabana. O quadrado para o vigésimo oitavo dia de abril está rabiscado com uma escrita instável que involuntariamente leva para o vigésimo nono: *Dr. Porter 13:45*.

Eu me pergunto se alguém cancelou a consulta de Violet com o Dr. Porter. É enervante pensar nela parada aqui marcando o calendário com os planos de abril que nunca serão concretizados.

— Oi, aqui é Maybell — pratico enquanto o celular ainda está tocando. — Estou ligando para checar! — Não sei por que checaria com a assistente de saúde domiciliar de minha tia morta, ou se ela se importaria, mas agora é tarde demais.

Ela não atende. Estou aliviada e desapontada.

Eu vasculho gavetas e armários na cabana. Dobro minha roupa. Ajusto o arranjo de bugigangas acumulados em uma prateleira em meu quarto. Era ridículo da parte de Wesley pensar que deveríamos jogar fora os globos de neve que perderam sua água – eles parecem bolas de cristal mágicas agora.

Pego um bilhete antigo que trouxe comigo quando me mudei para cá: é de Violet, uma de suas raras respostas aos meus cartões de Natal. *Estou tão feliz em ouvir de você! Espero que você aproveite suas férias e esteja passando bem. Com amor, Violet.* Esta nota prova que não fui uma decepção total. Ela ainda me amava. Ou talvez ela estivesse apenas dizendo por dizer… talvez ela estivesse apenas sendo legal… exceto que ela me deixou a casa, então ela provavelmente me amava… exceto que ela a deixou para Wesley também...

Ainda estou carregando a nota, perdida em meus devaneios, quando a voz de Wesley floresce inesperadamente sobre meu ombro e eu grito.

— Aghhh!

Ele salta para trás.

— Jesus.

— Pare de se aproximar sorrateiramente de mim! Pelo amor de Deus!

— Eu não estou! Estou aqui há uns cinco minutos. Como você não ouviu o sinal do microondas?

Estou na cozinha, evidentemente. Wesley está comendo restos de DiGiorno, colocando-a na boca enquanto ainda está fumegante.

— Oh.

Ele sacode a cabeça com a minha nota.

— Tudo o que eu estava dizendo é que eu escrevi isso.

— Você o que? — Eu viro a nota, como se pudesse haver uma segunda nota no verso.

— Eu escrevi isso em nome de Violet. Lembro-me de supor que era para uma das velhas amigas de Violet, por causa do nome Maybell. — Ele encolhe os ombros.

— O que há de errado com o nome Maybell?

— Nunca disse que havia algo de errado com ele — ele responde levianamente. — De qualquer forma, alguns caminhões de mudança vieram para transportar móveis e itens caros para o leilão. Violet era uma colecionadora, mas para nossa sorte ela tinha algumas coisas boas escondidas aqui e ali. As joias devem ter um preço alto, especialmente, e se formos econômicos, poderemos usar todo esse dinheiro para financiar reformas.

— Vou anunciar um leilão — Informo-o. — Para os itens que você pensou serem muito inconsequentes para levar a leilão em Maryville. — Tento não parecer acusatória, mas é um assunto delicado. Tenho a sensação de que Wesley trava uma batalha eterna entre a necessidade de ser o papel de parede e a peça central. Ele assume o comando em situações, mesmo quando ele não quer e eu quero. Deixe-me ser a peça central! Eu adoraria a oportunidade de brilhar. — Ainda há tantos produtos nas caixas, novos em folha, que é estúpido não tentar vendê-los.

— Aqui? — A pizza que ele está segurando vira para o lado, um cogumelo escorregando. — Um leilão aqui?

— Sim. — Eu não consigo resistir. — Sua expressão. É como se uma pessoa pudesse ser crocante.

— Crocante? — Ele faz uma careta.

— *Essa é a* sua outra expressão. Você tem duas delas. Uma é crocante e a outra é leite azedo. — Eu aponto, sorrindo. — Espera. Essa é nova. *Mistificado.*

É como se ele acenasse uma varinha sobre o rosto, o quão rápido ela fica em branco.

_ Sua expressão é… — ele começa, então se cala.

— Vá em frente — eu o desafio.

— Deixa pra lá. — Suas bochechas estão ficando rosadas. Sem mistificado, sem leite azedo, sem crocante. Quase se pode pensar que Wesley Koehler ficou envergonhado.

Isso me dá vontade de cutucar o urso.

— O que você ia dizer?

— Nada.

Ele sai pisando duro e eu rio. Ele pisa mais forte.

É tudo diversão e jogos até que ele me rastreia depois que o lixo foi retirado, jogando-me luvas de borracha e um esfregão.

— Espero que você não se importe de sujar as mãos, senhorita grande coordenadora de evento.

Estou preguiçosamente esticada em uma banheira vazia com pés em forma de garra que inexplicavelmente fica no centro do salão de baile, lendo as partes obscenas de um dos velhos arlequins de Violet. Ele olha para a capa e um músculo em sua bochecha salta.

— Estou sujando as mãos desde que cheguei aqui — retruco secamente. —

Você não é o único que fez algumas viagens para a lixeira, senhor.

Mas acho que não apreciei a ironia até agora, passando as luvas sobre os dedos, de que estou sendo forçada a assumir o papel de empregada novamente. Gostaria que tivéssemos orçamento para contratar uma equipe de limpeza profissional, mas temos que economizar dinheiro sempre que possível e isso significa fumigar, pintar, esfregar, lustrar, aplicar remendos, tudo por nós mesmos. Meu olhar dispara para os cantos do teto, onde Violet pode estar nos observando e, só pode ser presumido, rindo perversamente. Estou começando a visualizá-la com chifres em vez de uma auréola.

— Não misture produtos químicos. Certifique-se de manter as janelas abertas durante a limpeza. Se você desmaiar, uma ambulância demorará meia hora para chegar aqui.

— Obrigada, cara. — Dou-lhe o polegar para cima, mas minhas luvas são muito longas, então parece que estou estendendo a mão em um ângulo estranho. — Estou ciente de que misturar produtos químicos é proibido, mas é bom saber que se eu desmaiar, você nem me levará ao hospital.

— Foi você quem disse que eu poderia estar economizando dinheiro na gasolina — ele responde, deixando-me sozinha para consertar o primeiro andar. Não é justo. Ele vai fazer o chão muito mais rápido, já que tem todos aqueles músculos para ajudar. Acho que seu regime de treino envolve troncos como levantamento terra.

Você sabe o que é péssimo? Ainda não ter eletricidade ligada. Se eu pudesse passar uma mangueira de aspirador ao longo dos rodapés, isso evitaria que minhas costas tivessem que se inclinar e jogar os detritos em uma pá de lixo a cada cinco segundos. Acho que um gato está morando aqui também, porque sempre que estou varrendo vejo pequenos pêlos de gato flutuando para longe de mim, *recusando-se* a serem espanados. As paredes na ala oeste não são tão ruins, mas apresentam muitas marcas de arranhões. Se eu puder esfregar isso, vou economizar um trabalho de pintura.

Corro para o fundo da escada e grito:

— Você viu as Esponjas Mágicas?

No começo, acho que ele está me ignorando. Mas então um objeto pesado bate entre o chão e as paredes. Eu abro o elevador de carga quebrado no saguão para encontrar um pedaço de tijolo que se soltou da chaminé, um pedaço de papel colado na frente. *NÃO.* Em letras agressivas.

— Você não poderia simplesmente ter gritado isso? — Eu grito pela rampa de metal. — Isso exigiu mais trabalho do que dizer não!

Fecho a porta e, um minuto depois, o elevador de carga bate novamente. Pego o controle remoto de um avião de brinquedo. A mensagem colada neste aqui diz: *você pode me trazer os lenços de lysol?*

Esse homem é incrivelmente mesquinho com seus decibéis e deve ter as cordas vocais mais bem preservadas de todos os tempos. Quando tiver cem anos, ele será capaz de cantar como o Coro do Tabernáculo Mórmon.

Resmungando, pego os lenços da cozinha, que está funcionando como nossa base para materiais de limpeza, e os levo escada acima.

— Aqui embaixo — ele chama do final de um corredor à minha direita, estendendo a mão para fora de uma porta para acenar. Eu não faço entregas na

porta da frente. Eu jogo os lenços como uma bola de futebol no mesmo momento que ele emerge, o que significa que o pacote o acerta no pescoço.

— Ai!

—Desculpe.

— Por que você fez isso?

— Eu disse desculpe! Por que você não foi buscá-los você mesmo?

Ele franze a testa e gira o ombro, o que, em minha opinião, é um pouco dramático. Eu não bati em seu ombro.

— Minhas pernas estão cansadas.

— Assim como as minhas! — Elas não estão, na verdade, mas meus braços e costas estão, então eu quero crédito.

— Não é você quem sobe e desce escadas o dia todo.

— Se você me deixar ter alguns quartos neste andar para meus hóspedes, eu serei sua garota de recados — eu ofereço. — Você nunca mais terá que descer de novo.

Ele despreza.

— Sem chance.

É quando minha atenção se concentra na pilha de Esponjas Mágicas usadas no quarto que ele acabou de desocupar. Elas estão na frente de um guarda-roupa de marfim ornamentado que combina com o que eu tenho no andar de baixo, seu espelho oval embutido refletindo minha fúria.

— Seu *mentiroso.*

Wesley segue minha linha de visão.

— Oh, *aquelas* Esponjas Mágicas. Desculpe. Acabei de usar a última.

Pego os lenços Lysol de suas mãos e jogo no elevador de carga.

Ele tem a coragem de dizer:

— Eu realmente não os queria de qualquer maneira — nas minhas costas enquanto eu marchava, pisando forte o suficiente para fazer chover mais gesso abaixo nos pisos que acabei de varrer.

• • • • • • •

O humor comum em Falling Stars aumenta de irritação para francamente irado quando decidimos trabalhar durante o almoço e jantar, subsistindo com pretzels vencidos de Violet e chá doce de Wesley, que ele não sabe que está compartilhando.

A noite está caindo, mas não quero ser a primeira a desistir. Roubei algumas espiadas e sei que ele tem quatro quartos no andar de cima totalmente impecáveis. Mas de que adianta um bilhão de quartos se você não vai se agarrar a nenhum móvel para colocar neles? É assustadoramente vazio lá em cima. Até mesmo seus pensamentos ecoariam.

— Teremos que religar a eletricidade — Wesley compartilha quando finalmente desce as escadas pesadamente pela última vez. Eu sei que ele terminou o dia porque trouxe todos os seus sacos de lixo com ele. Eles cheiram fortemente a alvejante, o que me faz voltar no tempo para Around the Mountain e seu cheiro persistente de cloro.

Graças a Deus esse dia acabou. Eu deixo cair meu espanador extensível, caindo ao longo de uma parede.

— Depois dos leilões, espero que tenhamos dinheiro suficiente para cavar

uma piscina — eu digo em voz alta.

Uma risada sufocada explode da garganta de Wesley.

— Teremos sorte se fizermos o suficiente para cobrir todos os custos de novos pisos, novas janelas, novos tubos, nova parede de gesso – a única piscina que você pode pagar é uma daquelas de crianças, que são redondas e de plástico, vendidas na loja de um dólar.

— Pessimista.

— Um de nós tem que ser realista.

— Eu entendi — eu gemo. — Você é o Sr. Homem Realista e não tolera boas vibrações ou caprichos, mas sabe, cara, você está realmente começando a me irritar.

— Sr. Homem Realista? Que tipo de loteria de super-heróis eu perdi? E para sua informação limitada, você não é a única que deseja que este lugar tenha algum sucesso. — Como um santuário animal. O que, aliás, não dará lucro. Como sou *eu* a não-prática aqui?

Ele continua a contabilizar os custos. Um eletricista. Novo isolamento, que ele me diz que vai nos poupar dinheiro em aquecimento e resfriamento a longo prazo, o que eu já sabia. Mansplainer. Sugiro painéis solares e ele está visivelmente com inveja por não ter pensado nisso primeiro.

— Devia consertar aquele elevador de carga — ele menciona. Quero fazer uma piada usando a palavra *idiota,* mas estou muito cansada.

— Precisamos contratar um paisagista de verdade — digo, acrescentando à lista.

— *Eu* sou um paisagista de verdade.

A grama na altura da cintura, a seis metros de Falling Stars, dobra de tanto rir.

— Você é? O terreno está uma bagunça.

— É um ecossistema.

Justificativa preguiçosa para uma bagunça.

— Quando *eu* fiquei aqui — eu respondo levianamente, e ele me ouviu começar frases o suficiente desta forma que ele já está revirando os olhos — o quintal estava imaculado. Sebes perfeitas. Grama curta. Havia violetas e rosas e todos os tipos de flores lindas que você realmente podia ver, não cobertas por ervas daninhas.

— Aquelas não são ervas daninhas. — Ele aponta para a parede, como se eu tivesse visão de raio-X e pudesse ver o que está lá fora. — Isso é capim-junco de Caim. Grama-maná de Smoky Mountain.

— Bem, parece horrível.

— Ugh. Eu não aguento – você está apenas… — Ele passa a mão pelo cabelo. Do jeito que está fazendo isso, ele vai terminar a semana com calvície.

— O que? É verdade. Você não sabe nada sobre jardinagem? Você quer ter plantas que sejam agradáveis de se ver. Tulipas. Boca-de-leão. Vou te enviar um link.

— Violet me instruiu especificamente a cultivar essas plantas em grandes quantidades porque são espécies ameaçadas de extinção, junto com a *Spiraea virginiana*, a *Sieversia radiata* e a *Silene ovata*, porque a conservação é mais importante do que a estética inútil de sebes bem cuidadas. Vou *te* enviar um link.

— Ah. — Eu fico ereta, mas não me sinto assim.

Wesley pega toda a altura que acabei de perder e adiciona à sua, elevando-se sobre mim.

— A conservação da natureza era importante para Violet. Não sei se foi quando *você* ficou aqui, mas ela me contratou depois de ouvir sobre a diminuição do número de Abetos Fraser e Ginseng sendo pego nos parques. Ela sentiu que era sua responsabilidade, com uma área considerável à sua disposição, repor o que os humanos destruíram. — Ele está ficando todo agitado com isso. — É bonito? Não necessariamente. Às vezes, o caos serve a um propósito maior.

— Mas você quer destruir isso, você disse. Para sua casa de repouso para porcos.

— Em primeiro lugar, não é a primeira vez que você menciona porcos — ele me diz, veemente. — Quando eu disse porcos? Não que eu não vá pegar porcos, mas você continua voltando para esse animal... — Ele acena com a mão. — Deixa pra lá! Não estou destruindo tudo, apenas alguns acres e nenhuma das plantas ameaçadas de extinção. Uma parte da propriedade é selvagem, mas pode ser alterada sem prejudicar o meio ambiente.

— Então… parte da propriedade é simplesmente negligenciada, você quer dizer.

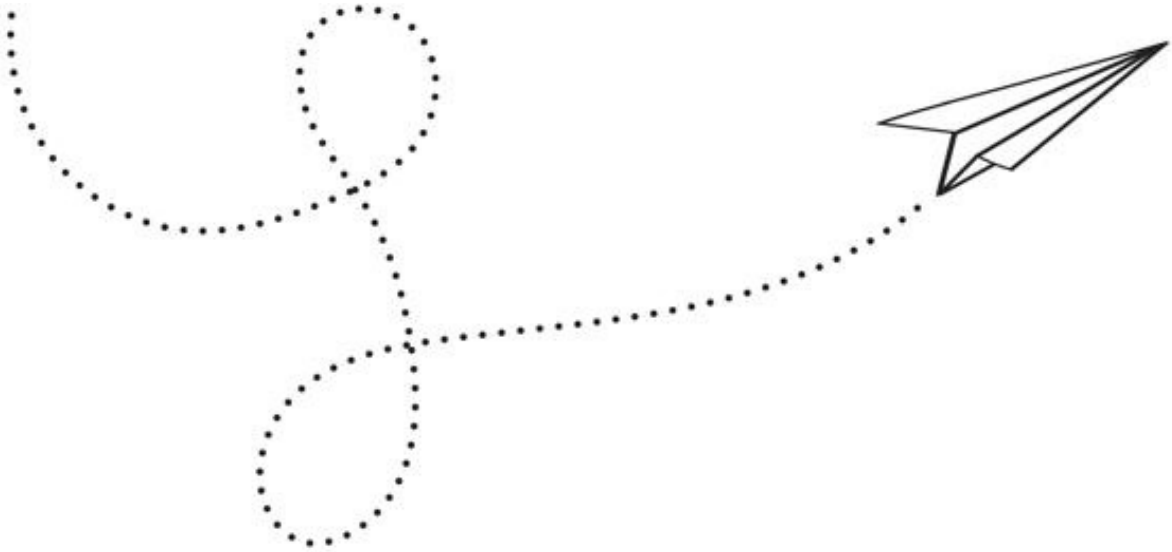
— Você acha que isso é negligência? — Ele inclina a cabeça, os músculos faciais se contraem, e dá um passo em minha direção, depois outro, aproximando-se do meu espaço pessoal. Oh, uau. Quando seus olhos brilham assim, eles não me lembram root beer ou moedas de bronze. Eles são adagas brilhando na luz das estrelas. Ele nunca invadiu meu espaço pessoal antes, como se eu fosse um ogro a qual se pode intimidar, então devo ter realmente tocado um nervo. — Você não tem ideia de quanto trabalho eu coloquei naquela terra. Eliminação de espécies invasoras e adição de flores para atrair aves ameaçadas de extinção. Mais de cem caixas acondicionadas para abelhas polinizadoras nativas. A loucura tem um método.

Não tenho nada inteligente para dizer.

— Ok, mas ainda não parece bom.

Se eu pudesse ler auras, acho que a de Wesley seria sombria como o céu noturno agora. Seu olhar selvagem se fixa em mim por tempo demais, o que faz meu sistema nervoso disparar; minha reação automática é sorrir, e ele definitivamente entende do jeito errado. Ele se afasta e não fala comigo por dias.

Capítulo 9



Desejo 3. Maybell, querida, eu ficaria emocionada se você pintasse um mural no salão de baile.

Wesley estava certo: não haverá dinheiro suficiente no orçamento para uma piscina subterrânea. Estou grata, no entanto, em informar que o meu leilão rendeu uma boa grana. Em que Wesley não ajudou. De modo algum. Ele se escondeu no quarto o tempo todo e não desceu nem quando eu tentei tentá-lo com hambúrgueres vegetarianos, porque ele achou que era uma armadilha. (Era. Eu precisava de ajuda para colocar uma cadeira na parte de trás da caminhonete de uma adolescente, mas ele nos viu tentando de sua janela e saiu para ajudar. Ele compensou o momento de gentileza com olhares excessivos.)

Se eu não posso oferecer aos meus hóspedes um mergulho refrescante em uma piscina, eles podem pelo menos ficar no salão de baile e se maravilhar com minha pintura gigante de uma lagoa em cascata.

Estou tendo problemas para fazer a tinta fazer o que quero com ela; está pingando no lambril em vez de ficar parada. Tento misturar cores à la Bob Ross e elas são muito fracas, mais parecidas com a memória da cor do que o pigmento verdadeiro. Minhas árvores são manchas verdes claras. Não consigo fazer os ramos se distinguirem, então adiciono preto para definição e acabo com bolhas maiores. Tenho bolhas pretas enormes e desbotadas de cada lado de uma mancha azul que deveria ser uma cachoeira.

— O que você acha? — Eu pergunto em voz alta. É muito solitário, então gosto de imaginar que Violet e Victor estão por aí, me fazendo companhia. Victor finalmente saiu de seu velho quarto abafado, que eu ainda não consigo entrar, relaxando com algumas revistas de fantasmas na biblioteca. *Boa moradia* e *vida (após a morte)*. Victor amava suas revistas. Sempre que vejo um *guia de TV* no caixa do supermercado, sou transportada de volta para a poltrona ao lado da cama de Victor, lendo para ele a seção “Cheers & Jeers”. Seu programa favorito era *The King of Queens* e ele me dizia, toda vez que eu assistia um

episódio com ele, que *ninguém tem alcance como Jerry Stiller.*

— Perfeição — eu respondo para mim mesma, porque isso é exatamente o que Victor teria dito sobre meu mural de desastre.

Violet, eu acho, gentilmente me diria que eu fiz um bom trabalho, e então à uma da manhã eu a pegaria refazendo meus esforços.

— Pensei que poderia ajudar apenas um *pouquinho* — ela diria culpada. Então ela me distrairia com espontâneas panquecas de chocolate. Ela as fazia para o jantar às vezes, como um tratamento especial, o que eu achava a coisa mais incrível. Panquecas de chocolate para o jantar! De pijama! *Não conte a ninguém*, ela sussurrava zombeteiramente, mesmo que a única outra pessoa em casa fosse Victor e ele adorasse encorajar a indulgência em guloseimas especiais.

— Violet, acho que deveria ter contratado um profissional para isso — digo. No verão em que morei aqui, encontrei uma revista em quadrinhos do *Garfield* na biblioteca e prontamente passei por uma fase de desenho em quadrinhos. Violet e Victor foram excessivamente elogiosos ao meu plágio evidente de uma história em quadrinhos sobre um rato preguiçoso que adorava espaguete e me fizeram acreditar que era um gênio. Talvez Violet tenha me pedido para pintar um mural porque ela achou que eu cresceria para ser mais talentosa.

O céu em meu mural parece o mar, e a lagoa parece… como alguém que não sabe pintar tentando fazer uma lagoa e que não demorou muito. Não tenho paciência para desenvolver a habilidade necessária para isso.

Quando eu era criança, este quarto era o único fragmento de Falling Stars que eu particularmente pensei que poderia ser melhorado. Quando você diz a uma criança de dez anos que tem um salão de baile, ela vai imaginar o de *A Bela e a Fera*. E então, quando ela descobre que o chão tem carpete felpudo cor de pêssego, as janelas são adornadas com cortinas florais pesadas que você encontraria em um Best Western, e o piano não é nem mesmo um piano de aparência antiga, mas sim um piano vertical que pertence a uma igreja – bem, aquela criança não ficará impressionada.

— Vamos conseguir um piano de *cauda* adequado — murmuro, enxugando meu pincel em uma poça azul. — Ou um cravo. O tapete precisa ser arrancado, com certeza. Você não pode dar um baile de máscaras animado nessas condições.

—Um o *quê* animado*?*

Eu me viro no meu banquinho, o pincel pingando cerúleo em minha saia. Wesley precisa de um maldito sino no pescoço.

— Uhh… — Procuro uma boa mentira. Você não pode ter um salão de baile e *não dar* um baile de máscaras de feriado – a ideia é uma loucura – mas ele não precisa saber que esse evento em particular está em seu horizonte até o dia em que ele entrar e ver eu e meus quarenta melhores convidados vestidos em traje da Regência. Porque sim, fantasias são absolutamente necessárias. — Uma bola de beisebol. Eu quero jogar uma bola de beisebol.

Ele levanta as sobrancelhas. Eu sorrio com todos os meus dentes e começo a estimar quanto trabalho daria para colocar um diamante de beisebol na propriedade. Tudo o que sei sobre beisebol pode ser associado até aquela cena de *Crepúsculo.*

Em seguida, seu olhar desliza para o mural.

Ok, então não parece que um especialista fez isso. Não sou uma artista, exceto quando se trata de sabores, cobertura e granulado. Mas ele não tem que olhar para a minha pintura *desse jeito*, com os lábios fechados em torno de um tácito *Hmm.*

— Em você — eu exclamo. — Vou jogar uma bola de beisebol em você, se você não mudar de cara.

Wesley se esforça para mudar seu rosto.

— Você está usando aquarelas?

— Sim.

Ele avalia a parede como se estivesse com dor.

— Por que? Isso importa? — Eu amo aquarelas. Elas são tão sonhadoras e serenas.

Gemendo no fundo da garganta, ele joga a cabeça para trás e sai direto da sala.

Eu fico olhando o lugar onde ele estava.

— Isso *importa*?

Eu aperto os olhos para a minha pintura, me esforçando para vê-la através dos olhos de outra pessoa. Não é recomendado. Eu escorrego para trás dos meus próprios olhos novamente e pondero os méritos das tapeçarias pintadas por números. Isso seria considerado trapaça?

Wesley retorna com uma grande bacia de plástico retangular, cheia de garrafas de tinta artesanal.

— Uau! — Eu vasculho o arco-íris de cores, algumas novas, outras um quarto cheias, com filetes de tinta seca circundando as tampas. — Onde você encontrou tudo isso?

— Andar de cima.

Eu agito uma garrafa de amarelo girassol.

— Mas são novos. Você acha que Violet...

— Esses são acrílicos — ele interrompe calmamente. — Acho que você vai achar mais fácil trabalhar com eles.

— Certo, ótimo. — Eu espremo um pouco de almirante azul em um prato de papel. — Obrigada.

Wesley vai embora, e ele está certo, os acrílicos são uma maneira muito melhor. A tinta fica onde eu quero, espessa e vibrante. Eu começo a cantarolar, balançando meu pincel, até que Wesley reaparece e arranca o pincel de minhas mãos. Eu franzo a testa para minha mão vazia, ainda no ar, até que ele cutuca um novo pincel entre meus dedos.

— Use este aqui — ele me diz, e desaparece novamente.

Mas não por muito tempo.

Cada vez que me viro, ele está pairando na porta. Não consigo me concentrar enquanto ele está fazendo isso.

— *O que?*

Parece que ele quer tanto pintar e mal consegue se segurar, pressionando os nós dos dedos contra os lábios, a outra mão segurando o cotovelo.

— Nada — ele murmura.

Eu abaixo meu pincel, que tem cerdas mais lisas do que o anterior e aplica a tinta de maneira mais uniforme.

— Vamos lá, diga logo.

— É apenas… — Ele começa a apontar, então passa os dedos pelo cabelo timidamente.

— Escute, se você tiver alguma dica, sou toda ouvidos. Não sei por que Violet me pediu para pintar um mural. Não pinto desde a aula de arte no colégio.

Wesley perde o controle e se arrasta sobre uma cadeira, posicionando-a a meio metro da minha. Ele pensa de novo na distância entre nós, então a arrasta mais trinta centímetros na direção oposta.

— Isso deveriam ser árvores? — Ele pergunta benignamente com um movimento em direção às minhas bolhas verde-pretas, para as quais não posso deixar de rir.

— Se você teve que perguntar, acho que elas estão muito ruins.

— Não! Nada mal. De jeito nenhum. — Mentiras. — Aqui, tente isso. — Ele pega dois pincéis com cerdas planas em leque da bacia de plástico, um para ele, um para mim, e os mergulha na água. Limpa o excesso com cuidado contra um pano manchado de tinta. — Essas são perfeitos para árvores coníferas. — Ele aplica tinta verde-caçador e cria um pinheiro realista em segundos, como se não fosse nada.

— Você nem sempre precisa ter seu pincel carregado de tinta — diz ele. — Se você deixar desaparecer, acabará com galhos mais suaves. Aí você volta assim, com um pouquinho de amarelo. Esses pincéis também são úteis para a grama. — Ele demonstra, mal batendo com as cerdas contra a parede, mas conseguindo deixar para trás traços de penas de grama verde-amarelo.

Eu o copio.

— Ahh! Olhe minha árvore! Eu fiz uma árvore!

— Muito bom — ele responde, embora sua árvore seja muito melhor.

— Você se importaria de me ajudar?

Wesley não precisa ser convencido. Ele pergunta o que eu gostaria que ele fizesse, e eu o coloco para trabalhar nas árvores. Tento espelhar o que quer que ele faça no meu lado do mural, mas fico parando para vê-lo trabalhar. Ele faz todos os tipos de árvores, usando diferentes pincéis para os troncos, para diferentes texturas. Ele sabe exatamente qual pincel é o certo para o resultado que deseja. Quais cores usar.

— Você é muito bom nisso — eu digo.

Ele resmunga evasivamente, o braço parando seus movimentos. Ele leva um tempo para voltar ao ritmo e, enquanto observo seu progresso, também vejo suas bochechas e pescoço ficarem vermelhos.

Eu não posso acreditar. Ele está autoconsciente.

— Não, sério, você é um verdadeiro artista — me forço a dizer a ele, como se estivesse tentando acariciar um cachorro que pode me morder. — Você é ótimo.

— Não de verdade. — Ele se contorce.

— Você deve pintar o tempo todo, então? Para ser tão talentoso? — Há algumas pinturas de paisagens penduradas na cabana, mas presumi que ele ou Violet as compraram.

—Eu não... Eu não sou tão bom. — Wesley esfrega a nuca. Acho que elogiá-lo está piorando as coisas. É tão humanizador ver essa batata com amido gigante ficar toda rosa e agitada simplesmente porque estou testemunhando suas árvores

fofas. Isso me faz querer elogiá-lo mais, que é um desenvolvimento preocupante.

— De qualquer maneira. — Ele vira o ombro e tenta se virar para que eu não possa ver seu rosto. — Luz. E sombras. Hum. Então, olhe, ali está o sol, então… — Ele me lança um olhar de soslaio. — Preste atenção à arte.

— Eu estou.

(Horrível, é o que eu sou, mas em minha defesa ele entrou direto nessa)

Seu rubor está furioso. Você poderia fritar um ovo com ele.

— Olhe meu pincel, por favor. Você está perdendo técnicas importantes aqui.

Ele adiciona cristas brancas às ondas e reflexos de árvores pendentes. Eu o imito. Ele não é mais tão preciso, atrapalhando-se com os frascos de tinta, derrubando nosso copo d'água. Ele murmura e resmunga e, honestamente, parece completamente miserável. Eu nunca o vi assim. Estou tão assustada que não sei o que dizer.

— Obrigada por me ensinar — digo, acenando com a cabeça para a parede, onde um mural de lagoa em cascata está emergindo lentamente da bagunça que fiz. — Eu agradeço. Você deve ter sentido muita pena de mim e de minhas habilidades de pintura para ajudar alguém que você odeia.

É uma piada. É principalmente uma piada.

Wesley gira a cabeça, franzindo as sobrancelhas.

— Eu não te odeio — ele diz lentamente, como se fosse óbvio.

— Meio que pensei que você odiava todo mundo — eu digo. É outro tipo de piada que não dá certo.

— Não. — Ele parece magoado. — Eu gostava de Violet. Eu gosto da minha família.

Isso desperta minha curiosidade.

— Como é a sua família? Eles são todos gigantes?

— Minha mãe tem 1,50m.

— Caramba, seu pai deve ser Paul Bunyan.

Seu grunhido me diz que esta conversa está encerrada. Então, alguns minutos depois, depois de eu ter esquecido e seguido em frente:

— Eu não sou tão alto. A média nacional dos homens na Holanda é de 1,80m. Se eu morasse lá, ninguém me notaria.

Eu encaro.

Ele se afasta.

— Você poderia me ensinar a desenhar um pirata… — Eu começo a perguntar, mas Wesley deixa cair seu pincel em um ataque de frustração, levantando-se de sua cadeira.

— Não sou nada bom nisso. — Ele parece tão resignado. E triste.

— O que? — Não é bom nisso? Do que diabos ele está falando? — Você está brincando? Você é incrível nisso!

— Não, eu não sou — ele murmura baixinho, limpando si mesmo bruscamente. Eu posso dizer agora que olhar o incomoda, mas é impossível não fazer.

— Wesley. — Eu me levanto.

— Eu deveria estar limpando. Estou muito ocupado para isso, não deveria estar brincando. — Ele estende a mão como um sinal de pare, como se dissesse: *Não ouse se mexer. Fique onde está.* — Você consegue — ele me assegura,

gravemente sério. — Você está indo bem. — Ele mantém a mão erguida – *Não se aproxime* – durante todo o caminho para fora da sala.

Eu fico boquiaberta na porta. Em seguida, para o mural.

— Okaaaaaay.

Eu continuo por cerca de dois minutos a mais, mas concentração é uma quimera. Eu tenho que ver o que está acontecendo com Wesley.

Eu o encontro na cozinha, em pé na pia enxaguando os pincéis. Eu não consigo dizer se ele está com a cabeça baixa porque está chateado ou apenas cansado, mas ele não está mais rígido esta noite.

Nesta casa silenciosa, meus passos são um alvoroço. Wesley olha na minha direção, fechando os olhos. Estamos com fome e exaustos, uma mistura perigosa. Estamos cansados de solicitar aprovação constante para cada detalhe da reforma quando se trata de nossa própria casa, que cada um de nós é forçado a compartilhar com um estranho. Talvez não um estranho, não realmente – mas certamente não com um amigo. Ele deixa claro seu desgosto pela minha companhia, encontrando qualquer desculpa para sair de uma sala logo depois que eu entrei e respondendo às minhas tentativas de conversa com monossílabos apáticos.

— Você está bem? — Eu pergunto. Eu não posso evitar. Sou uma pacificadora incorrigível.

— Tudo bem. — Ele fecha a água, embora suas mãos ainda tenham tinta, e começa a sair. Ele é um desertor incorrigível.

— Você viu a nova caixa de sacos de lixo? — Eu pergunto antes que ele possa realizar um de seus atos de desaparecimento. — Eu preciso empacotar cerca de um bilhão de toalhas de papel. Limpar as aberturas é nojento.

Sem me virar totalmente, sei que ele está com o rosto impassível. Posso dizer pelo formato de seu perfil, a minúscula projeção em seu queixo. Eu odeio prestar atenção o suficiente para ser capaz de dizer.

— As novas caixas estão na cabine. Em cima da geladeira.

— Por que você as colocou lá em cima?

Estou tentando melhorar o clima com um pouco de zombaria, mas Wesley está muito angustiado para perceber.

— O topo da geladeira não é *lá em cima* para mim — ele responde asperamente.

Acho que não gosto do tom dele.

— Nem todo mundo é tão alto quanto você. — Ele é o tipo ingrato de alto. Se eu tivesse essa altura, seria uma bênção para a terra. Eu penduraria balanços de pneus e salvaria gatos. Perguntaria aos meus vizinhos se eles precisavam tirar as cortinas para serem lavadas.

— Não é problema meu. Você deveria ter comido mais vegetais quando era criança.

Eu olho para ele, o que ele não vê, porque ele se recusa a olhar para mim. Depois de um curto milagre de convivência, mostrando-me gentileza, ele voltou ao resmungão que era desde o início. Quando eu colocar meu hotel em funcionamento, vou colocar famílias com crianças pequenas e barulhentas no quarto logo abaixo dele. Haverá trompetes e bolas de cortesia.

— Para alguém tão bonito quanto você, é uma pena que você seja um idiota

insuportável — eu deixo escapar com raiva.

A quietude toca.

— Eu não sou tão ruim, sabe, — eu continuo. — Você está constantemente virando as costas para mim, me ignorando quando estou por perto como se fosse uma punição de conversar, e isso me faz sentir uma merda. Você me faz sentir ainda mais sozinha do que eu já estava.

Não acredito que disse isso. Não acredito que disse isso em voz alta. Mas se estou chocada, ele fica *pasmo.*

Seus olhos são pires. Eu desistiria da ala esquerda do hotel para saber o que está se passando em sua mente.

— Que seja! — Eu grito, constrangimento se juntando à minha raiva. — Eu não vou incomodar mais, então. Vá em frente e fique sozinho.

Eu giro no meu calcanhar, deixando-o para trás. De outra sala, eu o ouço gritar:

— Eu só estava brincando sobre a coisa dos vegetais! Maybell! Foi uma piada!

Eu bato a porta da frente. Uma seção da moldura da porta se estilhaça.

— Caramba.

Deus, estou farta de hoje. Desta semana. Mês. Ano. Talvez Falling Stars seja amaldiçoada. Meu celular começa a vibrar no bolso e decido que, se for aquele operador de telemarketing de Lancaster, na Pensilvânia, que está me ligando há dois anos sem parar, vou dar o inferno a ele.

— Alô? — Eu gritei no meu celular, marchando rigidamente pelo quintal escuro de volta à cabana.

— Maybell?

Eu paro abruptamente.

— Ruth!

Não sei por que minha atitude muda para oito ou oitenta. Muitos anos usando minha voz de atendimento ao cliente, suponho.

— Oi! Desculpe por ter demorado tanto para retornar sua ligação. Eu estava atolada. — Certo. Violet provavelmente não era sua única cliente e ser assistente de saúde doméstica deve ser um trabalho exigente. — Meu filho voltou a morar comigo, minha mãe decidiu me visitar nas próximas semanas sem avisar e acabei de descobrir que minha filha largou a escola de culinária para ficar longe do ex-namorado.

Me sinto uma idiota por ter ligado dias atrás, desperdiçando seu tempo.

—Oh, meu Deus. Você está tão ocupada – eu realmente não tinha nada importante para dizer...

— Não se preocupe, estou dando um passeio agora para escapar da loucura. Então, como você está se acomodando? — Ela é brilhante e alegre. Amigável. É bom saber que *algumas* pessoas ainda sabem ser.

— Bem, bem. Me acomodando bem! — Eu gorjeio. — Está tudo ótimo. Consertando a mansão.

— Isso é maravilhoso! Estou tão feliz em ouvir isso. — Ela parece genuinamente feliz também, o que me faz sorrir. — Como você e Wesley estão se dando? — Há um tom cauteloso em sua pergunta que me diz que ela suspeita que não estamos nos dando bem.

— Nós não estamos — eu respondo sem rodeios. — Ele está me deixando maluca.

— Ah, bem. — Ruth é calorosa. Simpática. — Não se preocupe, provavelmente não vai demorar muito para que a casa esteja pronta e você estará fora do sofá em um minuto.

— Eu não estou...

— O xadrez é uma escolha bastante interessante — ela continua. — O sofá, quero dizer. Me pergunto de onde Wesley o tirou. Foi tão *estranho* quando visitei. É estranho entrar e não ver mais a cama de hospital de Violet ocupando toda a sala de estar.

— Por que ela teria uma cama de hospital na sala de estar?

— Para onde mais ela iria? — Eu ouço uma ignição ganhar vida do outro lado do celular. — Estou feliz que ela *tinha* um quarto lá, sabe? A maneira como ela vivia antes de Wesley se mudar era... — Ela estremece audivelmente. — Foi preciso muito esforço para tirar Violet daquela casa, mas ele odiava que ela dormisse lá. Perigo de incêndio, você sabe. E anti-higiênico. Tivemos sorte de nada ter caído sobre ela. Então ele entrou em contato com alguns médicos, me trouxe a bordo.

Eu me viro para espiar o segundo andar de Falling Stars. Todas as janelas estão escuras, exceto duas. Em um retângulo amarelo, uma silhueta alta e larga olha para o gramado. Seu corpo se curva ligeiramente, como se estivesse se preparando para uma fuga rápida, mas eu não me movo e nem ele.

— Wesley é quem entrou em contato com você?

— Antes de Wesley, Violet não tinha ido ao médico por anos. Essa mulher tinha quase oitenta anos, veja bem. Não tinha ninguém. Eu não gosto de pensar nisso. Tentamos convencê-la a nos deixar limpar. Doar tudo o que ela não precisava. Ela não conseguia se separar de nada, dizia que poderíamos nos livrar depois que ela se fosse, já que odiávamos tanto seus pertences. Uma vantagem de se mudar para a cabana do zelador é que tem apenas um quarto, o que significa que não havia espaço extra para preencher com os gastos da Amazon.

Minha atenção se concentra em *um quarto* e me aperta com força.

— E o quarto lá em cima?

— O quê? Espere, Maybell. — Eu ouço uma janela sendo aberta. — Eu gostaria de um número um, por favor. Com queijo. Sem picles ou cebolas. Uma torta de maçã também. Ah, e uma Coca de cereja! Muito obrigado. — Para mim, ela acrescenta: — Você está falando sobre o sótão? Querida, aquilo é um cubículo.

Eu fico olhando para a silhueta na janela por um segundo. Duas batidas. Três. A luz se apaga, levando Wesley com ela.

Meu polegar já está pairando sobre o finalizar chamada.

— Muito obrigado por me ligar de volta, Ruth, eu realmente aprecio. Boa sorte com tudo.

— Boa sorte para você também. Vou estacionar cinco casas abaixo da minha, ouvir um podcast e saborear minha comida em paz.

— Você merece. Obrigada novamente por falar comigo.

— A qualquer hora, Maybell. Não seja uma estranha.

Desligando, entro calmamente na cabana. Eu não vou entrar no quarto dele.

Eu não vou. É uma invasão de sua privacidade.

Pego uma cadeira e subo, mas só porque quero ver se consigo alcançar a corda no teto. Eu não vou puxar.

Acontece que *posso* alcançá-la. Apenas para experimentar – na verdade, não vou subir – pego a escada e a deslizo para baixo.

Talvez eu suba um pouco, mas não até o topo. Esse é o *quarto* de Wesley. É incontestavelmente, cem porcento, uma área imprevisível, nada da minha conta.

Lá em cima, pressiono o teto e ele cede, um quadrado empenado de madeira fina que se projeta para frente com facilidade. Convidativamente. Uma onda de ar quente me bate na cabeça.

Eu respiro fundo, pressionando a mão na minha boca. Oh, meu Deus.

Não é um quarto.

Vigas expostas, isolamento exposto, fiação exposta, partículas de poeira redemoinhando no ar estagnado. Uma pequena janela com uma toalha de mão grampeada em sua moldura para bloquear a luz que entrava ao nascer do sol e apontava diretamente para a cama, que não é uma cama de forma alguma. É um saco de dormir no chão.

Um saco de dormir que ocupa *todo o* chão, os quinze centímetros inferiores dele se enrolando na parede porque não há chão suficiente para ficar completamente plano.

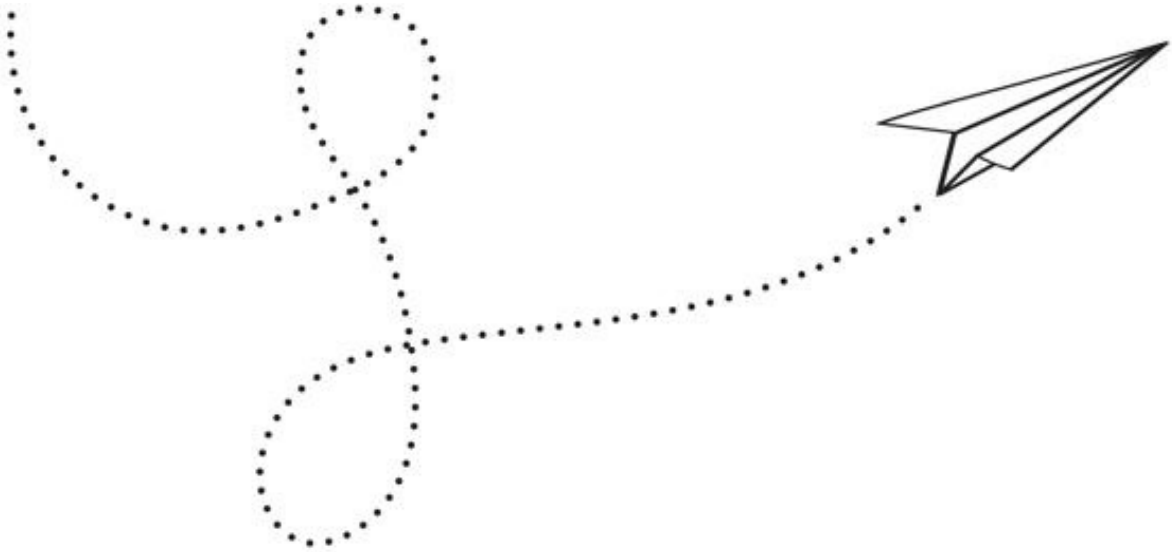
Um ventilador de mesa em miniatura sopra folhas de papel soltas enquanto oscila, conectado a um filtro de linha junto com um pequeno abajur sobre uma pilha de livros. Há uma lanterna e uma carteira. Três pilhas de roupas arrumadas no topo do saco de dormir, funcionando como um travesseiro. Fones de ouvido presos a um fio fino que passa por baixo de um laptop. Um copo de água pela metade.

É abafado, apertado, o teto muito baixo – Wesley teria que se abaixar ou se arriscar a bater com a cabeça, mesmo no meio do quarto, onde o teto abobadado se inclina até seu ponto mais alto.

Eu travo o olhar com um par familiar de olhos azuis olhando para fora do saco de dormir de Wesley e balanço, tomada pela tontura.

Sou eu. *Eu* estou deitada na cama dele.

Capítulo 10



Uma Maybell Parrish bidimensional com traços de lápis de cor olha para mim, vestindo uma regata cor do pôr-do-sol, quatro elásticos de cabelo pretos como pulseiras no pulso esquerdo. Esmalte que brilha no escuro. Ela está perto, tão perto que posso ver os tons de morango em seu cabelo castanho desgrenhado pelo vento que você não perceberia a menos que ela estivesse de pé em pleno sol. Reflexos fracos de árvores piscam em seus óculos redondos, mas ela está olhando diretamente para mim com uma expressão cautelosa, e meu estômago bate no chão porque eu sei exatamente o que ela está pensando. Eu sei exatamente quando ela estava pensando e onde ela estava. Foi o dia em que vim para Falling Stars.

Eu estava pensando: *Você parece uma mentira que eu conheço.*

Os cabelos da minha nuca se arrepiam, mas ao mesmo tempo eu fico ruborizada, uma consciência extraordinária bombeando por mim. Eu sinto como se uma máscara tivesse sido arrancada do meu rosto. Parece que o homem que ignora minha existência noventa e nove porcento do tempo está de olho em cada pequeno detalhe meu. Ele deve ter uma memória fotográfica.

Existem outros esboços a caneta, lápis e pastéis a óleo, de Falling Stars e os bosques e flores que não sei pelo nome, espalhados ao acaso; eu imagino Wesley com a obra de arte em seu colo, costas em uma inclinação crescente, o perfil próximo à página. O instrumento em sua mão corre febrilmente pelo papel em cortes elegantes e experientes, capturando um momento instantâneo no tempo. Ele tem que se levantar de repente – talvez ele verifique a hora e sejam quase oito da manhã, o que significa que vou abrir a porta do meu quarto em breve e sair. Se ele quer evitar esbarrar em mim o dia todo, ele tem que se mexer. Ele se levanta. Os papéis vão deslizando para todos os lados.

Estou ajoelhada no saco de dormir de Wesley, o chão duro embaixo dele beliscando meu joelho, quando a metade superior dele emerge a um metro de mim sem aviso. Nunca vou entender como alguém do tamanho dele pode se

mover sem fazer barulho.

— Oh! — Apresso-me para me levantar, mas meu sapato desliza no material escorregadio e bato em suas pilhas de roupas. Boxers e meias enroladas tombam, que, em pânico, pego e coloco de volta. Estou tocando sua cueca agora. Os olhos de Wesley estão estranhamente vazios; ele observa com uma expressão à deriva, distante, sem dizer nada.

— Eu sinto muito. — Não tenho desculpa para estar aqui, então nem tento inventar uma. Não há como sair dessa conversa. Ele parece tão perdido. Isso parece tão ruim.

É uma sensação muito, muito ruim.

Endireito os desenhos. Quando o desenho de mim passa para minhas mãos, Wesley afasta seu rosto de mim para se concentrar na parede, franzindo a testa. Ele ainda está de pé na escada, segurando os dois lados da escotilha com os nós dos dedos pálidos.

— Eu… — Minha boca abre e fecha, o coração acelerando tão rápido que meu peito está superaquecendo. Estou até as orelhas com pedaços quebrados de desculpas, nadando nelas, mas não consigo conectar nenhuma delas.

Ele começa a afundar de volta na escada.

— Wesley?

Eu corro atrás dele, a porta da frente fechando bem quando meu sapato atinge o penúltimo degrau.

— Wesley! — Abro a porta, pulando da varanda.

— Por favor, não! — ele chama no escuro. — Não me siga. — Sua voz fica mais fraca, vazando em direção à mansão. — Por favor.

Há dor nesse *por favor.* Raízes me prendem ao chão.

Em minutos, uma luz em uma janela do andar de cima acende. Não há nada a fazer agora a não ser voltar para dentro da cabana, de volta ao meu quarto, que eu percebo no momento em que cruzo a soleira que é o quarto de Wesley. Tenho vivido no quarto de Wesley.

Tenho dormido na cama de Wesley.

Que noite estranha e surreal para terminar um dia longo e tenso. Não estou mais arrastada e drenada. Estou nervosa, minha mente girando, o coração pulsando como se estivesse preso no punho de alguém com espaço insuficiente para expansão.

Eu me deito na cama de Wesley para reavaliar minha vida inteira.

O *porquê* leva um tempo para chegar até a superfície, atolado com outras memórias tentando empurrar seu caminho para cima. Penso naquela primeira noite aqui, quando descobri que a mansão estava inabitável e minha cabana tinha um homem, que herdou metade de tudo. Como eu precisava de um lugar para dormir e absolutamente tinha que me afastar dele, essa pessoa que era a cara involuntária de uma fraude. Eu disse a ele que dormiria na mansão imunda e...

Foi quando ele me convidou para ficar na cabana.

Eu entro no chuveiro, consumida a descobrir isso. Eu me esqueço de enxaguar o shampoo antes de massagear meu cabelo com condicionador. Eu esfrego meu rosto, descobrindo que ainda estou usando óculos.

Ele hesitou.

Antes de me convidar para entrar, ele hesitou. Eu pensei então que era porque

ele estava relutante em me receber em sua casa, levando para o lado pessoal quando talvez eu não devesse – eu era uma estranha, afinal – mas agora posso ver que ele hesitou porque não havia lugar para mim. Havia apenas um quarto. Ele transformou o quarto improvisado de Violet em uma sala de estar, que naquele ponto eu já tinha visto.

Não seco e penteio o cabelo, deixando-o enrolado em uma toalha. Minha pele ainda está molhada quando visto a calcinha e uma camisa enorme, tropeçando atordoada de volta para a cama, para cama *dele,* deixando minha cabeça cair pesadamente no travesseiro. O travesseiro dele. Seu único. Eu rolo, talvez, mas talvez não, imaginando que este travesseiro cheire a ele e o edredom também. E o chão e as paredes e agora, eu. É ridículo. Eu não sei como Wesley Koehler cheira.

Chuva e terra e a fumaça de uma vela apagada. Shampoo Blue Head & Shoulders que arde nos olhos quando escorre pelo rosto no banho. É assim que ele cheira.

Eu sou ridícula.

Eu penso em sua mentira de que a cabana era uma cabana de dois quartos – aquela sombra estranha em suas feições quando ele a contou, certificando-me de que ele começou a voltar para a cabana enquanto eu escolhi meu caminho cuidadosamente através do labirinto desconhecido da bagunça de Violet. Ele é minimalista. Quem não seria, honestamente, depois de morar com Violet? Ele não teve muito o que pegar de seu quarto quando me deixou lá atrás para supostamente mudar sua roupa de cama. Quando abri a porta da frente, ele já estava subindo a escada.

Eu luto por outra explicação, embora saiba que não há uma.

Só consigo ver os olhos azuis daquele desenho me encarando, nos mais suaves traços de lápis de cor, tão realistas e detalhados. Quando acordei esta manhã, pensei que não sabia nada sobre Wesley, mas agora sei ainda menos do que *isso*. Menos do que nada. Ele é um artista? Ele dorme em um cubículo e desenha lindas fotos de flores? Salva velhinhas dos monstros que construíram?

Eu preciso deitar, eu penso, enquanto já estou deitada.

Saber que estou em sua cama está causando coisas peculiares à minha pele. Eu não posso ficar parada.

Estou tensa e andando de um lado para o outro no meu quarto, parando periodicamente, impotente, na janela para levantar a cortina. As luzes da outra casa se apagaram. Ele tem alguns quartos limpos o suficiente para morar e os serviços públicos estão funcionando, então acho que é isso. Não vou me mudar até que seja visitada por um exterminador e inspecionada novamente quanto ao mofo, então se eu jogar minhas cartas direito, eu tenho a cabana para mim por enquanto.

Cada minuto tem pelo menos duzentos segundos de duração. *Preciso deitar,* penso de novo, pairando na janela por mais meia hora, esperando para ver uma forma escura avançando pesadamente pelo quintal que nunca chega.

• • • • • • •

Estou fazendo muitos trabalhos na propriedade agora que não tenho absolutamente ninguém com quem conversar. Gemma parou de me enviar mensagens de *Onde você está?* e GIFs de *Eu sinto sua falta* de pessoas

miseráveis chorando, provavelmente porque eu entrei no Facebook após um longo hiato na rede social e dei like no post de alguém. Agora ela viu evidências de que eu a estou ignorando, depois que seu ego provavelmente alimentou as esperanças de que eu fui resgatada por um trágico acidente o qual ela poderia usar como desculpa para pular o trabalho pelo resto do dia.

Tem tido tempestades fortes nos últimos dois dias, só eu, Wesley e a chuva. Eu o vi levantando grandes sacos de substrato para vasos e terra, assim como plantadores no solário, que ele deve estar planejando usar como estufa. Ele provavelmente também está planejando trancar a porta para impedir que meus hóspedes aproveitem. Parece um movimento do tipo Wesley.

Como não consigo chegar a menos de dez metros do homem, deixei um bilhete exasperado na grande escadaria da mansão ontem à tarde para ele encontrar.

Sinto muito por ter subido. Foi errado da minha parte bisbilhotar. Tenho tentado me desculpar, mas sempre que chamo seu nome ou tento andar em sua direção, você desaparece. Vai ser profundamente difícil vivermos juntos se um de nós estiver sempre fingindo que o outro é invisível. As enchiladas que coloco na geladeira da casa principal são vegetarianas, aliás. Percebi que você não comeu nada, mas, por favor, não desperdice comida perfeitamente boa só porque está com raiva de mim. Prometo respeitar sua privacidade no futuro e espero que possamos deixar isso para trás.

Rígido e formal, mas, no que diz respeito às desculpas, não é tão ruim. Uma hora depois, o bilhete sumiu. Achei que ele ia continuar me ignorando, já que ele não veio me encontrar ontem para discutir isso.

Então, esta manhã, no mesmo local onde deixei seu bilhete, uma folha branca de papel de desenho apareceu.

Eu não estou bravo com você. Estou evitando você por causa do que viu no sótão. É embaraçoso. Vou ficar bem, só quero ficar sozinho.

Desculpe pelas enchiladas. Eu não sabia que elas eram vegetarianos ou que você permitisse que eu as comesse. Achei que você provavelmente estava com raiva de mim.

Estou começando a ver que ele não é o tipo de pessoa que fica chateada. Ele é o tipo de pessoa que evita seus problemas para sempre. Nesse caso, o problema sou eu. O *eu só quero ficar sozinho* está me fazendo sair da minha pele porque não sei se sou fisicamente capaz de deixar alguém sozinho quando sei que sou responsável por ele se sentir mal.

Wesley é evasivo como um fantasma, desaparece toda vez que eu viro a esquina. Nunca fui capaz de tolerar que as pessoas fiquem chateadas comigo, *preciso* de uma resolução. Se ele me deixasse chegar perto o suficiente para pedir desculpas, a dinâmica poderia pelo menos voltar a ser como era. Claro, ele era rabugento, mas quando me evitava, era um tipo diferente de evitamento. Mais como uma preferência do que uma necessidade. É como se eu o encontrasse nu. O equilíbrio de poder mudou.

Pego uma folha de papel de carta lilás de uma mesa com tampo móvel e escrevo.

Ei,

Você não tem nada do que se envergonhar. Estou grata por você me deixar

ficar em seu quarto, se colocando em muitos problemas para fazer isso. Eu sei que você tem dormido na mansão nos últimos dias, mas se quiser pode ter seu quarto de volta e eu dormirei no sofá. Além disso, não vi muitos de seus desenhos quando eu estava lá em cima, mas o que vi foi impressionante. Você também não precisa ter vergonha disso. Me desculpe novamente por bisbilhotar.

De qualquer forma, vi algo que você não queria que eu visse, então vou lhe contar algo que também é constrangedor para mim. É justo.

Quando eu tinha quatorze anos, minha mãe e eu paramos em um restaurante em Lexington, Kentucky, logo depois que ela comprou um bilhete de loteria. Ela colocou o bilhete na mesa entre nossos pratos, esperando até que terminássemos de comer antes de riscar todas as pequenas árvores de Natal com uma moeda de 25 centavos. Era divertido fingir que o bilhete poderia nos render um milhão de dólares. Conversamos sobre como seria a casa dos nossos sonhos. Depois que terminamos de comer, ela arranhou o bilhete e ganhou seis dólares, que gastou em duas fatias de torta de maçã.

Saímos da lanchonete, nunca mais voltamos, mas por algum motivo pensei muito nisso. Fiquei animada ao lembrar de sentar naquela cabine, esperando que o bilhete para uma vida nova e incrível estivesse bem na minha frente, esperando para acontecer.

A primeira versão de um café com o qual estou sempre sonhando foi baseado naquele restaurante. Eu o remodelei tantas vezes desde então, evoluindo a decoração para se adequar a qualquer que seja o meu gosto no momento. Gosto de imaginar todos os tipos de cenários românticos arrebatadores acontecendo lá. O clímax de todo filme rom-com[2], basicamente, quando o herói pensa que vai perder a garota e ele professa seus sentimentos com uma honestidade crua e desesperada. Sonho acordada com brincadeiras divertidas também, mesmo em tardes mundanas em que tudo o que faço é decorar rosquinhas com glacê colorido e granulado. Mas meus devaneios favoritos são aqueles em ritmo acelerado em que as apostas são altas, quando nem mesmo eu sei se o herói e a heroína vão ficar juntos porque eu fico muito empolgada. Mesmo sendo a heroína dessa fantasia, eu controlo tudo.

Isso é algo que eu nunca disse a ninguém, então agora estamos quites. Mas se você contar a outra pessoa sobre Maybell's Coffee Shop AU, eu irei cortar você.

—M

A porta da frente fecha bem quando estou escrevendo a última linha. Eu olho para a janela e lá está Wesley, indo para a floresta. Ele foge para sua reserva natural que ele mesmo construiu toda vez que a chuva para, provavelmente para escapar de todos os vapores de nosso material de limpeza. Ou de mim. Provavelmente de mim.

Eu poderia deixar o bilhete na escada para ele pegar quando voltar, mas meus pés têm outras idéias. Eles decidem que querem dar um passeio também.

Eu saio correndo, grama encharcada esmagando-se sob as botas enormes que salvei do lixo. Estamos oscilando no precipício de abril, quase prontos para pular para maio, com o clima esquentando. Eu abaixo o capuz de minha capa de chuva, galhos pendentes catapultando gotas de chuva de folha em folha.

Ele não tem som, mas as pegadas o denunciam. Eles me levam até o fio d'água, um riacho que corta a densa folhagem verde. Há placas ao longo dos caminhos, lajes de madeira pregadas em troncos de árvores. Eu estava muito distraída para notar na última vez que estive na floresta. Suas bordas são afiadas em setas apontando, pintadas à mão com nomes como *Eu Vejo um Rastro Azul* e *Diga Adeus Para a Faixa Celeste*.

O caminho que ele escolheu, *Você Está Aqui*, não é o que já explorei antes – meu medo intensificado de ser atacada por ursos me impediu de ficar muito aventureira – com uma velha ponte de pedra que eu acho que costumava ser parte de uma estrada, mas agora está coberta de musgo. Paro para tirar os óculos, as lentes embaçadas com o hálito da corrida.

A trilha de pegadas de Wesley termina aqui.

Eu olho inquieta para os lados da ponte. A água está alta por causa de toda a chuva que temos recebido, derramando-se rapidamente entre as rochas, mergulhando, gorgolejando e rodopiando. Ele não pularia, não é? A água está muito fria para nadar. A luz do sol demora um pouco para chegar ao solo daqui, pedras úmidas salpicadas de verde suave, atmosfera fresca e pacífica. Sobrenatural. Eu examino canteiros de agulhas de pinheiro caídas em busca de um distúrbio em forma de sapato, mas não encontro nada. É como se Wesley passeasse por esta ponte e passasse direto por um portal invisível. Ele está em uma floresta medieval agora, domando um unicórnio selvagem, e estou parada aqui estudando agulhas de pinheiro como se fossem um teste de Rorschach.

O trinado de um pássaro próximo levanta minha cabeça. É um pássaro muito útil, revelando a localização de outra criatura nos galhos e, se olhares matassem, eu seria assada em um prato com cenouras e batatas.

— Ahh. Aí está você.

— Não, eu não estou.

Wesley está descansando em um carvalho branco que deve ter centenas de anos, elevando-se diretamente sobre mim, um dos ramos grossos com escamas de líquen curvando-se como uma rede para caber nele perfeitamente. Suas raízes se cravam na ponte como dedos, tendões e ossos que se prendem. Da minha posição no chão, ele está a cerca de dois metros e meio de altura, me observando com *Oh, não* escrito em seu rosto.

— Não há como escapar de mim — digo a ele. Isso soa perturbadoramente ameaçador.

Ele suspira.

— Eu sei. Você é inevitável.

Não sei bem o que ele quis dizer com isso, mas agora que o peguei bem e preso, vou fazê-lo ler minha carta e restaurar o equilíbrio.

— Aqui. — Eu aceno o papel lilás. — Isto é para você.

— O que é?

— Oh, vamos lá. Não vai morder.

Eu fico na ponta dos pés, ele se abaixa, e naquele breve contato com ambas as nossas mãos no papel, seus olhos encontram os meus e algo muito parecido com o medo se apodera deles. Mas quando ele pisca, desaparece.

A base da árvore tem uma almofada elástica de musgo em torno dela, na qual decido me plantar enquanto espero o meu *eu te perdôo, você está, portanto,*

absolvida.

Suprimir a vontade de encará-lo com olhos de laser enquanto ele lê está me matando, especialmente porque ele está lendo sobre algo privado. Meu instinto é distraí-lo dessa nova informação que ele provavelmente vai usar para tirar sarro de mim, tagarelando, diminuindo o impacto, reduzindo a nada, apenas dando uma risada. Como se houvesse vários níveis nos quais alguém pudesse processar a carta, e se eu puder trazê-lo para o nível mais raso, ele *saberá,* mas saberá *menos.* O que provavelmente não faz sentido.

Eu tenho que olhar.

Ele ainda está lendo, e você nem adivinha, ele está carrancudo. Esta não é uma de suas sobrancelhas características, então não sei como decifrá-la. Eu reviso minha seleção de modos, golpeando aquele que diz PÂNICO.

Oh, Deus! Por que não contei uma história menos pessoal? Eu tenho um monte de histórias embaraçosas de mim, rolos de alta resolução que tocam atrás dos meus olhos toda vez que me deito para dormir. Eu poderia ter contado a ele sobre aquela vez em que soltei fogos de artifício de cabeça para baixo. Ou a vez em que comprei um cachorro-quente no lago Chickamauga e fui atacada por uma gaivota. Ou quando eu me estrangulei com um vestido que não cabia, em um vestiário na Target, e me cansei tentando me libertar por quase uma hora antes que outra senhora me ajudasse a puxar o vestido rasgado pela minha cabeça e, ao fazê-lo, comentou que eu não estava usando a calcinha certa para aquele tipo de vestido.

O nariz de um avião roxo me acerta na testa. Eu pisco

— Desculpe.

Uma nova escrita em tinta preta se espalha sobre uma das asas do avião. Eu desdobro. Ele escreveu de volta?

Ele escreveu de volta.

AU?

As enchiladas eram boas. Obrigado.

Isso é tudo que ele tem a dizer? Eu olho para ele.

— Você tem uma caneta com você?

— Eu sempre tenho uma caneta comigo. — Seu braço balança sobre a borda, a caneta escorregando de seus dedos, deixando-a cair no meu colo. Bem, tudo bem então.

AU = Universo alternativo, escrevo de volta.

Ele lê e responde em voz alta:

— Como é?

— Minha cafeteria?

— Sim.

Eu não consigo ler se ele está apenas pedindo detalhes, então ele pode rir deles, ou se ele está sinceramente curioso. Não que isso importe. Não importa o que ele pensa de mim.

Fecho os olhos para visualizar meu café, mas por uma fração de segundo, vejo o sótão da cabana. Acho que agora é seguro admitir que discretamente, secretamente, meio que me importo com o que ele pensa. Eu acho que talvez ele se importe com o que eu penso sobre ele também. E isso não é algo?

— A aparência do café do lado de fora é nebulosa, mas há um grande letreiro

de néon rosa — digo a ele, os olhos ainda fechados. Em minha mente, abro a porta. — A porta toca quando você a abre. Uma onda de ar frio te atinge, como quando você está na chuva e entra em um prédio com ar-condicionado. Tem cheiro de cacau em pó e canela.

— Você faz donuts lá?

— Sim. — Eu me sinto sorrir. — O melhor que alguém pode ter.

— Isso também é verdade neste universo.

É verdade que anseio por essa validação. Também é verdade que elogios fazem eu me contorcer.

— O piso é todo de ladrilhos aqua brilhantes que vão até a metade das paredes. O resto das paredes é pálido, roxo pálido e decorado com espelhos de todas as formas e tamanhos. Suculentas em cestos suspensos. Cartazes de viagens de terras fictícias. Existem toneladas de plantas verdes grandes e frondosas por toda parte. Eu mato todas as plantas que toco na vida real, mas aqui eu tenho um polegar verde. — Abro um olho, arriscando uma espiada em Wesley. Ele está escrevendo no papel, um pequeno sorriso rastejando em seu rosto. Um canto de sua boca inclina-se ligeiramente para trás, inconscientemente. Eu falo mais rápido.

— Há cabines de vinil vermelho e uma bancada preta com bancos de bar. Uma caixa registradora antiquada. Uma jukebox. Luzes de fada. Uma vitrine cheia de donuts.

— Que tipo? — ele interrompe.

Sou viciada em doces; eu poderia escrever sonetos sobre *que tipo*.

— Açúcar de canela, mousse de chocolate e morango, long johns de caramelo e amendoim. Fudge brownie com açúcar de confeiteiro.

— Legal.

— Rolinhos de canela — eu continuo. Conforme eu vou falando, falar fica mais fácil, e por que isso deveria me envergonhar, afinal? Meu café é espetacular. — Bear claws. Beignets. Abóbora e queijo cremoso. Bombons de caramelo. Chocolate quente mexicano. Donuts com todos os recheios imagináveis: framboesa, maçã, coalhada de limão, mirtilo. — Estou me deixando com fome. — Há um velho telefone rotativo no balcão que pisca em vermelho quando é hora de voltar ao mundo real. Ao lado dele está um suporte de bolo fosco especialmente para donuts Lamington. Metade coberta com coco tradicional, a outra metade com avelãs picadas. — Percebo que estou gesticulando, como se ele pudesse ver o que estou apontando, e que o sorriso de Wesley ficou maior.

Meus pensamentos se cruzam, um engavetamento de trinta carros, totalmente presa por aquele sorriso.

Eu vi Wesley ligeiramente entretido, mas nunca o vi se *divertindo*. Reajo com uma forte expansão de pressão no peito: meu corpo está pesado com a gravidade dupla, imóvel, para nunca mais se mover. Mas meu coração é um balão.

— Então? — Eu adulo. — O que você acha?

— Eu acho — ele responde suavemente — que gostaria de entrar nesse universo alternativo e comprar um rolinho de canela de você.

— A qualquer hora — consigo responder, engolindo em seco. — Estamos abertos vinte e quatro horas.

— Bem ocupada. — Seu comportamento fica pensativo. — Você faz bolo de café?

Eu faço um floreio com a mão.

— Olha só, acabou de aparecer no menu.

— Chá doce?

— Senhor, isto é uma cafeteria. Não que eu já me concentrei muito no aspecto de café; acho que fico preocupada com a parte do donut. Oferecemos café, água, chá e chocolate quente. — Eu assinalo as opções em meus dedos. Sempre que sonho acordada, as bebidas se materializam do nada em canecas de barro grossas. Não viajo com amor por todo o processo como faço com os produtos de confeitaria. Uma garota precisa ter prioridades.

— Olhe para isso. — Ele também faz um floreio com a mão. — Chá doce acabou de aparecer no menu.

Wesley está brincando comigo?

Meu sorriso se alarga.

— Não funcionou.

— Bem acima dos macchiatos. Você não vê? — Ele está me olhando com uma expressão muito séria. O rosa neon daquele letreiro giratório em uma terra distante projeta sua luz até aqui, brilhando em suas bochechas. Já vi essa expressão nele antes, mas não sabia a diferença entre sua seriedade *agradável* e sua seriedade *intimidante.*

— O cliente está sempre certo.

— Sim, eles estão. Vá em frente e tome seu chá doce. — Ouço um tilintar quando a caneca é colocada no balcão. A jukebox ganha vida, desenrolando sons da natureza: pássaros assobiando, um riacho murmurante.

— Obrigada. Oh, espere. *Ohh.*

Eu olho para Wesley. Ele está do outro lado do balcão na minha terra dos sonhos, sentado em um banquinho. Ele está no alto de uma árvore, sorrindo para mim. Qualquer um dos cenários é igualmente confuso e ambos são verdadeiros.

— O que há de errado?

— Você não colocou açúcar suficiente nisso. Alguém realmente deveria te ensinar como fazer chá doce.

Wesley está brincando comigo.

Eu pego a caneca de volta, olhando dentro.

— Parece bom.

— Por que você ainda tem isso no seu menu se vai ter esse gosto? Honestamente.

— Ah, já sei o que aconteceu. Misturei o chá com aquela jarra grande nos fundos, a que tem caveira e ossos cruzados. Três grandes X's. — Eu faço cortes no ar. — Oops.

— Vou deixar uma revisão positiva no meu último suspiro. Pelo capitalismo.

— Sabe, essa sou realmente eu, no entanto. Sempre que como fora em restaurantes, eles poderiam me servir uma tigela de pedras e eu diria: 'Muito obrigada!' As pessoas na indústria de alimentos não recebem o suficiente por tudo que suportam. Não vou piorar o trabalho deles. Me dê pedras, dou uma gorjeta de vinte por cento.

Ele estremece.

— Restaurantes.

— Você mencionou isso antes. Você não gosta deles. — Eu estudo seu rosto, seu olhar fixo no meu com um leve traço de apreensão. — Alguma ideia do porquê disso?

— Gosto da parte sobre comer alimentos que não precisei cozinhar — ele responde. — Não ter que lavar a louça? Excelente. Mas então eles destruíram a ideia, permitindo a entrada de pessoas.

Algo sobre a cadência rápida de suas palavras, a facilidade com que saem de sua língua, me diz que ele se apoiou nelas pelo menos uma vez antes. Uma justificativa ensaiada. Mas estou encantada, de qualquer maneira, rindo, e isso balança as folhas. Nós dois inclinamos nossas cabeças para trás. Está chovendo de novo, gotas grossas saltando pelo dossel muito acima em um frenesi. Wesley encontra meus olhos, seu sorriso ainda quente. O aroma de canela e cacau em pó fica além do alcance, raios de luz neon rosa voltando a se transformar em raios de sol de um verde dourado assustador. A cor do céu antes de uma tempestade.

— É hora de voltar, parece — eu digo relutantemente. Eu deveria tentar abafar o quão decepcionada pareço, mas não tenho coragem para isso.

— Cuidado — ele responde. Meus membros estão enferrujados, a parte inferior do meu jeans frio por sentar no chão. Eu me afasto bem a tempo para ele pular da árvore e pousar com um baque forte ao meu lado.

Corremos pela ponte de pedra, a chuva caindo mais rápido, enquanto eu não presto uma única migalha de atenção para onde estamos indo. Wesley provavelmente poderia navegar nesta floresta com os olhos vendados; ele não questiona seus passos, dando uma volta, depois outra, a mão pairando sobre minhas costas como se eu pudesse me perder de outra forma. Estamos encharcados e tremendo quando voltamos para a mansão, mas pelo menos estou com minha capa de chuva. Wesley não está vestindo uma jaqueta. Seu cabelo está pingando, a camisa grudada em sua pele. É glorioso.

— Vou acender a lareira — diz ele, o que é completamente desnecessário porque temos aquecimento a gás.

— Ooohh, boa ideia.

Ele corre para a sala de estar. Tiro minha jaqueta, penteio meus dedos pelo cabelo desgrenhado e tiro as botas. Estou seguindo atrás dele quando ele passa por mim, voltando para a cozinha. Ele pega uma vassoura.

— Para que você precisa disso?

— Varrer? — Ele sacode a cabeça em direção ao teto. — Estou voltando ao trabalho. O intervalo acabou.

Não sei o que estava esperando – na verdade, sim, eu sei. Eu esperava que ele acendesse a lareira e conversássemos mais. Eu quero vê-lo sorrir novamente. Eu quero o calor inesperado de falar com Wesley, e de Wesley falando comigo, tanto quanto eu quero o calor do fogo. Eu só tive uma prova disso.

— Oh.

Seu braço roça o meu, apenas um pouco, um toque microscópico de células da pele, quando ele sai da sala – *Não intencional, Maybell, isso foi definitivamente, provavelmente não intencional* – mas sendo intencional ou não, eu fico imóvel pelos próximos vinte segundos, esquecendo onde estou e o que estou fazendo. O que *estou* fazendo?

Eu entro na sala de estar, tentando não ficar desapontada. É quando vejo a carta que escrevi para ele, que foi vista pela última vez em uma árvore. Ele está rabiscado nela.

Não é um rabisco. Um desenho.

Linhas irregulares para sombreamento, sem borda, uma das cabines da mesa interrompidas por palavras: *AU? As enchiladas eram boas. Obrigado.* Uma placa à mão com meu nome e uma rosquinha meio comida em uma bancada. Um telefone antigo. É minha cafeteria. Ele desenhou minha cafeteria.

E dentro dela, duas pessoas. Um calafrio passa por mim – nem um pouco desagradável – quando reconheço que ele nos posicionou exatamente da maneira que imaginei. Estou atrás do balcão; ele está sentado do lado oposto, no penúltimo banco. Estamos nos inclinando ligeiramente um para o outro, o suficiente para notar. Ele exagerou na bagunça de seu cabelo enquanto minimiza sua largura e altura, como se ele se visse menor e mais magro do que realmente é.

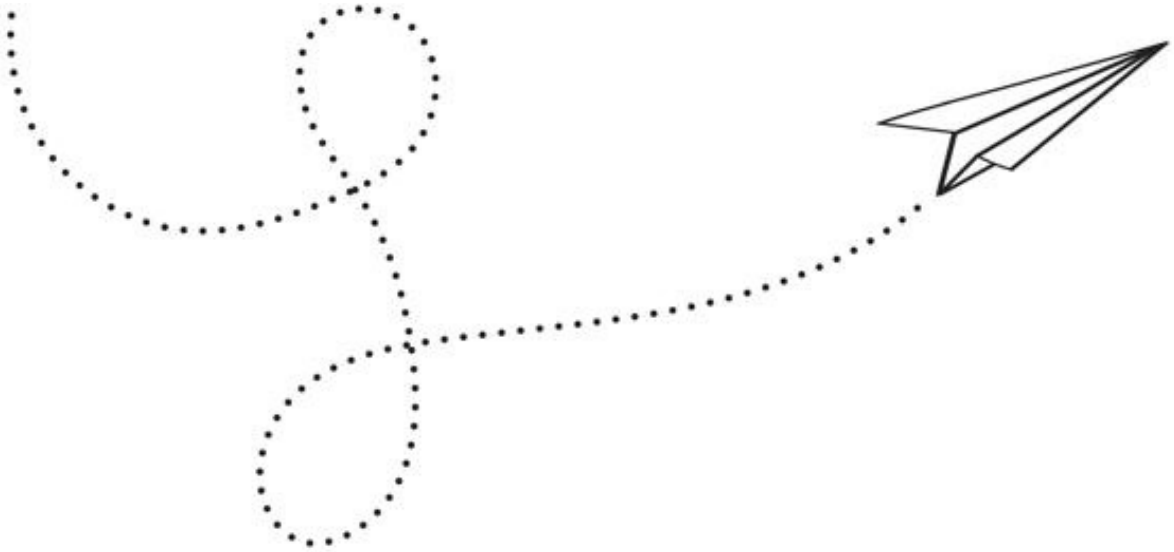
Eu não consigo parar de olhar para Maybell ilustrada em miniatura. Ela é um esboço rápido, não detalhada como o desenho fotorrealístico que encontrei no sótão, mas gosto do toque amigável que ele me deu. As manchas gêmeas em minhas bochechas sorridentes, a onda rebelde em meu cabelo de um lado que não combina com o outro. Contei a ele sobre Maybell's Coffee Shop AU para restaurar o equilíbrio, para nos mandar de volta para onde estávamos antes. Acho que podemos ter acidentalmente virado para uma bifurcação diferente no caminho. *Vamos ver onde isso vai dar.*

• • • • • • •

Em algum lugar, acima das nuvens, brilhando em estrelas e nebulosas, um letreiro de néon gira vagarosamente do lado de fora de um pequeno paraíso alegre onde tudo sempre sai de acordo com o planejado e nada de inesperado acontece.

Sem ninguém por perto para assistir, o letreiro vibra cada vez mais forte, mais brilhante, faíscas voando. As paredes tremem. Um carvalho branco gigante surge do chão pré-fabricado, bem no meio do café. Suas grandes raízes se abrem, subindo pelas paredes, prendendo-se entre espelhos emoldurados. Cada faceta de vidro reflete um par de olhos castanhos questionadores, um sorriso imprevisível, uma mão aberta e estendida.

Capítulo 11



Thunk.

Faltam quinze para a meia-noite, então, ou aquilo foi uma das minhas sinapses cansadas falhando ou há um gambá no elevador de carga recém-consertado. Eu abro bem devagar e estou aliviada e confusa por estar errada. Um caderno espiral comum está dentro – comprado em uma liquidação de volta às aulas por Violet, com certeza, os cantos inferiores direitos enrolados, as páginas amassando quando eu as viro. Uma mensagem da civilização! Quase esqueci que não sou a última pessoa na Terra. Esfregar banheiras com água sanitária por horas faz isso com você.

A primeira linha da primeira página é dominada por um rabisco de tinta tentando e falhando em esconder o cabeçalho original: *Ei, Maybell,*

Ele optou por riscar a saudação pobre e inofensiva, cortando direto para: *Que estação é essa?*

Eu bufo.

Clicando na caneta que ele alojou na espiral de metal, eu faço minha saudação extragrande: *HEY WESLEY, estou ouvindo WKCE. Além disso, você devia saber que tenho toda a ala leste impecável, incluindo a biblioteca. Supere isso.*

Eu mando o caderno de volta, então começo o rachamento na ala oeste, que não é tão assustadora quanto a ala leste. Aqui, Violet empilhou caixas de armazenamento nos corredores em vez de dentro dos quartos, bloqueando-as antes que pudessem cair na bagunça. Abrir cada porta revela uma parcela de ar frio que cheira a quase duzentos anos. Estou passando aromatizadores Glade e Febreze como ninguém, mas é uma cripta aqui. O cheiro infiltrou-se nos tecidos – cortinas, tapeçarias, tapetes. Eu amo esses tecidos por causa de seu valor histórico, mas se eu limpá-los adequadamente, acho que eles vão se desintegrar. Eles têm que ir.

O caderno está de volta no elevador de carga quando passo de novo, com

uma resposta de Wesley.

Eu tenho minhas duas alas impecáveis, exceto por dois banheiros e um último quarto que estou tentando destrancar. Não se preocupe, você se recuperará em um ou dois meses.

Isso me estimula a melhorar meu jogo. Pego meu esfregão e corro para o quarto, pronta para trabalhar durante a noite, se isso significar que vou vencê-lo. A porta emperrou inicialmente, a moldura deformada por causa de todo o encolhimento e expansão ao longo dos anos, as temperaturas flutuantes. Ter o aquecimento desligado por tanto tempo deu a algumas das portas uma inclinação.

O carpete aqui é grosso, macio, coberto de poeira cinza que comprime o branco das pegadas que deixo para trás. A poeira cobre o pesado e bulboso aparelho de televisão e a cama de solteiro, a capa de edredom que eu pensava ter sido estampada com meias-luas, mas agora vejo fatias de pêssego.

Eu giro cento e oitenta graus, observando uma versão mais jovem de mim mesma se sentar na poltrona ao lado da cama. Estou mostrando minha história em quadrinhos ao tio Victor. *Você é tão talentosa*, diz ele. Ele tem uma voz grave e séria que age como um martelo, pronunciando tudo o que diz ser a palavra de lei. Ele também atua como soro da verdade. Quando Victor volta seus solenes olhos castanhos para você, todos os seus segredos vêm à tona. Tia Violet paira atrás de mim. Ela vai esperar até eu sair antes de tentar persuadi-lo a comer mais, mas vou pegar algumas partes no corredor: o *estômago está me incomodando. Por favor, querida, não posso.*

Ele morreu não muito depois de eu deixar Falling Stars. A julgar pelo estoque de revistas de Violet que são datadas de vinte anos atrás, foi quando ela começou a acumular tantas coisas.

A máquina de oxigênio se foi. Quando eu era criança, não pensava sobre por que Violet e Victor tinham quartos separados, mas meu palpite é que ela não conseguia dormir com o som daquela máquina. Abro o videocassete para ver o que ele tinha lá pela última vez: um *Casablanca* gravado em casa. As fitas recentes na pilha ao lado da TV também são gravadas em casa, com inscrições escritas em marcador permanente verde: *Moonstruck. Quigley Down Under. Aviões, trens e automóveis.* Tudo está como ele deixou em seu último dia aqui. Seus suéteres estão dobrados em suas gavetas, álbuns de fotos ainda na prateleira de baixo de sua mesa de cabeceira – a de cima, verde abacate, cheia de fotos Polaroids de suas numerosas viagens anuais. Eles adoravam visitar novos países, experimentar a culinária local, ficar em pousadas familiares em vez de cadeias de hotéis para absorver mais da cultura.

O relógio de pulso em sua antena parabólica não está mais funcionando, pois a bateria parou às 5:12. Estou prestes a sair, fechando a porta atrás de mim, quando percebo os três grandes retângulos na parede acima de sua cama. Tenho certeza que os notei em outro ponto, mas eles são interessantes de uma forma que somente um adulto que busca centavos entre as almofadas do sofá para comprar algo do cardápio de um dólar pode apreciar.

São coleções emolduradas. Moedas em camas de veludo vermelho. Selos antigos. Cartões de beisebol assinados em perfeitas condições. Dou um passo à frente, estudando-os. Puta *merda*.

— Maybell!

Eu pulo, girando, quase batendo de cara na parede.

— O que? — Ele está lá em cima. Ele não pode me ouvir. — O que? — Eu chamo, mais alto.

Sem resposta. Este é um dos movimentos característicos de Wesley: ele vai chamar meu nome quando precisar de algo, mas quando eu gritar de volta *o que?* ele fica silencioso, me forçando a ir até ele para ver o que ele quer. Ou não preciso ir até ele, suponho, mas vou mesmo assim. Um dia desses, vou gritar e fazer com que ele venha até mim.

Abro a porta, mas minha cabeça está cheia de moedas e cartões de beisebol, então abro a errada. É o armário de Victor. Eu suspiro um "Ooooohhhhh" sem fôlego.

Bzzz, bzzz.

Meu celular está vibrando. Envio para o correio de voz e, em seguida, recebo uma mensagem de texto. É o Wesley.

Ainda estou olhando para o meu celular com surpresa quando o número pisca na minha tela novamente, zumbindo na minha mão. Eu atendo.

— Ei, venha aqui — Wesley diz em meu ouvido.

— Como você conseguiu meu número?

— Por que você tem uma foto minha no seu telefone? — ele atira de volta.

Ugh, *isso de* novo não. Valorize o passado, Wesley, porque o período de carência para tratar seus sentimentos com luvas de criança expirou e você não vai se safar jogando essa foto na minha cara para evitar responder perguntas de que não gosta.

— Por que você tinha uma foto minha no sótão? Desenhada à mão, o que é ainda mais questionável do que uma fotografia real tirada da página *pública* do seu irmão no Facebook.

Seus murmúrios desaparecem; ele abaixou o telefone, provavelmente fazendo uma careta para o teto.

— Não posso subir porque acabei de fazer a descoberta mais magnífica — prossigo alegremente, confiante de que nosso impasse o despojou daquela arma em particular. — Venha aqui e dê uma olhada.

— Minha descoberta é melhor.

— Sinceramente duvido. Encontrei uma *árvore de Natal.*

Cinco segundos se passam.

— ...E?

— E, é uma daquelas caprichosas! Com neve falsa! Deve ter uns três metros de altura. Eu encontrei no armário do tio Victor.

— Não vejo o que há de especial em encontrar uma árvore de Natal.

Este homem não tem alma. Eu começo a tirar a árvore do armário. Os galhos foram alisados para ocupar menos espaço no armazenamento, mas ainda arranha a estrutura quando eu a retiro. E é inesperadamente pesada. A neve falsa cobre meu cabelo e minha camisa.

— Meu tio Garrett estava certo. Eu *cresci* para ser uma abraçadora de árvore.

— Isso é ótimo. Suba, você tem que dar uma olhada em algo.

— Não posso. Estou colocando a árvore no salão de baile.

— Agora?

— Sim!

— É abril. Na verdade, não, tecnicamente é maio agora.

— O Natal é um estado de espírito, Wesley.

— Por que você parece tão assustadora quando diz isso?

Essa coisa pesa tanto quanto uma árvore de verdade. Eu resmungo enquanto a arrasto pelo corredor, com cuidado para não bater em nenhum lustre. Há um ferro medieval na cozinha que é meu favorito, com castiçais em volta da borda circular.

— Eu… só… quero… ver — eu respondo. Agulhas de pinheiro espetam minhas mãos.

— Em maio.

— Vou colocá-la de volta. — Cheguei ao salão de baile. Está em um estado de caos porque sempre que encontro algo legal, eu trago aqui. Vai ser minha parte favorita da casa depois que eu terminar de torná-la magnífica e menos parecida com o cenário de *A babá.* Até agora, tenho uma mistura de castiçais, relógios (todos os tipos: de pêndulo, cuco, de corda), livros antigos, esculturas, tapeçarias, porta-remédios elegantes, um barril que posso tentar converter em uma mesa e um monte emaranhado de glicínias de seda. Não sei o que vou fazer com tudo, mas de alguma forma *vou* enfiar tudo aqui e tornar fabuloso.

Eu tinha razão; a árvore parece incrível no salão de baile. Eu a ligo e voilà – suaves luzes brancas ganham vida, lançando uma pequena auréola dourada em rosas de gesso no teto em estilo rococó.

Meu agudo: — Ahhhhhhhhhhh, amei isso! — me faz ganhar três pancadas de uma batida de vassoura lá de cima.

— Seu problema é que você ama tudo — Wesley reclama.

— Minha única falha.

— Eu vi os móveis que você está tentando reaproveitar para o seu hotel. Nada combina.

— A beleza dos quartos temáticos — respondo. — Nunca vou ficar entediada, porque cada cômodo será diferente.

— Você está vindo agora?

— Paciência. Acho que vi uma saia de árvore no armário… — Eu vasculho o armário de Victor, que parece um globo de neve com toda a penugem branca. Encontro a saia da árvore, junto com uma grande caixa prata que me faz gritar de alegria.

— Ah, não. O que é agora?

— Nada! Estarei aí em um minuto. Dez minutos, no máximo.

Ele suspira.

— Isto é uma emergência.

Sua voz fica baixa, suspeita.

— Você encontrou enfeites.

— Encontrei! Eles são maravilhosos. Wesley, venha olhar esses enfeites. Ohh, aqui está um garotinho baterista. Ohh, aqui está Rudolph. Ohh, é todo o conjunto de *Papai Noel está vindo para a cidade*! Ahhhh!

— Por favor. Os meus ouvidos.

Pego uma cadeira de onde a coloquei junto à parede, próxima ao tubo de tintas de Wesley e meu mural três-quartos acabado. Minha atenção está

temporariamente bloqueada por um novo desenvolvimento no mundo cachoeira-lagoa, batendo em ondas tempestuosas.

— Você pintou um navio pirata. — Tentáculos grossos e vigorosos, perolados como conchas de abalone, lançam-se para fora da água para agarrar a popa do *Felled Star,* prontos para devorar.

— Espero que você não se importe.

— Aquele é o kraken? Isso é *incrível.*

— Você está prestes a terminar aí? Você vai querer ver isso, estou lhe dizendo.

— Só um segundo. — Subo na cadeira e me estico, pendurando um enfeite particularmente bonito o mais alto que consigo. É uma esfera de vidro do tamanho de uma bola de softball, manchada com brilho dourado. Um laço xadrez repousa dentro, a mesma fita que Violet usou para amarrar suas pilhas de cartas...

— Espere um minuto.

—Estou esperando dezessete deles.

— Há um papel neste enfeite. — Eu pulo para baixo, tiro a tampa e sacudo até que um pedaço de papel enrolado deslize para fora. — Como uma mensagem em uma garrafa. — A fita está dura, permanentemente enrugada depois que eu afrouxo o laço, aliso o papel contra meu joelho. — Acho que é um mapa.

— Do que?

— Não tenho certeza.

Eu tenho que mostrar isso a ele. Difícil de acreditar que estava cansada antes – estou *ligada* agora, trovejando escada acima dois degraus de cada vez, batendo em uma parede de tijolos que foi erguida inesperadamente no segundo andar.

Os tijolos são mais macios do que parecem, absorvendo meu "ufa" abafado. E um “Mmpphhhhh”, que pode ou não ter sido causado pelo seu cheiro bom.

— Desculpe. — A parede de tijolos cresce braços, inclinando-me cuidadosamente para trás com a ponta dos dedos. Wesley sempre foi tão alto? Daqui de baixo, o topo de sua cabeça está nas estrelas. Eu teria que quebrar minhas vértebras para ver seu rosto.

Ele dá um passo trôpego para longe, passando a mão pelo cabelo.

— Eu posso... ver?

Em vez de entregar o mapa, eu corro para o lado dele para que possamos examiná-lo lado a lado.

— Tenho quase certeza de que são árvores. — Aponto para um amontoado de florzinhas de brócolis desenhadas com caneta azul.

Wesley analisa o mapa de perto, elevando-o mais alto. Nossa diferença de altura significa que a metade do papel que ainda estou segurando está dobrando significativamente para baixo.

— Esta é a mansão daqui, — ele murmura, apontando para um quadrado azul. Estou distraída por suas mãos grandes com unhas curtas e quadradas enquanto ele desliza um dedo para um segundo quadrado azul muito menor ao lado da mansão. Eu vi essas mãos cortarem uma maçã pela metade sem uma faca, e elas são as mesmas que pintam navios piratas em miniatura. — Isso está rotulado de 'galpão', mas isso não faz sentido. O galpão deveria estar aqui. — Seu dedo dança um centímetro para a esquerda.

— A cabana costumava ser o galpão de trabalho de Victor — eu respondo. — Talvez seja a cabana, não o galpão do jardim.

Ele concorda.

— Tem que ser isso. Tudo isso aqui, eu não reconheço. — Ele circula uma área que diz *campo de fumaça de pradaria*.

— Isso costumava ser um campo, sim. Antes da tia Violet ser anti-gramado.

— Habitats pró-naturais — ele responde com ênfase. — Para ser honesto, todo mundo com quintal deve designar uma área de crescimento natural. Coloque uma pequena cerca ao redor e deixe...

— Sim, claro — eu interrompo. — Olhe para aqueles X's! É como um mapa do tesouro pirata tradicional. — Existem cinco deles, espalhados descontroladamente por toda a propriedade. Seria uma jornada exaustiva chegar a todos eles, qualquer tesouro potencial enterrado sob os X's escondido por mais do que montes rasos de terra agora. Este mapa tem pelo menos duas décadas. Pode haver árvores adultas inteiras crescendo no topo daqueles X's.

— O segundo desejo de Violet — dizemos ao mesmo tempo, nos olhando nos olhos. De repente, estou ciente de quão perto estamos – Wesley também, e nos separamos.

— Violet disse que Victor achou que havia um tesouro enterrado — explico desnecessariamente. — Talvez esses sejam alguns dos lugares onde eles pensaram que um tesouro poderia estar localizado. Sendo mais velhos, e a saúde de Victor estando do jeito que estava, eu acho que eles chegaram ao ponto de sua caça ao tesouro onde eles estavam teorizando em vez de fazer qualquer escavação física.

— Mm-hmm, mm-hmm — ele responde rapidamente. — Faz sentido. Vou guardar este mapa, então… — Ele começa a colocá-lo no bolso, mas eu o pego.

— Não tão rápido.

— As regras do “achado não é roubado” se aplicam — diz ele com um meio sorriso provocador. — Isso é parte do último desejo de Violet. Não sei sobre você, mas sou moralmente obrigado a honrar seus termos.

— Fui eu quem encontrei o mapa.

— E amanhã, você descobrirá que todas as pás foram escondidas. Em algum lugar que você nunca conseguirá alcançar, como o topo da geladeira. O que você vai usar para desenterrar um tesouro, uma colher?

— Pode ser. Sou Maybell Parrish. É tradição fazer tudo da maneira mais difícil.

Seus olhos piscam divertidos no corredor sombrio.

— Há muitas Maybell Parrishes correndo por aí?

— Talvez. — Eu mordo meu lábio, tentando não pensar naquela mudança tonal nele, onde parece que ele não está apenas me tolerando mais. Isso é… amigável. É legal. Estou temendo que ele leve essa gentileza nascente embora, *colocando-a* fora de alcance. — Aqui, eu farei um acordo com você. Se você fizer toda a escavação, eu o trarei junto e dividiremos o tesouro em meio a meio.

— O tesouro mítico — acrescenta, de uma forma que tenta ser cética, mas quer acreditar.

— Este tesouro que pode ser real. Não há razão para pensar que não deveria ser.

Ele franze a testa, pensando.

— Ok. Mas só daqui a uma semana, certo? Você está disposta a esperar até sábado? Eu tenho um trabalho de paisagismo em Gatlinburg que vai ocupar a maior parte do meu tempo do dia três ao sete.

Estendo minha mão para ele apertar.

— Combinado.

— E agora. — Ele mantém minha mão envolta na sua por alguns segundos a mais do que o necessário, então aperta levemente antes de soltar. — Vamos. — Ele sacode a cabeça, já indo embora sem mim.

— Ah, sim. A sua descoberta monumentalmente importante, que você erroneamente acredita ser mais impressionante do que uma árvore de Natal.

— Uma árvore de Natal em *maio.*

— Você parece estar preso nisso.

Mas então eu calo a boca, porque ele me leva em direção a uma porta aberta que é essencialmente um portal para o passado. Um cobertor branco e rosa com babados em uma cama de dossel, travesseiros menores do que eu me lembrava. Tudo menor do que eu me lembro, na verdade. Uma cômoda branca. Uma penteadeira rosa. Uma estante com meus antigos favoritos: a série *Garota Americana*, com os livros de Molly ocupando o lugar especial de número um. Os livros de *Querida América*. *O diário da Princesa. Desventuras em Série.* E pendurado na parede do outro lado da cama, um cartão-postal muito antigo em uma moldura de madeira sem vidro.

Saudações do Topo do Mundo!

Duas crianças agasalhadas e com as bochechas vermelhas brincam em um trenó antiquado em frente ao Falling Stars Hotel, a neve cobrindo o chão, o telhado e a distante linha de árvores. O cartão postal pintado à mão é rodeado de azevinho. Lâmpadas vitorianas flanqueiam um arco de ferro forjado vestido com guirlandas vermelhas e verdes, cardeais empoleirados no topo.

A casa é rosa.

Não porque realmente era, mas porque o artista pintou Falling Stars ao pôr-do-sol, tomando liberdades criativas com pigmentos. Em 1934, alguém fez com que Falling Stars parecesse tão mágica por fora quanto parecia para mim por dentro, incorporando essa magia em meu cérebro, literalmente brilhando uma luz cor de rosa em todas as minhas lembranças desse lugar. Posso ver agora, de uma perspectiva antiga e experiente, que a cantaria cinzenta fica sob a luz do nascer do sol.

— Oh — eu digo suavemente.

— Eu sei. A memória é uma coisa estranha. — Ele se aproxima, deslizando as mãos nos bolsos. — Esse costumava ser o seu quarto, eu suponho?

— Sim. — Eu mal me ouço, tirando a foto da parede. Ela deixa uma pequena marca intocada pela poeira. — Não acredito que nada disso mudou.

Nós nos olhamos e eu sei que nós dois estamos pensando a mesma coisa. Violet manteve meu quarto assim, para o caso de eu precisar dele novamente.

— Havia alguns outros que eu acho que costumavam estar pendurados também, mas caíram da parede. — Ele pega mais dois cartões-postais da cômoda e os entrega para mim. A condição deles não é tão boa – meio apagados, anunciando o *maior jardim da vitória no estado do Tennessee!* O outro está

gravemente danificado pela água: COMPRE TÍTULOS DE GUERRA.

Não consigo parar de olhar para o cartão-postal que me enche de emoção. Minha garganta está em carne viva, os olhos ardendo. Ele o cutuca.

— Sabe, acho que gosto mais assim.

— Cor de rosa? — Sento-me na cama e dou uma risada rouca.

— A casa precisa de uma pintura de qualquer maneira.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Você me deixaria pintar a casa de rosa?

Minha mente é um livro de histórias fantasioso que adora simbolismo e paralelos. Inventa noções românticas, onde muitas vezes não existem, nas situações da vida cotidiana. Isso me levou a ver muitos homens sob uma luz mais nobre do que mereciam, e me foi dito que as situações ruins *deveriam ser* um mecanismo de enfrentamento para torná-las suportáveis. Wesley está me observando com um brilho em seus olhos que desenha uma linha paralela imaginária no passado enevoado, X marcando o local sobre Victor. Eu penso em como Victor costumava olhar para Violet com uma expressão semelhante, como se soubesse de um segredo extraordinário e ela fosse a outra única pessoa no mundo que sabia o segredo com ele. Penso nas chances incríveis de um milhão de que, de todas as fotos que Gemma poderia ter usado para me enganar, ela usou as *dele.*

Wesley sorri, o que faz soar as sirenes de alerta. Estou lendo coincidências. O universo é caos e coincidência. Se estivesse operando com alguma intenção, seria crueldade.

— Não sozinha — ele diz. — Eu ajudaria você a pintá-la. Vamos colocar alguns toques de ouro ao redor das janelas e portas também, da forma como a luz a atinge aqui. — Ele bate no cartão-postal, mas eu não tiro meu olhar dele. Meu coração está batendo rápido, acelerado, correndo direto para um penhasco. Um pouco de amizade não significa nada mais do que isso. Sou um perigo para mim mesma, minha imaginação está escapando.

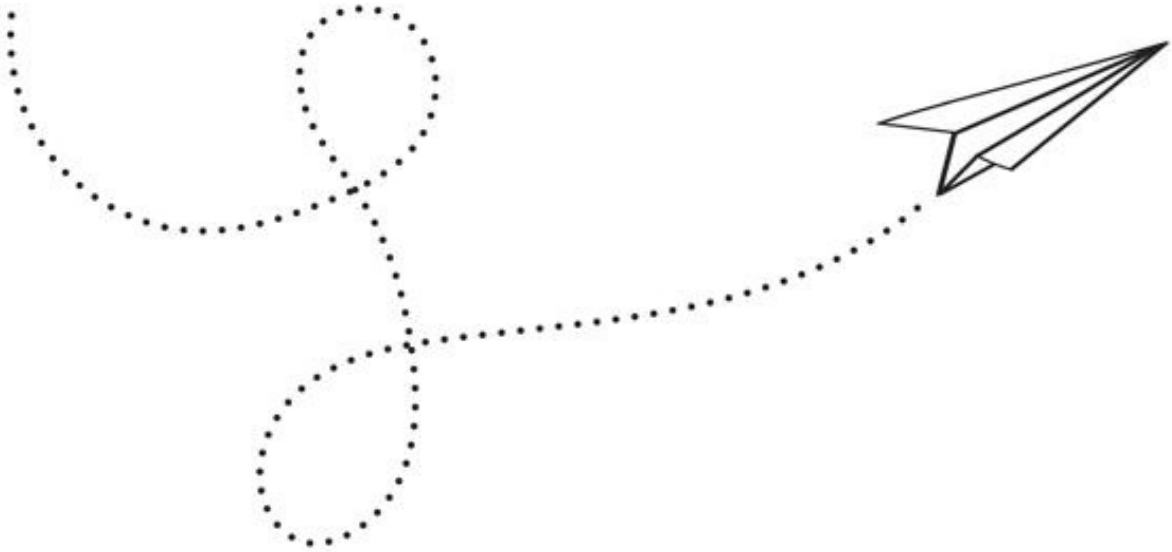
Eu aceno silenciosamente.

— Como alguém que gosta de pintura — diz ele timidamente, recusando-se a simplesmente dizer *Como um artista* — acho que o projeto será bem legal. Tentando fazer com que a casa pareça que está em um pôr do sol perpétuo.

— Sim — eu me forço a dizer. — Isso seria maravilhoso.

Agradeço a descoberta, agarrando-a ao partir. Estou quase sem problemas quando meu calcanhar de Aquiles é atacado – ele ligou a música de Natal no volume máximo, *sinos do trenó tilintaam,* me seguindo escada abaixo.

Capítulo 12



No dia seguinte, eu vou até a mansão para trabalhar e é um alívio que Wesley esteja fora fazendo um trabalho. Por que eu achei que a amizade com Wesley seria uma boa ideia? É uma *péssima* ideia. Eu vou ter uma queda por ele. Ele é maravilhoso, mas até agora seu mau humor me salvou de fazer papel de idiota. Se ele me mostrar o menor indício de calor, meus joelhos fracos se dobrarão como um relógio. É meu pior hábito.

Agora mesmo, uma queda crescendo com a corrente mais perigosa que já coloquei em vôo no horizonte, rasgando-o em alta velocidade, mas ainda tenho tempo. Eu tenho força de vontade. Estou decidindo aqui e agora manter distância, o que deve ser fácil. Wesley adora distância! Vamos nos ignorar. Wesley adora ignorar! Eu escolhi tantos corações frios e insensíveis para dar o meu, mas o dele é um novo recorde. Eu estaria menos segura nas mãos dele: e se nós namorássemos e desse errado como acontece com a maioria dos relacionamentos? Nós dividimos uma casa! Nenhum de nós quer desistir. Eu estaria vivendo diretamente com meu ex, incapaz de escapar dele. Se ele me traísse como a maioria dos outros fizeram, isso arruinaria Falling Stars para mim eternamente. Seria muito doloroso ficar – eu teria que desistir do hotel dos meus sonhos. Inaceitável.

Não consigo decidir se esse cenário é melhor ou pior do que outro contendor: que vou desenvolver sentimentos e esses sentimentos não serão correspondidos.

Tenho que eliminar esses tremores fracos *agora*, antes que se tornem um problema. Ele saiu e procurou uma barraca no armazenamento – uma barraca, singular – para usar no sábado, como ele casualmente mencionou que a viagem nos levará o dia todo e a maior parte do terreno que temos que explorar terá que ser trilhado à pé. Se ficar tarde, vamos acampar. Na mesma tenda. Juntos. Talvez ele consiga ser indiferente porque me acha tão pouco atraente que nem sou uma sombra em seu radar; sou como uma pá, apenas parte do equipamento de expedição. Ou talvez ele planeje me seduzir. Eu nos visualizo deitados ao lado

de uma fogueira enquanto ele me alimenta com s'mores...

— Você não gosta dele — digo a mim mesma com severidade. — Ele é um resmungão.

Eu entro no salão de baile, determinada a me perder na limpeza. A primeira coisa que vejo é a estrela de papel alumínio feita à mão que apareceu no topo da minha árvore de Natal, que não consigo alcançar. Alguém cedeu ao meu espírito natalino inoportuno.

Eu gemo mais alto, giro nos calcanhares e caminho de volta para fora.

— Ele não gosta de mim — eu rosno para mim mesma. — Eu sou apenas a irritante herdeira equitativa. O mal necessário do qual ele não consegue se livrar, então ele o está absorvendo e tirando o melhor proveito de uma situação ruim. — Eu bato no meu rosto levemente. — Mesmo que ele *goste* de mim, não importa. Não muda o fato de que mergulhar nessas águas é uma ideia ruim, ruim, ruim.

Pense a longo prazo, Maybell. Prioridades. Olhos no prêmio.

Abro o elevador de carga ansiosamente e desesperada por estar vazio. Ele me fez uma *estrela de árvore*. É ainda melhor do que uma comprada em uma loja, com suas lindas bordas irregulares… Não tenho nenhuma força de vontade.

Eu me bato novamente.

Existe apenas um método testado e comprovado para escapar de ficar pensando nisso. Eu ando para frente e para trás, me exercitando, mentalmente alcançando a porta da minha cafeteria. Não vai abrir.

Uma placa na porta diz SAI PARA O ALMOÇO.

— Não pode me parar — eu resmungo, provavelmente perdendo o controle, enquanto eu abro a fechadura e a porta nas nuvens se abre com um tilintar.

Eu definitivamente não coloquei todas essas samambaias aqui. O musgo se arrasta pelas mesas, lotando dispensadores de guardanapos e frascos de condimentos. Eu arranco vinhas do meu caminho, evitando os sinais de perigo, suando para chegar atrás do balcão. Um som gorgolejante de água corrente vem da jukebox. Meus pais amorosos aparecem com suas cabeças, preocupados.

— A cafeteria está aberta?

— Sim! Me dê um minuto. É... ah...

— Você tem uma floresta — mamãe observa, os olhos arregalados enquanto ela olha ao redor.

Eu coço minha cabeça, três pequenos pássaros circulando. Vou ser citada pelo inspetor de saúde.

— Parece que sim.

Uma figura familiar acena educadamente com a cabeça para minha mãe enquanto ele se aproxima, se sentindo em casa em um banquinho.

— O que você está fazendo aqui? — Exclamo, deixando cair um bule de café. O vidro se estilhaça por toda parte. — Oh, Deus. Sinto muito, isso nunca aconteceu antes.

— Oi, Maybell.

— Oi… . você

Ele sorri mais largo, apoiando o queixo na mão.

— Não vai dizer meu nome?

— Não vejo necessidade — murmuro baixinho. — Você realmente não

deveria estar aqui agora

— Por que isso? — Ele abre um menu. — Vou querer um desses. — Aponta para o Prato Rabugento/Raio De Sol: uma cara carrancuda de mirtilos e rodelas de banana em uma torrada francesa com um ovo frito.

— Eu não sirvo torradas francesas com ovos! — Pego o menu dele, em pânico. — De onde veio isso? — Outras opções que nunca aprovei passam a existir. *Panquecas de proximidade forçada. O maior rolinho de canela do mundo: recomendado pela chef! A camada externa crocante esconde um centro macio e delicioso.*

— Torrada levemente queimada — ele começa a ler por cima do meu ombro. Fecho o cardápio, minhas bochechas ficam mais quentes do que um fogão. — Acabei de ler algo sobre um bebê secreto?

— Estamos todos sem torradas. E bebês secretos. Você pode ter um donut. Servimos *donuts.*

— Vou levar o seu especial do dia. — Ele aponta para o menu do quadro-negro na parede atrás de mim. — Os *opostos se atraem: bolo de café e chá de amor.* Aw, isso é fofo — Uma covinha aparece em sua bochecha. Eu morro.

Fogos de artifício começam a arder atrás dele, enormes rajadas em forma de coração que se transformam em confete. Ele se vira.

— O que é que foi isso?

— Ah, não. — Meu coração afunda. Tremula. Eu torço minhas mãos. — Está acontecendo.

Um avião publicitário ziguezagueia pelas nuvens do lado de fora da janela, quase invisível entre galhos densos. Eu salto na frente dele para bloquear a visão, protegendo o banner que proclama *MAYBELL GOSTA...*

Ele gira de volta para mim e joga a cabeça, me dando um olhar conhecedor. Ele não tem ideia de como isso é sensual. Os arrepios que percorrem meu corpo percorrem a eletricidade também, estourando os disjuntores.

— Ah, sim. É inevitável, não é?

Ajoelho-me (ou desmorono) para limpar a bagunça do vidro e do café, mas percebo que não tenho uma vassoura e uma pá de lixo aqui. Eu olho tristemente para minha placa de *5.840 dias sem acidentes* quando o número muda para *0. O que* está acontecendo por aqui ultimamente?

Ele se inclina sobre o balcão, me examinando no chão. Eu gostaria que ele se abrisse e me engolisse.

— Você está bem aí embaixo?

— Tudo bem — eu respondo fracamente. — Tudo bem, só estou morta. — Foi a covinha. Ela me matou.

Descanse em paz eu.

— Você adormeceu assim? Lugar estranho para uma soneca.

Os fogos de artifício mudam de forma para um lustre e, quando ele estende a mão para me ajudar a levantar, sou expulsa do café. Esse é o Wesley da Vida Real, segurando minha mão na sua (*oh*, sua mão é forte) e me coloca de pé no mundo real. Ele me entrega meus óculos, em seguida, levanta um saco de papel branco. Dá uma sacudidela.

— Eu terminei o dia mais cedo. Trouxe para casa alguns...

— Ahhhhhhh-ahh — eu interrompo. Ele não pode terminar essa frase. Se

esse saco tiver doces, vou desmaiar. *Resista! Resista!*

Eu fico olhando em seus olhos, que estão brilhando como uma ágata fogo. Olhos comuns brilham assim? Estes são chocolate e avelã. Terra esfumaçada. Eles fariam anjos chorarem e eles estão perfurando os meus, calmamente alheios à verdade de que estou em uma espiral, não exigindo respostas para o motivo de eu estar deitada no chão sem os óculos.

— Você parece febril —ele murmura, o olhar caindo dos meus olhos para os meus lábios.

Minha gravação padrão toca sozinha, sem ar.

— Eu tinha cabelo ruivo… — Eu chio. — Quando eu nasci.

— Oh, sério? — Ele deveria estar se afastando, mas ele não sabe disso. Ele continua se aproximando, preenchendo a distância enquanto eu recuo passo a passo. Não há nenhum lugar seguro para meus olhos descansarem. Eu olho para o cabelo dele e palavras como *dourado* e *Apolo* explodem em minha mente enquanto me imagino mergulhando meus dedos nas mechas onduladas. Eu olho para seus olhos e tenho fome. Esqueça a boca dele.

A boca dele. É tarde demais, estou olhando.

— Eu tenho que usar o banheiro — eu deixo escapar. — Vou demorar um pouco. Não espere acordado.

Wesley sorri confuso, as sobrancelhas franzidas, enquanto eu corro para longe.

— O-kaay?

Eu me jogo no banheiro e desisto da vida. Isto é ruim. É tão, tão ruim. Tudo o que foi preciso para eu dar descarga no meu senso foi um homem atraente cortando uma estrela de papel alumínio. Certamente não sou tão fraca.

Eu verifico meu reflexo no espelho. A Maybell que encontro à minha frente é uma maldita decepção: peito arfando, toda corada e manchada, cabelo úmido. Eu sou uma bagunça certificada. Eu verifico a janela, aquele horizonte ameaçador se aproximando – a poucos passos de distância. Eu vou ficar bem. Eu só preciso de algum espaço. Até sábado, preciso evitar toda interação com Wesley e não pensar nele. Estamos falando de uma política de tolerância zero. Banimento total.

Senão eu estarei ferrada.

• • • • • • •

Eu escapei com sucesso de Wesley pelo resto do dia, alegando dor de estômago. Na manhã seguinte, tenho uma nova garrafa de Pepto Bismol do lado de fora da porta do meu quarto. Ele não inicia mais nenhum contato, felizmente. E infelizmente. Talvez ele me odeie agora? Talvez ele estava *prestes* a gostar de mim, mas eu arruinei isso, o que eu deveria ser grata, porque NÃO IRIA FUNCIONAR DE QUALQUER MANEIRA, MAYBELL. Maybell Parrishes não percorrem os cinco estágios do luto. Nós nos enterramos na negação da jornada como turistas que prolongam as boas-vindas e vivem lá para sempre. Também bebemos chocolate quente de hortelã sempre que estamos nos afogando em paixões dramáticas (estou no meu terceiro litro do dia) e nos mitificamos no plural.

Mas na quarta-feira, Wesley me manda uma mensagem. É um baque que eu não esperava.

Ele tirou uma foto da minha recente adição ao mural do salão de baile: o minúsculo *My May Belle* arrastando-se perto de seu navio pirata. Não consultei os padrões do vento antes de pintá-lo e os dois barcos estão a caminho de se chocarem.

Ele traz essa pergunta, sem pontuação: *Por que você adicionou um E?*

Eu procuro a página da Wikipedia sobre *My May Belle*, um showboat que cruza o rio Tennessee em Knoxville, e mando o link para ele.

Uma Julie Parrish jovem sonhava em navegar naquele barco, eu digito. Quando ela estava grávida de mim, ela tentou fugir de casa, mas o xerife a encontrou e a trouxe de volta. Meu nome deveria ser May Belle, mas mamãe estava louca de analgésicos quando assinou a certidão de nascimento.

Enquanto eu crescia, ela construiu esse barco na minha cabeça até que ficasse maior do que a vida, o pináculo do charme sulista, me dizendo que um dia iríamos lá almoçar com grandes chapéus do Kentucky Derby e vestidos brancos. Finalmente fomos no meu aniversário de treze anos, mas a filha do namorado dela da época apareceu e eu fiquei com ciúmes da atenção que mamãe deu a ela e, subsequentemente, mal-humorada. Mamãe tendia a ser especialmente legal com os filhos de seus namorados, tentando conquistá-los. Eu estraguei o dia de todos.

Gosto de Maybell sem E, ele digita de volta.

Eu fui lá uma vez, digo a ele. *Eu disse ao pessoal qual era o meu nome e eles me deram sobremesa de graça.*

A ocasião foi tão falada, tão esperada, mas no final das contas eu me lembro dos velhos jantares do Happy Meal com mais carinho. Acho que minha mãe estava tentando recriar uma imagem pálida de sua nostalgia de infância.

Existe uma história por trás do nome Wesley? Eu pergunto.

Ele responde: *Eu era o quinto filho. Eles ficaram sem nomes.*

Um minuto depois, ele acrescenta: *Minha mãe teve um sonho durante a gravidez em que colocava letras de madeira sobre o berço. Elas soletraram Wesley.*

Aww, eu gosto dessa história.

Melhor que a do meu irmão Humphrey. Ele foi batizado em homenagem ao paramédico que ajudou minha mãe a dar à luz em um estacionamento do Walgreens. Em seguida, ele envia outra foto do mural, jogando um jogo de Pode Achar A Diferença? Uma forma escura na água se afasta do kraken.

Isso é uma cobra do mar?

O Monstro do Lago Ness, ele diz. *Ele é real e está lá fora.*

Estou prestes a responder quando consigo me controlar e desligo meu celular antes que a tentação destrua o fragmento de autocontrole ao qual estou me agarrando. *Distância. Espaço. Olhos no prêmio.* Se eu quiser evitar uma paixão, é a única maneira.

Não sou tão forte a ponto de não entrar no salão de baile algumas horas depois e pintar uma pequena ilha na lagoa, completada por uma palmeira e um homenzinho deitado para se bronzear. Quando eu verifico novamente na quinta-feira, Wesley deu ao homenzinho óculos escuros e um nariz queimado de sol. Também encontro duas pessoas em miniatura, um homem a bordo do *Felled Star* preso pelo kraken e uma mulher acenando para ele com um lenço no convés do

My May Belle.

• • • • • • •

Eu me esforço para ignorar o mural o dia todo na quinta-feira, mas na sexta sou arrastada por uma maratona de filmes Hallmark e isso abre um buraco em minha já frágil autodisciplina. Tenho pena do pirata, prestes a ser enviado ao fundo do oceano, cortesia de um enorme monstro marinho. *My May Belle* joga um colete salva-vidas. Eu pontilho todas as árvores com pequenas estrelas prateadas, até mesmo as palmeiras.

Wesley percebe imediatamente, adicionando ornamentos e luzes. Nós nos revezamos entrando furtivamente no salão de baile para adicionar mais e mais, até que não se pareça tanto como um mural comum de uma cachoeira e lagoa quanto a Terra do Nunca. Eu tenho uma doença. Estou me comunicando com Wesley mais agora do que quando estávamos conversando verbalmente.

Nós dois nos mudamos totalmente para a mansão, ele para o meu antigo quarto e eu logo abaixo em um quarto de hóspedes. Eu ouço seus passos lá em cima à noite enquanto ele caminha para fora de seu quarto e passa pelo corredor, então fica silencioso, então ele está andando novamente. Não posso adormecer até que ele esteja completamente imóvel, não porque o barulho me incomoda, mas porque fico presa em visualizá-lo, me perguntando o que ele está fazendo, no que está pensando.

Ele manda mensagens na sexta à noite. *Quer sair às 9 da manhã amanhã? Ou 10, se 9 for muito cedo?*

Essa é a parte onde eu deveria cancelar a caça ao tesouro, desculpas a tia Violet. Ela vai entender se não realizarmos esse desejo.

Eu respondo: *Tudo embalado e pronto para ir às 8:30. Só estou enchendo alguns carrinhos de compras virtuais com todos os tapetes decorativos que vou comprar com as barras de ouro maciço que você desenterrar amanhã!*

Estou prestes a desligar meu celular, para ficar do lado seguro, mas ele responde rapidamente. *Meu irmão Casey construiu meu site de paisagismo, e ele está fazendo um para o meu santuário animal. Ele se ofereceu para fazer um site para o hotel, se você quiser. A menos que você tenha mudado de ideia e percebido que um hotel seria horrível.*

Sento-me tão rápido que, se houvesse água nesta banheira com pés em que estou totalmente vestida, ela teria espirrado por todo o chão do salão de baile.

Ele contou ao irmão sobre o meu hotel. Seu irmão sabe que eu existo. Eu me pergunto se Casey foi quem se casou naquela foto em preto e branco de Wesley em um smoking, mas eu não posso fazer essa pergunta sem Wesley pressionar o tópico sensível de eu ter visto aquela foto em primeiro lugar.

Isso seria fantástico!!! Eu digo. *Quais são os preços dele?*

Ele responde tão rapidamente que devia ter a resposta digitada e pronta para ser enviada. *Identifiquei a fonte que eles usaram no seu cartão postal como Fanal, caso você queira usá-la em folhetos ou publicidade. Achei que talvez você se interessasse, já que gosta muito do cartão-postal. Eu tentei o meu melhor para combinar a cor da casa. Se você quiser imitar o pôr do sol, precisaremos de algumas cores diferentes. Estas são as combinações mais próximas que consegui encontrar. O que você acha?*

Ele inclui links para três tons de tinta – Bermuda Breeze, Raspberry Mousse

e Oxford Gold.

Nenhum dos rosas que ele escolheu é idêntico ao do hotel do cartão-postal, mas meu coração pegou muitas flechas para que eu sonhasse em fazer outra coisa senão concordar entusiasticamente. Ele se deu ao trabalho de pesquisar a fonte. Combinar a cor da casa. Este gigante carrancudo abotoado em dez mil botões, que gosta mais de plantas do que de gente, vai pintar sua casa de rosa porque uma mulher que ele só conhece há um mês pensou erroneamente que Falling Stars deveria ter essa cor.

— Você não gostou?

Eu viro minha cabeça. Wesley está no salão de baile.

Eu agarro as laterais da banheira e endireito minha coluna, rezando para não parecer nada perto de como me sinto.

— Huh?

— Você não respondeu.

Eu olho para o meu telefone. A hora em sua mensagem mostra que ele a enviou há quatorze minutos. Estou olhando para o espaço há quatorze minutos.

— Desculpe, eu me distraí. Esses tons são *perfeitos*, obrigada. E obrigada por procurar a fonte também. É uma boa ideia, ir de nostalgia antiquada para publicidade. Brincando com histórico... ando. — Minha voz está estridente, palavras apressadas.

Deitar em uma banheira no meio da sala parece muito diferente quando tenho um homem elevando-se acima de mim. Ele inclina a cabeça enquanto me analisa, o gesto acelera meu pulso.

— O que? — Eu pergunto simples, nervosa. O olhar de Wesley passa por mim: meus joelhos estão dobrados, os calcanhares apoiados na borda da banheira. Meu vestido de verão caiu até o meio da coxa e, embora eu não pensaria duas vezes antes de mostrar essa quantidade de perna em qualquer dia comum, a posição em que estou me deixa com a sensação de exposição, além de estranhamente obscena.

Seus lábios se apertam. Eu costumava pensar que isso era um sinal de aborrecimento, mas agora não tenho tanta certeza.

Eu cruzo minhas pernas em uma tentativa de modéstia, mas a ação faz minha bainha deslizar ainda mais para baixo e eu rapidamente aliso o material de volta pelas minhas pernas. Wesley gira para ficar de frente para a parede, esfregando o queixo com uma das mãos. Estou queimando.

— Oito e meia, então — ele diz, a voz grave.

Eu afundo na banheira, a pele queimando.

— Sim.

Meu rosto escondido pela porcelana, eu olho para a parede a tempo de ver o perfil de sua sombra virar, lançando outro olhar para mim. Ele tem um punho pressionado contra a boca.

— Eu preciso... Vou voltar lá para cima. — Ele parece fraco.

— Sim — eu repito, uma oitava acima. — Vejo você pela manhã.

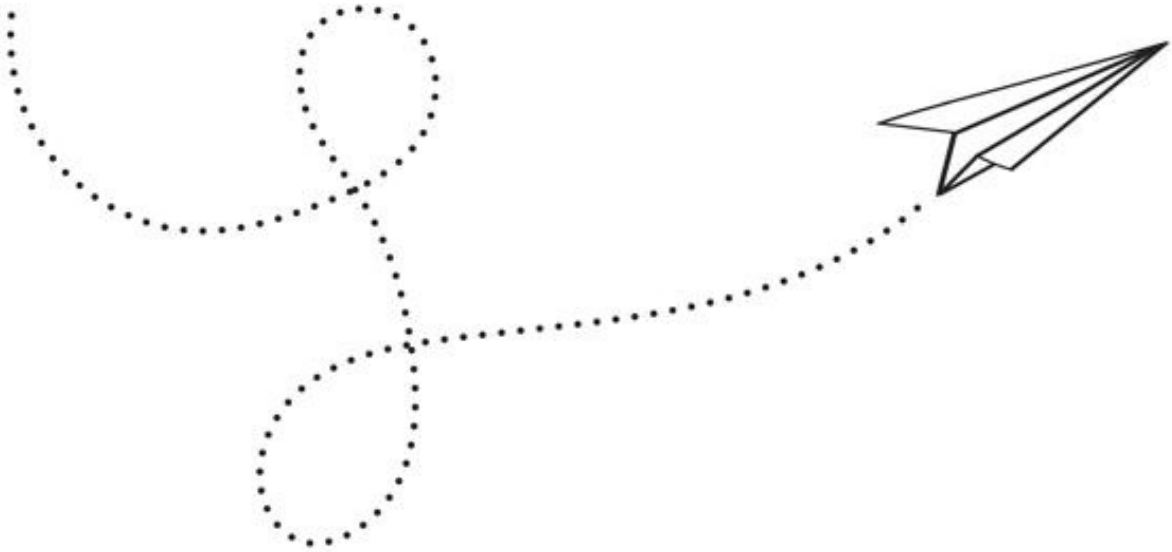
Eu vejo Wesley bem antes do amanhecer. Ele me visita enquanto dormimos.

Estou de volta ao salão de baile, de pé acima dele. Ele é quem está na banheira agora, esparramado, preguiçoso e majestoso, vestindo uma fantasia de pirata. Ele estende os braços para eu subir a bordo.

— Está na hora do seu banho, Maybell.

Eu acordo às 8:29 da manhã de sábado com calor, suada e condenada. Nada como um sonho sexual entre amigos para acelerar o inevitável: eu tenho uma completa queda por ele.

Capítulo 13



Sem querer ser dramática, mas eu prefiro beber ácido de bateria a estar no meio de uma paixão.

Paixões são divertidas em teoria (pergunte-me sobre meus muitos maridos da terra dos sonhos), mas na realidade, elas são vampiros de energia que dão mais problemas do que valem. A preocupação é exaustiva. Eu fico doente do estômago por engolir muitas borboletas, eu perco o sono, minha já intrusiva inclinação para fantasiar se eleva a mil graus. Começo a me preocupar muito se meu cabelo parece perfeito ou se estou falando muito alto, e um desodorante potente se torna o alfinete de segurança que mantém minhas merdas precárias juntas. Todo esse trabalho emocional, só para sempre acabar sendo magoada por ela? Quando lanço um olhar rápido sobre minhas histórias de namoro, as pesquisas são conclusivas. *Nunca* vem coisa boa de uma paixão.

Wesley está vestindo um cardigã branco de tricô esta manhã, encostado na parede e descascando uma banana, quando entro na cozinha com meu equipamento de acampamento. Cardigãs são minha criptonita. Não sei como ele sabe, mas ele sabe. Do que estou falando? Claro que ele não sabe. Ele não se *importa.* Oh, senhor, isso já está péssimo.

Ele faz um movimento de *venha aqui* e me mostra um dos X no mapa do tesouro.

— Acho que deveríamos começar aqui, então seguir nosso caminho para o nordeste. A caminhonete não será capaz de passar além deste ponto… — ele bate em um grupo de árvores — então eu espero que você não se importe de carregar a mochila com nossa comida e suprimentos menores? — Seu olhar questionador me faz concordar.

A mochila de Wesley é consideravelmente maior, contendo nossa barraca e sacos de dormir. Ele também estará carregando uma pá. Penso no rolo de papel higiênico na minha mochila e me arrependo de cada escolha que fiz que me levou a esse ponto.

— Excelente. — Eu desenrosco uma garrafa de água, bebendo a coisa toda.

— Ei. — Ele dobra os joelhos e se inclina para me olhar nos olhos, o fantasma de um sorriso curvando seus lábios. — Você está bem? Está tudo ok?

— Sim.

A luz brincalhona em seus olhos diminui.

— Você não quer ir?

— Você está tentando me convencer a sair dessa? — Eu pego minha mochila, estreitando meus olhos para ele de brincadeira. — Esse tesouro é meu, Koehler. Vamos lá.

O sorriso volta, maior agora.

— Ok, *Parrish.*

Parece que será um dia ameno de primavera, e a viagem é linda. A picape de Wesley passa por túneis verdes, brilhantes e ricos, como se estivéssemos dentro de uma esmeralda. As íris e os corações sangrando desabrocham, flores de jardim murchando à medida que avançamos, superadas por plantas nativas. Ele as chama pelo nome, apontando orquídeas sapatinho, flox, halesias crescendo diretamente de rachaduras na estrada. Eventualmente teremos que consertar a estrada, pois parece que sofreu vários terremotos e um apocalipse. A perspectiva me deixa um pouco triste. Estou começando a gostar da selvageria de Falling Stars, a natureza recuperando o que roubamos.

Cedo demais, estamos estacionando em um campo e Wesley está desligando o motor.

— É isso — ele anuncia, abrindo a porta.

— Já? — Pego o mapa, calculando a que distância estamos do primeiro X e, a seguir, a que distância o segundo X está do primeiro. Existem cinco locais de tesouro em potencial. Mais de duzentos e noventa e quatro acres.

— Espero que você esteja usando tênis de caminhada.

Eu estou. Com meias especiais do Dr. Scholl que supostamente previnem bolhas. A última coisa que minha libido idiota precisa é que meus pés se esgotem, deixando Wesley responsável por me levar para casa.

— Espero que você esteja usando luvas de escavação — eu rebato.

— As mãos já estão calejadas. — Ele levanta as sobrancelhas, um pouco altivo. — Eu trabalho com paisagismo, lembra? Não sou estranho a pás.

Oh. Certo.

Não tenho nada a ver com suas mãos calejadas ou quão robusto e capaz ele parece quando encolhe os ombros em sua mochila. Aposto que ele poderia me levantar em seus ombros agora, sem vacilar. Se tenho que sobreviver a isso, terei que fingir que ele não é meu companheiro de exploração gostoso, e sim um… urso guarda... ou alguma coisa. Um urso com a barba por fazer e bafo de menta. E com um *cardigã*. Oof.

Estou bem. Estou bem! Vou lutar contra isso como uma infecção.

— Então, Koehler — eu começo casualmente enquanto entramos nas árvores. Sem esforço, casual. De boa, na verdade. — Como você entrou no ramo de paisagismo?

— Eu cresci em uma fazenda. Me conte sobre o seu pai?

Quase caio em uma árvore.

— Desculpe. — Ele parece arrependido. — Eu não queria ser tão direto. É só

que estive pensando. Eu sei que o nome Parrish veio do lado da família de sua mãe. Você nunca mencionou seu pai… — Seu rosto está ficando vermelho.

Ele é estranho, mas estou prestes a ser ainda mais estranha.

— Eu não sei quem é meu pai.

— Oh, não, me desculpe. Não sou o melhor conversador – sou muito melhor em mensagens de texto e notas deixadas no elevador de carga.

— Está tudo bem. — Eu ofereço a ele um sorriso triste. — Você quer ouvir algo maluco? Sempre que penso em meu pai, imagino Mick Fleetwood. Você sabe de quem estou falando? Um dos caras do Fleetwood Mac?

Ele ri.

— Você está falando sério? Por quê?

Eu sei que isso parece ridículo. É ilógico.

— Mick Fleetwood tinha cerca de quarenta anos quando fui concebida e, também, ele é *Mick Fleetwood*. Eu sei que ele não é meu pai. E ainda assim.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— E ainda assim?

— É engraçado o que o cérebro humano faz com uma pequena peça do quebra-cabeça quando perde o resto da imagem. Meus pais se conheceram em um show do Fleetwood Mac. Ela era mais afim do Johnny Cash, mas sua amiga tinha um ingresso extra.

Os olhos de Wesley estão fixos no chão da floresta, uma ruga em sua testa.

— Hmm.

— Isso é tudo que ela me disse sobre ele. Fleetwood Mac é a única informação que tenho, então, embora meu pai provavelmente fosse um adolescente magricela, durante toda a minha vida imaginei o cara de meia-idade na capa do álbum *Rumours*. — Que comprei com meu primeiro salário e memorizei. — Acho que ele deve ter olhos azuis, porque os meus são azuis e os da mamãe são verdes.

— Meus pais estão juntos desde o ensino médio.

— *Uau.*

— Sim, é meio chato para todos os seus filhos que os pais tenham encontrado seu par perfeito tão jovem. Eles acham que deve ser fácil para todos. Tudo o que ouço quando visito é que o tempo está passando e vou morrer sozinho.

Eu estremeço.

— Você não vai morrer sozinho.

Ele encolhe os ombros.

— Eu estou bem com isso se acontecer.

Percebo que ele está começando a se calar, então mudo de assunto, tirando minha bússola do bolso para fingir que sei o que estou fazendo quando miro para um lado e para o outro. Eu ganhei ela de uma caixa de Lucky Charms quando era criança.

— Tem certeza de que não vamos encontrar o Pé Grande hoje?

Ele sabe o que estou fazendo, mas funciona – ele me concede um quase sorriso de lado.

— Você não tem prestado atenção nas aulas. O Pé Grande não vive em Appalachia.

— Pé Grande, o Monstro do Lago Ness — eu comento, incapaz de esconder

minha curiosidade. — Você acredita neles?

— Você vai rir de mim se eu disser que sim?

— Nunca.

Ele considera isso.

— Então talvez eu acredite neles. Ou posso acreditar na *possibilidade* deles. Não seria incrível se essas criaturas fossem reais e conseguissem enganar os humanos todo esse tempo? Quer dizer, os humanos assumiram tudo. Enjaulamos animais, saqueamos, destruímos.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Enquanto isso, aqui estão esses outros seres antigos que só querem privacidade, e eles foram mais espertos que nós — ele continua. — Um dedo do meio gigante para os babacas que arruinaram seus habitats. — Ele franze a testa, parando. — Sinto muito por dizer *babacas.*

Eu balanço minha cabeça, suprimindo uma risada.

— Está tudo bem.

— Eu não gosto de xingar na frente de mulheres.

— Está tudo *bem.* Eu xingo o tempo todo. Enfim, você estava dizendo…?

— Eu me empolguei. Eu não vou xingar de novo. — Lanço-lhe um olhar severo e ele continua: — Ok, então essas pessoas que procuram pela Nessie, que têm seus próprios programas de TV dedicados a obter evidências em vídeo do sobrenatural, é tudo para ganhar dinheiro. Eles querem desesperadamente encontrá-los, por dinheiro e influência, mas se eles encontrarem o Pé Grande, se encontrarem Nessie, isso significa o fim do modo de vida dessas criaturas. Elas nunca teriam paz novamente. Se elas forem verdadeiras, os cientistas conseguirão toneladas de fundos para fazer uma busca real, forçando-os a sair do esconderijo. Não é do interesse delas serem encontradas – o que significa que os caçadores não se importam com essas criaturas, na verdade. Fico feliz em pensar que elas existem, que nunca serão encontradas por aqueles que elas não querem que as encontrem.

— Você não quer encontrá-las?

— Eu quero uma prova — ele admite — especialmente do Monstro do Lago Ness. Esse é meu mito favorito; há uma tonelada de evidências para comprovar sua existência, e não apenas a existência de um, mas provavelmente mais. Talvez até mais do que um punhado. *Mas,* eu só quero uma prova porque eu realmente preciso saber que esses mitos em que a maioria do mundo não acredita conseguiram se safar. O fato de eles terem feito o maior truque de todos os tempos, vivendo tão furtivamente que se tornaram lendas e, acreditar no contrário hoje em dia torna todos céticos. Quero acreditar que ainda existem maravilhas por aí que não foram estragadas. — Seu rosto endurece. — Mas eu não interferiria. Eu nem mesmo tiraria uma foto de um Monstro do Lago Ness. Eu nunca violaria seu direito à privacidade.

— Você não contaria a ninguém?

— Eu não contaria a ninguém. Nem uma única alma, nem por um bilhão de dólares. — Ele olha para mim com uma expressão insegura. — Você quer rir.

Ele está interpretando mal meu sorriso. Nunca adorei um discurso mais do que adorei o fato de Wesley falar ardentemente sobre criaturas míticas com desejo em seu olhar. Nunca tive motivos para esperar que o Monstro do Lago

Ness existisse, e agora estou cem porcento investida. Eu preciso que Nessie seja real, por Wesley.

— Nem um pouco — eu asseguro a ele. — Eu também acredito nas coisas. Tipo, todos os OVNIs que foram avistados? Acho que provavelmente temos alienígenas andando pela Terra. — Eu encolho os ombros.

Seus olhos brilham.

— Né? Faz sentido! Acho que extraterrestres também estão aqui. Talvez escondidos à vista de todos, com a mesma aparência que nós, ou possivelmente protegidos do espectro visível por tecnologia avançada. Ou o governo os mantém em cativeiro, mas não está nos contando porque isso irá expor os experimentos desumanos que estão realizando neles. — Ele desacelera. — Veja.

É a entrada para uma mina desabada. A mina também está desenhada no mapa, bem ao lado do primeiro X. Está com arame farpado, fechada com uma placa de CUIDADO podre. Eu não teria notado, obscurecida por uma massa de videiras espinhosas.

Eu assobio.

— Boa pegada.

Deixamos cair nossas bolsas e esticamos nossos membros, meus músculos já doloridos. Depois que eu encontrar ouro e me tornar uma bilionária, minha primeira compra será um trilho que se estende até aqui, com um daqueles carrinhos de São Francisco para acompanhar.

— Então. Aliens. Área 51 — menciono enquanto forrageamos com nossos narizes apontados para o chão. Estou satisfeita por poder contribuir mais para a conversa alienígena, querendo manter o tópico vivo quando ele traz à tona um lado tão maravilhoso e tagarela de Wesley. É claro que ele pensou muito em mitos e conspirações.

Um lado da boca de Wesley se curva para cima em um sorriso. Ele estende a mão em minha direção, passando a mão em meu peito enquanto toca o pingente em meu colar. Isso dura apenas um segundo, então ele o solta, o olhar voltado para o chão. Assim que consigo respirar novamente (leva alguns segundos), eu mesma toco o pingente e me atinge.

O *51* gravado.

Esta joia que pensei ser de Violet, já que a encontrei debaixo da cama dela, que na verdade é...

— Isto é *seu*! — Eu grito.

Wesley morde o lábio para conter outro sorriso, mas ele escapa.

— Sim.

Eu fico boquiaberta com ele de boca aberta.

— Por que você não disse nada? Achei que pertencesse à tia Violet.

— Eu sei.

— Achei que fosse dela – pelo seu quinquagésimo primeiro aniversário ou algo assim! — Eu gaguejo.

— Imaginei. Violet comprou isso para mim como um presente. Era um chaveiro de *Arquivo X*; costumávamos assistir a esse programa juntos.

— E aqui estou eu usando! Me sinto estúpida. — Eu imediatamente alcanço a parte de trás do meu pescoço, atrapalhando-me com o fecho, mas a mão dele dispara, fechando os dedos sobre os meus.

— Não, fique com ele — ele me diz seriamente. — Por favor.

Eu resmungo, envergonhada. É bom que eu possa desviar o olhar, me ocupando de estudar o solo em busca de quaisquer marcadores, quaisquer distúrbios que possam sugerir um tesouro nas proximidades.

— Eu gosto que você use — ele me diz em um tom tão suave e genuíno que minha cavidade torácica parece oca. — Durante meses, não consegui encontrar. Então, um dia, ali estava a peça perdida do meu chaveiro em volta do seu pescoço.

— Wesley.

Ele para. Eu levanto meu braço para uma árvore com um tronco curvando-se na forma de um S, o lado voltado para nós riscado com um grande *X* ao nível dos olhos.

Wesley a encara.

— Bem, isso foi muito mais fácil do que eu pensei que seria.

— Sem brincadeira. Um X real? — Eu olho da árvore para o mapa e volto novamente. — Eles adivinharam a localização com perfeita precisão.

Ele abre o bolso externo de sua bolsa e retira uma ferramenta que se assemelha a um cortador de caixa de grandes dimensões. Em seguida, ele pressiona um botão e o agita sobre a grama na base da árvore.

— O que é isso? — Eu pergunto.

— Detector de metal portátil.

— Oooooohh, igual a um escoteiro. — Estou brincando, mas ele acena afirmativamente.

— Escoteiro Águia. — Ele examina meu rosto, acrescentando ironicamente: — Eu era muito popular no colégio, como você pode imaginar.

Olhando para ele, você pensaria que ele *teria sido* superpopular. Um tipo de atleta gostoso. Mas Wesley Koehler não é nada do que parece.

Cada novo detalhe sobre ele me faz querer saber mais.

— Você cresceu perto daqui?

Uma pequena luz no detector de metais pisca em verde enquanto emite um bipe. Ele troca por uma pá, depois projeta o polegar. Oeste, de acordo com minha bússola.

— Em Stevenson, onde minha família ainda mora. Você nunca deve ter ouvido falar, é uma cidade muito rural.

Estou surpresa que ele saiba qual direção é o Oeste sem olhar para cima.

— Aposto que você se interessou pela FFA no ensino médio. — Ele definitivamente parece o tipo do Futuros Fazendeiros da América.

— Pegava detenção por chegar atrasado à aula de inglês o tempo todo porque estava cuidando das plantas de outros alunos no jardim da nossa classe agrícola.

— Dando A's para crianças que não mereciam, eu aposto.

— Vale a pena. Nenhum deles sabia nada sobre tomates.

A ponta da pá bate em algo subterrâneo. Nós nos olhamos.

— É, aqui está o ouro, parceiro — eu digo, muito séria.

Wesley bufou e riu. Nós nos ajoelhamos, espanando a sujeira e arrancamos uma lata de biscoitos suja do chão. Cookies de manteiga dinamarqueses Royal Dansk.

— Não é bem um baú de tesouro, é? — Observo em dúvida, as barras de

ouro em minha mente encolhendo. Em vez disso, talvez sejam moedas de ouro.

— Ei, eu gosto de cookies. Eu vou levar.

— Hmmm, cookies velhos. — Tento arrancar a tampa, mas está fechada com ferrugem. Entrego a lata para Wesley, que abre a tampa com um movimento fácil. Vou ser honesta, isso me deixou um pouco amarga.

— Bem, não são cookies.

Também não é ouro.

Eu levanto um anel de diamante art déco de sua cama – uma toalha desbotada – e o giro para capturar a luz. Wesley seleciona outra joia, um anel de noivado com uma grande esmeralda flanqueada por dois diamantes em uma faixa de ouro. O terceiro item da lata é uma pulseira de diamantes.

— Vaca sagrada! — Eu exclamo. — Aposto que eles valem uma tonelada de dinheiro. — Pego um pequeno cartão branco que tem uma frase escrita em letras douradas: *Sempre teremos Paris.* — Interessante.

Wesley olha o cartão à minha frente, estendendo a mão para ele.

— Posso?

Eu entrego o cartão, trocando-o pelo anel de esmeralda. O metal está frio quando o deslizo sobre o dedo, mentalmente pressionando o PLAY em um cenário no Pont des Arts em Paris enquanto um homem ajoelhado me pede em casamento com um anel assim. Abaixo de nós, o Sena brilha.

— Isso é extraordinário — murmuro, experimentando a pulseira. — Temos que verificar os outros. E se houver um tesouro em um dos outros lugares também?

Wesley acena com a cabeça.

— Devemos definitivamente verificar todos eles.

• • • • • • •

Não muito tempo depois, estou me arrependendo daquela garrafa de água que bebi antes de sairmos. Ordeno que ele fique parado na margem de um riacho enquanto procuro um lugar para fazer as minhas necessidades. Paranóica que ele possa me ver do outro lado da distância de um campo de futebol, fico irremediavelmente perdida no meio do mato e não tropeço no caminho de volta por trinta e seis minutos. Wesley se levanta de sua rocha designada na margem do rio quando eu saio, o rosto pálido de pânico. Seu cabelo está uma bagunça, como se ele tivesse passado os dedos por ele sem parar. Percebo que ele enrolou novamente seu saco de dormir para comprimir cada molécula de ar dele e o enfiou no topo de sua mochila junto com os muitos sinos e apitos que ele também reorganizou durante minha ausência.

— Eu estava indo procurar você! Eu estava preparado para levar um tapa também, dependendo do que você estava fazendo quando te encontrasse, mas há *ursos* por aqui. Não vagueie tão longe.

Eu empunho minha confiável lata de spray para urso que rezo para não precisar usar, sorrindo. Isso dói. Minha bochecha esquerda disse olá para uma sarça um pouco perto demais e foi arranhada.

— Estou bem!

— Aqui, você deveria colocar mais repelente de insetos. Já se passaram algumas horas. — Wesley começa a mexer com o Off! Deep Woods e uma pomada verde cremosa que cheira fortemente a menta. Eu enrugo meu nariz

enquanto o coloco, mas não é bom o suficiente para Wesley e ele me faz espalhar ainda mais até ficar com uma gosma verde da cabeça aos pés. Nunca me senti tão feia em minha vida. Wesley fica para trás, avaliando-me com satisfação.

— Isso vai manter os carrapatos longe de você — diz ele, pintando-se de Shrek.

— Estou cheirando mal.

— Melhor do que pegar a doença de Lyme. — Ele me joga um cantil com água. Wesley faz um esforço consciente para evitar plásticos descartáveis e não seria pego morto com Aquafina. — Beba tudo isso para não ficar desidratada. Temos uma longa caminhada pela frente.

— Obrigada, Escoteiro Águia. — Dou um tapinha em seu ombro de maneira amigável. Sua camisa está úmida de suor. — Você também, senhor. Beba um cantil.

— Eu bebi dois deles enquanto você estava fora. Você quer sentar um pouco? Dar um tempo?

— Estou pronta para continuar, se você estiver. — Não há como me parar agora. Estou com febre de ouro. — Me dê esse mapa.

Ele me dá o mapa e uma barra de granola.

— Para manter o açúcar no sangue estável até pararmos para o almoço. — Ele tenta ser discreto ao me ver comer para ter certeza de que vou terminar tudo, mas suas longas pernas o impelem com força e, estando à minha frente, ele tem que continuar se contorcendo para ver o que estou fazendo.

Não consigo nem fingir que estou irritada – é tão bom que alguém se importe. Eu descasquei a barra de granola, saboreando-a em pequenas mordidas.

Demora cerca de duas horas para chegar ao segundo X no mapa, levando-nos a um pátio ferroviário abandonado há muito tempo. O detector de metais é inútil aqui, com sucata por todo o lugar, fazendo-o gritar loucamente. Nós afastamos os trilhos soltos, pegamos espinhos e os jogamos no mato. Eixos. Hastes de pistão. Um pedaço de metal esmagado que estou chamando de apito, mesmo que não seja. Reclamamos dos mosquitos e de como não deveria estar tão quente tão cedo em maio até que estejamos enjoados um do outro e de nós mesmos. Então, a maravilha das maravilhas, encontro nosso tesouro duramente conquistado dentro de uma velha lanterna com suas lentes azuis estouradas. Provavelmente de todas as pedras que chutamos.

— Não pode ser isso — eu digo, segurando o tesouro. É uma fita cassete.

— Tem que ser. Não há mais nada aqui.

Além disso, a única marca no rótulo da fita é a letra X, em caneta azul.

— Talvez seja uma isca — eu respondo lentamente. — Talvez alguém tenha encontrado esse tesouro antes de nós e o substituiu por uma fita cassete. — Eu posso ouvir minha incredulidade. — Por algum motivo.

— Talvez sejam gravações inéditas dos Beatles — ele responde misteriosamente.

Eu ilumino, dando uma série de tapinhas rápidos no antebraço dele.

— Ei! E se não for música: e se for uma *confissão secreta de assassinato?* — Eu esforço meu cérebro, tentando me lembrar onde o Assassino do Zodíaco morava. — Há algum assassinato famoso não resolvido por aqui?

— Vamos continuar — ele sugere, arrancando a fita de meus dedos. — Talvez encontremos algo melhor no próximo local.

Fazemos uma pausa para o almoço no topo de uma colina macia, o calor do dia aumentando cada vez mais. Nossos sanduíches de pasta de amendoim e geleia estão quentes e pastosos, mas estou com tanto apetite que eu como o meu em três segundos. Eu não peguei água suficiente, então para racionar, Wesley se oferece para dividir um cantil. Cada vez que é a minha vez de tomar um gole, fico com a emoção mais patética do mundo em saber que nossas bocas tocaram o mesmo lugar.

Levantar depois que minhas pernas tiveram a chance de descansar é uma tortura.

— Aghhhh — eu gemo.

Wesley me dá uma olhada.

— Você quer se sentar um pouco mais?

— Não. — Eu encontro sua preocupação com obstinação. — A menos que você esteja ficando cansado.

— Pshhhh. — Ele sorri e vamos embora. Eu tenho que cerrar os dentes nos primeiros minutos, antes que meus músculos relaxem e cooperem novamente. Minhas costas não são tão comprometedoras.

Eu mudo o peso da minha mochila pela décima vez em poucos minutos. Wesley está um pouco à minha frente, então ele não deveria ter notado, mas ele a puxa dos meus ombros, jogando-o sobre um braço para amontoar meu fardo com o dele. Tento protestar, mas ele balança a cabeça.

Há ventos cortantes em minha cavidade torácica agora. Ventos árticos prateados e agudos. Os efeitos físicos de uma paixão são tão intoleráveis quanto os emocionais.

Encontramos o terceiro X às duas e meia da tarde, num poço dos desejos. Não é um poço de desejo adequado. É um enfeite de gramado decorativo, com lindas telhas de madeira e um balde charmoso que você pode rolar para cima e para baixo. Quando o encontramos, o balde está no fundo. Nós o aumentamos, colocamos de lado um plástico transparente funcionando como uma capa protetora e retiramos duas fotografias embrulhadas em plástico.

Uma das fotos é do tio Victor, antes de ficar doente, em frente ao espelho embutido no guarda-roupa branco da sala. Suas roupas e o cabelo grisalho me dizem que foi tirada nos anos oitenta. Ele está apertando os olhos com uma câmera Polaroid apontada para um olho, flash brilhando enquanto ele pressiona o botão do obturador. Sua outra mão está na frente dele, apontando para o chão. A outra fotografia é exatamente a mesma, idêntica aos reflexos fantasmagóricos das lentes, exceto que Victor está apontando para cima.

Tenho arrepios de corpo inteiro.

— Isso é estranho. Acho que Victor sabia um pouco mais sobre toda essa lenda do tesouro do que estava dizendo. — Eu balanço minha cabeça em descrença.

Wesley não está estudando as fotos. Ele está me observando. Quando eu olho para ele, ele esfrega as mãos no rosto, bagunça o cabelo e geme em seus dedos curvados:

— Eu tenho uma confissão a fazer.

Ah, não. Por um momento, a possibilidade de que tudo isso seja inventado, de que Wesley tenha colocado esses tesouros aqui, flutua à superfície. Mas então ele me mostra o cartão do primeiro tesouro: *Sempre teremos Paris.* Há uma impressão nas costas, que eu não tinha olhado antes.

HOLLYWOOD ICE, AS MELHORES JOIAS DE IMITAÇÃO DE CELEBRIDADES. *A COLEÇÃO DE CASABLANCA.*

Meu queixo cai.

— Então as joia são… — Não posso suportar terminar o pensamento.

Ele morde o lábio, pesaroso.

— Falsas. Sim.

— *Casablanca...* Esse filme está no videocassete do Victor.

— Violet assistia todos os anos em seu aniversário de casamento. Eu soube assim que vi o cartão que tudo isso deve ter sido planejado por Victor. Acho que ele enterrou há muito tempo, para lançar as bases para uma lenda urbana de um tesouro enterrado. Ou isso ou ele pensou em tudo enquanto estava doente e arranjou alguém para ajudá-lo. Um presente para Violet, para encontrar depois que ele morresse.

— Oh. — Estou me sentindo extremamente estúpida por ficar tão animada com as joias. Os anéis e a pulseira são bonitos, mas são bijuterias. Provavelmente vale cerca de cinquenta ou sessenta dólares, se forem de uma edição de colecionador legítima.

— Achei que fosse um tesouro real.

— Eu deveria ter te contado. É que você poderia querer se virar e parar de procurar se soubesse que isso não era real.

E ele queria continuar?

Eu quero perguntar por quê. Tenho medo que ele me dê uma resposta.

Wesley levanta meu queixo com a ponta do dedo, desejando que eu encontre seus olhos. Eles estão inundados de culpa, e se eu já não estivesse ajoelhada no chão, aquele toque teria me feito tropeçar. Mas então ele repensa isso, desistindo.

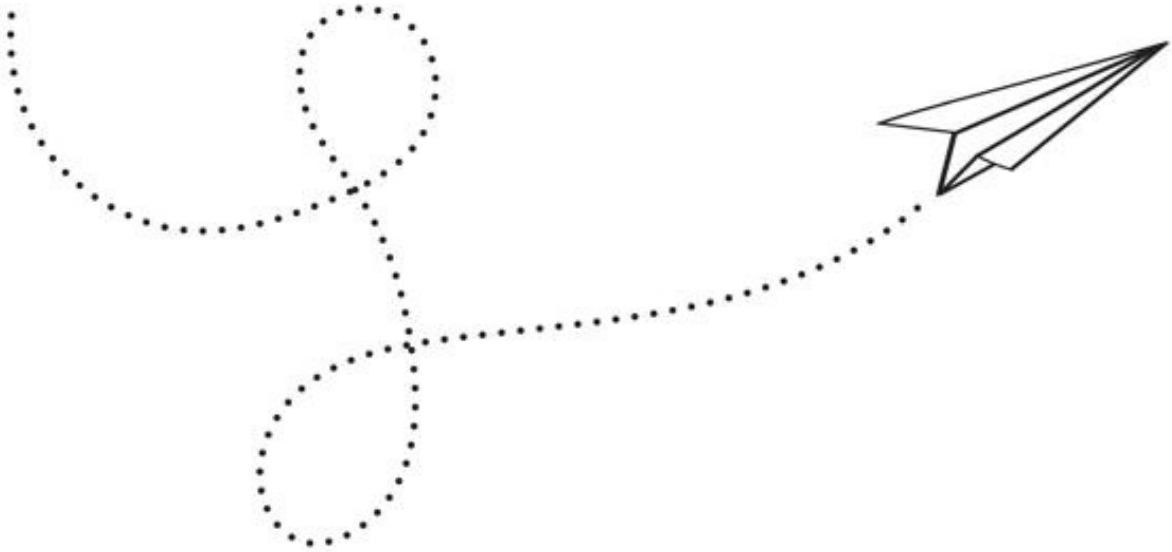
— Eu sinto muito.

— Não, está tudo bem. É... triste que Violet nunca tenha encontrado isso. — Depois que seu marido morreu, ela começou a encher a casa de lixo para substituí-lo. Acho que é provável que ela nunca mais tenha erguido uma árvore de Natal ou enfeites, então a surpresa de Victor não foi descoberta. Estou terrivelmente desapontada por ele e arrasada por ela. Se ela soubesse que ele havia deixado algo assim, talvez isso tivesse mudado seu processo de luto. Talvez ela não tivesse construído o monstro de bagunça que fechava a porta do quarto de Victor, mantendo seu segredo adormecido até depois de sua própria morte.

Pego os anéis e a pulseira, a fita cassete, as fotos.

— Eles *são* reais, no entanto — digo a ele depois de um tempo. — Eles não são diamantes, mas para Violet, isso teria sido melhor do que um tesouro. E este foi um de seus últimos desejos. — Eu me levanto, colocando cada peça cuidadosamente de volta na minha bolsa. — Podemos muito bem ver através disso.

Capítulo 14



Wesley e eu começamos a falar sobre onde esperávamos estar daqui a um ano (a senhora estará presidindo os jogos de festa na sala de bilhar com uma casa cheia de convidados; o senhor estará evitando os jogos de festa e convidados mencionados acima, exercitando um cavalo que resgatou de proprietários negligentes), ficando tão perdidos na discussão que também nos perdemos fisicamente. Levamos mais tempo do que o previsto para encontrar o quarto tesouro: uma caixa de música de gramofone de uma loja de um dólar cuja corneta é camuflada pelas flores da lua ao redor, que toca as primeiras notas de "Somewhere over the Rainbow" antes de parar de funcionar.

Uma ponte que deveríamos cruzar para chegar ao quinto e último X está desmoronada demais para confiar, então perdemos uma hora tentando descobrir um caminho alternativo. O jantar é um banquete para campeões: saladas mediterrâneas pré-preparadas em potes de conserva, sanduíches de tomate e queijo e barras de mirtilo que ficaram tão pegajosas que tivemos que lavar as mãos em um riacho depois.

— Quase lá — Wesley relata, ajustando sua mochila. Está esfriando, o céu se aprofundando em um oceano azul com uma camada de vermelho sobre a linha das árvores. Vejo a primeira estrela, que é um avião. No momento em que eu tiro meus olhos do sorriso de Wesley, três estrelas reais apareceram.

— Porcaria. — O detector de metais, que enfiei no centro do meu saco de dormir enrolado, cai. Estamos de joelhos em um campo aberto de grama indiana, e o detector de metais desaparece no momento em que cai. — Espera.

Talos dourados ondulam enquanto Wesley gira na cintura para me olhar.

— O que há de errado?

— O detector de metais caiu.

Ele pega seu telefone, batendo algumas vezes para acender a luz azul-branca. Eu faço o mesmo, mas antes de poder descer para selecionar a lanterna, minha tela muda e meu dedo pousa em um botão diferente.

— O que...

Gemma Peterson está acenando para mim.

Aceitei uma videochamada.

— Oh, meu Deus, você respondeu! — ela exclama. — Onde você está? Você está do lado de fora?

Wesley lança um olhar confuso em direção ao meu telefone.

— O que é isso?

— *Maybell* — Gemma suspira. — Eu tenho uma TONELADA de coisas para colocar você em dia, meu deus, meu deus, meu deus. Onde você esteve? Como você *está*? Faz uma eternidade! — Ela não deixa espaço para eu responder. — Você não vai acreditar quando ouvir sobre… — Seus olhos ficam enormes, o queixo caindo no chão. — Puta merda. Você realmente foi e o *encontrou?*

— O que eu...

Wesley está atrás de mim, ele e Gemma se encarando por cima do meu ombro. Gemma salta para cima e para baixo, gritando com um som sônico.

— Puta merda! Puta merda! Eu realmente conectei vocês dois? Eu fiz isso acontecer?

O rosto de Wesley se enruga em confusão.

— Do que ela está falando? — ele me pergunta.

Minha garganta se fecha. Não consigo respirar, não consigo pensar. Meu rosto é uma fornalha, então sei que ficou vermelho e sei que é óbvio. A adrenalina aumenta enquanto meus membros enfraquecem. *Tenho que sair daqui.*

— Você é a foto! — ela grita. — Você é a foto que usei para o Jack! Isso é demais.

Ele se aproxima, os olhos se aguçando.

— Minha foto?

Preciso dizer algo, mas deixo cair minha voz na grama e não consigo a encontrar. Acabou. É isso. Meu pior medo se concretizando do nada, sem aviso.

— A foto que mostrei a Maybell! Quando eu estava enviando e-mails do namorado que fiz para ela, que a propósito eu estava conversando sobre isso com um cara que encontrei hoje, porque, meu Deus, não foi uma oportunidade perdida se você pensar bem? Se eu tivesse ligado para Nev e Max do programa *Catfish*, poderíamos ter aparecido na TV. E eles provavelmente teriam nos pago. Mas parece que você foi investigar por conta própria.

Meu pulso acelera a uma velocidade perigosa, rosto quente, orelhas em chamas. Tento regular minha respiração, mas estou quebrada, um vasto pânico branco, alarme sem palavras, e estou paralisada. Mesmo com minha boca aberta, eu puxo muito pouco oxigênio e o mundo começa a confundir e se desfiar nas bordas.

Algo errado está acontecendo com meu corpo.

— Espere — Wesley diz.

Ela passa direto por cima dele.

— Eu ainda me sinto péssima sobre isso, mas se vocês – tipo, vocês estão *namorando* agora? Porque se for, valeu a pena, eu acho. — Seu nariz está a uma polegada de sua tela, tentando ver. — Está ficando difícil ver você. Você pode acender uma luz ou algo assim?

Está ficando difícil vê-la também; eu tenho visão limitada e Gemma é uma pincelada de cores borradas. Meu peito está frio, um bloco sólido de gelo, mesmo quando um calor insuportável irradia de minhas bochechas. Tento fixar meu foco em algo – *pareça normal, pareça normal* – mas minha mente *fica em* branco. Não consigo me concentrar porque estou em pânico. Estou me concentrando em entrar em pânico. Isso torna o pânico pior.

— Maybell? — É Wesley, chegando mais perto. Eu sinto sua presença nas minhas costas, elevando-se sobre mim, e ainda assim não estou aqui. Estou à deriva e solta, o céu se expandindo até ficar mais largo do que a realidade, dobrando a terra abaixo de mim em uma curva de noventa graus.

— Hum. Hum. — Eu pego sílabas aqui e ali, lutando para juntá-las. — Espere aí. — Entrego meu telefone a ele, desligando-me da tagarelice alta de Gemma. Não sei por que entrego meu telefone a ele. *Tenho que sair daqui.*

Estou indo embora, para qualquer lugar, não importa. Um pé na frente do outro, respirando com dificuldade, essa nova vida instável que venho construindo aos poucos se despedaçou. Não sei dizer se estou andando devagar ou correndo, porque não consigo sentir minhas pernas e estou girando para fora do meu corpo, subindo e descendo no céu. Minhas pernas estão bambas demais para a tarefa de me carregar, então me sento e tento colocar minha alma de volta dentro do meu corpo. *Venha, desça daí, volte aqui.*

Eu sou um pântano agora. Eles vão me encontrar em mil anos e alguém vai olhar para os meus restos mortais e dizer:

— Talvez ela fosse alguém importante. — O nome e a personalidade que eles cultivarem para mim será minha contribuição imortal a este mundo.

Eu fecho meus olhos, focando na minha respiração. Sou só eu, as flores silvestres e o vento, e se eu for muito, muito cuidadosa com meus movimentos, posso não ser atirada para o espaço sideral.

As flores silvestres ao meu redor se mexem e suspiram. O vento diz,

Maybell?

Diz,

Você está bem?

Só uma vez, gostaria que o universo me desse algo bom sem lançar efeitos colaterais indesejáveis. Wesley *apenas* começou a se abrir para mim. Ele está sendo atencioso em vez de taciturno, falando e ouvindo. Um amigo. Agora que ele conhece meu segredo, ele vai bater uma porta em qualquer coisa que essa amizade possa ter elevado, mudando de volta para o homem taciturno que conheci no início de abril. Ele não vai querer nada comigo. Eu estraguei tudo.

E antes de responder, continua, *apenas saiba que você não precisa dizer sim.*

Eu inclino minha cabeça para trás para ver que o vento está se aproximando. Tem uma delicadeza para seu tamanho, suave como penugem, águas paradas correndo mais fundo do que você pensa. Ele se esconde nas árvores para ficar sozinho e, ainda assim, prolonga a caça ao tesouro para não ficar solitário. Ele deu seu quarto para uma estranha e permitiu que ela usasse seu pingente, rabiscando seu café de faz de conta com algumas imprecisões que desde então se tornaram reais.

— Ei. — Ele se abaixa no chão, curvando-se sobre minha forma esparramada. Aureolado pelas estrelas. — Você vai a algum lugar sem mim,

Parrish?

Eu o observo, o coração batendo lamentavelmente, o zumbido branco e chiado se estabelecendo enquanto eu volto a mim em incrementos.

— Não sei.

Ele se deita ao meu lado.

— Eu já te contei por que quero um santuário animal?

Ele não contou.

Agora estou me perguntando por que não perguntei.

Wesley me conta uma história sobre seu eu pré-adolescente, sobre sua série de irmãos e pais, uma família de tortas de maçã em uma fazenda. Ele diz que, mesmo em uma família perfeita como a dele, onde os pais faziam tudo certo, ele ainda não se sentia parte dela. Ele me disse que bateu de frente com eles sobre sua "fase vegetariana", que "não era realista para a vida na fazenda". Eles criavam vacas e, quando tinha sete anos de idade, ajudou a dar à luz a primeira bezerra, chamada de Ruby. Ele se apegou a Ruby, criando-a ele mesmo, alimentando-a através de uma mamadeira. Ela teve que se juntar ao rebanho leiteiro quando tinha dois anos, mas ela amava Wesley e ia até ele quando chamada, como um cachorro. Ele era seu humano.

Quando ele tinha doze anos, seus pais lhe disseram que era hora de Ruby partir. Ela não estava mais produzindo tanto leite, então eles queriam abatê-la. Ele amava muito Ruby; ela era *sua* vaca. Ele chorou muito, implorando que o deixassem ficar com ela, tão chateado que teve uma hemorragia nasal. Sua mãe cedeu e disse que ele poderia ficar com Ruby. Mas então, uma semana depois, Ruby se foi.

— Eu meio que perdi o controle — ele me diz, — mas mamãe explicou que eles encontraram um lar melhor para Ruby em uma fazenda no interior do estado.

Eu estremeço.

— Sim. Ela se sentiu mal, mas a agricultura é um negócio e as vacas leiteiras que não produzem leite são um desperdício de dinheiro. De qualquer forma, descobri mais tarde o que realmente significava "uma fazenda no interior do estado" e... agora eu quero ser aquela fazenda no interior.

Meu coração foi arrancado do meu peito.

— Wesley — eu digo calmamente. É necessário todo o meu controle para não envolvê-lo em um abraço de urso, embora tenha se passado tempo suficiente desde que isso aconteceu com ele para que possa falar sobre o assunto sem emoção.

— Sim?

— Eu vou te dar mil galos idosos. Vou invadir fazendas e roubar as Rubys deles. — Eu abro meus braços. — Tudo isso será vacas.

Wesley começa a rir.

— Essa talvez seja a coisa mais doce que você já me disse? — Ele devolve meu celular. — Acho que você está se sentindo melhor. Eu disse à sua amiga que você ligaria de volta amanhã.

Isso não vai acontecer.

— Obrigada. Ela não é minha amiga, no entanto.

Sinto que ele quer fazer perguntas, mas é educado demais.

— Chega de fugir, ok? Não há como escapar de mim de qualquer maneira.

— Desculpe. — Um novo tipo de constrangimento está surgindo. Fantástico. — Não sei o que aconteceu.

— Eu sei. — Ele se senta, me estudando de perto. — Acho que você teve um ataque de pânico.

Um *ataque de pânico*. Eu pisco Uau.

— Isso é o que era? Eu nunca tive um antes. Acho que não gosto deles.

O canto de sua boca se contrai um pouco.

— Tenho ataques de pânico o tempo todo.

— Mesmo? Eu nunca vi você ter um.

— Oh, você definitivamente viu. Alguns são invisíveis. Eu tento disfarçar alguns… — Ele joga a cabeça para trás, pensando. — sendo argumentativo, acho que se pode dizer. Uma das razões pelas quais eu gosto de passar notas de um lado para outro é porque é mais fácil dizer o que quero sem deixar de argumentar. Por causa dos nervos.

— Você é rabugento para esconder ataques de pânico e nervosismo?

— Não me dê muito crédito. Às vezes fico rabugento porque sou parte cacto. — Seus olhos são calorosos. — Você lidou com isso muito bem.

Eu riria se tivesse energia.

— Mentiroso.

O outro canto de sua boca se junta, um sorriso completo tomando forma. Ele estende a mão lentamente, parecendo um pouco nervoso, para tirar o cabelo dos meus olhos. Então ele deixa a palma da mão na minha testa. Eu fecho meus olhos novamente, estremecendo e exalando.

— Isso é legal.

— É?

— É como um peso, para que eu não caia no céu.

— Não podemos deixar isso acontecer. A mão fica.

Eu sorrio. Só um pouquinho. Quando finalmente dou uma espiada, toda a diversão de Wesley se foi, a preocupação clara em seus olhos.

Ouvi-lo falar em seu tom baixo e rítmico me acalmou.

— Obrigada — eu digo. — Eu me sinto normal novamente. Ou quase normal. — Eu nunca vou tomar quase normal como garantido novamente. Estou *exausta*.

— Agora vou te perguntar uma coisa difícil — ele arrisca.

Eu me preparo.

— Eu gostaria que você me falasse sobre Jack.

Meu foco se desvia dele para a Ursa Minor[3].

— Tudo bem. Talvez eu possa fazer isso. — Mas só porque ele compartilhou primeiro. Só porque, olhando para ele agora, não consigo imaginá-lo respondendo com grosseria.

Então, conto a Wesley sobre Gemma, Caleb e Jack. Sobre quem, curiosamente, eu não pensei no que parecia ser uma eternidade. E a quem eu considerava o namorado ideal, embora, em retrospecto, fosse uma conexão ridiculamente superficial. Se ele fosse real, não teríamos sido uma boa combinação.

— Gostei da *ideia* de um namorado espontâneo, viajado pelo mundo, barulhento e sociável — admito, corando, — mas, na verdade, acho que combino mais com...

— Sim? — Wesley pede. Sua voz é estranha, como se ele tivesse pego emprestado a voz de outra pessoa.

— Acho que alguém um pouco mais sério, um pouco mais fundamentado — me forço a terminar, — para me equilibrar. Alguém compreensivo. Confiável.

Ele fica quieto por um tempo. E depois:

— Hm.

— Hm — eu concordo, dolorosamente ciente de, bem, de *tudo*. A grama se achatou embaixo de mim, o ar fresco sussurrando contra minha bochecha, o punhado de estrelas em um vasto céu aveludado. O corpo quente ao lado do meu, com um grande balão de pensamento que quero estourar com um alfinete para ver quais palavras saem.

— Ainda não entendo o *por quê* — ele diz do nada, intrigado. — Quero dizer, você me disse *porquê* ela fez isso, mas ainda não faz sentido. Mesmo que ela tivesse a melhor das intenções, quem trata as pessoas dessa maneira? Ela poderia apenas ter dito a você que tinha sentimentos por Caleb, e conhecendo você, tenho certeza que você a teria assegurado de que ela não tinha nada com que se preocupar.

— Acho que é porque um cara que ela namorou uma vez entrou no hotel e me cantou. Eu não estava interessada, mas acho que ela não confiou totalmente em mim depois disso. A parte mais frustrante, porém, é que durante todo aquele tempo em que ela estava me distraindo com Jack, ela nem mesmo convidou Caleb para sair! Ela o superou muito rápido, então parece tão inútil em retrospecto. Toda essa energia e para quê? Gemma escolheu a opção mais drástica para o plano A. Acho que ela gosta do drama.

— Talvez seja uma coisa boa não entendermos o tipo de pessoa que age assim — diz ele sombriamente. — Estou feliz que você vai ter um hotel próprio e não precisa mais ficar perto daquela parasita e do pai dela. Você conhece aquele ditado sobre o sucesso ser a melhor vingança? Com sua experiência de trabalho, Falling Stars está fadada ao sucesso.

Ah, cara.

Está saindo.

Eu não posso manter isso.

— Eu tenho outra confissão.

Ele escuta, sem interromper.

— Não sou uma verdadeira coordenadora de eventos. — Eu coloco minhas mãos sobre meu rosto. — Eu era uma empregada. Eles me deram a promoção para que eu varresse o que Gemma fez para baixo do tapete e não levasse nenhuma reclamação para a corporação, mas nunca obtive autorização para nenhum dos eventos que planejei. Nenhuma das atividades que apresentei foi aceita.

— Hm — ele diz novamente. — Bem... um histórico de empregada é tão útil quanto a experiência de coordenação de eventos se você pensar a respeito. Você saberá melhor do que ninguém como limpar tudo o que precisa ser limpo, mantendo cada cômodo com uma boa aparência. Isso é importante. Além disso,

você tem todas essas idéias de como os hóspedes podem se divertir durante sua estadia. Ter metas elevadas e algo a provar é uma combinação que trará resultados.

Eu não posso acreditar que ele não está bravo.

— Eu menti, no entanto.

— Menti sobre a cabana ser de dois quartos — ressalta. — Eu não disse a você imediatamente que as joias eram falsas.

— Essas são *boas* mentiras. — Eu deveria parar de insistir, mas não consigo parar. É incrível: estragar tudo e mesmo assim a outra pessoa não ir embora automaticamente, me deixando para morrer. — Minha mentira foi egoísta.

— Mas você estava certa — ele argumenta. — Falling Stars seria um ótimo hotel.

— Talvez a única razão de eu querer um hotel seja porque meu subconsciente internalizou aquele cartão-postal há muito tempo.

— Talvez você tenha visto a alma de Falling Stars e soubesse o que ela queria ser, mesmo antes de encontrar aquele velho jornal.

O estresse me torna teatral. Eu jogo o braço em meu rosto, decidida a nunca mais me levantar.

— Para de ser legal, eu não aguento. Pegue tudo para o seu santuário animal — declaro. — Até o salão de baile. Vamos colocar porcos nele.

Ele agarra meu braço. Me puxa para cima.

— Vamos, rainha do drama. Há um tesouro lá fora para nós.

— Você não se sente estranho? — Não posso deixar de perguntar. —Quer dizer, eu pensei que tinha namorado a sua *foto.*

— Estranho? — Ele solta um longo suspiro de sofrimento. — Como posso dizer isso? — Ele inclina a cabeça para trás, procurando respostas no céu escuro. — Como posso dizer isso.

Eu lanço para ele um olhar questionador.

Uma mão pairando na parte inferior das minhas costas faz contato direto, me impelindo para frente.

— Você não tem nada do que se envergonhar. Absolutamente nada. Estou profundamente, *terrivelmente* lisonjeado por você ter deslizado pra direita para mim. — Olhos turbulentos cortaram para os meus, depois para a grama. — Me faz desejar ter tido um perfil real do Tinder naquele dia.

• • • • • • •

— Me pergunto onde o tesouro poderia estar — eu digo ironicamente enquanto nos aproximamos da caixa de correio erguida em um poste no meio do nada. Sua bandeira vermelha está levantada, pacote pronto para coleta.

Ele gesticula para que eu faça as honras. Estou inexplicavelmente nervosa quando o abro, revelando teias de aranha e um envelope de papel encerado marrom.

— Você vai pegar? — Wesley pergunta quando eu hesito.

Eu puxo para fora; é leve, contendo no máximo uma folha de papel. Há uma finalidade triste nisso – vou abrir o envelope e então... está tudo acabado. Essas interações unilaterais com o tio Victor que Violet deveria ter experimentado, e essa aventura mútua em que Wesley e eu estamos. Não estarei pronta quando isso acabar.

— Podemos esperar até amanhã para abrir?

— Claro. — Wesley não pressiona com perguntas. Ele simplesmente coloca a lanterna entre os dentes e abre o zíper da minha bolsa para colocar esse tesouro entre os outros.

Então ele me acerta com a pergunta que faz meu estômago embrulhar.

— Pronta para montar acampamento?

A longa resposta para isso é um grito interno que dura aproximadamente dez minutos. A resposta curta é um "Sim" enganosamente (espero) casual.

Isto é bom. Eu estou bem.

Estou totalmente bem, nunca estive melhor, enquanto seguro a lanterna para Wesley enquanto ele arma a barraca para nós, segurando o pedaço de metal com as duas mãos para que o fluxo de luz não balance e me denuncie. Estou pirando e ele está focado em sua tarefa, irritantemente calmo. A menos que ele esteja pirando também, mas escondendo isso melhor do que eu. Eu me lembro do que ele disse sobre mascarar seus ataques de pânico e estreito meus olhos para ele. Ele poderia estar tendo um agora, pelo que sei.

Ou talvez não seja grande coisa para Wesley que vamos ficar deitados um ao lado do outro a noite toda. Ou duas noites, se acontecer de ter uma tempestade de neve horrível que nos prenda aqui neste campo. Quer dizer, está vinte e um graus e é improvável uma tempestade de neve, mas coisas mais estranhas já aconteceram. Poderíamos ficar presos juntos aqui por dias – um porco-espinho desonesto poderia rasgar meu saco de dormir, forçando-nos contra nossa vontade a compartilhar um único saco de dormir. Seria uma pena. Não consigo nem entreter o pensamento.

Eu entretenho o pensamento em detalhes vívidos com metade da minha concentração, a outra metade canalizada em manter minha compostura fria e controlada, uma expressão de *não me importo*. Eu soube durante toda a semana que isso estava chegando, mas imaginar e experimentar estão tão distantes um do outro quanto os pólos norte e sul. Nada poderia ter me preparado para esse pânico, essa espiral confusa, emocionante e assustadora. Nada vai acontecer esta noite, eu sei.

Percebo que não raspo as pernas há quatro dias e respondo ao bate-papo de Wesley com um sorriso, tenho certeza que me faz parecer que estou com dor. Talvez eu esteja me subestimando. Sou totalmente capaz de ignorá-lo enquanto estou deitada ao lado dele. Posso fingir que ele é uma parede.

— Trouxe uma com teto transparente de plástico — diz ele, batendo na cúpula da tenda. — Bom para observar as estrelas.

— Mm-hmm — eu digo firmemente. Meu tom é a última nota de um piano.

Wesley joga nossas malas na barraca.

— Me dê um minuto? Só vou trocar de roupa. Então depois pode ser você.

Eu balanço minha cabeça.

— Sim, sim, sim.

Ele ergue uma sobrancelha para mim e desaparece na tenda. Eu quase cedi. Não tenho absolutamente nenhum direito de me permitir visualizar o que ele está fazendo lá, mas eu ainda faço. Eu aperto meus olhos fechados, considero correr para as árvores, e me ordeno severamente para não ouvir aquele barulho que é inconfundivelmente um par de calças sendo removido. Simplesmente não possuo

a força que esta situação exige de mim.

Ele surge com sua camisa de PAISAGISMO KOEHLER e calça de moletom cinza que embaçam meus óculos. Cabelo despenteado. Seu cheiro de chuva e terra e fogueira flutuando mais forte, revigorado, estendendo a mão para me socar no estômago. Um chyron de linguagem explícita rola no fundo do meu campo de visão.

— Sua vez.

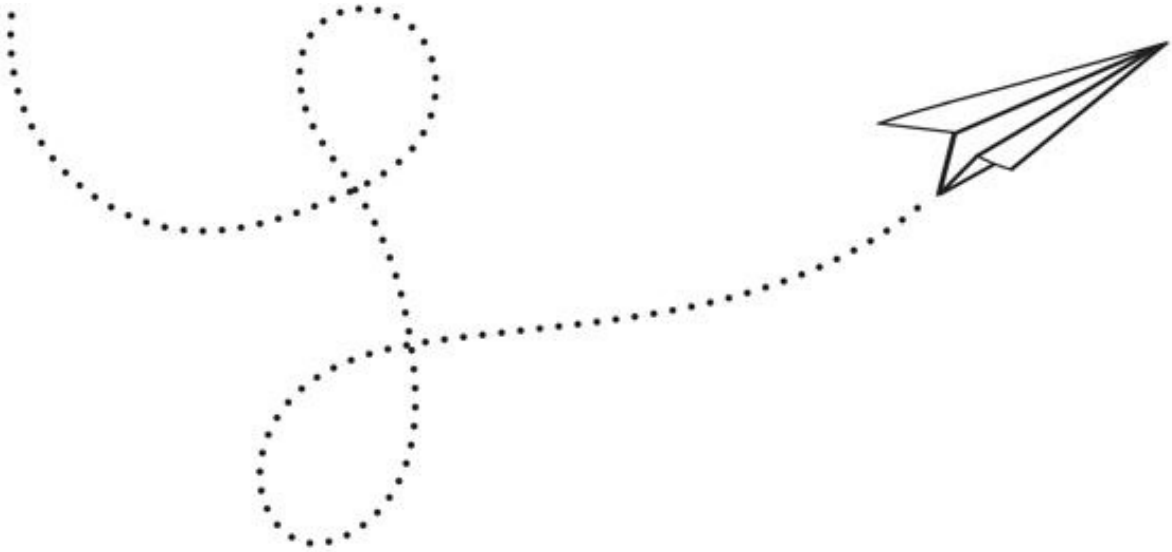
— Legal, obrigada — eu guincho, deslizando por ele. Nossos olhares se chocam e não podem ser desbloqueados por um momento, a função emperrada. Arrasto o meu para longe, o peso dos oceanos, membros desajeitados, e está tudo bem, eu acho que eu sei como vou morrer agora. Nem todo mundo sabe.

O volume nesta tenda quando abro o zíper da minha bolsa é obsceno. Ou minhas pernas incharam ou meu jeans encolheu, porque lutar para tirá-los é uma vergonha. Wesley absolutamente, cem porcento, ouve o barulho da minha camisa subindo sobre a minha cabeça. Eu passo meu desodorante, aliso meu cabelo, passo mais desodorante como precaução, e luto pra sair para poder escovar os dentes. Eu faço isso a uns quatro metros da barraca, no escuro, de modo que Wesley não possa ver a espuma da pasta de dente escorrendo pelo meu queixo. Talvez eu esteja perdendo o controle.

Logo, não há mais nada a fazer a não ser entrar na boca da besta. Eu rastejo primeiro, sentindo o calor de Wesley, seu tamanho, nas minhas costas enquanto ele segue o exemplo. Com nós dois aqui, o espaço é impossivelmente pequeno. Pequeno como o sótão da cabana. Prendo minha respiração enquanto ele alcança meu corpo deitado. Nossos olhos se encontram na quase escuridão, e eu sigo o arco prateado de uma estrela cadente em suas íris enquanto Wesley sobe o zíper.

Nenhum lugar para correr agora.

Capítulo 15



Estou enterrada viva até o pescoço em um saco de dormir, cada respiração um trovão, lufadas de névoa fria entrando e saindo de minha boca.

— Uau, estou tão cansada — minto, sem ser provocada.

Silêncio. E depois:

— …Sim.

— É hora de contar ovelhas, eu acho. — Eu rolo na direção oposta de Wesley, as feições se transformando em *alguém me mate agora.* Eu nunca serei legal.

— Isso funciona para você?

— Claro. — Estou mentindo de novo. Ficar nervosa está me transformando em uma mentirosa. — Quero dizer, não. Você nunca experimentou? O que você pensa antes de dormir?

Ele fica quieto. Acho que ele está tentando descobrir o que realmente estou perguntando.

— É como ovelhas, mas Maybells. Um monte de você, uma após a outra, pulando por um campo.

Estou muito tensa para que meus sensores de sarcasmo funcionem, então não tenho ideia se ele está brincando. Antes que eu possa deixar escapar qualquer bobagem questionável, ele felizmente continua falando.

— E você? Você vai para o seu lugar feliz?

Levo um segundo para lembrar que meu lugar feliz não é esta barraca que cheira a náilon, repelente de insetos e garagem velha. Ele está se referindo à cafeteria.

— Sim, normalmente. — Com exceção da semana passada.

Durante anos, fechar a porta para o mundo real e cair de um buraco nas nuvens em meu café fictício foi uma transição automática. Requer total cooperação para abandonar o aqui e agora, desocupar meu corpo. Aqui e agora, estou tão consciente do meu corpo que não vou conseguir deixá-lo de jeito

nenhum. Também estou fortemente ciente de Wesley, de como as costas de sua mão roçam minha coxa através de nossos sacos de dormir.

— Desculpe — ele murmura.

— Está tudo bem. — Cara, é isso. Eu gostaria que ele fizesse isso de novo.

A lembrança de meu café aciona um interruptor pavloviano: raios de luz rosa se inclinam através da claraboia de plástico e depois desaparecem enquanto giram como um farol. Já posso sentir o cheiro de açúcar e farinha, ouvir as notas mais leves que o ar, brilhando em uma jukebox retrô que guarda todas as minhas músicas favoritas. Eu sei onde meus clientes inventados com seus rostos borrados estarão esperando em êxtase, um museu de cera mágica onde todos ganham vida quando minha mão gira a maçaneta da porta para entrar. A paz interior está a apenas um segundo de distância, um convite irresistível.

Eu resisto, néon rosa encolhendo do perfil de Wesley, desaparecendo na noite como espíritos banidos.

— Você realmente pensa em um bando de ovelhas Maybell pulando? — Eu pergunto.

— Você tem certeza que quer saber? — Sua voz é baixa e perigosa.

Sim.

Não.

Esse é um banquete de ideias terríveis. *Não comece nada que você não possa terminar,* digo a mim mesma. Vivemos juntos, um fato que será verdadeiro não importa com quantos arrependimentos eu acorde amanhã na luz ofuscante do dia. *Não* vou comprometer a minha paz, meu sonho de carreira, por um homem. Não importa o quão surpreendentemente doce ele possa ter se revelado sob sua casca dura.

— Não — eu decido, incerta.

Os silêncios de Wesley são ainda mais frustrantes no escuro. Não consigo ler seu rosto para saber se ele está desapontado ou aliviado.

Maldito seja minha aversão a silêncios espessos.

— Seu quarto fica logo acima do meu.

— Já reparei.

Eu respondo muito rapidamente, quase me sentando. Quase saltando sobre ele.

— Como?

— Você sempre fecha a janela por volta das três da manhã quando a temperatura começa a cair.

— Eu sinto muito. Eu não sabia que era tão alto. — Gosto de ar fresco, mas ele está absolutamente certo – sinto muito frio no meio da noite e preciso fechar a janela.

— Não é. Tenho problemas para dormir, então geralmente acordo às três de qualquer maneira. É por isso que posso ouvir. — Ele ajusta sua posição, farfalhando o saco de dormir. — É bom, de certa forma. Eu não me sinto tão… sozinho.

— Eu sei o que você quer dizer. Não tenho certeza se iria querer morar naquela casa sozinha. — Eu molho meus lábios. — Quer dizer, eu *não teria me* importado, mas depois de ter tido companhia e sabendo que ter isso é melhor… — Eu giro a maçaneta naquela frase até que ela se feche. Estou divagando sem

sentido.

— Não, eu sei o que você quer dizer. — Estamos nos repetindo agora e não podemos deixar de rir. Isso quebra a tensão.

— Na época em que eu era criança, eu ficava em uma barraca como essa quando ia para o acampamento — ele me conta. — Me recusei a participar da queda de confiança e os conselheiros disseram aos meus pais que eu era combativo.

Eu rio.

— Claro que você recusou.

— Você está me chamando de combativo? — ele diz, simulando zombaria.

— Você? Nãããão, nunca. Você tem sido um príncipe desde o início. Tentando fazer eu vender minha parte da propriedade, tomando café da manhã às sete porque eu acordo às oito – e nem mesmo tente me dizer que não é de propósito...

— Tudo bem, tudo bem — ele corta antes que eu possa ganhar força. — Eu sinto muito. Demoro um pouco para me acostumar com pessoas novas. E eu não vi você chegando, então foi ainda mais difícil. Não tive a chance de me preparar.

— Eu acho que estou começando a gostar de você, no entanto. — Eu sei que pareço presunçosa. É porque eu estou. Eu cutuco suas costelas e ele convulsiona. Minha risada ganha um tom maligno.

Ele me cutuca de volta.

— É como se você jogasse um sapo em uma panela com água fervente, ele pularia para fora. Mas se você aquecer a água lentamente, ele se acostuma e fica parado. Você já estava fervendo quando fui jogado em você.

— Me desculpe. Eu não posso evitar ser tão quente.

Ele não ri da minha piada.

— Está ficando mais fácil de lidar. Não me importo de ser fervido hoje em dia.

Nosso próximo período de silêncio desce naturalmente, mas se eu direcionasse uma lanterna para todo o espaço escuro que nos rodeia, ela iluminaria uma centena de palavras remanescentes. Meus lábios se abrem, tentando convocar as palavras certas. Na maioria das vezes, sinto que vivo dentro de mim mesma, bem, bem no fundo, tão longe da minha voz que quase não a ouço e certamente ninguém mais a ouve. Já me disseram que eu me misturo, difícil de notar, fácil de falar sobre. Mas desde que percebi que Wesley me nota, é como se eu tivesse voltado à superfície de mim mesma e permanecido lá. Não estou acostumada a sentir o mundo de tão perto, afetando meu ambiente, presente em minha própria vida. Estou atrapalhada por isso. Não tenho os meios para projetar uma versão mais lisonjeira de mim mesma, tropeçando quando pretendo ser charmosa e simpática. Eu sou o esqueleto da Maybell.

— Você está contando ovelhas? — ele pergunta.

— É um desfile de Wesleys agora, um após o outro, pulando por um campo. Em smokings.

— Eu não me importo com isso. — O sorriso em sua voz me faz sorrir também.

— Você ainda está contando Maybells?

— Oh, definitivamente não. Eu nunca seria capaz de adormecer assim.

Se eu for cavar isso, vou acabar levando uma pá no rosto.

— Olha, esse é o cinturão de Órion. — Eu levanto meu braço.

— Ursa Minor. — Ele levanta o braço também, deixando-o encostar levemente no meu. Eu pressiono um pouco; ele pressiona de volta.

— Não tinham tantas estrelas em Pigeon Forge.

— Visualização restrita lá em cima — ele concorda. Acho que Wesley tem preconceito contra as grandes cidades.

— Essa é a HBO dos céus. — Ao mesmo tempo, nós dois dizemos *"Starz"* e rimos de nossa piada cafona.

Minha mão se inclina, os dedos se curvando para trás. Os dedos dele reivindicam os espaços entre os meus, apenas descansando. Eu me pergunto se ele está olhando para nossas mãos também. Ouvindo o baque revelador do meu pulso.

— Vejo a letra W — ele me diz.

Eu curvo meu pescoço, e se o movimento me aproxima dele, isso é totalmente acidental.

— Tenho certeza de que o que você está vendo é um M do ângulo errado. — Nossos braços caem lado a lado entre nossos sacos de dormir. Nenhum de nós se move para retirar.

Seu rosto muda em direção ao meu, a respiração agitando meu cabelo.

— Eu vou deixar você ganhar essa.

Minha mandíbula dói, se recusando a abrir. Meu rosto, exposto ao ar frio, está quente, enquanto meu corpo coberto está gelado, os músculos tensos. Voltar para casa amanhã vai ser um castigo.

Morcegos se agitam sobre minha cabeça e, mesmo em meu saco de dormir, posso sentir o frio escorrendo da terra, pelo tecido da barraca. Minhas costas tensas começam a achar que se aproximar da natureza é superestimado. Eu me lembro que seria inapropriado pedir a Wesley para ser meu cobertor.

O silêncio se aprofunda. Nosso longo dia está me alcançando, minhas pálpebras fechando, quando ele sussurra:

— Você está acordada?

Esta é minha chance de terminar hoje à noite em um ponto de parada sábio. Simplesmente não direi nada, fingindo dormir. Ele vai adormecer também. Perigo evitado.

Não perco tempo respondendo:

— Sim.

— Eu descobri algo que te envergonhou hoje — ele responde após um momento de hesitação. — Vou te contar uma coisa embaraçosa também. A coisa *mais* embaraçosa. Para nos igualar.

— Você não precisa...

— Nem você, quando viu meus desenhos no sótão. Mas você fez. E é mais fácil agora, no escuro, ser mais corajoso. Então eu vou te dizer. — Ele exala um suspiro suave, virando-se de lado em minha direção mais uma vez, mais perto do que nunca. Tudo que eu teria que fazer seria ceder um pouco e eu teria seus lábios na minha testa. Eu tremo, os dedos enrolando em volta da minha camisa para me conter.

— Eu nunca estive com ninguém.

O tempo se torna líquido, acumulando-se entre nós. A temperatura sobe como

uma vela romana.

_ Você quer dizer...

— Sim.

Meu batimento cardíaco bate em meus ouvidos. Meu braço está posicionado torto sob minha cabeça, formigando com alfinetes e agulhas enquanto adormece, mas não consigo me mover.

Ele é tão, insuportavelmente, suave quando pergunta:

— Diga alguma coisa?

Minha garganta está cheia de areia.

— Estou tentando dar uma resposta que não soe como uma proposta — confesso com a voz rouca. — Wesley, isso não é nada constrangedor.

Ele vira de costas novamente, o braço sobre o estômago.

— Me incomoda. Existe um estigma, especialmente para os rapazes. *Especialmente* para caras que estão prestes a fazer trinta. Não é que eu *queira* ser um… você sabe… — Ele não consegue verbalizar isso. — Mas é difícil conhecer pessoas quando você tem uma ansiedade social tão grande quanto eu. Eu entro em pânico. Ou eu quero dizer uma coisa, ser de uma certa maneira, mas fica tudo emaranhado ao sair da minha boca. Uma abóbora tentando ser flores e parecendo um cacto. É frustrante.

— Você é muito mais flores do que um cacto — digo a ele, falando sério cada palavra. Espero que ele acredite. — Mas pelo que vale a pena, as abóboras são as melhores.

— De qualquer maneira. — Acho que ele está esfregando os olhos. — Talvez eu tenha compartilhado demais. Eu sinto muito. É tarde e estou cansado.

Claro. Ele está cansado – ele não está insinuando nada. Nem sugerindo. Ele definitivamente não quer que eu role em cima dele e faça do meu jeito perverso. O único Wesley que me deixará enfiar meus dedos em seu cabelo e esmagar minha boca na dele é o imaginário. Sinto-me culpada ao pensar nisso, mas não consigo evitar.

— Estou honrada por você confiar em mim o suficiente para me dizer algo assim. — Eu mordo minha língua com força, pegando sua mão. Ele reconhece com um aperto suave, esfregando o polegar nas costas da minha mão.

— A única razão pela qual fui capaz de admitir é porque você é muito fácil de falar. Parece que você… — Ele inala profundamente. — É como se você prestasse atenção.

Meu corpo está rígido de tensão, acumulando-se em minhas têmporas. Eu poderia estar imaginando, mas acho que os músculos dele se contraíram também. Estou queimando viva.

— Não sei o que estou dizendo — ele murmura.

Antes que ele termine a frase, eu pulo:

— Você está certo. Eu vejo você.

— Oh. — Sua voz é leve como uma pena. Sem fôlego. — Que bom.

Essa é a parte em que ele acrescenta, *estou prestando atenção em você também,* e vem até mim com uma paixão ardente, mas isso nunca acontece. Ele apenas diz:

— De qualquer forma.

— De qualquer forma — eu repito.

— Boa noite, Maybell.

A decepção esmaga todos os ossos do meu corpo.

— Boa noite, Wesley.

Eu não fecho meus olhos. Ficamos deitados ali com nossos braços ainda se tocando, seus cachos dourados roçando minha orelha, um milhão de pontos microscópicos de contato. Talvez ele adormeça imediatamente, talvez fique acordado por tanto tempo quanto eu, olhando as estrelas sem de fato vê-las.

• • • • • • •

Eu passei a maior parte da noite debatendo se estou no céu ou no inferno, mas esta manhã resolvi isso. Estou com certeza no inferno.

Merecidamente. Há um par de braços quentes ao meu redor, o peito de um homem adormecido subindo e descendo contra minhas costas, e os pensamentos pecaminosos não param de surgir. O hálito matinal é o único fator que me impede de rolar para o outro lado e olhar para ele. Além disso, boas maneiras. Mas principalmente respiração matinal.

— Você está acordada? — ele pergunta.

Eu me espreguiço e bocejo, fingindo que estava fora de mim.

— O que? Oh! Mm-hmm. — Eu poderia ficar aqui para sempre. Talvez ele enterre sua boca no meu pescoço e me diga o quanto ele me quer, e nós vamos rolar neste campo o dia todo...

— Bom. Quero começar cedo. — Ele abre o zíper de seu saco de dormir e passa por cima de mim, pegando sua bolsa ao sair da tenda. Sua mão acaricia minha cabeça como se eu fosse um golden retriever. Eu caio sobre meus cotovelos, lançando uma expressão zangada para suas costas.

Aparentemente, eu interpretei mal os sinais da noite passada.

Quando mudei de roupa e me juntei a ele, ele estava vestindo uma nova muda de jeans e uma camiseta branca simples (ele se trocou atrás de uma árvore? Ou ao ar livre? Não é da minha conta!), comendo uma granola.

Quando ele olha para mim, eu automaticamente coro e tropeço.

— Desigual... essa grama é toda irregular – eu murmuro. — Buracos de esquilo ou algo assim.

Ele levanta as sobrancelhas para o chão, ainda mastigando. Acena com a cabeça.

— Hmm.

Eu deveria ter trazido um espelho. Pelo que sei, eu posso ter manchas secas de baba na bochecha. Tenho certeza de que meu cabelo está com o pior comportamento. Meu cabelo sempre tem uma atitude problemática quando eu preciso especialmente que ele tenha uma boa aparência. Mas nos dias em que não vou a lugar nenhum, sem testemunhas humanas? É quando eu poderia ser uma modelo Pantene Pro-V.

Depois de correr para as árvores por alguns minutos (a natureza chama), ajudo Wesley a enrolar nossos sacos de dormir, barraca e suprimentos. O detector de metais ainda não foi encontrado.

— Talvez o Pé Grande o pegou — eu sugiro, me divertindo. — Você disse que ele mora em Appalachia, certo?

Wesley balança a cabeça.

— Nem mesmo vou responder a isso.

— Você acabou de responder — Tento sair correndo antes que ele possa dizer a última palavra. — O último a chegar em casa tem que limpar as calhas! — Essa é uma ameaça terrível. As calhas têm mudas e sabe-se lá o que mais cresce lá.

— Divirta-se com isso. Estarei aqui então. — Ele projeta um polegar. — Indo pelo caminho certo. Vejo você em uma semana.

Eu viro para a esquerda. Verifico sua expressão. Eu viro para a direita. Ele ri, dissipando um pouco da minha inquietação por acordar para os negócios como de costume. Não é nada parecido com a noite passada, mas também não é nada como qualquer outra manhã. Estamos fora do mapa.

— Pronta para ver qual é o quinto tesouro? — ele pergunta quando eu volto.

O envelope pardo pesa muito na minha mochila, esperando para ser aberto, mas ainda não estou pronta para isso acabar.

— Quando voltarmos. Será nossa recompensa por não termos sido comidos por ursos.

— Os ursos são criaturas solitárias. Se encontrarmos um, estaremos em maior número. O que significa que nenhum urso correrá atrás de mim quando eu ultrapassar você.

— Ei!

— Se você bobear, você perde.

— Eu posso ver porque não gostavam de você no acampamento.

Wesley ri de novo – tenho que começar a contá-las, comparando os números com a melhor pontuação de ontem.

— Não, eles não gostavam de mim no acampamento porque eu não fazia *isso.* — Ele para na minha frente e se inclina para trás.

— Não! — Eu grito, mas é tarde demais, ele já está tombando para trás. Meus braços serpenteiam reflexivamente em torno de sua cintura, como se eu tivesse uma oração para segurar este enorme espécime, mas ele parou de tombar. Wesley cruza seus braços sobre os meus, me segurando contra ele. Ele se vira para que eu possa ver seu perfil sorridente.

— Peguei você.

— Graças a Deus — eu suspiro. — Você é muito homem para mim.

— Onde há vontade, há um caminho — ele responde, liberando o aperto após outra batida. Não sei dizer se ele está melancólico ou brincando.

Este é o problema das paixões. Você começa a duvidar se elas são correspondidas, mesmo que no papel os sinais estejam todos lá. Se algum dia eu me casar, acho que estarei me perguntando por todo o altar se o casamento é uma travessura elaborada e o noivo dirá *Peguei você!* no fim. Não posso confiar em meu próprio julgamento aqui.

A caminhada de volta para casa voa muito mais rápido do que a caminhada da saída, já que não paramos para caçar tesouros e estamos fazendo em um tempo bom o suficiente para que eu não ache que o almoço que preparei para hoje seja necessário. Paramos principalmente para meu benefício, minhas pobres pernas e costas doendo. Wesley me faz reaplicar aquela gosma verde mentolada a cada duas horas.

Eu não consigo resistir.

— Você esqueceu de um lugar — eu digo, enxugando mais em seu nariz.

Wesley sorri, os olhos enrugando.

— Você também. Aqui, eu vou te ajudar. — Ele pressiona minha testa, deixando uma marca de mão verde.

— Muito obrigada.

Ele pisca.

— Sem problemas.

As copas das árvores bloqueando a luz do sol atrapalham nosso senso de hora, e quando passeamos em uma clareira, o céu parece mais tarde do que meio-dia. Nuvens negras se aglomeram à frente, rolando em nossa direção.

— Isso não é um bom presságio — murmuro.

Wesley pega minha mochila de mim, deixando nossa pá para trás.

—Temos que nos apressar.

— Eu sou fisicamente incapaz de ir mais rápido. Meus ombros ainda estão com raiva porque não conseguiram um colchão na noite passada.

— Estou meio acostumado com o saco de dormir agora — ele responde, lembrando-me da imagem de seu saco de dormir no sótão e da Maybell de lápis de cor que descobri lá. — Você precisa que eu carregue você?

Ele está falando sério?

Ele está. Claro que ele está.

Wesley está oferecendo uma fantasia e não sabe disso. Se eu disser que sim, forçando este pobre homem a carregar uma adulta totalmente crescida em cima de tudo o que ele já está carregando, eu realmente irei para o inferno.

De qualquer maneira, passo alguns segundos pensando nisso.

— Você é forte — suspiro, abrindo mão dessa oportunidade — mas não invencível. Isso mataria você.

— Eu não sou tão forte — ele responde modestamente, abaixando a cabeça — mas para você, posso ser forte o suficiente.

Ele acelera, indo para frente de modo que eu não possa ver seu rosto. Estou tão feliz que ele não pode ver o meu também. É de suma importância voltarmos o mais rápido possível para que possamos ficar longe um do outro. Se eu ficar na companhia de Wesley por mais uma hora, vou me envergonhar irreparavelmente.

Tenho sentimentos por você, ouço-me jorrando hipoteticamente. *Sinto muito, não era minha intenção. Eles vieram sorrateiramente até mim.* O choque hipotético de Wesley, seguido de mortificação, é ruim o suficiente para eu apressar meu passo. O detalhe de que meus músculos estão derretendo marshmallows é irrelevante – a autopreservação exige sacrifícios às vezes. Está ficando cada vez mais claro que preciso de uma semana sem contato para recuperar meu juízo. Eu não sou mais confiável.

Wesley não recebeu o recado. Ele faz coisas terrivelmente destrutivas, como me passar seu cantil para ter certeza de que vou beber o último gole e apontar com quais animais as nuvens raivosas se parecem. Ele toca meu pulso cuidadosamente entre dois dedos; eu paro imediatamente, e minha alma se contorce para fora do meu corpo quando ele se ajoelha para amarrar um dos meus cadarços.

Eu não consigo assistir. Eu cerro os dentes, olhando resolutamente para as nuvens de chuva que se aproximam, mas ele está arruinando as nuvens para mim também. Nunca vou ser capaz de olhar para uma sem pensar: *Ei, é um coelho de*

orelhas caídas, em seu burburinho profundo e agradável.

Cabeça curvada na minha cintura, um de seus joelhos na lama sem nem mesmo pestanejar; um segundo pensamento, os dedos longos e calejados de Wesley que pintam monstros marinhos nas paredes do salão de baile e fazem as coisas crescerem da terra estão delicadamente lidando com meus sapatos sujos. Ele murmura:

— Pra cima, pra baixo, atravesse a ponte, faça uma volta e siga em frente. — Um dispositivo mnemônico sobre amarrar sapatos não pode ser o que me leva ao limite. Eu proíbo.

— Estamos chegando perto, certo? — Eu pergunto quando andamos novamente, mais do que um pouco desesperada.

Wesley me lança um olhar de esguelha.

— Você está ficando enjoada de mim? — Seu tom é brincalhão, mas detecto apreensão.

— Escute, só estou tentando protegê-lo da chuva. — Eu retribuo o sorriso dele com um vacilante meu. — Caso tenha esquecido, você está vestindo uma camiseta branca.

Ele solta uma risada.

— E?

— *E*, as pessoas em camisetas brancas molhadas são uma distração. Não me olhe assim, isso é uma *coisa*. Todo mundo sabe.

Seus olhos castanhos brilham, então deslizam pela minha blusa e jeans.

— *Sua* camisa é branca.

Eu tenho que olhar duas vezes. É mesmo.

Seus olhos estão mais escuros quando encontram os meus novamente. Estou pendurada neste penhasco por um dedo. Uma gota de chuva fria bate em um ombro, depois no oposto quando me viro para olhar. Wesley aperta os olhos para o céu.

— Aqui vamos nós.

Chegamos ao topo de uma colina, a caminhonete de Wesley se materializando em um campo a cem metros de distância como uma miragem.

Tap, tap, tap se torna um aguaceiro, alisando meu cabelo no rosto e pescoço, as roupas grudando na pele. O cabelo de Wesley escurece, ondulando, pingando sobre suas bochechas, espetando seus cílios.

— Está frio, está frio, está frio, está frio! — Eu guincho, correndo o mais rápido que posso. Wesley acelera ao lado, e mesmo com o fardo que está carregando sozinho, acho que ele está amortecendo sua resistência. Ele já estaria na caminhonete se não estivesse correspondendo à minha velocidade.

A palma de sua mão encontra a base da minha espinha, me empurrando para frente ainda mais rápido. Estamos a cinquenta metros abaixo.

— Deveria ter ficado na barraca — eu gaguejo. — Por outra noite. Estaríamos secos agora. — Relativamente, pelo menos.

— Eu não sabia que essa era uma opção — ele responde, os dedos se enrolando na minha cintura e apertando com mais força. Não tenho certeza se ele está ciente disso.

—Eu acho… — estou sem fôlego, ofegante — que não poderíamos, afinal. Não há comida suficiente.

— Eu encontraria algumas frutinhas.

— Você não pode subsistir com frutas. Eu vi o quanto você come. Você precisaria de alqueires.

— Eu não preciso de nada.

É uma coisa estranha de se dizer. Eu me viro para estudá-lo, mas finalmente chegamos à caminhonete e ele está abrindo minha porta para mim. Pequenos lagos estão se formando ao redor dos quatro pneus, mas antes que eu possa tentar pular sobre um para entrar, Wesley me pega com facilidade pela cintura e me deposita no assento. Ele então arremessa nosso equipamento na parte de trás e dispara para o outro lado. Quando Wesley bate a porta atrás dele, seguro e encharcado, paramos um momento para deslizar para baixo em nossos assentos. Olhos fechados, respirando pesadamente. A chuva bate no metal e nas janelas, muito mais alto aqui do que do lado de fora.

Quando abro meus olhos novamente, ele está me observando. Com certeza, sua camisa está tão molhada que é quase transparente, moldando-se a todos os contornos. Meu foco cai para seu peito, que está subindo e descendo profundamente – tento corrigir o impulso, rapidamente levantando os olhos, mas é tarde demais. Meus pensamentos são muito óbvios para precisar de palavras. Os olhos de Wesley brilham momentos antes de um raio cair. Um arrepio de calor passa por mim enquanto espio suas profundezas, e se você nos olhasse de cima, acho que veria fumaça ondulando contra as janelas, duas pessoas dentro de uma bola de cristal com o destino selado.

Ele estende as duas mãos para mim e lentamente, cuidadosamente desliza meus óculos do meu rosto. Eu fico olhando enquanto ele puxa a bainha de sua camisa, expondo uma polegada de pele dourada, e a usa para limpar as manchas de chuva das minhas lentes. Ele as devolve, a pele quente contra meus dedos congelados.

Não sei o que me compele a fazer isso, mas também estendo a mão. Eu toco com o polegar uma gota de chuva deslizando sobre o arco de sua bochecha, seguindo-a com meu dedo todo o caminho até seu lábio inferior. Ele me observa por baixo dos cílios a meio mastro, lindos olhos arregalados ficando negros como líquido. Há sombras escuras abaixo deles, mais fáceis de discernir na penumbra do carro.

Um estrondo de trovão corta o ar; nós giramos para encarar o pára-brisa. Wesley engole em seco enquanto coloca a caminhonete em marcha.

Nós dirigimos.

Posso sentir cada partícula de ar se movendo contra minha pele. Os céus estão girando em roxo e verde, tirados de uma ilustração em um livro de histórias, todas as cores tão impossivelmente e exageradamente saturadas. A grama alta é destruída pela chuva, uma extensão eterna daqui até Falling Stars. Aqui na cabine fechada da caminhonete de Wesley, o calor seco jorrando das aberturas, poderia ser o fim do mundo.

Wesley pisa no freio, diminuindo a velocidade, embora ainda não estejamos nem perto da casa. Então paramos totalmente. O olhar em seu rosto abafa todos os sons, o barulho empurrado para além de nossa bolha por magia.

— Isso é uma mentira — diz ele calmamente.

O sangue escorre de minhas extremidades, correndo para o meu cérebro.

— O que é mentira?

Ele olha fixamente para a frente, mortalmente pálido, exceto as flores vermelhas brilhantes em suas maçãs do rosto, manchas avermelhadas sob a barba por fazer. Sigo sua linha de visão, tentando ver o que quer que ele esteja vendo. O cotovelo de Wesley se curva, o punho com nós dos dedos brancos facilitando a mudança de marcha para o ponto morto.

— Tem alguma coisa…? —Eu começo a perguntar, quando Wesley desabotoa o cinto de segurança sem avisar e sai do carro. Ele vai fugir.

Oh, *não,* ele vai fugir.

Mas ele não vai. Ele dá a volta no capô do carro, passo forte, vindo direto para mim. Toda a minha atenção se concentra naquele minuto flexionado em seu braço quando ele abre a porta do passageiro.

Meu queixo cai, outra pergunta se formando.

Ele embala meu rosto em suas mãos, muito gentilmente. Eu diminui no controle feroz de seu olhar, as pupilas dele sendo manchas famintas bebendo a íris. Ele é ele mesmo, cativante e inseguro, mas também está sob o cerco de algo novo: determinação de aço. Wesley mencionou que frequentemente tem problemas para se expressar, mas bocas podem falar de mais maneiras do que uma. Para isso, ele só precisa de um beijo.

Ele responde à minha pergunta fechando as pálpebras, não há espaço para se questionar mais porque isso não é um *talvez eu goste de você* ou *estou a fim de você, um beijinho*. É uma força que me corta na altura dos joelhos, roubando o fôlego da minha garganta como puxar uma corda, nós dois emaranhados e amarrados um ao outro enquanto caímos na beira do penhasco.

Ele aperta o botão do meu cinto de segurança para me soltar, me trazendo para ele. Eu o puxo para mais perto também, gananciosa. Meus braços deslizam ao redor de seu pescoço como se pertencessem ao lugar, escorregadios com a chuva. Eu sorrio sonhadoramente contra sua boca, rosto voltado para cima, névoa em meu cabelo.

— Sinto muito — ele ofega quando fazemos um intervalo. — Eu precisei… Eu *tive* que...

Não o deixo terminar, ainda não terminei de cair.

Eu o arrasto de volta para mais. Wesley fica rígido, então cada parte dele se solta, um pequeno suspiro escapando como uma vela apagada. Ele quer e eu quero, sem chance de falha de comunicação. Beijando-o, me sinto poderosa. No comando, ao mesmo tempo que me atrapalho. Não existe marca perdida, apenas marcas que se deslocam.

Finalmente, eu consigo fazer o que eu queria tanto há semanas, mergulhando meus dedos em seus cabelos. Graças à chuva, os fios estão mais escorregadios do que macios, a água doce levantando o cheiro forte de seu xampu. Sua boca é puro cetim em todos os lugares, exceto uma meia-lua de pele mais dura onde seus dentes superiores cravaram em seu lábio inferior por anos. Ansiedade. Nervos. Auto-punitivo, mas tão dolorosamente doce comigo.

Fazemos uma pausa para nos reajustar, experimentando novos ritmos. Enquanto eu sinto sua autoconsciência, talvez comparando este beijo com o que ele acha que deveria ser, gostaria que ele soubesse o quanto amo o que *é*. Não importa quanta pressão ele aplique, em quais ângulos nos encontramos ou seu

nível de confiança. É importante que ele se dê a si mesmo.

Quero tudo, quero tudo dele, quero me familiarizar com cada sarda e cada linha tênue.

Seu beijo é o Quatro de Julho, uma noite de verão sulista. Cigarras e línguas de fumaça saindo de fogos de artifício em chamas – *hiss, pop. Quente.* Uma gota de suor escorre por sua têmpora e, *ah*, ele é bom com as mãos. Mãos firmes e reverentes, uma deslizando ao longo do meu couro cabeludo para segurar a parte de trás da minha cabeça, a outra indecisa entre a mandíbula, cintura, quadril. Ele parece melhor do que eu jamais sonhei, e tenho sonhado muito.

Ele se inclina ligeiramente para trás, as sobrancelhas franzidas em uma mistura de desejo e apreensão, ainda sem ter certeza se está fazendo a coisa certa. "Mais", murmuro em seu ouvido. Wesley estremece, mas aquele vinco entre seus olhos desaparece e ele muda nossas posições, ele no assento, me puxando para seu colo. Preciso inclinar a cabeça para não bater no teto do carro. Não há espaço suficiente para nos sentarmos confortavelmente assim com a porta fechada, então a deixamos aberta, com chuva fria entrando.

Minha mão permanece em sua garganta, e o toque próximo parece roubar algo dele. Ele deixa sua cabeça cair para trás, o pomo de Adão subindo pela coluna arqueada. Eu beijo isso também. Sua respiração fica cada vez mais superficial. As flores vermelhas em suas bochechas são rosas, seus olhos encobertos e vítreos.

Eu gosto daqui, sua mão decide, passando os dedos largos pelo meu quadril, pressionando em um ponto sensível onde os músculos se unem. Eu faço um som suave em sua boca, involuntário; sua palma se achata, pressionando mais e mais. Eu me movo contra ele apenas para a direita, sentindo uma parte dura de seu jeans. Minha pele arde, mesmo quando os arrepios se irradiam, a consciência nunca tão intensificada, e sinto toda a vibração disso enquanto queimo, queimo e queimo.

— Estou enferrujado — ele admite, pigarreando. — Eu nunca dormi com ninguém, mas cheguei a beijar. Porém já faz muito tempo.

— Você é perfeito — digo a ele. Ele não beija como um especialista, como um Casanova que é suave e seguro de todos os seus movimentos praticados. Ele beija como Wesley. Esse é o novo padrão.

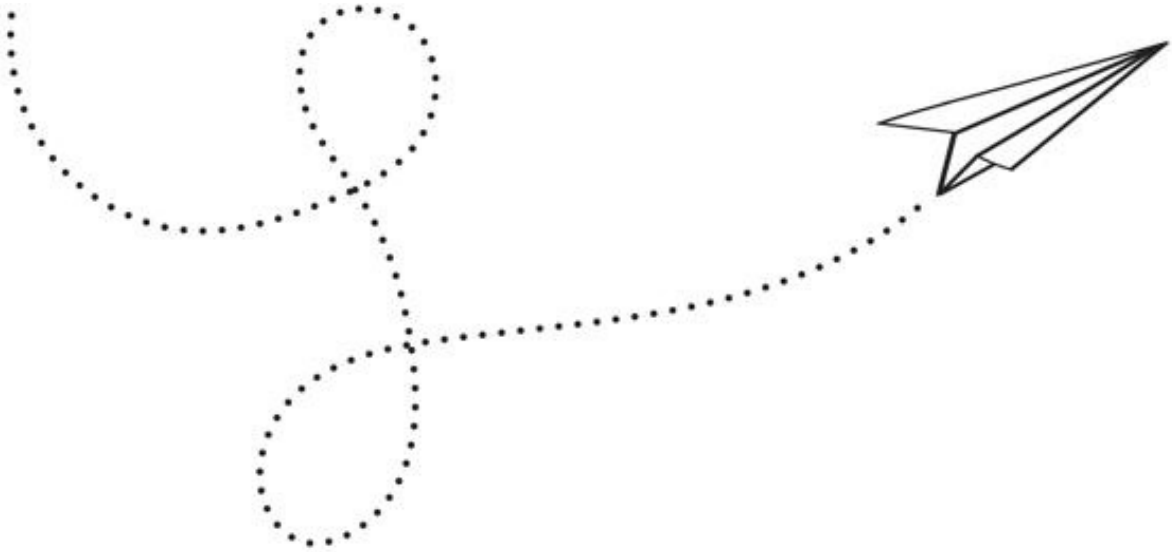
Nós nos beijamos, tocamos e provamos, até que a chuva diminua, até que minha boca fique dolorida e meu corpo esteja morrendo por mais. Mas nós diminuímos para um fechamento natural, ambos sabendo de alguma forma que isso é um beijo, apenas um beijo. Se ele quer uma dinâmica comigo na qual iremos mais longe, eu só posso imaginar. Quanto a mim, ainda estou tentando lembrar por que isso foi uma má ideia. No momento, parece que não há ideias ruins.

Eventualmente, eu escorrego de seu colo e emergimos em um mundo diferente daquele em que estivemos pela última vez, ambos um pouco desorientados. Quando ele está de volta ao banco do motorista, ele se endireita mais do que o normal. Seu olhar se desloca para o canto superior direito do pára-brisa, para algo no céu que chamou sua atenção, mas não consigo remover o meu do rosto dele. Ele parece totalmente destruído da maneira mais maravilhosa.

Estou sob a pele de Wesley Koehler. Não sei o quão profundo, mas estou lá, e

não estou imaginando.

Capítulo 16



Meu fraco e desesperado plano de me esconder de Wesley até que meus sentimentos por ele deixem de existir tem uma caixa de ferramentas cheia de chaves inglesas. Por um lado, é difícil fazer o que é melhor para você quando o que você *quer* não é o melhor para você. E o que eu quero é ficar com Wesley novamente. Se vamos coexistir como amigos platônicos para sempre, colocar a língua na boca um do outro não é a maneira certa de conseguir isso. Eu preciso de distância. Eu preciso de espaço. Preciso comer tigelas enormes de fibras de moral insípida e saudável no café da manhã.

Uma vez dentro de casa, grito que preciso de um banho, ao que ele responde que também precisa, conduzindo minha mente por um caminho sórdido. Um caminho com alcovas aconchegantes onde amantes podem arrancar as roupas uns dos outros. Falling Stars tem tais alcovas em abundância. Começo a sonhar com Wesley embaixo de uma cachoeira parecida com a do nosso mural; não sei como ele fica nu, então evoco *David* de Michelangelo como base, a região sul escondida por um cacho de bolhas de banho estourando uma a uma. Eu bato de cara em uma porta fechada antes que a última bolha estoure, machucando meu nariz.

É tudo por conta dele agora. Estou contando com Wesley para se desligar e ficar taciturno e quieto novamente. Não faria mal para ele ser um pouco horrível também. Talvez ele insulte algo que eu amo profundamente, como as flores de plástico que enfiei em cada fenda e fresta, e eu vou parar de passar minhas horas inconscientes da meia-noite às oito da manhã no distrito da luz vermelha do meu cérebro, deitada em uma chaise longue enquanto ele me pinta como uma de suas garotas francesas. Precisamos vaporizar nossa atração. É a única maneira de salvar esse relacionamento.

Wesley não se preocupa com a criação de um relacionamento profissional ou com uma convivência harmoniosa com sucesso. Ele é uma sabotagem implacável, entrando na sala no momento em que estou me espreguiçando com

chocolate quente e o controle remoto, *The Great British Bake Off na* fila para ser meu par da noite. Ele foi projetado para testar meu controle em um cardigã de malha creme e calças de lã carvão que duvido que ele tenha usado mais de uma vez. Barbeado recentemente. Traços leves de colônia, que ele nunca usa, flutuam em minha direção. Ele também tem cuidado especial para alisar o cabelo. Estou vestida com um macacão rosa choque e um xale brilhante como a babá divertida que vai entreter seus dois filhos enquanto ele sai em um encontro sofisticado com o governo de Vermont.

— Oi. Olá — ele me diz sem nenhuma astúcia, passando a mão pelo cabelo liso para desfazer todo aquele trabalho duro. Maldição, é ainda mais sexy e desgrenhado.

Isso não é justo.

Wesley chega mais perto, sem noção do perigo em que ambos corremos. Eu olho para ele do sofá de veludo vermelho com os olhos estreitos.

— Olá.

— Como tá indo? Você está, uh… — Ele gira para olhar para a TV, pegando uma pilha de livros de Violet na estante. — Assistindo Netflix? — Ele endireita as lombadas dos livros. *Deixe o amor te encontrar. Como esquecer um duque. O Casamenteiro Incurável.*

— Sim — eu respondo cautelosamente.

Ele balança a cabeça, distraído, e brinca com um girassol falso que enfiei em uma rachadura na parede. Flores falsas são uma afronta pessoal para ele.

— Vou cultivar algumas reais para você, se quiser.

É aqui que devo me arruinar. O que quer que Wesley tenha visto em mim esta tarde que o levou a estacionar o carro e possuir minha boca não pode ser permitido ficar aqui entre nós. Adeus, conexão mais profunda que já tive. Adeus, adorável urso que limpa meus óculos com sua camisa e amarra meus cadarços. Eu nunca te esquecerei.

— Gosto mais de flores de plástico do que de flores reais.

Ele deveria sibilar e fazer o sinal da cruz, mas não o faz.

— Monstro — Wesley responde afetuosamente, girando as pétalas rígidas. Então ele o coloca de volta. — Há algumas flores de seda lá em cima. Vou trazê-las para baixo para você.

Oh, pelo *amor*. Eu não consigo nem assustar um homem corretamente! Talvez seja o macacão. Mostra muito decote.

Ele está perto o suficiente para que eu agora esteja respirando pela boca para que não possa ser quebrada por sua fragrância deliciosa, mas não adianta. Os botões de seu cardigã são elefantes de madeira em miniatura. Estamos nos aproximando de níveis fatais de beleza. *S.O.S! S.O.S!* Em um pequeno canto da minha mente, eu salto para fora de um veículo em movimento.

— Isso é… — Minha boca está seca. Eu não confio em mim além de um "Hmm".

— Você quer companhia? Ainda temos esse último desejo para honrar, se você quiser.

Droga, ele está certo. Já realizamos os três últimos desejos de Violet, faltando mais um. *Desejo 4. Noite de cinema com um amigo é uma lei sagrada, não se esqueça. Wesley, adoraria que você fizesse meus donuts favoritos com canela e*

açúcar para a ocasião.

— Você quer assistir um filme e fazer donuts? Comigo? — *Por favor, diga sim,* eu imploro mentalmente. *Mas você também tem que dizer não.*

Ele encolhe os ombros.

— Praticamente temos que fazer, não é? A maldição de mil anos e tudo isso.

Um desenvolvimento interessante do homem que, apenas no mês passado, me disse que os desejos da tia-avó Violet não eram sérios e se comportava como se tivesse a intenção de ignorar todos eles.

Estou pensando em como dizer que preciso checar essa atividade quando Wesley suspira.

— Foi o beijo, não foi? — Ele diz derrotado.

— O que? — Eu sei exatamente o *que*, mas estou ganhando tempo.

— O beijo. Você não gostou. Ou você não gosta mais. Você pensou um pouco e gostou.

— Você está brincando? Não pensei em mais nada e gostaria que *ainda* estivéssemos nos beijando. — Sai da minha boca antes que eu pudesse engolir e ferver a verdade em ácido.

A expressão de Wesley se transforma, brilhando mais luminosa, mais nítida. Ele dá um passo à frente. Perigoso, perigoso.

E eu sou fraca. Minha coluna foi fabricada pela Charmin. Quero ser dominante, severa, intimidadora, mas sou gotas de chuva em rosas e bigodes em gatinhos. Minha resolução é penugem de dente-de-leão. Quando ele olha para mim *desse jeito*, meu vocabulário interno explode como uma piñata de corações de doces. O que foi tudo o que eu disse antes sobre Maybell Parrishes serem os últimos baluartes contra zumbis no apocalipse? Que mentira descarada. Eu seria a primeira a se curvar submissamente e declarar minha lealdade aos zumbis.

— É mesmo? — ele pergunta com suavidade letal.

Eu fico olhando para ele com olhos *Oh, não*, esperando que ele se torne grotesco se eu ficar olhando por tempo suficiente, mas a pior coisa possível aconteceu: ele vagou em uma piscina de luz dourada sob uma arandela de parede e parece mais um anjo do que nunca.

— Sim — eu admito, engolindo. — É verdade, mas seria uma má ideia. Eu acho que... Acho que passar um tempo juntos agora é uma má ideia.

Ele para a centímetros de distância, as mãos nos bolsos. Seu queixo abaixa, o olhar escuro fazendo buracos no meu. Ele solta uma palavra baixa, mas severa, como um alfinete, ecoando na quietude.

— Por que.

Eu luto contra o impulso de cobrir meu rosto. Se eu não conseguir vê-lo, talvez eu seja forte. Bem, se eu não conseguir vê-lo e não conseguir cheirá-lo. Ou ouvi-lo. Preciso de um capacete de privação sensorial.

Por fim, admito:

— Porque me sinto atraída por você. — Saiu em um whoosh.

— Isso é... ah... bom. — Ele gira em círculo, examinando o teto. — Isso é bom? Sim. Isso é muito bom. — Oh, *céus*, ele está corando ferozmente. — Porque eu também estou. — Ele limpa a garganta. — Eu também estou… Estou atraído por *você*. — Ele tira as mãos dos bolsos, pisca para as palmas e as coloca de volta nos bolsos. Ele ainda não consegue olhar para mim.

É o “Igualmente” mais dolorosamente articulado já pronunciado por um ser humano. Estou tomada pelo desejo louco de me ajoelhar e pedi-lo em casamento.

Ele murcha.

— Eu não sei como ser suave.

— Wesley, você não precisa ser suave. É uma coisa boa que você não seja, na verdade. Eu não sobreviveria. Você já é maravilhoso demais para o seu próprio bem.

Ele parece não saber se deve ficar feliz ou desconfiado. Vitórias suspeitas.

— Estou tentando descobrir o problema aqui.

— É complicado.

Sua testa se enruga.

— É a coisa do Jack?

— Não. — Eu não dou a mínima para a coisa do Jack. Jack era uma pessoa recortada de papelão, e Wesley é – bem, Wesley é *Wesley.* Não há comparação. Essa parte da minha vida, com razão, desvaneceu-se em uma nebulosa irrelevância.

Ele olha para si mesmo, avaliando sua metade inferior com incerteza.

— São as calças. Elas são exageradas.

— Eu prometo a você, as calças são excelentes. Tenho o maior respeito por suas calças.

Ele levanta uma sobrancelha. É a sobrancelha mais mortal que já vi. Eu examino sua pessoa em busca da tesoura invisível que ele deve estar usando para cortar minhas fibras morais. Só tenho uma ou duas delas ainda intactas.

— Durante uma discussão que tivemos — ele me diz, num tom baixo — você me chamou de lindo. E um idiota insuportável. Mas *lindo.* Eu não superei isso.

Seu olhar é inabalável na luz dourada, cruel e sagrado, compassivo, mas ainda assim, exigente. Mesmo que ele seja alto e reto como uma estátua, ainda há movimento nele de alguma forma. Ele está lutando contra uma corrente subjacente de desconforto com cada fiapo de vontade que possui.

— Eu deveria ter te contado. Eu queria. — Seus olhos estão derretidos, transparentes de sentimento. — Eu também acho você linda, Maybell. Eu acho que você entrou na minha vida e absolutamente a arruinou com o quão bonita você é. Não tive uma única noite decente de descanso desde que nos conhecemos.

Meus pensamentos traidores tentam fugir, mas ele fecha as janelas para todos eles, trancando todas as portas. Eu desmorono.

No sofá, um caso perdido. Meus ossos simplesmente pararam de funcionar.

— Você está me matando — eu grito.

Wesley se inclina sobre meu corpo morto, sobrancelhas franzidas em sua preocupação eterna, mas sua boca – sua *boca,* oh, é o oitavo pecado mortal – se contorcendo com diversão gentil.

— Eu sinto muito.

Ele não sente muito.

— Fmmphhhhff.

— Hm? — Ele coloca a mão atrás da orelha.

— Eu disse que retiro o que disse sobre você não ser suave. Você está se segurando.

Ele me ajuda a ficar de pé, depois bagunça meu cabelo com um sorriso sereno.

— Você realmente não quer fazer o último desejo juntos, então?

Eu ouço minha desgraça e melancolia quando respondo:

— Não vejo maneira de contornar isso.

— Não pareça tão ansiosa.

Eu uso seu braço para me levantar do sofá. Ele se torna imóvel, uma pedra em mares agitados, para me apoiar.

— Senhor, ficarei feliz em fazer donuts com você. Vou até assistir a um filme com você. Mas eu me recuso a ficar feliz com isso. E eu me recuso a beijar mais, embora beijar você seja o fenômeno mais mágico e de parar o tempo que já experimentei e vou morrer antes de deixar os lábios de outro homem perto de mim.

Um som de asfixia escapa dele.

— Vou tomar isso como um elogio, eu acho? Prefiro que você me diga por que não quer beijar de novo se foi tão fenomenal, mas enquanto você se sentir assim, não ousarei tentar. — Não há desgraça em sua voz, nenhuma amargura.

— É pedir muito que você seja menos legal? — Eu lamento.

Ele me dá uma olhada.

— Eu não entendo essa coisa que você está vestindo. Seu top está preso ao seu short. Como você vai ao banheiro?

— Sim. Mais comentários como esse. E é chamado de macacão, aliás.

— A cor disso deixa você apagada.

Meu queixo cai.

— *Ei.*

Wesley sorri e agarra minha mão, me puxando atrás dele para a cozinha.

— Estou brincando. O rosa fica perfeito em você, é claro. Todas as cores ficam – mas rosa? Rosa é uma cor da Maybell.

Meus olhos são fendas e Wesley apenas ri.

• • • • • • •

— Açúcar, manteiga, noz-moscada, sal — ordeno , apontando para os ingredientes que medi. — Você vai misturar tudo na tigela maior. Assim que estiver bem misturado, adicione um ovo e misture mais um pouco.

Wesley acena com a cabeça uma vez.

— Sim, senhora.

Não vou mentir, é bom ser aquela que sabe o que estamos fazendo. Também é bom assistir Wesley cumprindo minhas ordens.

Ele puxa uma batedeira de um armário alto com facilidade, e estou de volta ao ciúme. Eu precisaria de uma cadeira para tirar isso.

Enquanto Wesley mistura, despejo a farinha e o fermento em uma tigela diferente. Ele interrompe, delicadamente escovando meu nariz com uma junta.

— Farinha de trigo? — Eu adivinho, esfregando isso.

— Um hematoma. Você se machucou?

Na porta, enquanto o imaginava nu. É o que eu mereço.

— Não — eu respondo rapidamente. — Provavelmente é apenas uma

sombra.

Ele parece cético enquanto eu abaixo minha cabeça e me afasto.

— Adicione um pouco de cada vez à sua tigela — eu instruo, apontando para a mistura de farinha e fermento. Ele é um pouco desleixado para os meus padrões, despejando muito de uma vez. Eu mordo minha língua, mas no final não consigo evitar assumir o controle. Tecnicamente, Wesley *está* cumprindo os termos do desejo; ele está fazendo os donuts com canela e açúcar favoritos de Violet. Estou apenas ajudando.

— Se eu puder apenas me espremer aqui… — Eu fico na frente dele, minhas costas em seu peito, confiscando sua caixa de leite. Wesley franze a testa, a mão vazia ainda erguida no ar.

— Shhh. — Eu acaricio seus lábios com a ponta do dedo, sentindo-os se contorcerem em um sorriso.

Então eu felizmente volto a me exibir, mexendo a massa como uma profissional, despejando-a em um saco de confeiteiro.

— Assim. — Eu demonstro, despejando massa em uma das cavidades da minha assadeira de donut. — Você preenche até a metade.

— Posso? — Ele alcança.

Rapidamente preencho uma segunda (*adoro* fazer isso, é tão satisfatório), em seguida, entrego. Wesley levanta o bico de metal na minha bochecha e espirra massa fria diretamente na minha pele. Uma colherada. Duas colheradas. Um monte longo e curvo.

— É um rosto sorridente — diz ele, alegre.

Pego seu saco de confeiteiro.

— É assim que você perde seus privilégios.

— Aw. — Ele limpa minha bochecha enquanto eu faço um trabalho rápido com o resto da assadeira. — Gire esse olhar severo de cabeça para baixo.

Tento encará-lo, sem sucesso.

Ele está todo inocente.

— O que fazemos agora?

— Forno. Vamos definir um cronômetro para oito minutos, mas pode precisar de apenas sete. E depois… — Eu divago. Ele está usando a massa restante para rabiscar um *W* no topo da assadeira. Eu o coloco para trabalhar preparando a cobertura: uma tigela de manteiga derretida, outra de canela e açúcar.

— E agora? — ele pergunta novamente quando a assadeira está no forno e o cronômetro está ajustado.

— Queda de confiança! — Eu grito e caio para trás. Seu braço robusto envolve minha cintura bem antes de eu atingir o chão, é claro.

— Não faça isso! Eu estava lá atrás!

Eu gargalhei.

— Tenho quase certeza de que isso estava na lista de Violet. *Desejo 5: Faça uma queda da confiança.*

— Você poderia realmente ter caído!

— Será que eu poderia?

Ele franze a testa.

— Não. — Então ele se inclina, lábios no meu ouvido. Eu imediatamente explodo em chamas. — Você diz que ficar perto é uma má ideia, mas aí você vai

e cai em cima de mim.

— Hm? — Eu salto para longe, ocupando-me de encher a máquina de lavar louça.

— Você me ouviu. — Ele começa a sair da sala.

— Onde você está indo?

— Configurar o filme. É uma lei sagrada, não se esqueça.

Enquanto ele está fazendo isso, eu dou um suspiro muito necessário para me dar um tapa. *Recomponha-se!* Esse é um período crítico. Se eu puder evitar desmaiar em cima dele, então não vejo por que nós dois não podemos ter o que queremos a longo prazo: um hotel e um santuário de animais, sem pisar nos calcanhares um do outro. Provavelmente vamos brigar às vezes, mas um pouco de briga entre herdeiros equivalentes é muito menos prejudicial do que brigas entre ex-namorados forçados a viver próximos um do outro pelo resto de suas vidas. Essa é a decisão madura. Pela primeira vez na minha vida, vou olhar antes de pular e me salvar da dor.

Eu sei que estou certa nisso, mas saber que estou certa não me deixa mais feliz com isso.

O cronômetro apita enquanto estou preocupada com um discurso interno que é meio conversa estimulante, meio ameaça.

— Eles estão prontos! — Eu grito.

Quando ele não volta, suponho que ele deve estar ocupado escolhendo um filme e aproveito a oportunidade para rolar os donuts na cobertura eu mesma, o que confesso que queria fazer de qualquer maneira. Assim que termino, os coloco de lado, lavo as mãos e saio para repreender Wesley por não ter feito o que estou feliz por ele não ter feito.

Ele não está na sala de estar. Passo pela televisão, que deixei pausada no *The Great British Bake Off*, mas em vez do charmoso Noel Fielding enfeitando minha tela, tenho uma visão horripilante de Pennywise, o palhaço.

— Jesus *Cristo.*

Eu me viro, dando uma panorâmica da sala.

— Wesley!

Sem resposta.

Eu planto minhas mãos em meus quadris.

— Eu não vou assistir *It.* — Aperto o botão de saída no meu controle remoto o mais rápido que posso e clico em *Legalmente Loira.* Muito melhor.

Wesley pula para cima de mim do nada, com as mãos em garras. Eu grito.

Ele ri e ri e ri. Eu o odeio. Eu realmente quero odiá-lo. Não estou nem perto de odiá-lo.

— O olhar no seu rosto! — ele uiva, dobrando-se.

— Já acabou? — Eu o lanço o olhar mais odioso que posso reunir. — De que *inferno* você veio?

Ele abre um sorriso torto.

— Você não gostaria de saber.

— Gostaria.

— Você é fofa quando está brava. Como aquele filme do pato que diz que o céu está caindo? Você já viu esse? É isso o que você me lembra e quando está brava é hilário.

Muito lisonjeiro.

— É uma *galinha* — eu estalo.

O que quer que meu rosto esteja fazendo, está realmente o deixando maluco. Estou em dúvida quanto a encontrar um banquinho para ficar de pé, de modo que eu possa subir lá e dar uma boa bronca nele quando ele ceder. Wesley atravessa a sala, alisa a palma da mão no papel de parede e enfia os dedos nele. A borda de uma porta camuflada cede, balançando para revelar um corredor preto.

Eu fico boquiaberta.

— De onde veio *isso?*

— Passagem secreta.

Já estou correndo para dentro. Bem atrás de mim, Wesley está reclamando que eu mudei o filme:

— Por que você fez isso? Tenho andado ocupado armando uma piada. Agora o balão vermelho não fará mais sentido.

— Se eu ver um balão vermelho nesta casa, Wesley Koehler, você terá um grande problema. Eu *odeio* palhaços.

— Balão? — Eu ouço um barulho alto que é indiscutivelmente o estouro de um balão. — Nunca vi um balão na minha vida.

A passagem secreta leva à biblioteca. Decidi ensinar a Wesley uma lição de carma apagando a luz e me espremendo dentro de uma estante grande e profunda. Quando ele passa, eu alcanço e agarro seu tornozelo. Ele grita, lançando uma série de xingamentos, pelos quais passa cinco minutos se desculpando.

Eu deito no chão rindo.

— Oh, você vai se arrepender de ter feito isso — diz ele sombriamente, oferecendo-me uma mão amiga. — Eu conheço todos os tipos de passagens secretas nesta casa.

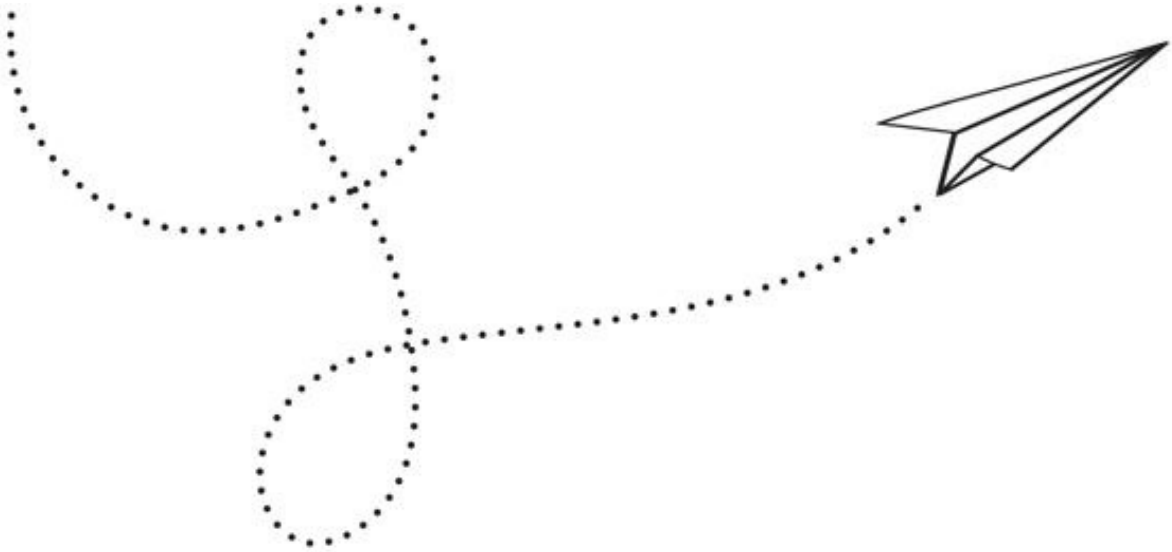
— Eu também.

— Você não sabia sobre a da sala de estar.

Meus olhos se estreitam em desafio.

— Feche os olhos e conte até vinte.

Capítulo 17



Ele não é o único que sabe uma ou duas coisas sobre esta velha casa. Há uma grande pintura emoldurada no corredor do andar de cima que esconde um armazém. Não muito grande – Violet o usava para guardar patins de gelo e raquetes de tênis, se não me falha a memória –, mas grande o suficiente para alguém se enroscar dentro dele, se quisesse.

— Posso ouvir você subindo as escadas correndo! — ele grita atrás de mim.

— Pare de ouvir!

— Você é ruim nesse jogo.

— Você vai engolir suas palavras.

Eu entro no buraco na parede, fecho o quadro atrás de mim e me sento o mais imóvel possível. Estou muito maior agora do que da última vez que me sentei aqui. Tenho que apertar minha cabeça entre os joelhos para caber.

Wesley me encontra em menos de um minuto.

— Olá.

— Você trapaceou!

— Eu *venci* você. — Ele morde um donut com açúcar e canela. — São essas minhas palavras? Elas são deliciosas. Eu sou tão bom em fazer donuts.

— Eu digo para você parar de ser legal, então você me sujeita a palhaços assassinos e falta de espírito esportivo.

— Sua vez. — Ele fecha o quadro para mim novamente. Ouço seu grito abafado no corredor: — Conte até vinte! E use os Mississippi's!

Vinte segundos de Mississippi's depois, sou desviada em uma série de direções vertiginosas, graças ao fato que Wesley ligou todos os aparelhos de televisão da casa. *Jumanji* está passando no FX, uma debandada de animais lançando pistas falsas toda vez que eu acho que o ouvi. O som do ambiente que ele configurou em seu estúdio de arte para amplificar uma lista de reprodução assustadora é particularmente maligno.

— Peguei você! — Eu grito uma dúzia de vezes, usando uma vassoura para

cutucar cortinas tremeluzentes e protuberâncias sob a colcha. Nenhum Wesley foi encontrado.

Eu mando uma mensagem para ele. *Eu estou vendo você.*

É um blefe ruim e ele sabe disso. *Na verdade, eu estou vendo VOCÊ.*

Todos os cabelos da minha nuca se arrepiam.

Ele acrescenta: *Ha. Aposto que fiz você olhar.*

Saia, eu exijo.

Não posso. Esconde-esconde está na lista de Violet. Desejo número 6.

E pensar que o estive comparando com anjos.

Mas mensagens de texto me dão uma ideia. Eu ligo para o telefone dele enquanto me arrasto, sorrindo maliciosamente quando espio a esquina de um corredor e vejo uma pequena luz branca-azulada flutuando. Eu a sigo, a passos, em ainda outra passagem secreta que eu não tinha ideia de que existia. Não apenas uma passagem secreta, mas uma escada secreta que leva ao salão de baile no andar de baixo. Estava escondida atrás de uma cortina floral pesada que eu assumi ser apenas outra janela. Nunca mais vou confiar em uma cortina.

Eu estava bem atrás dele durante todo o caminho descendo as escadas, então só há um lugar que ele poderia ter se escondido tão rapidamente.

— Hmm, me pergunto quem está atrás daquela árvore de Natal — eu digo ao celular quando ele atende.

Ele sai bufando, desligando o celular

— Você trapaceou.

— Eu *venci* você, você quer dizer.

Sua boca se curva.

— Eu não posso acreditar que existem todas essas passagens escondidas — eu digo. E se parece com ciúme, não posso ser culpada por isso.

— O truque — ele me diz — é ouvir os buracos — Ele bate na parede. *Baque.* Bate mais adiante. *Baque.* Bate de novo, bem em cima do nosso mural. O som que ele produz lá é diferente, mais parecido com uma batida de tambor. Eu suspiro quando ele pega outra porta camuflada para fora do éter. Esse não é terrivelmente impressionante; eu nem chamaria de armário. Um baralho de cartas e um Gatorade dos anos noventa estão lá dentro.

— Você sabia que isso estava aqui o tempo todo? — Eu exijo.

A presunção insuportável de Wesley é resposta suficiente.

Estou indignada.

— Por que você não me mostrou?

— Maybell — ele responde sério — ninguém se torna o campeão imbatível de esconde-esconde por compartilhar todos os seus segredos.

Eu vou chutá-lo.

Acho que ele percebe, porque se vira e começa a contar em voz alta. Eu vôo para longe, determinada a atordoá-lo até o esquecimento com meu próximo esconderijo. Deixando *ele* vagar sem rumo para sempre.

E então o lugar perfeito me atinge: o guarda-roupa branco na sala de estar. É uma daquelas luminárias que seus olhos ficam tão acostumados a passar direto que fica praticamente invisível. Enquanto faço meu caminho para a sala de estar, meu celular vibra com uma mensagem de Wesley. Ele tirou uma foto da assadeira de donut, sem metade de seus ocupantes. *Amei eles,* diz ele. Tento não

me envaidecer.

As portas do guarda-roupa estão emperradas, o que sempre aconteceu, devido à idade. Então, novamente, eu nunca tive muitos motivos para tentar abri-las. Eu cerro meus dentes e puxo.

— Você está pregado?

Da outra sala, Wesley berra:

— Quatorze… quinze… dezesseis!

Não! O medo aumenta minha adrenalina, e meus próximos puxões dão resultado. Eu puxo a porta esquerda de sua dobradiça. E fico boquiaberta.

— Wesley! — Eu grito.

Ele vem correndo.

— O que?

— Você nunca vai adivinhar o que está dentro deste guarda-roupa.

— Tem neve? Um poste de luz? Homem-bode esquisito em suas patas traseiras?

Eu agarro a frente de sua camisa, arrastando-o. Ele não parece nada descontente com isso. Então ele fica ao meu lado e também fica boquiaberto.

— É...

— Sim.

— Durante todo esse tempo!

— Parece que sim.

— Ah! — Ele estala os dedos, com os olhos arregalados. — Andar de cima! O outro guarda-roupa branco! Nunca pensei nisso antes. Ele está diretamente em cima deste. Faz muito sentido.

Os guarda-roupas escondem um elevador.

Desde que os móveis antigos foram selados na parede, Wesley pega um machado, me pede educadamente para recuar e manda lascas brancas de madeira no ar. Depois que tudo foi limpo, recuamos sem acreditar.

É um pouco menor do que estou acostumada com elevadores, mas ainda assim é bem cuidado depois de todos esses anos de desuso. Tapete cor de vinho. Um painel de controle dourado. Uma grade de latão em elaborado estilo art déco. O ar que emana dele é úmido e mais frio do que o resto da temperatura da casa, um pouco como uma caverna.

— Isso só estava pendurado dentro das paredes — eu gaguejei.

Wesley abre a grade, entrando.

— Deus, eu amo esta casa.

Não somos estúpidos o suficiente para apertar qualquer botão ou tentar operá-lo, já que não há como não precisar urgentemente de um mecânico, mas é fascinante ficar no elevador mesmo quando não estamos indo a lugar nenhum.

— Você sabe o que isso significa — Wesley diz, maravilhado com o indicador de chão, uma meia-lua dourada.

Eu cutuco a grade, todos os buracos em seu padrão.

— Isso significa que tenho mais cem locais para colocar flores de plástico.

Um brilho de dentes brancos na semi-escuridão.

— Eu encontrei você, então eu ganhei o jogo.

— Você me pegou. — Eu me recosto contra uma parede.

Seu sorriso é triste.

— Quase. — Wesley se inclina contra a parede oposta. — Segredo por segredo?

Seu tom instantaneamente me deixa em guarda, mas não posso recusar a chance de descobrir um dos segredos de Wesley.

— Tudo bem.

— Você primeiro. Vá em frente e me pergunte uma coisa.

Não estou preparada para isso, então a pergunta que surge não é aquela que eu faria se estivesse usando algum bom senso.

— O que você realmente pensa quando se deita para dormir?

O brilho da televisão da sala pisca na boca do elevador, pintando a metade esquerda de seu rosto de um azul misterioso e sobrenatural. O resto de Wesley cai na escuridão.

— Eu penso em você — ele diz, cada palavra deliberada. Forçado a admitir. — Eu penso em você, e isso não ajuda em nada a minha insônia.

Minha respiração fica ofegante.

— Mais uma.

Ele sorri, deixando passar.

— Tudo bem.

— O que há dentro de todas essas caixas no galpão?

Posso dizer que essa pergunta o pega de surpresa.

— Trabalhos de arte. As caixas ficavam no meu antigo quarto na cabana, mas quando você se mudou, tive que escondê-las em algum lugar. — Eu digiro isso, especulando se ele vai me deixar dar uma olhada em seus outros desenhos. Gosto de poder ver o mundo como ele o vê, descobrir o que lhe interessa o suficiente para que se sinta compelido a registrar no papel.

Em seguida, seu tom cai.

— Minha vez.

Droga.

— Vá em frente.

— Eu ainda tenho que perguntar?

Meu primeiro pensamento é desviar ou distrair. Mas então me ocorre que nada disso é fácil para Wesley. *Claro* que não. Wesley está parado na minha frente com calças que ele veste apenas em ocasiões muito especiais e colônia que ele nunca usa, tentando impressionar uma mulher. Ele se abriu para mim, embora seja difícil. Enfrentando seus medos. Terrivelmente tímido, mas se expondo de qualquer maneira.

E penso: talvez eu não esteja tomando a decisão madura, afinal, ao decidir que não devemos ir um pouco mais longe, vendo o que pode florescer entre nós.

Talvez eu esteja tomando uma decisão segura. A covarde.

Ele muda seu peso, tirando-me da minha autorreflexão. Certo. Ele está ansioso, e levar meu tempo para encontrar respostas a perguntas que exigiam coragem é essencialmente uma tortura.

— Não importa — digo lentamente — Porque acho que posso estar errada. — Qualquer um pode me machucar, mas, neste ponto, escolher perder o que *poderia* ser vai me machucar também. E se acabar mal?

E se não?

Esperar pelo melhor não é necessariamente imprudente e nada – nem o bem

nem o mal – é garantido na vida.

— Maybell — ele pressiona. — Você tem que me dizer o que isso significa.

Dou um passo à frente, reunindo toda a minha coragem. Meu coração está disparado a cem milhas por hora.

Wesley pode ser a pessoa mais ansiosa e tímida em relacionamentos que já conheci, mas aqui está ele se expondo de qualquer maneira. Talvez seja minha vez de ser corajosa.

Eu levanto minhas mãos em seu cabelo, observando seu registro de surpresa satisfeita.

— Não sou o tipo de pessoa que se arrisca — digo, deixando os fios sedosos passarem por meus dedos.

Os olhos dele estão solenes.

— Nem eu.

— Fiquei muitos anos num trabalho que odiava, que não me apreciava, porque tinha medo de abrir mão do desconhecido. Todos os homens com quem estive envolvida no passado foram ruins para mim e, acho que uma parte de mim sabia disso no fundo, mas eu os escolhi de qualquer maneira porque sabia que, inconscientemente, não haveria futuro para nenhum deles. Eu sabia que nenhum deles duraria muito e que minha vida não mudaria. Eu continuaria sendo a mesma, com a mesma vida. — Eu respiro fundo. — O diabo que você conhece.

Sua mão desliza pelo meu braço para cobrir meu pulso, um pequeno sorriso melancólico em seus lábios.

— Eu entendo.

— Mas larguei o meu antigo emprego e a minha vida melhorou. Eu me mudei para cá e minha vida melhorou. Grandes mudanças. Eu te encontrei.

Seu sorriso se alarga, apenas uma fração.

— E minha vida melhorou. Então, o que estou dizendo é que gostaria muito de beijar você de novo, se você não se importar. Não tenho para onde ir a partir daqui, a não ser para cima.

Ele me observa por um momento, calculando se tenho certeza disso, então deixa sua testa inclinar-se contra a minha.

— Feche os olhos e conte até vinte — ele murmura contra meus lábios.

Eu nem chego ao um antes de sua boca cobrir a minha.

Meus dedos escorregam para o cabo de diamante de sua roupa, empurrando para a camisa macia e gasta por baixo; ele coloca os braços em volta de mim, puxando-me para perto. Eu sou nova aos beijos dele, o toque dele, depois de conhecê-los brevemente pela primeira vez, poucas horas atrás, e é angustiante como eu já senti falta disso. Acho que tenho esperado toda a minha vida por um homem que diz que *Eu entendo* e que realmente entende. Que é tão instável quanto eu quando se trata de tentar algo novo e assustador.

Nós saímos do elevador ainda presos em um abraço, eu me pressionando o mais perto que posso chegar. Sua pele está queimando, a língua torcendo em torno da minha com entusiasmo feroz. Continuamos prendendo a respiração por muito tempo e temos que fazer uma pausa para respirar e depois mergulhar de volta nele.

— Você é tão alto — eu resmungo, ficando na ponta dos pés.

Os braços de Wesley me abraçam com mais segurança enquanto ele me

levanta do chão, meus pés balançando.

— Melhor?

Dou um beijinho no nariz dele.

— Eu poderia me acostumar com isso.

— Eu imagino que sim. Não sei como você vive a vida lá embaixo. Parece terrivelmente difícil.

— Era. — Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço e tento conhecê-lo um pouco mais. — Vem cá.

Agora que cedi, não posso parar. Estou em uma descida íngreme, rolando o mais rápido que posso. Talvez eu bata no fundo ou talvez nunca o encontre. Talvez a gente role assim para sempre.

Só há uma maneira de descobrir.

Wesley me beija todo o caminho até a cozinha para que ele possa pegar outro donut, me mostrando o *W que* ele rabiscou na massa. Ele ficou inchado e deformado.

— Olha, eu fiz você.

Ele vira de cabeça para baixo.

Eu dou uma mordida.

— Esquecemos de assistir ao filme.

— Opa. Acho que isso significa que teremos que fazer tudo de novo. — Ele finge estar triste.

— *Nãão,* qualquer coisa menos isso.

Eu sorrio. Wesley sorri de volta. Essa noite é mais doce do que glacê em um cupcake e qualquer pessoa nos observando provavelmente teria uma dor de dente de segunda mão, mas não estou me importando nem um pouco. Nada sobre a vida em Falling Stars está saindo do jeito que eu esperava.

Graças a Deus por isso.

— O que você vai fazer na sexta à noite? — Ele pergunta, segurando minha mão e me girando como se estivéssemos dançando. — Eu quero te levar para um encontro.

Meu coração dá um salto.

— Sexta-feira está tão longe.

Ele está satisfeito com minha impaciência.

— Tenho uma semana agitada pela frente. Além disso, tenho planos muito específicos para onde devemos ir em nosso encontro. Já vou avisando, o local é um lugar de difícil acesso, então pode demorar um pouco para chegar lá. Mas vai valer a pena esperar, eu prometo.

— Que tipo de planos? — Eu pergunto curiosamente. — Onde estamos indo?

— Não posso te dizer mais do que isso. — Estou girando de novo, o que pode não ser a melhor ideia, considerando o quão tonta eu já estou. Ele é um dançarino desajeitado, todo polegar e pé esquerdo. — Vai estar pronta para ir às oito?

— Você pode me pegar na minha porta.

Desejamos boa noite um ao outro, nos separando — ele subiu a grande escadaria e eu para o meu quarto, um andar abaixo do dele, onde sei que o estarei sentindo através das paredes a noite toda. Para meu crédito, espero até estar segura no meu quarto antes de me inclinar de volta para a cama e desmaiar.

• • • • • • •

Wesley estava certo sobre ter uma semana agitada pela frente. Não sei se sou grata pelo pouco tempo que tenho nos próximos dias para ficar obcecada com nosso encontro iminente, agora que sou uma tempestade consciente em um bule de chá.

Falling Stars está se unindo. A princípio pareceu uma transformação lenta, mas agora os toques finais estão acontecendo de uma vez. A dose de realidade é ainda mais avassaladora porque não tenho uma equipe com quem colaborar. O hotel é *meu* orgulho e alegria, *minha* responsabilidade, não de Wesley ou de qualquer outra pessoa. Como não avaliei o escopo desse enorme empreendimento? Hotéis são fáceis de administrar em abstrato, quando você está sonhando acordado com eles, mas ainda tem muito tempo antes de o verdadeiro trabalho começar.

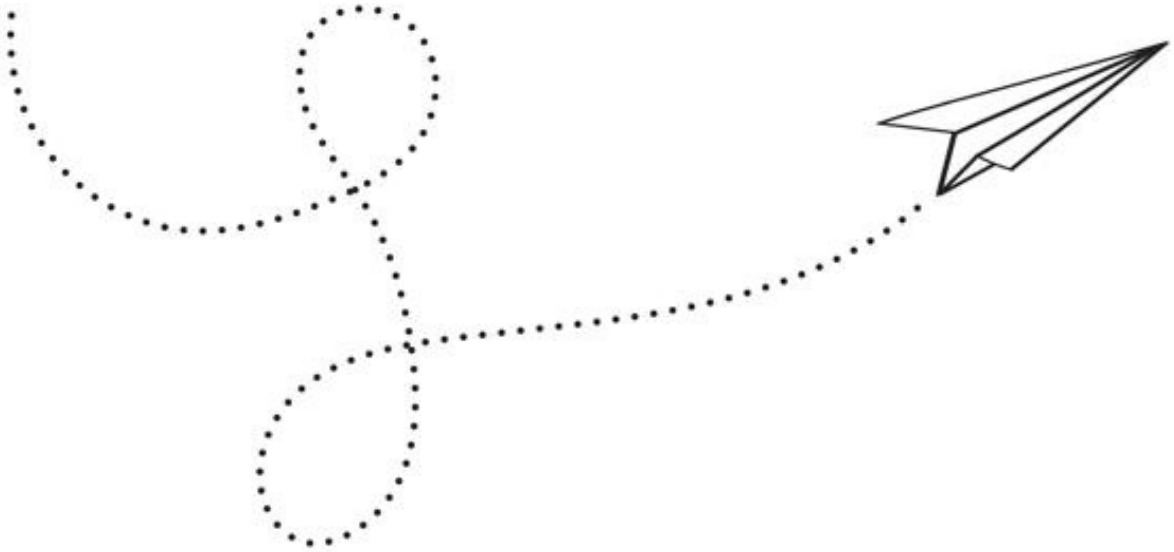
Registrei meu negócio e estou agendando inspeções, verificando o estado dos pedidos de várias autorizações e licenças. Estou conduzindo uma divulgação para revistas e jornais em todo o Tennessee, esperando que eles queiram escrever sobre o hotel, oferecendo aos jornalistas estadias gratuitas na semana de estreia (que estou provisoriamente agendando para a primeira semana de setembro, dependendo de quanto tempo leve para receber todas as certificações adequadas). Eu tenho que ir *duro* na imprensa com anúncios direcionados à Internet, mas os anúncios são caros. Acima de tudo, tenho que dominar a forma artística de ser minha própria gerente de mídia social. Se ao menos Wesley me deixasse postar fotos dele consertando cercas e podando arbustos, reservaríamos até o fim do ano que vem.

Na terça-feira, entrei em contato com minha comissão local de preservação de marcos para iniciar o processo de nomeação de Falling Stars para ser declarado marco histórico, o que não só seria fantástico para a publicidade, mas também me concederia incentivos fiscais e liberdade no código de construção. Eu respondo a uma mensagem de um agente de aquisição de sites com uma empresa de telefonia celular sobre um potencial aluguel de torre de celular. Eles querem instalar uma torre na propriedade, o que significa que consigo negociar taxas e gerar uma renda extra.

Gosto da solução de problemas que vem com a chefia de meus próprios projetos, antecipando falhas no plano e superando-as. Gosto das planilhas, da busca rigorosa por bons negócios em toalhas de mão, farinhas, lâmpadas, material de limpeza. Busca de cupons e elaboração do menu: os jantares serão servidos na sala de jantar, a menos que os hóspedes solicitem serviço de quarto; se pedirem o almoço, a refeição será deixada em sua porta em uma cesta de piquenique junto com uma lista laminada de locais para piqueniques no local. Os hóspedes podem pegar seu café da manhã na cozinha e saboreá-lo onde quiserem.

Eu posso fazer isso. Vou provar ao mundo que posso fazer isso.

Capítulo 18



Na quarta-feira, eu dirijo ao mercado dos fazendeiros em Maryville para conversar com fornecedores locais na esperança de estabelecer parcerias. Todos são calorosos e amigáveis de cidades pequenas, fazendo todos os tipos de perguntas sobre o hotel. Mesmo que eu provavelmente tenha perdido muito tempo conversando, eu saio do mercado me sentindo um deus absoluto: Eu obtive descontos em grandes encomendas em troca de usar e anunciar seus produtos exclusivamente. Falling Stars está oficialmente no negócio com a Kiana's Stationery Shop, uma fabricante artesanal de sabão e loção chamada Lather Up, e Huckleberry Homestead, que em agosto começará a entregar manteiga, queijo e massa fermentada caseiros. Suas vacas são criadas soltas, dizem, e há um vídeo delas na internet brincando com brinquedos na fazenda.

Chego em casa e encontro um vazamento na mangueira da máquina de lavar, dois centímetros de água cobrindo o chão da lavanderia, e os pintores que achei e decidi contratar estão ocupados pintando a frente da casa com tinta marrom.

— Com licença — eu chamo educadamente, acenando para chamar sua atenção. Minha voz é muito tímida – ninguém ouve. Eu me estico, quase na ponta dos pés,e falo mais alto. — Sinto muito, mas essa não é a cor certa. Era para ser rosa.

Um dos caras, Phillip, franze um olho enquanto examina a grande mancha de tinta nova.

— É meio rosa.

Em que universo? Eu levanto meu braço e aponto.

— Isso é marrom.

Os caras dividem olhares duvidosos entre si, encolhendo os ombros.

— Talvez marrom seja o que você pediu — Phillip sugere.

— Não. Eu sei o que pedi, e não está nem perto disso.

Um deles, o mais novo, mal completou dezessete anos. Ele coça o queixo preocupado, resmungando para eles em voz baixa dizendo que acha que eu

posso estar certa.

Eles o ignoram.

— Vai parecer diferente quando estiver seco — diz Phillip com a maior confiança. — As nuvens estão lançando uma sombra sobre nós agora, o que faz com que pareça mais escuro. Acredite em mim, assim que terminarmos, você vai adorar.

— Eu não quero marrom. — Estou começando a entrar em pânico. Quando eles se viram para voltar ao trabalho, eu perco o controle. Uma pessoa muito mais corajosa do que eu possui meu corpo e o usa para berrar: — Eu! Não! Quero! Marrom!

Estupefatos, eles param o que estão fazendo.

— Acalme-se, querida — o mais velho implora.

Não, ele *não* disse isso.

— Você pode me chamar de Srta. Parrish — eu estalo.

Phillip dá uma risadinha.

Estou prestes a fazer algo que vai me fazer ser presa quando a caminhonete de Wesley estaciona na garagem, a parte de trás cheia de madeira que se tornará um abrigo para seus animais em pouco tempo. Ele sai, franze a testa para a casa e diz em um tom mais baixo do que aquele que eu inicialmente tentei e ninguém ouviu:

— Essa não é a cor que pedimos.

— Oh? — Phillip mostra um sorriso perplexo. — Tem certeza? Aqui, vamos olhar. — Ele procura as informações enquanto meu fluido espinhal começa a espumar. — Quer saber! Você tem razão.

E então ele se desculpa. Para Wesley.

Eventualmente, resolvemos tudo. Continuo minha parte da conversa com os dentes cerrados, mas felizmente ninguém me diz para me acalmar novamente. No entanto, a nova tinta não chegará por mais duas semanas e sua próxima disponibilidade para voltar é até meados de julho. Deixando Falling Stars cinza com uma mancha marrom.

Eu sou um profissional. É a única razão pela qual não grito.

— Você quer saber? Você está demitido. — Não tenho tempo para isso. Tenho de lidar com uma mangueira de máquina de lavar, um banco para ligar e câmeras de segurança para instalar. Sem mencionar que, talvez eu tenha conversado com uma jovem que conheci em um posto de gasolina no meu caminho para casa do mercado dos fazendeiros e que espontaneamente ofereceu comida grátis para Falling Stars quando descobriu que seu senhorio vai chutar ela e seu garotinho fora de seu apartamento no final do mês. Eu preciso assar uma dúzia das bear claws favoritas de Wesley antes de dar a notícia.

Phillip faz uma careta.

— Você já nos pagou. Qual é, eu sei que um pequeno erro foi cometido...

— Todo mundo comete erros — eu atiro de volta. — Seu verdadeiro erro aqui foi ser condescendente comigo. Não vou tolerar esse desrespeito e exijo um reembolso total. — Eu gesticulo levianamente para a casa. — Mais danos.

Phillip fica boquiaberto. Apela a Wesley, o homem racional e sem emoção.

— Condescendente? — Wesley ecoa. Não há vestígios do homem generoso e sensível que conheci. Ele é feito de pedra. — Você a ouviu. Você está demitido.

Reembolso total, mais danos.

Eu marchei para dentro, resistindo à vontade de bater a porta. Estou montando uma seleção de bancos quando Wesley me encontra para relatar que os pintores foram embora. Ele lê por cima do meu ombro.

— Para que é isso?

— Estou pensando em solicitar um empréstimo para pequenas empresas. Quer entrar nisso comigo? Podemos dividir entre o hotel e o santuário. — Sei que ele espera que suas economias cubram o custo de um novo celeiro, mas há muitas outras despesas com que lidar. Alimentos para animais, suprimentos médicos...

Wesley faz uma careta.

— Depende. Podemos fazer isso online?

— Acho que é melhor fazer pessoalmente. Marcar uma consulta, ir falar com um...

— Guarda essa ideia. — Ele aperta minha mão e sai da sala.

— ...Gerente de empréstimos — eu termino categoricamente.

Ele não volta por quarenta e cinco minutos. Quando volta, ele fica vermelho e parece levemente irritado, mas sorri para mim.

— Contra-oferta.

Eu levanto a mão imperiosamente. *Sim?*

— Meu irmão Blake adoraria participar como investidor.

— É mesmo?

Seu sorriso se aperta.

— Eu vou te avisar, Blake é implacável. E muito inteligente. Considerei seriamente a possibilidade de ele ser Lúcifer. Mas ele é o melhor empresário e investidor que existe, e rico como o pecado. Pedi a ele que nos ajudasse, mas Blake não dá dinheiro. Ele gosta de apostar em negócios. O que significa que ele vai querer vir aqui para ver por si mesmo o que estamos fazendo com a propriedade. Uma abordagem prática.

Portanto, este deve ser o quarto irmão. Tem Casey, casado e feliz, designer de sites. Então Michael, com uma fazenda de gado, que balança o punho se você o chamar pelo nome verdadeiro, que é Humphrey. Ele me contou ontem sobre Tyler, um violinista tão extrovertido que Wesley fica com urticária simplesmente por ficar ao lado dele.

— Você pediu um empréstimo e ele simplesmente concordou?

— Eu perguntei e ele disse que não. Então liguei para nossa mãe. — Ele deixa por isso mesmo.

— Então... E agora? Quanto ele está disposto a nos dar? Quais são as taxas de juros dele?

— Ele virá visitar em três semanas para negociar isso. — Ele não parece animado, o que não resisto a apontar.

— Eu não gosto de Blake — ele fala sem rodeios — mas prefiro fazer acordos com o diabo do que ir falar com um agente de crédito que não conheço. Além disso, se ele se tornar muito chato, vou ligar para a mamãe de novo. Acho que ela é a única pessoa na terra de quem ele tem medo.

Depois que terminamos de limpar a lavanderia, eu digo a verdade sobre a mulher que encontrei no posto de gasolina.

— Espero que você não se importe — digo com pressa. — Ela pode nem vir. Dei a ela nosso endereço e lhe disse que, se a sorte dela não mudar até o final do mês, ela tem um lugar para ficar. Eu sei que deveria ter perguntado a você primeiro, já que isso afeta você também, mas...

— Maybell. — Ele me envolve em um abraço reconfortante. — Seu grande coração é uma das coisas que eu mais gosto em você. Eu não posso ficar bravo quando você o usa.

Eu inclino minha cabeça para cima.

— É?

— Contanto que você mantenha algum quarto para mim lá — diz ele com um encolher de ombros, uma punhalada transparente em ser casual quando sei que ele está sentindo qualquer coisa menos isso — O que são alguns vizinhos?

• • • • • • •

Esta semana tem sido para cima e para baixo, mas quinta-feira à noite me encontra na cozinha, bem no meio do meu deslize para a histeria.

— Quão difícil seria começar a enlatar conservas? — Estou pensando em voz alta para Wesley, que está reservando ingressos para os próximos leilões de gado em seu laptop. — Você tem todas aquelas caixas de abelhas. Nós poderíamos fazer mel. E nossa própria marca. Mel Falling Stars. Plantação de Abóbora Falling Stars. — Eu suspiro. — Falling Stars Petting Zoo.

— Não — diz ele com firmeza.

— Veremos — murmuro, adicionando à lista de *talvez.*

— Plantação de morango — eu continuo. — Vamos plantar todos os nossos próprios produtos e ser os filhos da puta mais econômicos que já existiram. — Eu xingo quando estou animada. — Podemos plantar um pomar, certo? — Estou rabiscando o nome de todas as frutas e vegetais em que consigo pensar. — Mirtilos, pêssegos, abobrinhas. Podemos ser autossustentáveis. Saladas e caçarolas. Tortas de Huckleberry. Vamos reciclar nosso próprio papel higiênico.

— Não vamos.

— No outono vamos colher maçãs e esculpir abóboras. Um labirinto de milho.

— Espero que você goste de plantar labirintos de milho, porque eu não farei isso — ele jura. — Eu *nunca* irei.

— Vamos colher o milho e usá-lo para alimentar seus animais.

— Tudo bem então. — Wesley afunda em sua cadeira. — Ugh. Alguém precisa te parar.

Eu sou imparável. Eu me imagino lendo a validação da imprensa de que meu hotel é um sucesso. Avaliações positivas no meu site. Esse pode ser um lugar onde recém-casados, famílias e melhores amigos em uma viagem constroem memórias felizes. E talvez eles voltem ano após ano, tornando-se uma tradição. É tudo o que eu poderia querer, fazer parte disso, que as viagens de estranhos os tragam aqui, onde farão novos amigos (e, não posso deixar de torcer, comigo). Falling Stars sempre será o lugar das memórias felizes para mim – um lar acolhedor e amoroso. Eu quero compartilhar isso com o mundo.

O primeiro ano será um furacão. Organização, cozinha, limpeza sem fim. E fazer compras. Só para preparar a refeição, muitas compras. O atrativo do Falling Stars é sua solidão, onde você pode ver as estrelas e ouvir seus próprios

pensamentos. Caminhada. Explorar. Isolamento. Estou vendendo Paz aqui. Os hóspedes não vão querer fazer uma viagem de trinta minutos para comprar o jantar ou pegar uma escova de dentes que esqueceram em casa, por isso é fundamental que eu tenha todos os itens essenciais e de conforto que uma pessoa possa precisar em estoque. Se eu sobreviver ao primeiro ano e tiver lucro, talvez consiga contratar mais ajuda.

Horas se passam comigo curvada sobre meu laptop e papéis desorganizados. Wesley garante que eu não morra de fome colocando timidamente uma tigela de Cheerios na minha frente. Eu engulo tão rapidamente que não sinto gosto de nada.

— Charadas — eu murmuro, rabiscando. Minha mão está dolorida e suada. — Um teatro com jantar misterioso de assassinato. Uma banda ao vivo! Com acordeões!

Wesley se inclina sobre mim e rabisca aquela última ideia assim que eu a anoto.

— Eu *não estou* mordendo mais do que posso mastigar — eu digo a ele fervorosamente.

— Nunca disse que você está.

— Qualquer um que diga isso está subestimando gravemente minhas mandíbulas.

— Não tenho dúvidas — ele responde calmamente, clicando em uma caneta enquanto olha minha proposta para o maior jardim de alface conhecido pelo homem.

Estou calculando os números do ketchup agora. Por que o ketchup é tão caro? Dois dólares e cinquenta e dois centavos é um roubo na estrada. Tenho energia para continuar a fazer ketchup caseiro? Eu me bato. Não! Já estou muito envolvida com bases para copos de crochê.

— É porque sou uma multitarefa nata — elogio. — Eu nasci sob a lua de Libra, provavelmente. Forte como um boi. Nós, Maybells, vemos o *Você não pode fazer isso* e nós o aumentamos com um *Pode demorar mais tempo, mas apenas me observe.* — Eu levanto meu copo de limonada em um brinde a mim mesma. — Somos ervas daninhas crescendo nas rachaduras do concreto: mesmo quando devíamos ter sido derrotados há muito tempo, você não pode nos manter no chão.

Wesley está recolhendo minhas coisas sem palavras e embaralhando-as em uma pilha organizada.

— Vou fazer meu próprio pot-pourri, mesmo que me mate — declaro.

Wesley puxa minha cadeira.

— Tudo bem. Hora de dormir.

— O que? — Eu agarro a borda da mesa. — Não! Não estou pronta para ir!

— Estará aqui para você pela manhã. Com novos olhos.

— Não! Eu não posso ir para a cama, isso é muito importante. — Ele me rouba enquanto pego minhas planilhas e meu planejador de vida com código de cores. — Eu sou uma Maybell Parrish! Eu sou a sobrevivente que escreve tudo nos livros de história!

— Claro que você é — diz ele com ternura.

Quando ele começa a me arrastar, minhas emoções pingam na direção oposta.

Mordi *muito* mais do que posso mastigar e agora estou sufocando.

— Quem eu acho que sou? — Eu gemo em desespero. — Por que eu pensei que poderia fazer tudo isso? Eu não consegui nem dar a mim mesma a história de demissão que merecia.

Ele olha para mim com uma sobrancelha interrogativa, perguntando sem perguntar.

— Eu escapei como uma covarde. Sem alarde. Eu dei a eles a minha juventude, Wesley, e havia dias em que a única coisa que me fazia superar era a fantasia de como eu iria me demitir algum dia. Como eu iria atacar meu chefe. Nunca fiz isso. — Eu desisto, relaxando. Ele pega minha forma derretida e me arrasta pelo corredor com meus saltos de meia deslizando.

— Bem, volte e se demita.

— Você não está falando sério.

— Estou.

— Eu já me demiti, no entanto. Em abril. Meu chefe me deixou mensagens de voz desagradáveis sobre isso. Se eu aparecer agora, eles me levarão para fora acompanhada de seguranças.

— Parece uma história incrível de demissão. Quem se importa se você não trabalha mais lá? Se você se arrepende de não ter feito chamas, volte lá e faça cair chamas.

Eu inclino minha cabeça, considerando isso.

— Huh.

— Antes tarde do que nunca — ele propõe.

Eu deixo minha cabeça pender para trás enquanto o admiro.

— Você tem um ponto tão bonito.

Ele bufa.

— Vou voltar para Around the Mountain e obter a história de demissão dos meus sonhos se você fizer algo que sempre quis fazer também — digo a ele.

— Como um pacto?

— Sim. Perfeito. — Eu me deleito com o som disso, imaginando os destinos que tudo vêem em seu tear, tecendo nossa tapeçaria. — Um pacto inquebrável.

— Eu sempre quis ir para o Lago Ness — ele comenta. Eu não posso dizer se ele está apenas me dando indulgência agora. Pelo seu tom, ele parece muito divertido.

— Um dia vou largar aquele emprego que nem tenho mais, e você vai encontrar o seu Monstro do Lago Ness e mantê-lo em segredo de todos. Eu até vou com você.

Wesley ri.

— Combinado. Mas minha única condição é sem fotos. Nós *não* vamos tirar fotos do sobrenatural.

— Estou falando sério.

— Eu também estou.

— Vamos dar um aperto de mãos.

Ele aperta os braços com mais força em volta de mim e sacode todo o meu corpo. Digo que ele não é engraçado, o que é mentira. Então eu digo a ele que isso era uma mentira, porque eu digo tudo o que estou pensando quando estou com sono.

— E se tudo isso for apenas uma simulação — eu murmuro.

Ele me coloca na cama, tendo o cuidado de afofar meus travesseiros e encher minha água novamente. Aposto que, se algum dia ficar doente, ele vai me trazer compressas quentes e canja de frango com macarrão.

— Wesley, se eu não terminar minha lista de tarefas agora, eu nunca terei paz. Você não entende. Meu cérebro literalmente não será capaz de desligar.

Ele liga minha máquina branca de ruído e apaga a luz.

— Eu tenho muito que fazer. Eu não consigo dormir *fisicamente*, não consigo dormir. Nem mesmo se eu tentar.

— Mm-hmm.

— Só mais um e-mail. Vou ser rápida. Eu sou muito boa nisso… — Meus olhos se fecham contra a vontade deles. — Eu sou muito boa em enviar e-mails. Nem todo mundo é, sabe.

— Você é a melhor em enviar e-mails. — Sua voz é calorosa e afetuosa, e meu coraçãozinho de balão incha além da capacidade.

— Eu amo o seu sorriso — eu tagarelei. Não consigo ver seu sorriso agora, mas posso ouvi-lo. — Você sorri muito mais agora do que quando te conheci.

Ele hesita na porta por tanto tempo que acho que ele saiu.

— Quando estou perto de pessoas que não conheço, raramente sorrio — Wesley confessa longamente. — Quando você sorri, as pessoas olham mais para você. Eu prefiro me misturar. Para ninguém me notar.

Snip, e ele voa para longe. Adeus, coração.

— É impossível não te notar. Eu reconheceria um Wesley em uma sala cheia de imitações. Eu reconheceria um Wesley em qualquer lugar. Vá para a floresta agora e eu vou te encontrar em trinta segundos.

— Eu não me importo que *você* me note — ele admite, a porta rangendo quando ele começa a fechá-la atrás de si. — Pelo menos, não mais. Mas você é a única com permissão, ok?

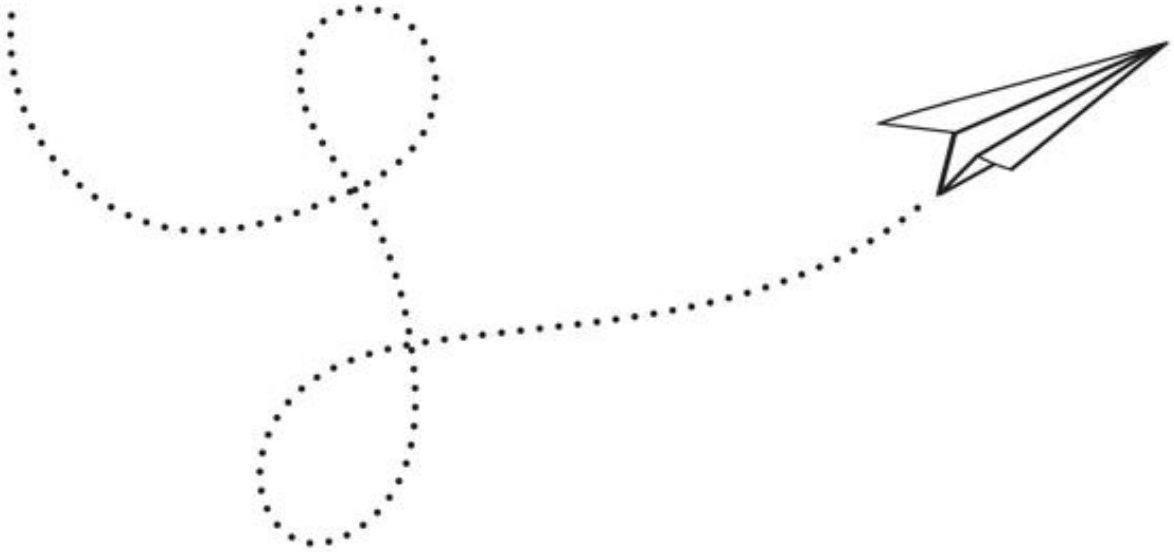
— Vou adicioná-la como uma cláusula ao nosso pacto. — Eu aperto a mão do ar.

Eu vou sair da cama. Ninguém pode me impedir. Minhas últimas palavras inteligíveis que anuncio para a sala vazia são:

— Sou alérgica a pimenta caiena. Não conte a ninguém.

A próxima coisa que sei é que já é tarde do dia seguinte.

Capítulo 19



Estou de frente para a porta fechada do meu quarto às 19h59 de sexta-feira, já suando pelo vestido, esperando aquela batida que pode marcar o começo de tudo.

Esta é a sexta roupa que experimentei – se eu tivesse tempo, provavelmente mudaria de novo – rosa claro com cerejas por toda parte. Deveria ser uma cópia de um vestido estampado de morango que adoro que está fora do meu orçamento e, embora não se pareça em nada com a foto da Amazon, ele se ajusta perfeitamente e gira sempre que eu viro. Me estressei tentando conseguir um penteado decente, incapaz de me comprometer com um rabo de cavalo alto quando sei que vou acabar com uma dor de cabeça, incapaz de fazer uma trança tipo escama de peixe como a do tutorial. Eu mexi nele até que meus cabelos antes reluzentes ficassem com frizz, acabei tendo que lavar e pentear novamente, e agora está úmido, solto, porque eu não confio mais em mim mesma para experimentar mais.

Nunca estive tão nervosa.

Não há razão para estar nervosa. Esse é *Wesley*. Wesley desajeitado, tímido, desconfortável e involuntariamente charmoso.

Toc, toc, toc.

Meu coração dispara. É isso. Eu não estive em um primeiro encontro em... é melhor não contar. Muito tempo. O que iremos fazer? Onde estamos indo? Ele vai me beijar de novo? Eu agarro minha bolsa como se fosse um colete salva-vidas e repenso minha escolha de sapatos. Se estivermos fazendo algo ao ar livre, vou me arrepender desses saltos.

Abro a porta e todos os meus pensamentos inteligentes caem da prateleira.

O homem do outro lado é alto, de ombros largos, queixo forte e usa um terno preto muito escuro. Cabelo loiro escuro cai em ondas que me fazem pensar em gavinhas de hera. Ele é o deus da primavera, poderoso, mas doce, enterrando as coisas para torná-las vivas. O deus da primavera carrega terra e chuva em sua

pele aonde quer que vá. Seus olhos castanhos são de topázio – um copo de root beer erguido contra a luz, alargando-se enquanto ele afrouxa contra o batente da porta como se tivesse acabado de ser ferido.

— Oh… — Seu olhar varre por mim. Seus olhos ficam ainda mais arregalados e ele esfrega o queixo. — *Uau.*

Resisto a um milhão de impulsos elétricos: desviar o olhar, morder o lábio, cruzar os tornozelos, mexer na bolsa, mexer no cabelo. Dizer desculpas como: *O vestido não se parece com o que encomendei* ou me minimizar com uma careta e o *Mau comportamento do meu cabelo.* Quando ele me olha assim, me sinto como uma deusa.

Eu me sinto...

— Sim — eu concordo, me levantando forte e alta. — Você é um garoto de sorte esta noite, Sr. Koehler.

Ele acena com a cabeça, sem um sussurro de humor nisso.

— Eu sou.

De salto, não preciso pular para beijá-lo, mas preciso puxar sua lapela para fazê-lo mergulhar a cabeça. Uma mão desliza pela sua bochecha lisa e eu deixo um beijo na outra. Quando eu me afasto, seus olhos me seguem de uma forma tão íntima que eu sinto arrepios na espinha.

— Você está incrível, como sempre. Onde estamos indo?

Wesley inala uma respiração revigorante. Apresenta um sorriso treinado que estremece um pouquinho, tentando ao máximo disfarçar seus nervos. Suas mãos estão cerradas ao lado do corpo.

— Estou levando você para o céu.

Devo estar ouvindo coisas.

— Wesley *Koehler.* Isso é uma cantada?

Ele estende um chiclete.

— Você pode precisar disso.

Eu franzo a testa, mas ele não se move até que eu aceite.

— Isso é um comentário sobre meu hálito? — Eu escovei meus dentes *duas vezes* antes disso. E usei fio dental. E enxaguei a boca até meus olhos lacrimejarem.

— Você vai ver. — Ele engole, o sorriso se alargando enquanto eu olho de lado para ele irritada, colocando o chiclete na minha boca. Então ele pega minha mão e me leva em direção à porta da frente. No entanto, assim que eu alcanço a maçaneta, ele passa um braço em volta da minha cintura para me puxar para perto dele e se vira em uma direção diferente.

— O que você está...

Ele balança a cabeça, caminhando pelo corredor comigo sendo um reboque perplexo.

Essa metade da casa está escura. Tento de novo:

— O que nós...

— Ah-ah-ah — ele me adverte, estalando a língua. Em seguida, ele gira abruptamente de modo que está andando de costas, virado para mim, cara a cara. Ele pega minhas mãos, virando novamente por um corredor diferente. Na minha visão periférica, vejo seu sorriso brilhante transformar todo o seu corpo, mas não posso olhar diretamente para ele porque fui levada para outro mundo.

Há nuvens no corredor.

Um céu noturno inteiro: grandes nuvens de algodão enfiadas em luzes cintilantes penduradas como gotas de chuva. Eu acho que ele mesmo que as fez, fixando o algodão em lanternas de papel e suspendendo-as no teto. Caminhamos sob e ao redor de nuvem após nuvem, a única iluminação neste corredor longo e escuro.

— Você provavelmente está experimentando uma mudança na pressão atmosférica — ele me diz, levantando nossas mãos e achatando nossas palmas antes de enlaçar sua mão esquerda firmemente com a minha direita e sua outra mão encontrar a parte inferior das minhas costas. Ele me traz para perto dele, então inverte nossas posições em um movimento fluido. Então de novo.

Eu percebo que estamos dançando.

Ele valsa pelo corredor, os olhos brilhando, totalmente fixos no meu rosto. Nenhum de nós está acertando os passos, mas não estou nem um pouco constrangida sobre isso e ele – oh, ele é um sonho, simplesmente maravilhoso, hipnotizante, dolorosamente *luminoso* no brilho de um céu que ele fez todo para mim.

— Isso porque estamos nas nuvens agora, subindo cada vez mais — diz ele.

— Estou vendo — eu respondo, mal conseguindo pronunciar as palavras porque estou radiante demais.

— Está vendo aquele pássaro que acabou de passar? — ele provoca. — Caw, caw!

Eu caio de lado um pouco, rindo. Ele me pega, me segurando mais perto. Nosso tropeço desajeitado me faz jogar minha cabeça para trás e rir ainda mais.

— *Whoooooosh* — diz ele no meu ouvido, um sorriso em sua voz — Lá se vai um avião.

Eu balanço minha cabeça, mas meu coração salta do meu corpo com um paraquedas. Eu me sinto totalmente fora de controle, como se estivesse de pé na arrebentação e a água me puxando, tentando me derrubar. Já cheguei perto desse sentimento antes, fabricado nas relações superficiais de minhas fantasias, mas aquele sentimento cai por terra em comparação com esse.

Eu sou bolhas e borboletas. Eu estou efervescente, flutuando no céu noturno. Não sei o que está acontecendo ou o que *vai* acontecer porque, pela primeira vez, não estou orquestrando nada disso. As linhas são todas improvisadas, a cada segundo uma surpresa emocionante. Estou girando, levada por uma corrente. Eu quero lutar com isso e me render.

Meus joelhos vacilam quando a identidade desse sentimento arranca sua máscara e se declara para mim, mas Wesley pensa que meus calcanhares são os culpados.

— Todo esse esforço, e você ainda está lá embaixo — ele me diz com um sorriso torto. Eu assopro uma bolha com meu chiclete, deixando estourar em seu rosto.

Chegamos ao fim do corredor. Wesley chega atrás dele, tateando em busca de uma maçaneta sem se virar. Acho que ele quer continuar monitorando minha reação.

Eu arqueio uma sobrancelha.

— A estufa?

Sua expressão é maliciosa.

— Será?

Minha testa se contrai, mas então a porta se abre, e os enormes sacos de terra que eu o vi arrastando aqui estão longe de serem encontrados.

— Um sino toca — diz ele humildemente — quando abrimos a porta.

— Eu não ouvi um…

Meu cérebro pisca. Estou parada enquanto espero os geradores de backup ligarem, deixando as peças se encaixarem lentamente.

O solário, que entreguei a Wesley em troca da cabana em nossas negociações, não é a estufa de que ele está falando. *Há* plantas, grandes samambaias disquetes em vasos, mas minha atenção muda delas para a cabine de vinil vermelha esgueirada contra a parede de vidro. A parede oposta é pintada de roxo claro, a metade inferior adornada com ladrilhos aqua que se espalham pelo chão. Tem cheiro de gesso e construção nova, madeira perfurada e tinta fresca. Há suculentas em cestas penduradas e um pôster de viagem na parede que diz, em estilo vintage, BEM-VINDO A FALLING STAR. Sobre uma inspeção mais minuciosa, não é um pôster. Ele pintou o desenho diretamente na parede e pendurou uma moldura ao redor dele.

— Aqui está a vitrine — ele me diz, apontando para uma margem vazia — cheia de donuts. Aqui em cima está a caixa registradora vintage. — Ele bate na bancada sem caixa registradora, que eu percebo que foi tirada do bar na sala de cima. Uma cafeteira provavelmente tão velha quanto eu, com o jarro manchado de âmbar, aguarda.

Parte de mim se afastou de Falling Stars para Top of the World. Estou em Lexington, Kentucky, quatorze anos. No carro com a mamãe, mundo sombrio, neve empurrando contra o para-brisa. Estamos embrulhadas em casacos, chapéus, luvas e sobras de torta ainda quente da lanchonete entre nós em um recipiente de isopor. Estamos ouvindo a apresentadora de rádio sindicalizada Delilah e, embora não tenhamos tirado milhões do bilhete de loteria, no momento somos uma unidade familiar pacífica. A feliz centelha de memória me infunde calor.

Minha garganta se fecha.

— É perfeito.

O telefone rotativo é azul em vez de bege, não funciona, o cabo está cortado. Ele se torna automaticamente real. Há apenas uma cabine de vinil vermelho; o resto dos assentos são substitutos econômicos, mesas de carteado pintadas de vermelho com cadeiras que não combinam. Os bancos do bar não giram e são amarelos, mas eu não os trocaria por nada. Ele acendeu uma vela chamada Torta de Mirtilo, o cheiro muito fraco para dominar o resto da sala. Eu imagino Wesley pegando velas no Casey's General, caçando aquelas que cheiram a doces.

As luzes das nuvens também estão aqui – no chão ao nosso redor, penduradas no teto, refletindo na parede de vidro para imitar um café no céu noturno. A chuva começa a cair do lado de fora, atingindo as vidraças.

É um milagre poder ficar de pé quando estou, de fato, derretendo.

— Você está ouvindo a jukebox? — Ele está atrás de mim, as mãos na minha cintura, os lábios na minha orelha. Ele aponta para um velho rádio Zenith vermelho sobre uma pilha de ladrilhos extras.

— Está tocando minha música favorita — eu respondo, a voz tremendo apesar de meus melhores esforços. Eu olho de lado para a parede de vidro para ver seu reflexo. Estamos em uma sala que é metade sombra, metade céu, com nuvens suavemente brilhantes, o número delas duplicado na parede de vidro. Ele é a coisa mais radiante aqui, sorriso deslumbrante.

— Você não viu a melhor parte ainda. — Wesley move minhas mãos da minha boca aos meus olhos. — Não olhe.

Eu fecho meus olhos com força.

— Eu não posso acreditar que você fez isso. Há quanto tempo você está trabalhando nisso? Como você... Eu nem consigo... Você é… — Não consigo acumular nenhum discurso coerente, balbuciando. — Você é…

— Sim — ele responde a vários metros de distância, um toque presunçoso. — Eu sou, não sou?

Minhas bochechas doem de tanto sorrir.

— Você realmente é.

Click.

— O que é que foi isso? — Eu pergunto. — Por favor, que não seja meu alarme matinal. Eu estou dormindo? Espero que isso não desapareça quando eu abrir meus olhos.

— Não se preocupe, isso está aqui para ficar. — A voz de Wesley está mais perto do que eu esperava. — E... *abra*.

Eu abro.

Ohhh!

É minha placa! *Maybell's Coffee Shop.* As palavras são pintadas em um pedaço de madeira oval. Abaixo delas, ele moldou uma rosquinha com dois fios de néon rosa choque que se conectam à parede, passando pela parte de trás da madeira.

Minha visão brilha e a imagem aparece em minha mente como uma premonição: Vejo-me acrescentando livros a esta sala, empilhando-os aonde quer que caibam. Filas inteiras de romance e ficção científica. Uma máquina de cappuccino. Menus que funcionam como marcadores… *combinando o livro perfeito com a massa de sua escolha*. O pensamento aterrissa com um estrondo fatal que sacode o chão e o teto.

— Espero que você não se importe com os sanduíches do Subway no jantar — ele diz, coçando a nuca, constrangido. — Eu queria cozinhar algo bom para você, mas as nuvens demoraram mais do que o esperado e...

Eu pulo nele, jogando meus braços ao redor de seu pescoço. Eu beijo sua bochecha, seu queixo, sua testa.

— Wesley! Como você ousa ser tão incrível! Quem te deu o direito? — Eu não paro para deixá-lo responder. — E quanto a sua estufa? Isso deveria ser seu. Fizemos um acordo. Você pode ficar com a cabana, então. É sua. — Meu nome está em uma placa. Meu nome está em uma placa na *parede*. Com um donut de néon. Eu não posso acreditar nisso. — Muito obrigada.

— Não tem de quê. — Wesley está tentando ser modesto, mas posso dizer que ele está extremamente satisfeito consigo mesmo. Bom. Ele deveria estar. — Eu queria dar vida ao seu lugar feliz.

— E o tempo todo você estava apenas *aqui*. — Estou fora dos trilhos agora.

— Sendo você. E eu estava *lá*, nem mesmo sabendo.

— Agora você está aqui — ele responde alegremente, recostando-se para que possa me ver melhor.

— Agora estou aqui — repito. Estou tão tonta que estou ficando doente. Se esse sentimento é o que penso que é, vou morrer. Isso não pode ser sustentável. Como os casais passam anos inteiros se sentindo assim? Como eles não queimam?

— Pronta para uma cozinha cinco estrelas? — Para minha surpresa, ele evitou a cabine vermelha e nos levou até o balcão, puxando um banquinho para mim como um cavalheiro.

O Subway é um dos únicos lugares que entregam no Top of the World, o outro é o Benigno's, uma pequena pizzaria. Eles ficam lado a lado em um prédio que costumava ser uma serraria e sabotam as placas de propaganda um do outro. O trovão estala sobre a casa enquanto ele me empurra para dentro, o tempo ruim interferindo com a estática que parece ser o único som que Wesley conseguiu extrair do velho rádio.

— Então é isso que você tem feito o dia todo. — Eu não consigo superar isso.

— Apenas as nuvens. O resto eu tenho feito sempre que você está fora de casa ou dormindo. — Ele puxa dois chocolates quentes de trás do balcão, colocando-os diante de nós. Você não pensaria que chocolate quente e sanduíches vegetarianos combinariam bem, mas ele percebeu que minha bebida favorita é chocolate quente, e *isso* significa tudo. — O que *você* tem feito o dia todo?

Além de chorar pelo meu cabelo, meu dia tem sido bastante produtivo.

— Tive uma conversa com a filha de Ruth, Sasha, por telefone.

— Mesmo? Por que?

— Na última vez que conversei com Ruth, ela tinha mencionado que sua filha havia abandonado a escola de culinária para fugir de um ex-namorado. Vou ter minhas mãos ocupadas por aqui – preparar três refeições por dia tomaria muito do meu tempo. Além disso, sou boa em confeitaria, mas não tenho variedade para almoços e jantares todos os dias. Eu queria saber se ela consideraria ser minha chef.

— O que ela disse?

Minha adrenalina está tão alta que não consigo sentir o gosto da minha comida, que como de qualquer maneira, sentindo aquela onda de excitação e estresse me inundar de novo. Excitação e estresse é a linha que eu tenho estado abrigada por um tempo agora.

— Ela vai vir e discutir a possibilidade em algumas semanas. Ela quer ver a cozinha primeiro – vou ter que pegar uma segunda geladeira, e talvez outros aparelhos, se ela precisar deles. Ela quer liberdade para planejar seus próprios menus. — Eu acrescento com pressa: — Todas as refeições vegetarianas, é claro.

Wesley coloca seu sanduíche na mesa. Me encara.

— Você não tem que fazer isso.

Eu aceno para ele, corando inexplicavelmente. Talvez seja porque estou mostrando minha mão aqui, demonstrando que o que é importante para ele é importante para mim.

— Não é nada demais.

Ele está ficando corado também.

— Eu nunca iria pressioná-la a servir apenas comida vegetariana. É uma decisão pessoal. Eu não espero...

— Eu sei. — Eu o interrompi com um tapinha na mão. — Você honestamente pensa que depois de ouvir sobre sua vaca de estimação de infância eu algum dia trarei carne para sua casa? Não. — Eu tomo um gole de minha bebida em um gesto de *caso encerrado.* — Não vai acontecer.

Nós olhamos para nossos pratos. Estamos ambos confusos, ambos incapazes de aceitar um elogio, ambos querendo dar elogios em vez de recebê-los e ambos sendo ruins em verbalizar nossos sentimentos. Eu riria alto de quão desastrosamente embaraçosos somos se eu não estivesse canalizando cada gota de energia para ficar parada neste banco quando tudo o que eu realmente quero fazer é agarrá-lo.

Ele pega um guardanapo do Subway. Tira uma caneta de dentro da jaqueta e a abre, a mão parada no ar por três segundos.

Isso é bastante incrível da sua parte, ele escreve, e desliza o guardanapo para mim.

Meu rosto esquenta ainda mais. Demoro muito para decidir uma resposta. *Você torna isso mais fácil.*

Ele relê essa linha continuamente.

— Você torna tudo mais fácil — ele diz finalmente. — Então, estamos realmente fazendo isso. — Ele empurra o prato. — Um hotel e um santuário animal. Uma combinação interessante. — Ele bate sua caneca de chocolate quente contra a minha. — Para Violet.

— Para Violet. — Termino minha bebida e, em seguida, acrescento: — Obrigada, aliás, por cuidar dela. Estou triste por nunca a ter conhecido como adulta e construir um relacionamento com ela como duas adultas, em vez de cuidadora e criança. Acho que cada uma de nós pensava que havíamos falhado uma com a outra.

Ele ouve. Balança a cabeça lentamente, escrevendo mais um pouco no guardanapo.

— Ela teria gostado da Maybell adulta, posso garantir. Ela teria gostado da pessoa que você se tornou.

Eu me inclino para ele, mais pela desculpa de estar perto do que por qualquer outro motivo, e sorrio ao ver que ele está me desenhando.

— Seu pingente — Eu digo, apontando para versão em miniatura com tinta.

— *Seu* pingente — diz ele, tocando brevemente o que está encostado no meu peito. Minha pele responde com arrepios. — Fica melhor em você.

Eu apoio meu cotovelo no balcão, o queixo na mão, posando para ele. Seus olhos piscam de mim para o desenho, de mim para o desenho, a ponta de um sorriso divertido flertando em seus lábios.

— Você pode se mover um pouco, sabe.

— Hm?

— Você está tão quieta.

— Eu não quero atrapalhar você.

Ele inclina a cabeça para trás, olhando para o teto. O som que escapa de seu peito é uma mistura de suspiro e risada.

— Maybell, eu posso desenhar você de memória. Com meus olhos fechados.

— É mesmo?

— Com as mãos nas minhas costas.

— Agora você está apenas se gabando. — Eu roubo o guardanapo dele, impotente para não admirá-lo. — É isso. Precisamos de uma galeria de arte aqui para os convidados verem. Eu sou sua fã número um, é claro, mas há espaço para mais no fã-clube.

Ele se senta sobre o balcão, os dedos nos cabelos, despenteando-os e tentando cobrir seu rosto. Os fios são curtos demais para fazer o trabalho, então ele sofre ao ar livre.

— O desenho é bonito porque o *assunto* é bonito. Eu gosto de desenhar você.

Não terminei de inflar sua cabeça. O homem precisa de mais ego.

— As flores que você colocou no fundo são a melhor combinação já projetada.

— Fui inspirado pelas flores que vejo você gravitar em torno sempre que está no jardim.

A tempestade lá fora se enfurece e passa um flash de relâmpago destacando Wesley, irradiando ao redor de seu corpo magnífico como uma auréola. Seus olhos se fixam na minha boca, escurecendo.

Acho que ele vai me beijar, mas então ele se levanta da cadeira. Quando me viro, ele pega minha mão e me puxa junto com ele. Nós nos movemos para o centro da sala, pressionados perto.

— Hum. — Meu coração é o oceano batendo contra uma costa rochosa. — Oi. Olá.

Pela primeira *vez – primeira vez* – aquela antecipação, aquele formigamento na nuca, aquela consciência inebriante injetada diretamente em minhas veias, não é vicária. Não pertence a uma Maybell imaginária em uma fantasia, um palpite sobre o que ela pode sentir. É meu. E penso: em que momento meu lugar feliz deixou de ser um sonho e passou a ser a pessoa que está na minha frente?

— Olá — ele retorna, as palmas das mãos embalando cada lado do meu rosto. — Estou tentando algo.

— Tente o que quiser — eu respondo, e ele me dá um meio sorriso, depois um beijo na testa.

Meu pulso acelera, minha visão se obstruindo. As luzes nas nuvens começam a deslizar, convergindo.

— Muitas vezes há uma desconexão entre o que eu quero fazer e o que consigo criar coragem para fazer — confessa. — Mas com você, estou ansioso no *bom* sentido. Vamos ver se sou bom nisso.

— Em quê?

Acho que sei o *quê,* mas não consigo ficar parada. O suspense está me comendo viva.

Ele recua. Eu vejo seu reflexo nos painéis de vidro se mover mais perto até que ele esteja atrás de mim, mãos vagando de cada lado para agarrar meus braços. A sala tomba para o lado, tudo dentro dela rolando, exceto nós e cada filamento dourado de luz. O ar está pesado, caindo cada vez mais baixo.

No vidro, A boca dele paira no meu pescoço, logo abaixo da minha orelha. Cada molécula do meu corpo canta.

— Eu gostaria de tocar você — diz ele fracamente. — Se estiver tudo bem.

O ar está tão pesado agora que é uma batida de tambor.

— Seria perfeito. — Minha voz soa estranha ao meu ouvido, rouca e estranha.

Ele dá um beijo no meu pescoço, provocando um arrepio. Em seguida, ele sopra suavemente ao longo da depressão, migrando para o meu ombro.

— Isso — ele diz, brincando carinhosamente com meu cabelo. — Isso é o que eu queria.

A tensão aumenta à medida que suas mãos ganham confiança, não hesitando mais. Ele me circula, os olhos escurecendo. Passa o polegar sob meu queixo e o levanta para que eu encontre seu olhar inescrutável.

— Eu queria também. — Eu quero engolir o resto, mas a verdade escapa. — Muito.

Acho que ele gosta da verdade. Faz ele me segurar mais perto.

Eu exploro os planos de seu peito, estômago. Então, ele não consegue mais se conter e envolve seus braços em volta de mim, o rosto descendo com intenção palpável. Há um momento brilhante em que nos olhamos, e *sabemos*, como se tivéssemos compartilhado o pensamento por telepatia, o que esta noite significa. Em seguida, há um toque de lábios para iniciar. E outro. Há um hálito quente, inclinando sua mandíbula em minha mão enjaulada para ver o quão maleável ele é. Ele se curva à minha vontade facilmente.

Sua língua desliza em minha boca e são duas coisas ao mesmo tempo: pulso rápido, sangue quente correndo em meus ouvidos. São dedos lânguidos e longos de ouro derretido em um lento derramamento pelo chão, queimando a sala. Com cada batida do meu coração estou sendo arruinada. Nunca mais quero que ninguém me segure novamente se não me abraçar assim.

— O que você está pensando? — ele pergunta, nossas reflexões observando um ao outro.

Meu coração é grande demais para caber no meu peito.

— Honestamente?

— Se você estiver disposta.

— Estou pensando que tive sonhos em que colocávamos as mãos um no outro e nenhum deles poderia competir com isso.

Ele morde a bochecha, os olhos baixos.

— Você sonha comigo?

— Eu não posso evitar.

— Não, eu… — Ele molha os lábios, escolhendo as palavras com cuidado. — Eu amo que você faça isso.

— Tem os sonhos literal — arrisco. — E então, você sabe. — Como posso dizer isso sem dizer? Ah, bem. É perigoso. — Fantasiar. Todo mundo fantasia.

Estou começando a me preocupar de ter compartilhado demais quando ele me encara com uma intensidade aguda e diz:

— Você pode me dizer?

— Eu poderia mostrar a você, se você quiser.

Ele dá um passo para trás, o que parece contraproducente, mas acho que está sinalizando que está prestando atenção.

— Diga-me como começa.

— Começa conosco parados no solário que ia ser uma estufa, mas agora é um café. Você acabou de fazer uma coisa incrivelmente romântica com algumas nuvens e isso me fez sentir toda desmaiada.

— Oooh, estou gostando disso, até agora.

— Você me pega.

Ele obedece com zelo, pegando-me contra o peito como um cavaleiro resgatando sua princesa. Eu penso sobre onde estamos, para onde poderíamos ir em seguida.

— Você me carrega para fora da sala.

Ele faz isso.

— E nós vamos... — Meu quarto é muito longe. Estou no modo prático, procurando a plataforma de pouso macia mais próxima. — Para sala de estar.

Então nós vamos.

Ele deixa sua testa cair na minha.

— E depois?

— Você percebe um sofá xadrez — eu digo — que parece grande o suficiente para duas pessoas, mesmo se uma delas for do tamanho do Thor.

Ele ri.

— Tudo bem. Estou percebendo.

— E você diz: "*Nossa*, foi um dia tão longo. Acho que tenho que me deitar imediatamente nesta sala onde há apenas um sofá para deitar."

Wesley tenta manter uma cara séria.

— Nossa, foi um dia tão longo. Acho que tenho que me deitar imediatamente nesta sala onde há apenas um sofá para deitar.

Eu sorrio.

— Você me deita no sofá primeiro, delicadamente, e me admira por dois minutos inteiros. Você nunca viu tanta beleza.

Ele me coloca no sofá. Um flash de relâmpago se inclina em seu peito como uma lâmina dentada e a emoção em seus olhos rouba meu ar.

— Eu não vi — ele murmura.

— Dois minutos é muito tempo — eu corrijo. — Você me admira por alguns segundos, depois gira lentamente.

Levantando uma sobrancelha, ele obedece.

— Você rasga sua camisa pela cabeça. — Wesley bufa, mas minha expressão é severa. — E você faz isso ferozmente, com magnetismo animal.

Ele corajosamente tira a camisa, jogando-a de lado.

Minha atenção dá um passeio vagaroso por toda a pele nua que ele tem em exibição. É *lindo*.

— Você flexiona os braços.

Ele me lança um olhar seco.

— Você tem que fazer isso — eu insisto. — É assim que a fantasia vai.

Ele flexiona e eu caio para trás rindo. Wesley suspira melodramaticamente.

Eu quero ver o quanto posso me safar.

— Você diz: "Está calor aqui ou sou só eu?"

Ele faz uma careta. Resmunga.

— Está calor aqui? Ousousóeu.

— É você — eu lhe asseguro, me divertindo. — Então você...

— Começo a ficar impaciente. — Wesley termina sombriamente.

— Não, você não fica impaciente. Você começa a fazer um strip-tease.

Seus olhos brilham.

— *Ou* eu vou embora.

— *Ou* você tira as calças e as coloca em um helicóptero sobre a cabeça.

Wesley se inclina sobre mim, mãos em punhos pressionando o sofá. Sua voz fica baixa, arranhando minha pele.

— Eu te beijo.

Eu coloco meus braços ao redor de seu pescoço, muito feliz em ceder.

— Sim. Isso é exatamente o que você faz.

Ele faz isso. Suavemente, suavemente. De novo e de novo.

Estou começando a me sentir quente, um pouco delirante e me inclino um pouco para trás.

— Só um minuto.

— Sim? — Ele se afasta.

— Não quero ficar pra baixo comigo mesma ou qualquer coisa, mas esta é sua primeira vez. E, uh, eu não sei o que você tem imaginado, mas… — Eu luto para encontrar frases que não vão matar o clima. — Eu não sou uma modelo da Victoria's Secret. Você pode ter idealizado como seria uma mulher neste momento. Já fiz isso, mas não muito. Além disso, acabei de comer, então vou ficar um pouco inchada...

— Você é linda. Vou adorar o que quer que esteja aqui embaixo — diz ele, deslizando a mão pelo meu torso. Um raio de calor passa por mim.

— Ok, mas...

— Maybell. — Ele me para com dois dedos pressionados em meus lábios. — Não me dê desculpas, você não merece isso. Eu. Vou. Amar.

Eu deixo ir.

Os beijos mudam de ritmo, ficam mais profundos, mais necessitados, e há longos dedos deslizando pelo meu pulso, palmas, entrelaçando-se nas minhas. Ele se acomoda em mim, pergunta: *Tudo bem se eu tocar você* e eu digo: *Sim*. Estou dando a ele um tremendo poder sobre mim, querendo-o do jeito que eu quero, tanto que fica preso na minha garganta, dificultando a respiração. Ele está me dando um poder tremendo ao confiar em mim o suficiente para ser íntimo assim.

— O que acontece depois? — Eu pergunto.

Wesley chega atrás de mim e ajunta um punhado do meu vestido, puxando-o para se moldar firmemente às minhas curvas na frente.

— Acho que você sabe o que acontece a seguir. — Sua boca se inclina sobre a minha, a pressão de seu beijo é desesperada, antes que ele se afaste para me olhar intensamente, olhos varrendo meu corpo.

— E se nós...? — Ele exala irregularmente, brincando com o zíper nas minhas costas.

— Sim.

— E então nós…?

— *Sim.*

Ele enfia a mão no bolso de trás da calça e retira um quadrado de papel alumínio.

— Eu comprei alguns dias atrás, só para garantir. Eu não queria assumir nada. Mas eu meio que esperava.

Eu pressiono dois dedos em seus lábios.

— Estou feliz que você fez.

Wesley sorri contra meus dedos, aliviado.

Ele abre o zíper, então eu tenho que balançar um pouco antes que o vestido vire uma poça de tecido no chão. Minha temperatura está tão alta que o ar é uma picada de gelo. Eu teria pensado que me sentiria terrivelmente vulnerável em exibição assim, mas seu olhar percorre meu corpo com tanto desejo, com uma luxúria tão nua e ardente, e eu me sinto a criatura mais linda que já andou na terra.

Wesley arrasta os dedos sobre o rosto, os olhos arregalados.

— *Porra* — ele profere fracamente.

É uma coisa inebriante e gratificante ver esse homem se desfazer.

Ele explora com as mãos, olhando para minha expressão de vez em quando para ter certeza de que não mudei de ideia, que estou gostando.

— Eu não consigo superar o quão macia você é. — Ele dá um beijo na minha barriga, subindo entre meus seios, cada toque reverente. Ele se reveza para ser doce, obsceno, doce, obsceno, mudando sem aviso. As sensações que ele...

Minha mente se esvazia de palavras.

A *língua dele*. As *mãos dele*. Eu. É. *Oh.* Eu tenho que morder minha língua.

Quando minhas mãos o exploram também, ele sibila por entre os dentes e se afasta um pouco, o joelho cravando no sofá para segurar seu peso. Os músculos de seu estômago se contraem quando minha mão desliza para baixo.

— Eu sei como é, mas nunca fiz isso antes, então posso precisar de ajuda.

Eu estou pegando fogo. A antecipação é a culpada por eu balbuciar nervosamente:

— O trabalho em equipe faz o sonho funcionar.

O queixo de Wesley cai sobre seu peito, seu corpo tremendo com uma risada silenciosa.

— Oh, meu Deus.

— Desculpe.

Mas isso dissipa um pouco da tensão, relaxando-me o suficiente para sorrir.

Eu reivindico sua boca novamente e ele rende a dúvida e as inseguranças que crescem dentro dele, deixando os instintos assumirem o controle. O resto de nossas roupas sai. Eu aliso a mão sobre seu peito e empurro para que suas costas batam no sofá, e seus olhos se arregalam. Assumir o controle tira a pressão dele. Eu monto seu corpo duro e musculoso e o apresento às coisas boas da vida.

— Jesus — ele murmura novamente e novamente. — Jesus. Deus.

— Não fazia ideia de que você era tão devoto.

Uma gargalhada estrondosa rapidamente se transforma em um gemido, e ele respira fundo até que suas costelas se projetem. Seus olhos perfuram os meus, as sobrancelhas se juntando levemente. Antes que eu possa perguntar o *quê,* ele se move.

Um exame rápido, ele nos rola e perfeitamente assume o controle. Pupilas estouradas. Lábios inchados. Meio sorriso satisfeito enquanto aprende o que eu gosto; risos suaves e xingamentos ásperos enquanto nós dois aprendemos o que

ele gosta.

Ele parece maravilhoso,

Maravilhoso,

Maravilhoso

e não é por causa de qualquer movimento em particular que ele esteja fazendo, ou porque ele é algum tipo de deus na cama, mas porque é ele, e eu acho que ele pode sentir o mesmo por mim.

Uma dúzia de manifestações de Wesley tentaram imitar isso. Wesleys no topo de colinas ventosas, encharcados de chuva, o peito arfando, o cabelo pingando. Wesleys deixando pegadas na areia de uma praia quente. Príncipes e baristas.

Ele não beija como um sonho, não toca como uma fantasia. Ele é Wesley, real. Minha imaginação vai passar os próximos mil anos perseguindo a memória disso: Wesley. Real. Nunca acertará porque ele está além da imaginação. Nada supera o real.

• • • • • • •

Horas depois, estamos na minha cama. Quando desabamos no meu colchão, nós dois anunciamos que íamos dormir como mortos esta noite, mas a realidade nos tornou mentirosos porque não estamos acostumados a ter companhia quando dormimos e cada um de nós fica acordado sacudindo sempre que o outro se move. É um lindo presente que sempre dá para vê-lo ao meu lado. Eu meio que gosto de continuar esquecendo sua presença toda vez que estou prestes a cair no sono e então me assusto de repente; isso significa que a verdade de sua presença aqui afunda continuamente.

Wesley estende a mão para acariciar meu cabelo, sorrindo apenas com os olhos. Eu me sinto mais do que aceita quando ele me toca, quando ele me segura e sorri para mim. Eu me sinto *desejada.*

Eu sinto que finalmente encontrei um lar.

Suspensa em um estado que não é exatamente o mundo dos sonhos, nem exatamente a vigília, percorro meu calendário mental. Temos muito por vir nas próximas semanas: o irmão dele estará nos visitando antes que saibamos para discutir o investimento em nós, vou encontrar Sasha Campos na esperança de que ela se junte a mim em minha nova aventura e, em breve, eu posso possivelmente ter aquela jovem e seu filho do posto de gasolina ficando aqui. Eu tenho que colocar o último dos meus patos legais em uma fileira. A casa pintada em um pôr do sol eterno.

Wesley tem seções de vegetação selvagem para limpar em preparação para amigos de quatro patas (e alguns com asas). Assim que o hotel for inaugurado, Wesley ainda sairá de vez em quando para trabalhos de paisagismo. Eu, por outro lado, ficarei restrita a casa em um futuro próximo.

O que significa que, se houver mais alguns últimos *viva!* em ordem, a hora deles é agora.

— Ei — eu sussurro, cutucando ele. — Você está acordado?

— Não sei.

Minha boca se contorce.

—Você não sabe se está acordado?

— Não sei de nada agora — ele responde com a voz rouca. — Qual é o meu nome? Nunca ouvi falar dele. Meu cérebro é tão suave quanto uma bola de

sorvete e não estou bravo com isso. — Ele cruza os braços sob a cabeça, olhando para o teto. — Então, vou ficar deitado aqui e ser absolutamente estúpido por um tempo.

— Eu acho que devemos cumprir nosso pacto — digo a ele, efetivamente quebrando seu brilho posterior. — Demissão no resort. Ir para o Lago Ness.

— Nós vamos.

Sento-me, colocando a palma da mão em seu peito, onde seu coração bate ritmicamente.

— Quero dizer agora — eu elaborei suavemente. — Acho que devemos ir *agora*.

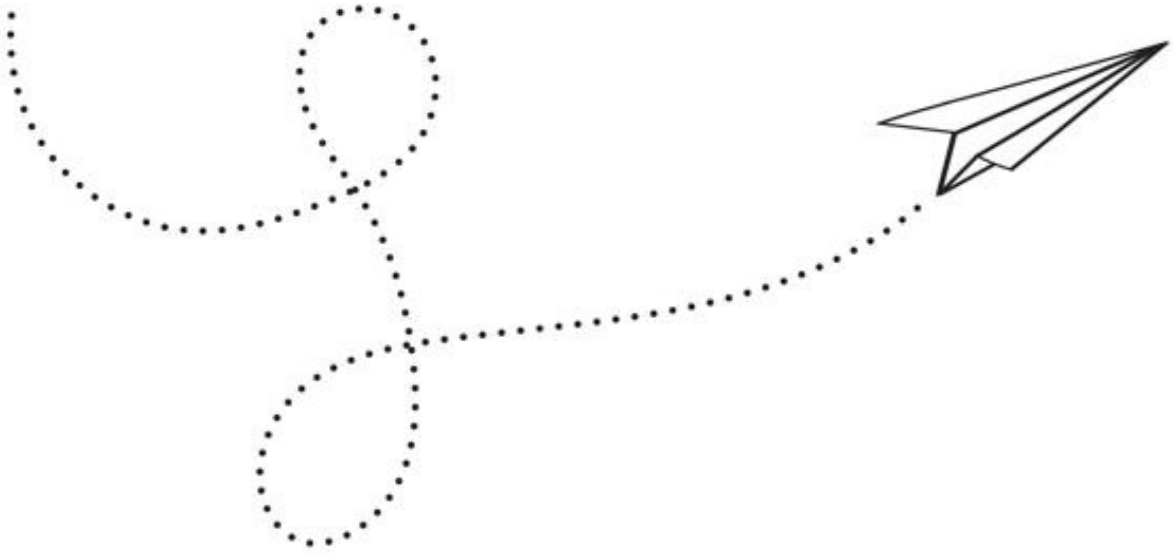
— *Agora*? — Ele ainda está meio adormecido.

— Encontrei um comprador para a coleção de moedas de Victor. Eu ia usar o dinheiro para uma piscina, mas acho que deveríamos fazer isso com ele. Antes que fique tão agitado por aqui que percamos nossa chance. Quando sinto que realmente preciso fazer algo, não quero adiar. — Eu engulo. — Daqui em diante.

Wesley se levanta sobre o cotovelo, uma silhueta insondável exceto pelos brilhos gêmeos de seus olhos. Ele me encara e encara, e então finalmente diz:

— Tudo bem. Vamos fazer isso.

Capítulo 20



Ao amanhecer, nós temos nossas passagens de avião, com decolagem às onze e quarenta e cinco. Estamos com os olhos turvos e grogues, mas há um zumbido de alegria no ar e já estamos embalados, no carro, a caminho de Around the Mountain Resort & Spa. Vou me demitir de um emprego que não tenho mais em estilo lendário, e então Wesley vai encontrar provas do Monstro do Lago Ness, mas nunca contará a ninguém sobre isso. Somos um *par*.

— Música para o carro? — ele sugere, brincando com o botão.

— Estou muito animada para música. — O que parece absurdo, mas acho que o estímulo extra alimentaria minha ansiedade e então eu não seria capaz de cumprir minha parte do pacto.

Em vez disso, jogamos “Eu Espio”, que consiste nas mesmas três cores (sinais vermelhos, árvores verdes e sinais de dirija com cuidado amarelos que indicam voltas e mais voltas). Não há muitos carros na estrada até chegarmos a Pigeon Forge às quinze para as nove.

— Wild Bear Tavern — ele observa, levantando o dedo indicador do volante. — Eles têm comida para viagem. Uma torrada alemã muito boa.

— Estou muito animada para comer.

Estou usando um macacão vermelho com ombreiras e o cabelo em um topete bagunçado. Pareço uma secretária de segundo grau de uma comédia adolescente dos anos 80, ou seja, pareço extremamente excelente e uma pessoa que toma decisões firmes.

Wesley passa pelo drive-thru do McDonald's de qualquer maneira, pedindo panquecas para nós dois do cardápio de café da manhã. Meu estômago está jorrando algo forte, mas ele fez a decisão certa — me sinto melhor depois de comer.

— Você está pronta? — ele pergunta, me cutucando para terminar meu suco de laranja porque ele acha que eu poderia consumir mais vitamina C.

Eu meio que ri.

— Ahh... não. — Então eu balanço minha cabeça, sorrindo fracamente. — Brincadeira. Mais pronta que jamais estarei! Vamos.

Ainda não sei o que vou dizer quando entrar em Around the Mountain. Eu decidi improvisar.

— Isso é loucura — Não consigo parar de dizer.

Wesley não discute.

— Eles provavelmente se esqueceram de mim. — Estou meio que brincando, mas não realmente. — Vou repreendê-los e então alguém vai dizer: "Quem é você?" — Estou roendo as unhas, me inclinando para frente o máximo que o cinto de segurança permite. Eu coloco o ar condicionado no máximo. — Caramba, está calor aqui. Você não acha que está calor aqui?

— É só você — ele brinca.

Meu joelho salta em alta velocidade.

— Isso é loucura.

— Oh, definitivamente. Mas aqui estamos.

Eu me viro, em pânico. A estátua gigante do urso dedilhando um banjo se ergue no alto. O chalé está logo atrás de nós. Estamos no estacionamento. O *estacionamento.*

Onde Wesley estaciona a caminhonete.

— O que? — Eu grito. — Como já estamos aqui?

— Você consegue, Parrish. — Ele tenta me dar um toca aqui. Eu riria se não achasse que vomitaria imediatamente depois. — Você precisa que eu vá com você?

— Nah, eu vou ficar bem. Mantenha o motor ligado, caso precisemos de uma fuga rápida.

Para o bem dele, tanto quanto para o meu, eu lanço um sorriso confiante e deslizo para fora do carro com juntas lacrimejantes. Vou odiar fazer isso, talvez mais do que odiei fazer qualquer coisa que nunca quis fazer, mas mal posso esperar para ser a versão de mim mesma que está do outro lado e que já fez isso. A Maybell que se defende. Quem se importa se estou cerca de dois meses atrasada e esta missão provavelmente parece maluca por fora? Nunca é tarde para causar confusão.

Estou, neste exato momento, me tornando o tipo de Maybell que caminha calmamente pelo estacionamento, e o tipo de Maybell que empurra as portas da frente. O tipo de Maybell que fica parada no saguão do prédio onde passou toda a sua vida adulta.

Nada mudou. A cadeira de balanço que acomoda oito humanos adultos está ocupada no momento, a luz da câmera piscando e o saguão tem um forte cheiro de cloro que lança uma dúzia de memórias. Posso ouvir salpicos e gritos vindos do parque aquático coberto. O que eu esperava? Claro que parece o mesmo. Não faz muito tempo desde que estive aqui, mesmo que pareça que um ano se passou.

Eu endireito meus ombros. Em nome da infeliz Maybell que passou o dia de Natal manuseando lençóis rígidos das suítes de lua de mel e tendo dez minutos a menos de seu já patético intervalo para o almoço, vou caminhar até Paul.

Eu vou dizer, *Você era um mau chefe. Você passava o dia todo em sites de namoro russos em vez de fazer seu trabalho. Você me promoveu como coordenadora de eventos e depois não me deixou coordenar eventos e, por isso,*

você é péssimo. Quero que saiba que me demiti por sua causa.

Depois disso, imagino que Christine vai passar por aqui, carrancuda como sempre. Direi a ela para ir para o inferno e isso será *tudo. Vou* projetar em órbita astral, mais leve que o ar. Uma pena na brisa, chantilly em um bolinho. Um raio de sol vivo.

Essa é a nota alta que vou deixar. E eu não irei, não importa o quão tentador seja, olhar para trás para seus rostos aflitos. É como os heróis de um filme de ação ignorando as explosões que acontecem atrás deles.

E assim será. Uma história de demissão adequada.

— Estou tão feliz em ver você! Oh, meu Deus! — Pisco rapidamente quando alguém me aperta em um abraço. — Você voltou!

Gemma.

— Você está *tão* fofa — ela grita. — Isso são ombreiras? — Ela cutuca meus ombros. Estou tão chocada pela presença dela, que explodiu minha visão de como isso seria, eu simplesmente fico lá, boquiaberta. A única coisa que mudou em Gemma foi o novo cartão preso a seu cordão com os dizeres: coordenadora de eventos. — O que você tem feito? Conte-me tudo.

Eu encontro seus olhos grandes e expressivos, prendendo a respiração. E então eu percebo.

Não estou aqui para me demitir, afinal.

— Estou aqui para te dizer — digo, a voz trêmula. Minhas mãos se curvam, unhas cravando-se na carne rechonchuda de minhas palmas; a sensação é uma âncora, manter os pés apoiados no carpete para não poder sair do corpo. Então, com uma firmeza que não sinto, começo de novo. — Estou aqui para te dizer que você me magoou. E que não ficou tudo bem.

As sobrancelhas de Gemma saltam para cima.

— O que? Como eu machuquei você?

— Você deveria ser minha amiga. Mas você me enganou, brincando com meus sentimentos, e depois que a verdade veio à tona, meus sentimentos feridos ainda vieram depois dos seus. Eu sou uma *pessoa*, Gemma. Você trata mal as outras pessoas. Então eu acho que alguém deveria te contar.

Seu sorriso desaparece, os lábios se abrindo de surpresa. Eu vejo sua vibrante luz interior se apagar.

— Eu confiei em você — eu continuo, tentando não chorar. Não pode ser evitado. Não estou mais triste com o que ela fez, mas expor minhas emoções assim me deixa no limite, e estou tão intensamente exposta que as lágrimas chegam sem permissão. — Você mentiu. Você me envergonhou. Me usou. Tirou vantagem de mim. Eu não sei como foi de você confessando que me enganou para nós fingindo que nunca aconteceu e você agindo como se tudo estivesse bem. Tudo não tem estado bem para mim.

— Eu estou… — Ela está gaguejando. — Eu já me desculpei...

Se eu deixar que ela interrompa, ela vai assumir o controle da conversa e nunca vou recuperá-la. De alguma forma, vou acabar consolando-a.

— Você queria que eu te perdoasse porque você não queria mais ter que se sentir culpada — eu digo com pressa. Cai como uma bigorna, e ela retira as mãos de onde as estava torcendo, esperando para ser segurada. Mimada. — Querer ser perdoada não é o mesmo que sentir remorso.

— Eu sei que você podia ser incrivelmente legal — eu continuo. — Você me comprou um bolo de aniversário. Fomos ao cinema juntas. Fomos às compras. E isso foi divertido! Mas acho que a razão pela qual você saiu de seu caminho para ser extra, extra legal foi para que você pudesse se safar da crueldade ocasional. Eu nunca falei com você sobre isso. Eu devia ter confrontado você, mas não fiz, porque mesmo como protagonista em minha própria vida, meus sentimentos vinham depois dos seus.

Seu rosto está mudando de cor, mas o impossível aconteceu: Gemma Peterson está sem palavras.

— Eu deixei você pensar que suas desculpas foram suficientes, mesmo que fossem vazias, e eu posso dizer que você não percebeu toda a extensão do que fez, o quão horrível você me fez sentir. Eu deveria ter me defendido. O rápido perdoar-e-esquecer não foi justo comigo. — Meu peito está insuportavelmente apertado. Não me sinto mais leve que o ar ou que tudo foi consertado no mundo. Exatamente o oposto: estou degustando meu café da manhã de novo. A sala gira.

Mas isso tem pesado muito em meu coração, e eu perseverei.

— Então, aqui estou eu — concluo baixinho — antes tarde do que nunca, para lhe dizer que o seu perdão não é o ponto. Você precisa aprender a ser uma amiga melhor. Se você continuar tratando as pessoas como se as emoções delas não importassem tanto quanto as suas, como se fossem apenas papéis de fundo em sua vida, você vai acabar sozinha.

Segue-se uma pausa significativa, na qual espero que Gemma caia em seus hábitos e jorre desculpas como costumava fazer. Sem significado, porque ela não se sentia arrependida – ela só queria simpatia.

Ela não se desculpa. Em vez disso, ela está com raiva.

— Bem, eu sinto muito que você se sinta assim… — ela cospe, a pele ficando vermelha e manchada.

Eu dou um leve aperto no ombro dela.

— Você não tem que dizer nada. Apenas aceite isso, ok?

Quando eu me afasto, eu olho para trás uma vez. Ela já está indo embora também, na direção oposta. Ela vai procurar a pessoa mais próxima, reclamar de mim e reunir a simpatia deles. Haverá lágrimas de crocodilo. Serei a vilã da história dela por um tempo, mas depois, com sorte, com o passar do tempo, o que eu disse vai afundar nela. Talvez não conscientemente. Mas talvez ela comece a se sair melhor com os outros. Isso vai ter que ser o suficiente para mim.

No estacionamento, encontro Wesley pregando meus folhetos do hotel sob o limpador de para-brisa de alguém. Pequenos retângulos rosa ondulam com a brisa em todos os carros nas duas primeiras filas. Ele se vira para me ver, apertando os olhos contra a luz do sol.

— Então?

Eu suspiro.

— Não falei com meu antigo chefe. Não dei o dedo médio para Christine. — Eu suspendo minha cabeça, ainda nauseada. Minha pele está superaquecida, mas úmida, meus braços e pernas estão fracos. Nem um pouco como eu pensei que a vitória seria. — Então. Não foi exatamente as chamas espetaculares como eu me propus.

Wesley levanta meu queixo com um dedo. Um canto de sua boca se levanta.

— É *claro* que não.

— Você não acreditou em mim? — Eu rebato, meio brincando.

— Exatamente o oposto. Minha Maybell não é uma pessoa vingativa. Sua cabeça está nas nuvens porque ela pode ver a beleza do mundo lá de cima. Afundar em chamas não combina.

Não sei como responder a isso, optando por apoiar minha bochecha em sua palma. Aos trinta anos, finalmente estou aceitando que simplesmente não sou mais ninguém além de mim mesma. Sempre serei apenas eu. Um pouco ingênua, muito idealista. Em consideração a muitos, discreta a ponto de ser esquecível e uma presa fácil, porque meu coração é um alvo tão grande. Mas aqueles que merecem estar em meu círculo vão gostar de mim do jeito que sou e vão me tratar da maneira que mereço ser tratada.

— Vamos para a próxima — eu anuncio, ligando meu braço ao dele. — É a sua vez agora.

Com isso, a expressão terna de Wesley vacila.

— Eu sinto que sua parte no acordo foi mais fácil.

— Sim, mas a sua vai ser muito mais divertida.

• • • • • • •

É um caminho de cinquenta minutos até o aeroporto de Knoxville, onde sonhamos com o que esperamos que a Escócia seja. Esperamos que o tempo esteja ensolarado e que os Monstros do Lago Ness tenham vontade de serem avistados por humanos. Esperamos não ficar presos atrás de pessoas que gostam de reclinar seus assentos no avião. Estou fazendo a maior parte da especulação. Wesley está basicamente acenando com a cabeça para toda a minha tagarelice e ficando cada vez mais pálido. Quando estacionamos a caminhonete e tiramos nossa bagagem da parte de trás, seu rosto está branco como alabastro.

— Ei. — Eu esfrego seu braço para cima e para baixo. — Você está bem?

Meu cérebro dispara em um bilhão de direções. *Ele está bravo com você*, ele sugere. *Você fez algo errado.* Eu fiz? Procuro por qualquer coisa que falei no caminho que possa tê-lo ofendido.

Um pensamento mais sombrio se insinua: talvez ele esteja pensando na noite passada e se arrependendo.

Eu estudo sua figura, que se curva ligeiramente, e sinto minha testa franzir com preocupação. Ele estava de ótimo humor ontem à noite, ou pelo menos eu pensei que estava. Agora estou tentando adivinhar. É possível que eu estivesse tão preocupada com o quão fantástica eu me sentia que projetei meu bom humor nele e não percebi que ele não sentia o mesmo… exceto, isso não pode estar certo. Ele estava feliz. Ele me disse isso expressamente.

Depois de passar a noite com alguém, você não a vê exatamente da mesma maneira quando amanhece. A festa do pijama é um nível desbloqueado de intimidade. Tenho pensado que estamos mais próximos agora, mas e se ele estiver me reconsiderando? Nós? Viajar com alguém com quem você está reconsiderando ter um relacionamento certamente deixaria a pessoa pálida e quieta.

Eu compenso sua quietude sendo extremamente falante.

— Um pouco desapontada que o vôo de conexão em Chicago nos deixa com

apenas uma hora de margem de manobra. Poderíamos ir em passeios turísticos. Quais são as atrações boas de Chicago? Acho que eles têm um campo de beisebol importante lá, se você gosta de beisebol. Provavelmente alguns museus. Pizza de prato fundo. Talvez encontremos algum lugar no aeroporto que sirva pratos profundos. — Atravessamos grupos de pessoas no aeroporto movimentado.

— Este lugar está lotado — ele resmunga, pressionando-se contra o lado da escada rolante que estamos subindo o máximo que consegue. Um homem bate nele com sua bolsa de qualquer maneira.

— Desculpe — Diz o homem.

Wesley dá a ele um sorriso estremecido e, em seguida, olha para frente como se estivesse a caminho de uma guilhotina.

— Você quer pegar alguns lanches para o avião? Acho que há um Cinnabon[4] passando pelos portões.

Ele responde com um breve aceno de cabeça. Uma fila de pessoas passa por nós do outro lado da escada rolante e ele me protege com o braço.

— Que tal material de leitura?

Ele balança a cabeça novamente.

— Wesley. — Saímos da escada rolante em direção à segurança. — Tem certeza de que está bem?

— Acho que as panquecas estão me deixando mal de estômago.

— Ah, não. — Eu aliso a mão em suas costas. — Eu posso ir comprar alguns Rolaids para você.

— Não, eu vou ficar bem.

— Tem certeza?

Ele acena com a cabeça bruscamente.

— Mas você tem certeza *absoluta*? Você parece um pouco verde.

Ele me dá um tapinha no topo da cabeça, bagunçando um pouco.

— Shhh. Não se preocupe.

Eu sou uma *idiota.* Eu bato na minha testa.

— São as pessoas, não as panquecas. Você está incomodado com todas as pessoas!

Se Wesley inclinar seus ombros ainda mais para dentro, ele tombará.

— Shhh! — ele repete, olhando erraticamente ao redor. — As pessoas vão ouvir você. — Estamos no posto de controle de segurança agora, tirando nossos sapatos.

— Eu não vou deixar ninguém falar com você — eu juro. — Não que alguém iria. Acho que a maioria das pessoas só quer cuidar de seus negócios.

Uma mulher na fila sorri para nós.

— Bom dia. Ou tarde, eu acho. Quase! — Ela checa o relógio. — Estou a caminho de Miami. E vocês, pessoal? Vocês estão voando juntos?

O rosto de Wesley se torna uma máscara. Esqueci desse Wesley: aquele que fecha em torno de estranhos, cuja configuração padrão nessas situações é encarar. Vejo esse comportamento agora pelo mecanismo de defesa que é, querendo que os outros o percebam como rude para que não cheguem mais perto. Ele mostra uma mentira a todo mundo, o que é uma verdadeira vergonha.

Eles não sabem o que estão perdendo.

— Estamos voando para a Escócia! — Eu exclamo.

— Oh, isso é divertido! Qual é a ocasião?

Wesley se irrita. *Não se preocupe, não estou revelando nada particular seu*, eu acho, desejando que ele ouça.

— Só quero ver se é realmente tão verde quanto parece nas fotos — respondo despreocupadamente. Ele relaxa um pouco, mas não totalmente.

A mulher e eu vamos e voltamos algumas vezes até que seja a vez dela lidar com a TSA.

— Ok, bem, tenho certeza que as pessoas em Chicago não serão tão amigáveis quanto as pessoas em Knoxville — murmuro no ouvido de Wesley.

Ele esquece de tirar o cinto ao passar pelo metal detector e se atrapalha nervosamente com a fivela enquanto tenta tirá-la.

— Você está bem, amigo? — um agente da TSA brinca. O comentário é alegre, mas eu noto a concha da orelha de Wesley ficando rosa e isso faz meu coração doer.

— Em breve estaremos no Lago Ness e poderemos evitar todo mundo — prometo a ele quando ambos estamos livres. — Só você, eu e os monstros.

Seguimos para o avião, apenas uma mala de mão. Temos seu bloco de desenho dentro, e para mim, uma tonelada de Mad Libs[5]. Odeio ficar perguntando se ele está bem, pois acho que só piora as coisas, mas não posso deixar de dizer:

— Você ainda quer fazer isso?

— Estou bem. — Ele enlaça sua mão na minha.

Entretanto, uma vez dentro do avião, ele congela. Bem ali no meio do corredor.

— O que há de errado? — Eu espio por trás de seu ombro.

Ele não responde, olhando para os assentos minúsculos.

— Não há espaço suficiente.

Certo. Ele não é uma pessoa pequena, e o espaço para as pernas logo será uma memória distante.

— Você pode usar meu espaço para esticar as pernas — asseguro-lhe. — Eu não me importo. Pegue meu braço também.

Nós sentamos. Ele fecha os olhos, inspirando e expirando profundamente.

Não sei o que fazer, como fazê-lo se sentir melhor. Só consigo pensar em abraçar seu braço e descansar minha cabeça em seu ombro. Outras pessoas estão fazendo as malas, colocando suas malas no compartimento de bagagem. Cotovelos e jaquetas se batendo. Vozes altas de pais instruindo seus filhos. Procuro chiclete em minha bolsa.

— Pressão atmosférica — eu digo, oferecendo a Wesley um. Acho que ele vai sorrir, como fizemos ontem, quando ele me ofereceu chiclete para nossa viagem de mentira nas nuvens. Mas ele parece miserável.

— Eu vou vomitar.

Eu fico olhando, lutando contra o pânico. Wesley está infeliz e preciso fazê-lo se sentir melhor, mas não sei como.

— Acho que eles têm bolsas para isso. — Eu procuro um, mas ele se levanta

cambaleando.

— Banheiro.

— Ok.

Eu o vejo ir, então me viro no meu assento. Terei que distraí-lo durante a decolagem. Um jogo da velha, talvez. Folheio seu caderno de esboços em busca de uma folha em branco e tropeço em um desenho de duas pessoas em um elevador antiquado. O homem está de pé sobre a mulher, o corpo se curvando quase protetoramente, mas ele é menor do que eu sei que ele é na vida real. Seu perfil é inclinado, escondendo a maior parte de sua frente. O ponto focal é claramente a mulher, olhando para ele, a única que tem conhecimento de seu belo rosto. Ele desenhou um balão de pensamento sobre sua cabeça conectado por três baforadas brancas e, dentro dele, uma explosão de corações.

Estou tão absorta na ilustração de Wesley e Maybell que não escuto imediatamente o *Esse é seu capitão falando.* Não começo a prestar atenção até que fica claro que estamos prestes a decolar. Agora mesmo.

Eu me afivelo, mas depois desabotoo para me levantar. A comissária de bordo aponta para os cintos de segurança iluminados na placa e eu digo:

— Tenho que ir buscar o meu… — Nunca pensei nele nesses termos antes, mas: — Namorado. Ele está no banheiro.

A aeromoça franze a testa e passa apressada. Abre a porta.

— Ele não está aqui.

— Então onde...? — Eu começo a suar frio, mas ela é saudada por alguém que precisa de ajuda, então estou sozinha. — Wesley?

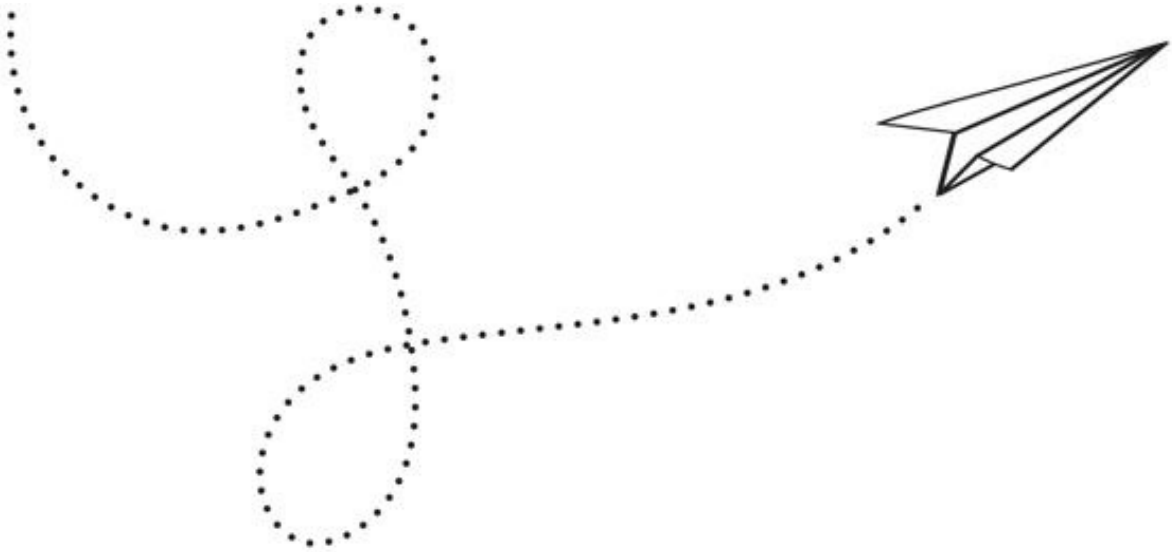
O avião não é tão grande. Se ele estivesse aqui, ele seria capaz de me ouvir. Se ele me ouvisse, ele responderia. O que significa que Wesley não está aqui.

Eu preciso me levantar. Eu preciso encontrá-lo.

Mas a lucidez fugiu, minhas pernas travaram e estou perdida. Como posso encontrar meu Wesley se minhas pernas não funcionam e não consigo pensar direito? Onde é que eu me enganei? Eu tenho que consertar isso. Eu tenho que me mover

Só que não posso, porque o avião já está.

Capítulo 21



Eu pouso em Chicago às 13h36. Sozinha.

Não tenho a menor lembrança do que fiz no avião. Acho que não abri minha bolsa para utilizar nenhuma das atividades preparadas. Se fiquei olhando pela janela o tempo todo, não me lembro. A próxima coisa que sei é que estou em um terminal vasto e movimentado do lado de fora de uma loja duty free. Que não é onde eu preciso estar.

Procuro encontrar meu portão, me distraindo com todos os homens de proporções altas. Eu sei que Wesley não está aqui, mas não posso deixar de tentar encontrá-lo, de qualquer maneira.

Eu me pergunto, enquanto estou embarcando em outro avião sem ele, se ele ainda está no aeroporto de Knoxville ou se está em casa agora. Espero que seu estômago tenha se acalmado e que ele se sinta melhor. Não paro para me perguntar por que ainda estou aqui até já estar no meu próximo assento. Eu deveria ter reservado um vôo para casa. Qual é o sentido de ir para a Escócia agora? Esse é o sonho de Wesley, não o meu. Eu apenas deveria vir junto no passeio.

Quando eu ligo meu telefone novamente, uma nova mensagem de texto aparece e o alívio surge sobre mim até que eu vejo que a mensagem não é de Wesley. É da minha mãe.

Pensando em você! Venha visitar em breve.

Eu fico olhando fixamente para a tela. Normalmente, essa é a parte em que respondo com *Pensando em você também! Sim, precisamos fazer alguns planos.*

E então nunca fazemos planos.

Passei muito tempo sentindo como se tivesse torpedeado os sonhos da minha mãe, seu futuro, ao existir. Mas se aprendi alguma coisa vivendo com o fantasma de Violet Hannobar, é que a vida é curta, e a coisa mais importante que farei na terra é mostrar às pessoas que amo que as amo.

Você está convidada para vir à minha casa neste verão. Segunda semana de

agosto. Saiba que você sempre tem um lugar seguro para ficar, se precisar.

Depois de enviar a mensagem, tiro um envelope de papel pardo da bolsa e coloco no colo. Minha intenção era abri-lo junto com Wesley, mas ele não está aqui e eu preciso desesperadamente me ocupar com algo, qualquer coisa, para evitar pensar no que ele pode estar pensando agora.

O quinto tesouro.

Abro o envelope, uma folha de papel timbrada lilás familiar caindo.

Para minha Poderosa e Majestosa Violet, Esposa Mais Maravilhosa, Estrela Eterna, Vencedora da Fita Azul da Feira do Condado de Blount em 1989 de Melhor Torta de Ruibarbo,

E assim você chegou ao fim de outra caça ao tesouro! Eu não sei quanto tempo você demorou para chegar aqui, ou quantas caças você completou até agora. Existem nove outros mapas escondidos dentro da casa e do terreno. Espero que você os encontre durante os anos e que cada tesouro a faça sorrir e se lembrar de mim.

Eu te amo muito. Você é indomável. Uma inspiração. Estarei observando e torcendo por você do além.

Seu,
V

Eu coloco o papel de volta na mesa. Eu o dobro ao meio, as lágrimas brotando dos meus olhos, mas então eu vejo...

Tem mais. Diferentes rabiscos de caligrafia no verso do papel.

Eu te amo e sinto tanto sua falta, você nem pode imaginar. Vou esperar para continuar minha próxima aventura até que você e eu possamos estar juntos novamente.

Violet sabia onde estava o tesouro.

Afinal, ela o havia encontrado.

• • • • • • •

Tenho muito tempo para pensar enquanto atravesso o Atlântico. Adormeço, sonhando com tesouros e criaturas míticas, uma mão amiga estendendo-se para mim em uma floresta escura iluminada pela lua. Uma placa feita à mão com meu nome nela e uma estrela de papel alumínio. Olhos castanhos ansiosos. Olhos azuis a lápis de cor.

Quando pego nossas malas no aeroporto de Heathrow, em Londres, são quatro e meia da manhã. Mas no Tennessee, são dez e meia da noite. Meu vôo para Inverness é daqui a três horas. Estou tão exausta que deveria encontrar uma cadeira e desmaiar.

Ele não mandou mensagem, não ligou. Mas ele atende no primeiro toque.

Ele espera que eu fale primeiro. E o que eu digo, depois de pensar por tanto tempo no que eu diria, é:

— Você está bem? E antes de responder, saiba que você não precisa dizer sim.

Wesley não parece estar a um oceano inteiro de distância. Ele soa como se estivesse bem ao meu lado.

— Não. Eu não estou. Eu sinto muitíssimo. Eu sinto muito *mesmo.*

Eu me enrolo em direção a uma parede, o cabelo caindo no meu rosto para protegê-lo de dentro do telefone.

— Eu gostaria que você tivesse me dito que queria sair do avião.

— Eu nem me lembro de ter saído. Eu entrei em pânico. Fui ao banheiro porque achei que fosse vomitar, mas era tão pequeno ali e… Eu sou muito claustrofóbico. Achei que conseguiria passar por ele, mas então *bam*, lá estou eu no aeroporto de novo, e lá se vai seu avião, decolando para o céu.

— Mas você... você morava no sótão. Naquele espaço minúsculo. É praticamente um caixão lá em cima. E você dormiu na tenda.

— Era diferente nessas situações porque eu poderia ter corrido se quisesse. Eu poderia ter saído a qualquer momento. Mas em um avião, sou um prisioneiro. Não há para onde correr. — Ele hesita. — E as outras alternativas eram inaceitáveis. Se eu não dormisse no sótão e fingisse que era um segundo quarto, você não ficaria com o outro quarto. Se eu não tivesse dormido na barraca com você quando tive a oportunidade, não teria sido capaz de viver comigo mesmo.

Eu afundo contra a parede fria até o chão, dobrando os joelhos até o queixo.

— Por que você não me contou?

Posso ouvir o medo dele, a aversão a si mesmo.

— Porque era mais uma coisa errada comigo, além de tudo o mais. Eu queria ficar bem. Eu queria que você acreditasse que eu estava bem. Se eu te contasse tudo o que há de errado em mim, Maybell, você não iria querer mais ficar comigo.

— Aceito esse desafio. Agora mesmo. Esquematize.

Sua fala tropeça.

— O que?

— Diga-me tudo o que há de errado com você. Me dê o seu pior.

Ele faz.

— Meu irmão se casou em Roma. O vôo foi tão ruim que pensei seriamente em nunca mais voltar aos Estados Unidos – cheguei a pensar em como ficar lá com um visto de trabalho. Odeio restaurantes, porque quando me sento à mesa me sinto preso. Sentar na frente de alguém, sendo considerado socialmente inaceitável ir embora a qualquer momento, me deixa em pânico. É uma das razões pelas quais não posso namorar. Nos encontros, as pessoas gostam de ir a restaurantes. Me forçar a convidar alguém para sair quando tenho ansiedade social já é difícil, mas, acrescentando isso, como vou explicar a uma mulher que fico ansioso em mesas públicas? Eu nem gosto de sentar à mesa para as refeições de férias com minha família. Eu fico em pé junto à parede com meu prato.

— Eu já sentei em uma mesa com você antes, então você pode não ter notado isso. Mas com *você*, eu sei que posso me levantar e sair a qualquer momento sem ter que explicar. Saber disso faz toda a diferença. É o mesmo pânico sempre que preciso ir ao médico ou ao dentista ou quando comprei minha caminhonete e tive que sentar em uma salinha do outro lado da mesa do vendedor de carros. Começo a pensar em como não seria capaz de simplesmente me levantar e sair se quisesse, por qualquer motivo, sem chamar a atenção das pessoas. Sem ser questionado e tendo que explicar algo que eu mesmo não entendo inteiramente, e... Não sei. É difícil de explicar. Sempre que me encontro com clientes, sempre os peço para passear comigo do lado de fora enquanto examinamos os planos, em vez de usar um escritório. Não sei se isso vai mudar. É assim que eu sou. Acho que você vai desistir de mim. Que você vai querer alguém mais fácil.

— Até me sentir confortável com alguém — continua ele — fico nervoso em me comunicar com essa pessoa porque ela ainda não me conhece e não sabe quais são os meus problemas. Estou colocando toda a minha energia em tentar me apresentar como normal, o que eu coloco na minha cabeça. Quer seja real ou não, não consigo parar de imaginar que eles estão me julgando. O que torna tudo pior. Minha mente fica em branco, e eu simplesmente… Não consigo encontrar as palavras. Eu congelo. É mortificante quando as palavras não saem. É muito mais fácil fingir que tenho uma personalidade onde não *tenho* palavras para ninguém, que não me *importo*, em vez de não ser capaz de encontrá-las.

Penso neste homem intensamente claustrofóbico naquele armário quente e abafado do sótão, noite após noite, enquanto eu me esparramava em sua cama grande e confortável lá embaixo. Ele fez isso por mim, antes mesmo de gostar de mim.

Penso em como caí de repente em sua vida insular – como isso deve ter sido difícil para ele. Mas mesmo em seu dia mais rude, ele não pôde deixar de escorregar e ser atencioso. O verdadeiro Wesley está sempre brilhando através de raios de luz rosados, como uma arca do tesouro com a tampa entreaberta.

— Ouça com atenção: eu ouvi tudo o que você acabou de dizer e amo você. Você me ouviu? Já ouvi tudo isso e é a coisa mais fácil do mundo amar você. Você não tem que esconder nada de mim, porque eu amo tudo isso, cada pedacinho. Você tem que me deixar amar tudo, ok? Eu te amo. Diga.

Acho – embora não tenha certeza – que ele pode estar chorando.

— Eu amo você.

O aeroporto se confunde com outro lugar, luzes, sons e pessoas desaparecendo. Meu coração está de volta a Falling Stars.

— Não, seu idiota. Diga *que você é amado.*

—Você me ama.

— Sim. Eu sabia quem você era quando me apaixonei por você, Wesley Koehler. Eu me apaixonei por você do jeito que você é. Agora diga de novo.

— Você me ama.

— Pode apostar que sim. Quais partes de você eu amo? Quais?

— Você ama todas elas.

— Bom. Escreva para não esquecer. Leve no bolso. Eu te amei ontem, te amo agora e te amarei de manhã. Quando eu voltar para casa em cinco dias, eu também te amarei e direi isso na sua cara.

— Eu… — Sua voz está rouca. — Eu não posso *esperar* por isso. Maybell, eu te amo tanto, você não tem ideia. Cada parte de você. Tudo.

— Eu sei que ama.

— Escreva — ele me diz.

Estamos ambos em colapso emocional, então desligamos com a promessa de conversar novamente em algumas horas depois que eu pousar em Inverness, e em seguida, faço outro check-in depois de chegar em segurança a Beinn Dhearg, um Cama & Café em Lago Ness.

Desconectada da voz dele, eu lentamente volto para o meu ambiente e reconheço a realidade de que, não faz muito tempo, estávamos em nosso primeiro encontro. Agora estou sozinha no Reino Unido.

Mas.

E este é um *mas* que significa tudo:
Alguém por aí se importa. Alguém por aí me ama, cada parte de mim. Tudo.

sleighbellparrish@gmail.com
VOCÊ RECEBEU UM ECARD!
Wesley (koehlerwlandscaping@gmail.com) enviou para você um ecard do American Greetings:
Você é uma pessoa especial!
VER ECARD

---

sleighbellparrish@gmail.com
American Greetings: Aqui está uma cópia do seu ecard
Destinatário: Wesley
Bzz bzz! Você é o joelho das abelhas!
VER ECARD

Maybell: Bom dia! Ainda com um pouco de jet-lag, mas a primeira noite no Cama & Café foi muito boa. É LINDO aqui

Wesley: Bem, isso é porque você está aí

Maybell: Awww 😍 Indo para Dores Inn para um almoço tardio, em seguida vou fazer algumas explorações. Vou enviar muitas fotos para você! Prepare-se para que seu telefone fique zumbindo o dia todo

Wesley: É estranho estar aqui sozinho

Maybell: Você nunca está sozinho. Eu estou bem aí no seu bolso.

Wesley: 😏

Wesley: Muito cedo aqui, mas não consigo dormir porque sei que você está viajando pelas terras altas e pela ilha de Skye hoje. Eu olhei para o tempo e deve ficar frio, por favor, leve um casaco e bastante água

Maybell: Vou precisar comprar outra mala para os souvenirs que estou comprando para você. Não tenha muitas esperanças, porque é principalmente pedras e sujeira

Wesley: Meus favoritos

Maybell: Literalmente apenas potes de vidro com seixos da praia Dores, algum musgo interessante que encontrei e a menor prímula amarela selvagem com suas raízes intactas

Maybell: Também estou fazendo anotações. Notas copiosas. Com ilustrações terríveis de plantas locais. Eu sou uma botânica agora, basicamente

Wesley: Chega, por favor, não consigo lidar com isso. Já sou um destroço de uma pessoa. O que você fez

Maybell: Sinto muito

Wesley: Não, você não sente

Maybell: Não, nem um pouco

Wesley: Eu também não. Ainda resta um pouco de mim se você quiser destruir isso também

Maybell: Para o seu aniversário, decidi comprar uma ovelha para você

Wesley: É isso aí
Wesley: Não sobrou nada

Maybell: 😏

Você já pensou que era solteiro sem razão e então conheceu alguém e percebeu que estava esperando por ele sem saber? Sei que não sou o primeiro a ter esse pensamento ou a escrevê-lo. Lamento que essas palavras provavelmente não sejam minhas, porque quero dar a você um gênio original, mas são as palavras que sinto e queria compartilhá-las com você.

Outra noite em Lago Ness, e o último texto de Wesley é um batimento cardíaco em minhas mãos. Eu olho para a sua mensagem, tentando e falhando mais uma vez para chegar à resposta profunda e matizada que ela merece. Ele pensa que está sozinho por não ser capaz de encontrar as palavras certas quando precisa delas, mas não é. Nem um pouco.

Ele faz as minhas se perderem o tempo todo, e tudo o que ele precisa fazer para conseguir isso é ser ele mesmo. Seu eu sério, querido e perfeito, o qual eu não mudaria nada.

Estou em uma costa rochosa com vista para um lago nas Terras Altas da Escócia, mais uma declaração que soa impossível que fiz nos últimos dois meses. A vida está começando a parecer menos com "seguir um fluxo" e mais como "guiando o barco". Quem sabe onde estarei daqui a um ano? As possibilidades são infinitas.

Eu tiro fotos: uma pedra, nuvens refletindo na água, uma árvore. Foi um longo dia de busca pelo Monstro do Lago Ness, então estou ficando sem novas descobertas para capturar em filme e recorrer a fotos artísticas dos meus tênis. Fantoches de sombra. Um caroço de maçã que sobrou do meu almoço.

Levanto meu celular com câmera para enquadrar o panorama dramático de cumes de montanhas e vales, envoltos em névoa. É um dia cinzento e sombrio, com ventos fortes e um frio que atravessa minhas roupas, mas talvez este seja o tipo de clima que vai atrair Nessie a colocar a cabeça acima da água. Nunca se sabe.

— Não vou nem tirar uma foto sua — digo seriamente para a água. — Eu prometo que guardarei o segredo. Tudo que estou pedindo é uma olhada. Um pequeno vislumbre rápido.

Em minha mente, o mural do salão de baile pinta-se na cena: O navio pirata *Felled Star* rompe a superfície da água, amassando nas garras de ferro do kraken; as pequenas árvores com suas pinceladas suaves aparecem uma a uma. Do nada surge o *My May Belle.*

O histórico barco a remo passa por perto, minha mãe encostada na varanda, dizendo olá com um lenço branco. A água é de um verde profundo, o céu é uma névoa quente de verão. Alguém vestido com um terno listrado vermelho da época de Mark Twain dedilha um banjo. Um calliope canta. E uma cabeça monstruosa surge da água, escamas brilhando na luz do dia que se esvai.

Eu tiro foto de tudo, as pessoas pintadas, navios e monstros, mas meu celular não é avançado o suficiente para puxá-los adequadamente para fora do plano não físico e elas saem parecendo com água, pedras, árvores e o céu.

Meu celular vibra, a palavra que mais importa para mim iluminando minha

tela.

Já estou sorrindo quando atendo.

— Ei, você.

— Olá.

Seu estrondo amigável me aquece por completo, provocando felicidade instantânea. É a coisa mais próxima que chegamos da magia real neste universo.

— Conte-me tudo sobre o seu dia — ele diz, imediatamente me fazendo sentir à vontade, em casa. Ele pode muito bem estar próximo a mim em carne e osso. — Eu quero saber de tudo.

— Um esquilo vermelho tirou um biscoito da minha mão. Eu honestamente acho que nunca vou ser a mesma – ele comeu o biscoito *direto de lá*. *Direto* da minha mão. É o ponto alto da minha vida.

— Estou incrivelmente ciumento. O que você está fazendo agora?

— Andando. Estou na praia Dores, não muito longe da pousada.

Um sorriso levanta sua voz.

— Me leva até lá?

Eu vasculho as árvores, as montanhas esmeraldas manchadas com garoa. A linha da costa, cortada em ângulos salientes.

— Você está caminhando ao longo de uma faixa de rochas claras que a maré não alcança. A água é um lindo azul marinho, pequenas ondas quebrando na costa com espuma branca. Estamos de mãos dadas. É tudo muito tranquilo.

— Estou feliz por estar aqui com você — diz ele.

— Cuidado onde pisa. Pedaço de madeira.

— Ahh, boa pegada. Mas, por favor, feche o zíper de sua jaqueta. Está ficando frio.

— Você sente a névoa em seu rosto? O céu está escurecendo. Teremos que partir logo, mas não ainda. Não até que a água esteja cheia ao luar, porque e se Nessie for noturna?

— Exatamente. — Ele faz uma pausa. — Se eu ficar quieto de vez em quando, é porque estou sorrindo muito para falar.

Eu pressiono uma mão no meu peito, mantendo-a muito, muito imóvel, porque se não fizer isso, vou voar para as nuvens. O celular é meu único peso de aterramento, sua voz é minha corda com a terra.

— Vamos, você está ficando para trás — ele me diz, e eu acelero o ritmo novamente.

— Estou indo, estou indo.

— Por favor, lembre-se do que eu disse sobre fechar o zíper dessa jaqueta. Não quero que pegue um resfriado aqui, especialmente porque seu cabelo está úmido.

Fecho o zíper da jaqueta e tiro os óculos para limpar a névoa que se acumula.

— Você está ouvindo aquele pássaro? Caw-caw!

Ele ri. Então para.

— Não *me diga* que seus sapatos estão desamarrados de novo.

— Eles não estão.

— Eles certamente estão. — Ele suspira. — O que eu vou fazer com você?

Eu olho para baixo, estou jogando junto, e quer saber – eles certamente estão. Então eu começo a me abaixar e amarrar, mas ele interrompe.

— Deixe-me.

Eu deslizo meus óculos de volta no meu rosto, e é quando outra memória sai da minha cabeça e entra em meu entorno. É uma memória notavelmente real, sem poupar nenhum dos detalhes: uma jaqueta velha com forro xadrez; cabelos dourados se agitando com o vento, um olho se apertando contra uma chuva que se aproxima.

A chuva é a condição climática perfeita para uma história de amor, então, naturalmente, deve estar chovendo no final dela. Não poderia haver outra maneira.

O homem está se aproximando, todas as suas feições voltando ao foco, é tão claro, tão presente, tão real. Ele para a alguns metros de distância, as mãos nos bolsos, a testa franzida em pensamentos. Minha respiração circula em meus pulmões como uma poção selada, incapaz de escapar. Doloroso.

Quando ele finalmente fala, seu tom não é muito triste, mas contemplativo.

— Sinto muito pelo atraso.

O mundo brilha brilhantemente e maravilhoso. Não é um sonho. Não é um truque. Ele está aqui.

— Você chegou bem na hora.

Ele se ajoelha diante de mim, amarrando meu sapato. Tudo fica quieto, quieto, quieto. A chuva está silenciosa, o volume das ondas quebrando, diminuindo até parar. A cor desaparece e não há nada, ninguém no mundo, exceto nós.

Wesley tira algo de seu bolso, então entrega para mim.

Uma nota.

Maybell Parrish me ama.

— Eu li essa nota dez mil vezes no vôo — ele confessa, levantando-se. O papel já está gasto, a tinta manchada do lado com uma impressão digital. Vou encher seus bolsos com mais lembretes. Vou colocá-los nas botas e na carteira dele, por toda a casa, pelo terreno. Vou enterrar um tesouro.

— Estou tão orgulhosa de você — eu sussurro, estendendo a mão para capturar cada lado de seu rosto em minhas mãos.

Wesley alinha a ponta de sua mão espalmada contra minha testa, protegendo meus olhos da chuva.

— Estou um pouco orgulhoso de mim também, para ser honesto.

— Bom. Aproveite. Você merece.

— Não sabia se conseguiria fazer sozinho. Eu não achei que iria. E eu tinha um assento no *meio* do avião. — Ele estremece, então começa a sorrir em um espelho automático meu. — Eu me curvei, segurei esta nota como uma tábua de salvação, e logo eu estava no ar e tudo estava fora do meu controle. Sem chance de escapar.

— Você é a pessoa mais corajosa que conheço, Wesley — digo a ele solenemente.

— Isso é o que você e eu fazemos. Nós nos revezamos para ser corajosos. — O brilho em seus olhos fica um pouco embotado. — Posso dizer não a muitas coisas, mas não a experiências especiais com você. Decidi que essa é a linha que estou traçando para mim.

— Quando voltarmos para casa, você não terá que falar com ninguém além

de mim por seis meses seguidos, se não quiser — digo a ele. — Quando os convidados começarem a chegar, direi que você é o fantasma de um madeireiro que morreu no século XIX e é por isso que você nunca parece vê-los ou ouvi-los quando falam com você. Você é o responsável pela manutenção do terreno em Falling Stars desde que ele foi construído.

— Vamos dizer a eles que outro fantasma poderoso chamado Violet lançou um feitiço sobre a casa que une todos os hóspedes solteiros. — Seu sorriso se torna irônico. — Pedindo para *você* pintar um mural, quando sou eu que pinto. Me pedindo para fazer donuts quando, entre nós dois, você é a única com as habilidades na cozinha.

— Eu acho que estou começando a ver seu último esquema. Que desejos de morte *interessantes* para uma pessoa deixar para trás.

Ele balança a cabeça, tentando ser longânimo, mas sem coração para ser.

— Ela me disse mais vezes do que eu posso contar que eu precisava de uma namorada.

— Não querendo defender ela, mas você realmente precisa.

Ele me devora com um olhar profundamente significativo que me dá arrepios. Antecipação.

— O segundo desejo, no entanto. — Seu tom é leve. Pensativo. Mas seu olhar é tudo menos isso. — Você acha que é legalmente vinculativo?

O segundo desejo…

— Qual era ele?

— *Para o explorador intrépido...*

Ahh, claro.

— *Aplicam-se as regras do "Achado não é roubado".*

— *Bem,* eu *encontrei* você — eu indico. — Uma coincidência para os livros de história.

— Eu acredito em muitas coisas inacreditáveis. No entanto, as coincidências podem não ser mais uma delas.

Eu tenho que concordar. Não parece uma coincidência que Gemma tenha usado a foto de Wesley para me enganar. Não parece que uma coincidência levou Violet a reunir Wesley e eu em Falling Stars.

Parece destino. O melhor mito de todos eles.

— Então. — Ele se abaixa para beijar meu nariz. Eu o franzo e ele sorri como se *ele* fosse o vencedor aqui. — Achado não é roubado. — Em seguida, ele abaixa a cabeça como se fosse beijar minha boca, mas apenas paira lá. — Como isso soa?

— Como o paraíso — murmuro contra seus lábios. Um suspiro baixo e feliz sai de seu peito, e é um fogo aceso, uma marca permanente feita no universo. Eu sou vista. Eu sou ouvida. Entendida. Alguém sabe que *estou aqui* e isso é importante para ele. Se eu olhasse para o céu agora, acho que veria nossos nomes nas estrelas, uma nova constelação piscando, existindo apenas para nós. M + W.

O beijo apaixonado que se segue à declaração de amor é o ingrediente essencial para todo romance para garantir que ele seja cozido corretamente, então, naturalmente, essa é a parte que vem a seguir. Sua boca encontra a minha por muito, muito tempo – meu coração se ilumina, brilhando no escuro – e em

algum lugar, bem longe da água escura, há um respingo extraordinário.

5 ESTRELAS EM ASCENSÃO PARA O PODEROSO E MAJESTOSO HOTEL FALLING STARS!

Por Clark William

THE DAILY TIMES

A PROPRIEDADE DE BLOUNT COUNTY com raízes de pensão do século XIX, seguida por uma virada no início de 1900 como um hotel, foi trazida de volta à vida por Maybell Parrish, a sobrinha-neta de Victor e Violet Hannobar, bem como Wesley Koehler, o zelador residente e fundador do santuário animal The Farm Upstate.

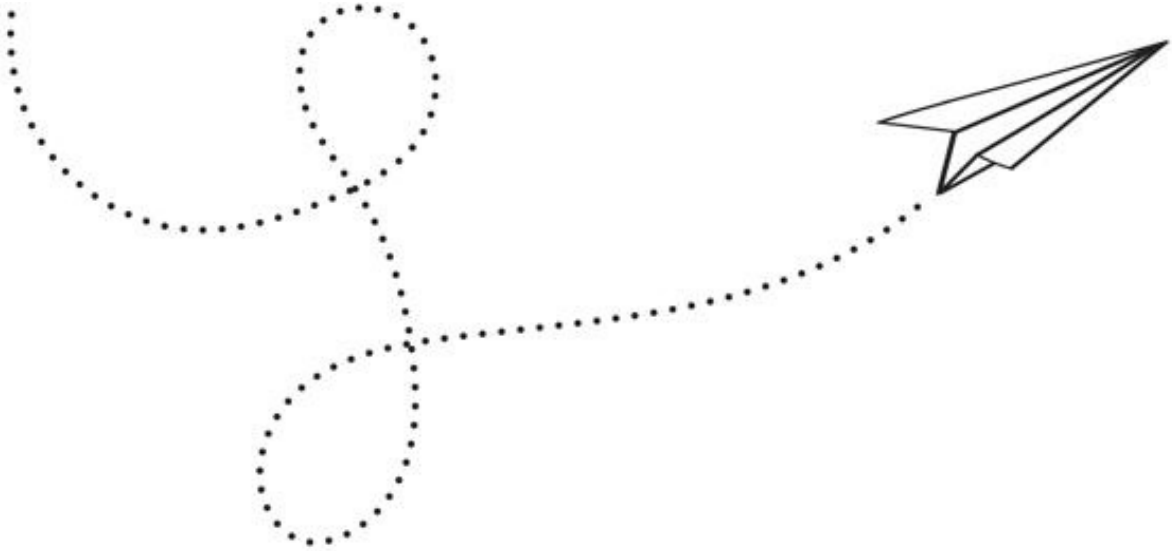
A mais recente encarnação deste marco histórico é uma mistura de suas origens: um hotel e também uma pensão. Parrish tem grandes planos para ele (que são numerosos para este autor incluir em um artigo), como um retiro para escritores, um fim de semana de oficina de artista, uma caça ao tesouro semestral, um fim de semana de investigador paranormal – a casa, que dizem ser mal-assombrada, tem quase 140 anos – e um labirinto de milho com círculos nas plantações.

Se você está em busca de uma trégua do estresse da vida, deixe tudo na porta e entre neste fantástico Brigadoon dos Apalaches. Refeições e serviços de lavanderia são fornecidos, mas se você ainda não estiver convencido, há vinte e sete animais de fazenda (e contando) no local para alimentar e brincar. Desfrute das noites de Turner Classic Movies no salão de baile e festas de chá nas tardes de domingo, e faça amigos por correspondência tanto com os hóspedes anteriores quanto com os que virão. Termine aquele manuscrito que você pretende escrever há anos enquanto saboreia um donut no Café Maybell no primeiro andar. Não se esqueça de pegar sua própria muda de abeto Fraser se quiser levar um pedacinho de Smokies para casa.

O cartão estendido é amigável para baixa renda, dispensando um grande depósito inicial. Parrish e Koehler transformaram a propriedade não apenas em um destino de férias nas pitorescas Montanhas Smoky, perfeita para ficar longe de tudo, mas também em um lar temporário para duas famílias em apuros depois de perder suas casas recentemente para incêndios florestais.

Rico em história e todos os confortos da era moderna, o Mighty & Majestic Falling Stars Hotel é um mundo próprio, onde a vida é um pouco mais caprichosa (nenhum hóspede ainda conseguiu encontrar todas as seis passagens secretas) e o ar apenas um pouco mais fácil de respirar. Então, o que você está esperando? Suas melhores lembranças ainda estão no horizonte – tudo de que precisam é você. Venha para Top of the World para descobrir a magia por si mesmo.

Agradecimentos



Era uma vez, uma jovem que largou o namorado foi enganada para se reconectar com ele graças às suas mães intrigantes, que alegaram que o jovem estava terrivelmente doente com pneumonia e que escrever uma carta o alegraria. Carol escreveu uma carta a Bill e recebeu uma de volta dele no dia seguinte, antes que ele pudesse receber a dela. Ela descobriu que ele estava perfeitamente bem, mas o destino já havia entrado em ação – sessenta e um anos depois, aqui estou. Vovó, obrigada por me contar essa história, que eu então amassei para meu próprio uso (Victor e Violet apreciam isso), e por colocar suas mãos nos meus ombros quando eu era uma emocionada adolescente de quatorze anos, dizendo: “Eu entendo você." Você é uma lenda de cabelo rosa.

Obrigada, Jennifer Grimaldi, por ser uma agente fantástica e parceira de brainstorming. Não me lembro qual foi o telefonema, mas você mencionou AUs de cafeteria em algum lugar ao longo da linha e eu *sabia* que tinha que usá-la.

Obrigado, Margo Lipschultz, minha editora, que encontrou promessa nesta história enterrada sob um monte de lixo de que eu não precisava, e por mudar minha vida quando você adquiriu meu primeiro livro. Obrigado também a Tricja Okuniewska por todo o seu árduo trabalho; à minha editora no Reino Unido, Anna Boatman da Piatkus, por querer outra história minha; e para uma série de indivíduos extraordinariamente talentosos em Putnam que contribuíram para trazer este livro ao mundo: Sally Kim, Ashley McClay, Alexis Welby, Nishtha Patel, Tom Dussel, Alison Cnockaert, Maija Baldauf, Marie Finamore, Elora Weil, Nicole Biton, Ivan Held, Hannah Dragone, Tiffany Estreicher, Christopher Lin e Anthony Ramondo.

OBRIGADO a todos vocês, lindos humanos, que deram meu romance de estreia, *You Deserve Each Other,* uma demonstração de amor pela qual ficarei eternamente admirada e grata. Leitores de romance, blogueiros de livros, booktubers, bookstagrammers, bibliotecários, vendedores de livros, clubes de livros, vocês fazem livros o que eles são e essa indústria entraria em colapso sem

vocês: Kini, Kez, Samantha Carle, Samantha Tan, Addie Yoder, Sil, Brie, The Book Hoes (Shruti, Grace e Sara), Laura, thehireader, Tej, Nick, Yvette, Wendy, Ella, Rumsha, Danielle, Dana, JeevesReads, Nitya, Bonnie, Nikita, Mith, as duas Madisons (SailorMadison e Princesa do Paperback), jennscletus, Hailey, Deanna, Susan Lee, Christina Pishiris, Christina Lauren, Martha Waters, Mary E. Roach, Kili, Allison Reilly, Liz, Melinda, Mary, Lily, Jana, Pri, Beth, Flora, Purabi, Rachel Lynn Solomon, Hazel, Mazey, Bae Crate, Anjeli, Elyssa, Dahlia Adler, Fatema, Yotesgurl, India Holton, Ananya, Ahana, Mar, Amira, Vee, Silvia, Meghan De Maria, Azrah, Dija, Kaitlyn, Colleen, Mandie, Miranda, Falon, Konstantina e Jessica. É impossível listar cada um de vocês, mas do fundo do meu coração transbordando, *obrigado.* O apoio incrível que vocês me deram não fez só o meu ano (um ano do qual, daqui em diante, nunca deve ser falado novamente), mas toda a minha VIDA. Abraços para todos vocês.

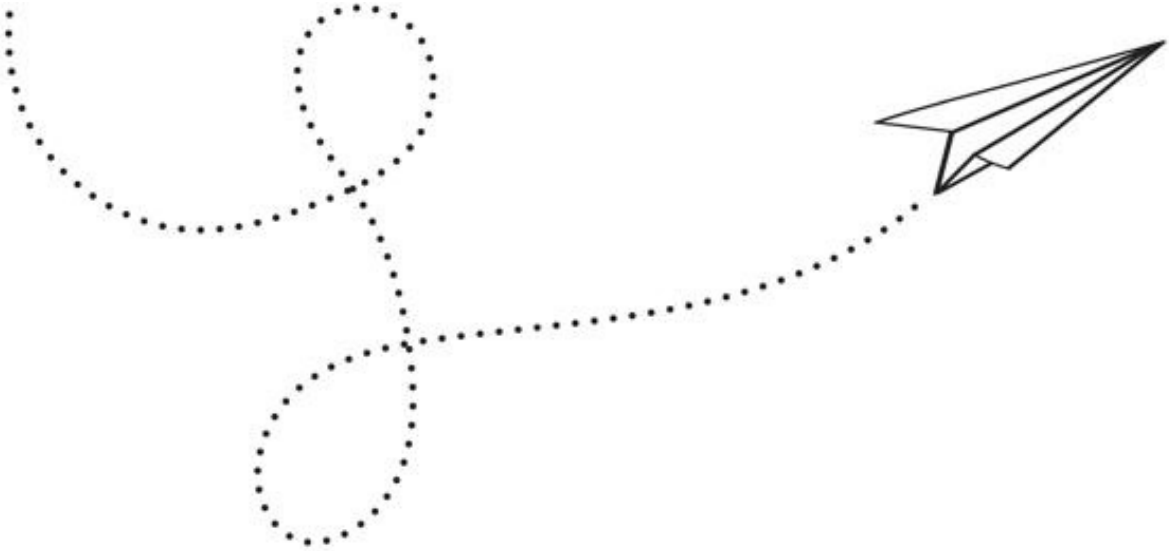
Ao meu marido e filhos, obrigado por seu amor incondicional, por tornar minha vida tão alegre e por ser a pessoa mais legal e engraçada de todos os tempos. Tenho tanta sorte de poder sair com vocês todos os dias. Obrigado ao meu irmão e cunhada, Mark e Sam, por ler meu livro e serem tão legais com ele. E mesmo que eles nunca vão ver isso, eu gostaria de agradecer minha banda favorita, Glass Animals, por existir.

Para meus companheiros ansiosos: você é maravilhoso e amável do jeito que é.

Escrever o primeiro rascunho de *Twice Shy* em 2019 foi uma DIFICULDADE (a maldição do segundo livro é real!!!). Quando chegou a hora de fazer uma reescrita no outono de 2020, tornou-se uma fuga fofa para mim, um pequeno mundo idílico com personagens calorosos que foi um conforto de visitar, e pelo qual me apaixonei. Meu desejo para este livro é que, se *você* precisar de uma fuga fofa, Falling Stars também possa ser um porto seguro para você.

Obrigado pela visita; volte novamente em breve!

Perguntas sobre o livro



1. Antes de ler o livro, quais eram suas percepções sobre ansiedade e timidez? Alguma dessas percepções mudaram depois que você conheceu Wesley e Maybell?
2. O incidente com Jack no início do livro leva Maybell a buscar um novo começo na propriedade de tia Violet. O que ela quer mudar em sua vida e como fará para fazer isso? Quais são seus obstáculos?
3. O que não era convencional na maneira como Maybell e Wesley começaram e desenvolveram seu relacionamento? Como eles conseguiram se comunicar e se conhecer?
4. Como os desejos contrastantes de Maybell e Wesley pela mansão os colocam em conflito um com o outro? Discuta como eles conseguem se comprometer até o final do livro.
5. Como a arte de Wesley e a rica vida de fantasia de Maybell permitem que eles se expressem? Você entendeu melhor os personagens deles depois de vislumbrar seus lados criativos?
6. Ao longo do romance, como cumprir os desejos da tia Violet aproxima Maybell e Wesley?
7. O que você acha que está reservado para Wesley, Maybell e a propriedade?

Notas

[← 1]

Grande esforço para alcançar um fim.

[←2]

Rom-com (em inglês) é uma abreviação para “comédia romântica”.

[←3]

É uma constelação do hemisfério celestial norte.

[←4]

Cadeia americana de lojas e quiosques de produtos de panificação, normalmente encontradas em shoppings e aeroportos.

[←5]

Jogo de palavras.